UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

SANDRA MARA DA SILVA FRANCA

Machado de Assis: uma edição crítica de “O Alienista”
Com ensaio introdutório: “O Alienista, ou do Objeto Inapreensível”

São Paulo

2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

Machado de Assis: uma edição crítica de “O Alienista”
Com ensaio introdutório: “O Alienista, ou do Objeto Inapreensível”

Sandra Mara da Silva Franca

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Cilaine Alves Cunha

São Paulo

2013

*Para quem sempre esteve ao meu lado, Santina,
Christiano, Alípio e Frederico.*

Agradecimentos

Aproveito aqui para agradecer, nesse pequeno espaço, ao grande apoio que algumas pessoas especiais me deram durante todos esses anos de estudo e dedicação.

A minha orientadora, Cilaine Alves Cunha, que sempre se mostrou acessível e receptiva e que soube respeitar minha individualidade durante a pesquisa e realização do trabalho.

A Alípio Correia de Franca Neto, companheiro incansável nas discussões machadianas e análise dos textos.

Aos meus pais, Santana e Christiano, amigos de todas as horas e incentivadores incondicionais.

Ao meu querido amigo Frederico Ozanam Pessoa de Barros, o Fred, que guiou os meus primeiros passos no caminho da pesquisa e me alegrava com a sua fina ironia.

A José Luiz Garaldi, por sua sincronicidade, e a Ivan Teixeira, por sua disponibilidade e generosidade num momento tão difícil.

E a todos os bibliotecários que colaboraram decisivamente para minha pesquisa, em especial a Joana Moreno de Andrade, da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, e a Jorge Paixão, da Biblioteca Nacional.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo principal a edição crítica do conto “O Alienista”, de Machado de Assis. A pesquisa consiste na comparação entre o texto publicado na revista *A Estação*, de outubro de 1881 a março de 1882, e o que foi publicado no livro *Papéis Avulsos*, em novembro de 1882. A partir disso, são consignadas alterações realizadas pelo autor da passagem do texto em formato de folhetim para o formato de livro. A seguir, essas passagens são comentadas. Num segundo momento, por meio do exame do estilo do conto e da idiossincrasia de seu narrador, mas sobretudo por meio do exame da ideia de “ciência” que se delineia nele, a pesquisa procura mostrar que: 1) o conto se enquadra na categoria das obras que problematizam a relação entre “o fato real e o fato imaginado”, como a definiu Antônio Candido em seu ensaio “Esquema de Machado de Assis”; 2) que a concepção de “ciência” à época, da qual Bacamarte é a encarnação, e em particular da “observação e da enunciação” científicas com pretensões de objetividade são alvos da crítica machadiana por meio de estratégias verbais do narrador que transmitem a ideia de uma “realidade elusiva”, ou, como o chamou Anatol Rosenfeld, de um “mundo não explicado”, um efeito estético que a meu ver constitui a tônica de obras como “Missa do Galo” ou *Dom Casmurro*, por exemplo; 3) que o foco narrativo de “O Alienista” e seu estilo, caracterizado por ambiguidades e por uma contínua afirmação e negação de dados, materializa o movimento contínuo, sempre “mais além”, da “observação” de Bacamarte, ou a evolução de suas próprias teorias sobre loucura e normalidade, o que faz da ideia de “observação” o motivo condutor da obra e desta um “conto”, não uma novela; 4) que, curiosamente, a obra apresenta nexos conceituais com as chamadas ciências relativistas da virada do século XIX, dentre elas, em especial, a Filosofia do “Como Se”, desenvolvida pelo pensador alemão Hans Vaihinger, independentemente de

Machado ter tido ou não contato com essas ciências; e 5) que por isso o conto pode ser considerado pioneiro de uma grande quantidade de obras que lhe sucederiam, caracterizando-se por ter a ciência como tema central.

Palavras-chave: edição crítica, revista, *A Estação*, *Papéis Avulsos*, discurso científico, narrador machadiano.

Abstract

The main objective of this study is a textual criticism of the short story *O Alienista* [The Psychiatrist], by Machado de Assis. The analysis consists of a comparison between the text published in the magazine *A Estação* between October 1881 and March 1882, and the one published in the book *Papéis Avulsos*, in November 1882. Accordingly, alterations made by the author as he transferred the text from pamphlet to book form are recorded and the passages involved are subsequently commented.

Subsequently, by examining the style of the story and the idiosyncrasies of its narrator and, above all, the concept of “science” as it is outlined, the analysis attempts to show that 1) the story fits into the category of works that illustrate the relationship between “real facts and imagined facts”, as defined by Antônio Candido in his essay *Esquema de Machado de Assis*; 2) that the concept of “science” at the time, of which Bacamarte is the incarnation, and especially scientific “observation and enunciation” with objective pretensions, are targets of criticism by Machado de Assis through verbal strategies employed by the narrator, which transmit the idea of an “elusive reality”, or, as Anatol Rosenfeld called it, an “unexplained world”, an aesthetic effect that in my opinion constitutes the crux of some of Assis’s later works, such as *Missa do Galo* or *Dom Casmurro*; 3) that the narrative focus of *O Alienista* is its style, characterized by ambiguities and by a continual affirmation and denial of facts, materializing the continuous movement, always “beyond” the “observation” of Bacamarte, or the evolution of his own theories about madness and normality that makes the concept of “observation” the conducting motive of the work, and which makes this a “short story” rather than a novella; 4) that, curiously, the work presents conceptual nexuses with the so-called relativist sciences at the turn of the 19th Century, among them, especially, The Philosophy of

“As if”, developed by the German thinker Hans Vaihinger, regardless of whether Machado de Assis had had contact with these sciences or not; and 5) for this reason the short story can be considered the pioneer of a huge body of work that followed it, characterized by having science as its central theme.

Keywords: critical edition, magazine, *A Estação*, *Papéis Avulsos*, scientific discourse, Machado de Assis narrator

Sumário

Parte I

Introdução	p.10
A Difusão do espírito científico no Brasil	p.14
A “observação” e a “enunciação” da ciência	p.25
O discurso científico em “O Alienista”	p.37
Idiossincrasias do narrador machadiano	p.42
A “observação” e “enunciação” do narrador em “O Alienista”	p.62
<i>Plus Ultra</i>	p.105

Parte II

Uma edição crítica de “O Alienista”	p.113
<i>A Estação</i>	p.118
<i>Papéis Avulsos</i>	p.127
Análise do material	p.133
Critérios para a edição crítica	p.142
Bibliografia	p.144
“O Alienista” - edição crítica	p.151
 Anexo I – Reprodução das páginas de “O Alienista” publicadas em <i>A Estação</i>	 p.244

O ALIENISTA, OU DO OBJETO INAPREENSÍVEL

Existem ardis que de tão finos liquidam a si mesmos.

Kafka, em “A construção”.

PARTE I

Introdução

Em matéria de crítica literária, é sabido que muitas obras, mormente as que podem ser chamadas de “clássicas”, às vezes se tornam objetos de pontos de vista conflitantes, até mesmo excludentes, propostos pelas sucessivas gerações de leitores. Desse ângulo, obviamente, com o correr do tempo, o status dessas obras, ou a posição de seus autores na história da literatura de seu país, pode variar continuamente. Hoje sabemos muito bem que, a exemplo do que disse Terry Eagleton, literatura não é apenas o que se escreve, é também o que se fala sobre ela.

Quando estamos às voltas, porém, com obras cujo valor foi reconhecido quer por seus contemporâneos, quer por seus pósteros, é bem provável que tudo o que nelas um dia pôde ser considerado uma “inovação” de algum tipo em algum momento exigiu da parte da crítica literária, em virtude de uma dialética natural entre ambas, a busca de novos parâmetros de avaliação.

Hoje também sabemos que Machado de Assis não poderia ter fugido a essa regra, tampouco podia ser outra a perplexidade inicial por parte de alguns críticos que lhe foram

contemporâneos¹, tanto mais quando nos lembramos de que sua obra veio a lume justamente quando a crítica literária apenas começava a se consolidar em nosso país. A propósito disso, como disse Hélio de Seixas Guimarães, o impacto da obra machadiana sobre essa primeira geração de leitores começava a pôr em atividade essa dialética entre a produção ficcional e a produção crítica, segundo a qual

o romance machadiano, ao exigir novos parâmetros críticos que não fossem aqueles em circulação, transforma essa mesma crítica por meio da produção ficcional, que também passa a incorporar uma dimensão crítica sobre si mesma e sobre a produção literária contemporânea. Não é acaso e não é pouca coisa que a crítica regular e militante no Brasil tenha surgido e tenha-se estabelecido contemporaneamente, em paralelo e em torno da obra de Machado, sobretudo do seu romance (GUIMARÃES, 2006, p.9).

As mesmas palavras valem para o conto machadiano, gênero em que ele acabaria por afinar seus instrumentos para chegar à inquestionável maestria demonstrada nos romances. Na verdade, o estudo de sua contística revela pontos de contato, como temas contraditórios em seus romances, estratégias verbais, expedientes estilísticos semelhantes. É o que podemos observar nos contos publicados em *Papéis Avulsos*: “O Alienista”, “Teoria do medalhão”, “A chinela turca”, “Na arca”, “D. Benedita”, “O segredo do bonzo”, “O anel de Polícrates”, “O empréstimo”, “A sereníssima república”, “O espelho”, “Uma visita de Alcibíades” e “Verba testamentária”. Também como seus romances, sua contística, em termos de poética e

¹ Por exemplo, em 1881, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, o historiador Capistrano de Abreu chegou a perguntar, “As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* serão um romance?” quando de sua publicação do romance em livro, num rompante de estupefação que seria ecoado poucos dias depois na *Gazetinha*, agora por Urbano Duarte, que afirmava que “para romance falta-lhe entrecho”, acrescentando que no livro “o leitor vulgar pouco pastos achará para sua imaginação e curiosidade banais” (*apud* GUIMARÃES, 2006, p.8).

compromissos com as estéticas vigentes, acompanha o mesmo movimento gradual de afastamento das convenções do romantismo urbanizado da segunda metade do séc. XX.

Dentre seus contos, “O Alienista”, obra do gênero hoje tornada um clássico de nossa literatura e por isso responsável até agora por um número bem expressivo de abordagens e pronunciamentos críticos, muitas vezes díspares entre si, ainda não recebeu uma edição crítica à altura de sua importância.

No que concerne às interpretações de “O Alienista”, os diversos estudos críticos que se ocuparam do estilo desse conto se esforçaram essencialmente por vinculá-lo à tradição da sátira menipeia ou de outras tradições afins², e hoje não restam dúvidas quanto a seu êxito nisso³. Mas essa vinculação envolve uma categoria genérica que, ao destacar traços comuns

² Como parece fazer Ivan Teixeira, ao aproximar a tradição da sátira menipeia à do desenho caricatural.

³ Essa vinculação em grande parte se deve à difusão na Europa de obras de Mikhail Bakhtin, pelos fins dos anos 60, e de seus ecos no Brasil a partir dos anos 70. Pioneiro nessa vinculação é o artigo “Gênero e estilo nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, de José Guilherme Merquior, que considera as *Memórias*... “um representante moderno do gênero cômico-fantástico... também conhecido como literatura menipeia” (MERQUIOR *apud* SÁ REGO, 1989, p.16), tendo como ponto de partida de suas arguições os estudos de Bakhtin sobre Rabelais e Dostoiévski.

Do mesmo ângulo, no texto de Merquior a obra de Machado é analisada com base em cinco características, identificadas como os “principais atributos” (MERQUIOR *apud* SÁ REGO, 1989, p.17): 1) ausência de distanciamento enobecedor dos personagens e de suas ações; 2) a mistura do sério e do cômico; 3) a absoluta liberdade do texto em relação aos ditames da verossimilhança; 4) a frequência da representação literária de estados psíquicos aberrantes; 5) o uso constante de gêneros intercalados (SÁ REGO, 1989, p.17).

Trata-se, pois, de uma simplificação dos 14 traços essenciais descritos por Bakhtin em seu estudo sobre Dostoiévski. Na verdade, nesse mesmo ensaio, Merquior chama a atenção para as citações que Machado faz de Luciano, um dos autores capitais da tradição menipeia. A sátira menipeia deriva seu nome da figura de Menipo de Gadara (séc. III a. C.), enigmática, embora retratado por Velásquez e Goya. Na verdade, dele não restam escritos, e seu nome escapou ao esquecimento por ter sido evocado por Terêncio Varrão (116 a. C. – 27 a. C.), político, gramático e um literato possuidor de grande cultura, bem como por Luciano de Samósata (c.125), considerado uma das colunas da tradição desse gênero. Nos anos 70, diversos estudos seguiriam nessa esteira, dentre eles, podendo ser destacados os ensaios de Dirce Côrtes Riedel, constantes de *Metáfora: o espelho de Machado de Assis*, em que a autora tece analogias entre aspectos da obra de Machado e as análises de Bakhtin, estribada em particular nos conceitos de “paródia” e “metáfora”. O estudo de Sônia Brayner, intitulado *Labirinto do espaço romanesco*, que se ocupa da relação das “crônicas” escritas por Machado e de obras romanescas de sua fase mais tardia, as primeiras, do ponto de vista da crítica, como que servindo de uma espécie de “laboratório” para a natureza “híbrida” que os romances finais haveriam de apresentar.

Estudos posteriores de orientação semelhante que também merecem destaque são os de Jean Franco, que em *Dependency theory and literary history: the case of Latin America*, demonstrando preocupações ideológicas semelhantes a Roberto Schwarz, se vale de ideias de Bakhtin, embora não sem ressalvas, ressaltando em particular a ideia de “carnavalização”, uma formulação que, no contexto das teorias de Bakhtin, versa sobre o processo pelo qual o discurso popular, marcado pela ambiguidade e irreverência, irrompe na esfera dos discursos formais, um processo por sua vez aparentado à sátira menipeia, e responsável, da mesma forma que ela, por uma “reviravolta” ou mudança de status de hierarquias previamente estabelecidas.

num sem-número de obras dos adeptos dessa tradição, – “fusão do diálogo filosófico e da comédia”, “paródia”, “natureza ambígua”, “caráter não-moralizante”, “ponto de vista do *kataskopos*”⁴ – remete ao *efeito estético unificado* dessas obras, sem ser suficiente, como afirmou Alfredo Bosi, para “compreender a densidade do olhar machadiano” (BOSI, 2003, p.51), sem lhes explicar a lógica da estruturação individual, sem responder a todas as perguntas que esses textos nos fazem.

Dessa maneira, por meio do exame do estilo do conto e da idiossincrasia de seu narrador, mas sobretudo por meio do exame da ideia de “ciência” que se delineia nele, tentarei mostrar que 1) o conto se enquadra na categoria das obras que problematizam a relação entre “o fato real e o fato imaginado”, como a definiu Antônio Candido em seu ensaio “Esquema de Machado de Assis”; 2) que a concepção de “ciência” à época, da qual Bacamarte é a encarnação, e em particular da “observação e da enunciação” científicas com pretensões de objetividade são alvos da crítica machadiana por meio de estratégias verbais do narrador que transmitem a ideia de uma “realidade elusiva”, ou, como o chamou Anatol Rosenfeld, de um “mundo não explicado”, um efeito estético que a meu ver constitui a tônica de obras como “Missa do Galo” ou *Dom Casmurro*, por exemplo; 3) que o foco narrativo de “O Alienista” e seu estilo, caracterizado por ambiguidades e por uma contínua afirmação e negação de dados,

Já Alfred J. MacAdam, em textos como *Machado de Assis: an introduction to Latin American satire e modern Latin American narratives: the dream of reason*, também recorre ao conceito de sátira menipeia a fim de analisar a obra de Machado, e às arguições de Bakhtin prefere a “Teoria dos Gêneros” de Northrop Frye, ao mesmo tempo em que se apoia no historicismo idealista do Georg Lukács da *Teoria do romance* (SÁ REGO, 1989, p.23), numa argumentação que por sua vez seria contraditada por Sá Rego em sua obra citada.

A leitura de Maria Luísa Nunes em *The craft of an absolute winner: characterization and narratology in the novels of Machado de Assis* se desvia da linha mencionada até aqui, visto que suas preocupações são de ordem narratológica e de caracterização das personagens – foco que ela justifica ao lembrar as preocupações professadas pelo próprio Machado quanto a isso –, embora seus argumentos, muitas vezes apoiados em Antônio Cândido, enfatizem a fragmentação do discurso machadiano, as “técnicas arcaicas” e experiências com foco narrativo como que estando a serviço da “paródia das convenções do romance realista” (NUNES *apud* SÁ REGO, 1989, p.25).

A leitura de Helen Caldwell em *The Brazilian Othello*, bastante conhecida entre nós, pode ser citada como apresentando momentos relacionados à sátira menipeia, como lembrou Sá Rego, pelas considerações da autora quanto a um dos temas dominantes nos romances de Machado ser a oposição entre “love *versus* self-love”, este último nas formas da vaidade e do orgulho, da ambição e do ciúme etc., o que é por sua vez um dos temas da tradição luciânica.

materializa o movimento contínuo, sempre “mais além”, da “observação” de Bacamarte, ou a evolução de suas próprias teorias sobre loucura e normalidade, o que faz da ideia de “observação” o motivo condutor da obra e desta um “conto”, não uma novela; 4) que, curiosamente, a obra apresenta nexos conceituais com as chamadas ciências relativistas da virada do século XIX, dentre elas, em especial, a Filosofia do “Como se”, desenvolvida pelo pensador alemão Hans Vaihinger, independentemente de Machado ter tido ou não contato com essas ciências; e 5) que por isso o conto pode ser considerado pioneiro de uma grande quantidade de obras que lhe sucederiam, caracterizando-se por ter a ciência como tema central.

A difusão do espírito científico no Brasil

A colonização brasileira esteve profundamente ligada ao cultivo da cana-de-açúcar entre os séculos XVI e XVII. Era grande a experiência dos portugueses na produção do açúcar, pois que haviam introduzido essa cultura já no século XV nas ilhas do Atlântico. Porém, Portugal deixara ao encargo dos holandeses o transporte, o refino e a comercialização do açúcar na Europa. Espanha e Holanda eram rivais nessa área, pois esta comprava todo o açúcar produzido no Brasil, de modo que, quando o rei de Portugal faleceu e o trono passou a ser ocupado pelo rei da Espanha, uma disputa acirrada teve início. A Espanha acabou proibindo as colônias de manter comércio com a Holanda, que, vendo-se prejudicada em seus interesses, pois comprava toda a produção de açúcar do Brasil, invadiu o nordeste brasileiro e veio a conservar o seu fornecimento de açúcar. Em 1654, com a expulsão dos holandeses, teve início a decadência da produção açucareira no Brasil, devido ao fato de os holandeses terem

⁴ Essas características foram destacadas por Sá Rego em seu famoso estudo.

começado a produzir açúcar nas Antilhas e a vender o seu produto por um preço mais barato na Europa.

Com a decadência açucareira, Portugal buscou novas formas de explorar a colônia, o que ensejou um deslocamento da população em direção ao interior do Brasil e ao sul, com a busca do ouro e o surgimento da cultura do café. Mas foram muitos os benefícios decorrentes dessa cultura: atividades industriais, com o beneficiamento e a melhoria da qualidade do café, o desenvolvimento têxtil, de sacarias e de toda uma infraestrutura criada para a comercialização do produto, tais como a de armazéns, portos, transportes e de comunicações, além do desenvolvimento do sistema ferroviário, do sistema bancário e do comércio externo.

No Segundo Reinado, o Partido Conservador e o Partido Liberal dividiam as principais forças políticas, que se alternaram no poder durante todo o reinado de d. Pedro II. De acordo com Bóris Fausto, as principais diferenças entre liberais e conservadores era sua área de influência, os primeiros atuando em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul e os segundos, concentrando-se na Bahia e em Pernambuco (FAUSTO, 2009, p.182). Os liberais queriam mais participação política e defendiam uma maior autonomia regional, ao passo que e os conservadores, um governo centralizador. Na década de 1870, o novo Partido Liberal passou a defender a abolição da escravidão e eleições diretas. Com d. Pedro II no poder, as revoltas populares foram contidas graças à moderação política que garantia aos liberais uma força política mais influente sem com isso interferir nos interesses econômicos dos conservadores. Esses dois partidos representavam a classe dominante e defendiam a monarquia e a manutenção da mão-de-obra escrava. Por isto, não apresentavam grandes divergências ideológicas, justificando uma frase muito comum na época: “Nada mais parecido com um conservador do que um liberal no poder, e nada mais parecido com um liberal do que um conservador no poder”. O Partido Republicano, que teve início em 1870, apresentava duas correntes: os evolucionistas, representados na figura de Quintino Bocaiuva, que defendiam a

via pacífica para se chegar ao poder, e os revolucionários, representados por Lopes Trovão e Silva Jardim, que pregavam a revolução e a participação popular. Porém, havia uma divergência entre o republicanismo paulista e o carioca. Aquele defendia a idéia de federação, em prejuízo das liberdades civis e políticas. O carioca, ao contrário, pensavam a república como um canal de maior representação política dos cidadãos, aos direitos e garantias individuais, à federação. Já nessa década, o partido republicano buscou congregar uma parte das forças liberais e progressistas (FAUSTO, 2009, p.228). Ao mesmo tempo, o ultramontanismo buscava reforçar o poder da Igreja, defendendo o poder e as prerrogativas do papa em matéria de disciplina e fé. As lideranças da Igreja Católica estavam descontentes visto que consideravam excessiva a interferência de d. Pedro II nas questões religiosas.

Em meio a essas disputas, teve início, em 1864, a Guerra do Paraguai, quando o ditador Francisco Solano López quis expandir o seu território e enviou tropas às fronteiras da Argentina, do Uruguai e do Brasil. Temendo pela segurança de seus territórios, esses três países se uniram, no que ficou conhecido como a Tríplice Aliança, e invadiram o Paraguai com o objetivo de capturar Solano López. A Guerra do Paraguai acarretou profundas consequências políticas, econômicas e sociais, pois que cerca de 80% da população daquele país foi dizimada no conflito. Também no Brasil, a Guerra do Paraguai provocou mudanças, visto que, acabado o conflito, 1) o exército ficou fortalecido quanto ao aspecto bélico, tendo ganhado experiência e passado por um processo de modernização. Também houve um importante fortalecimento institucional; do ponto de vista político, o exército também se fortaleceu e começou a exigir uma participação maior nas decisões políticas do império, com os jovens militares defendendo o fim da escravidão e uma maior atenção à educação, à indústria e à construção de estradas de ferro (FAUSTO, 2009, p.231); por causa dessa insatisfação e dos baixos soldos, os militares se voltaram contra o governo do Império e começaram a criticá-lo por meio da imprensa, críticas que diziam respeito especificamente às

questões da corporação e também que se referiam à situação do país (FAUSTO, 2009, p.231); devido ao uso que os militares fizeram da imprensa, ficou estabelecida pela Monarquia uma proibição segundo a qual os militares não poderiam dar declarações sem uma prévia autorização do Ministro da Guerra, o que gerou ainda mais insatisfação entre os integrantes do Exército Brasileiro. Com a criação da Escola Militar da Praia Vermelha, que se converteu num centro de estudos de matemática, filosofia e letras, começou a ganhar espaço a ideia de República, tendo sido influenciada pelo positivismo de Augusto Comte: “Outros elementos de atração do positivismo eram a separação da Igreja e do Estado e a clara preferência da doutrina pela formação técnica, pela ciência e pelo desenvolvimento industrial” (FAUSTO, 2009, p.232).

2) Também ao final do conflito, muitos soldados negros que haviam ido para a guerra foram alforriados e teve início um debate acirrado quanto à abolição da escravidão. 3) Com a prosperidade do café, surgiram novas elites, com diferentes interesses. Os grandes cafeicultores do Vale do Paraíba desejavam obter mais poder político, visto que já tinham poder econômico. Apoiados por essas novas elites, abolicionistas, republicanos e soldados insatisfeitos foram ganhando terreno, enquanto a monarquia ia perdendo prestígio e poder político. Visando a diminuir a pressão interna, o governo imperial iniciou uma série de reformas com o objetivo de diminuir a escravidão, mesmo que isso contrariasse sua base de apoio. Dentre elas, podemos destacar a Lei do Ventre Livre (1871), segundo a qual os filhos de escravos nascidos a partir daquela data seriam considerados livres, mas estes ficariam sob a tutela do proprietário até os oito anos e este poderia explorar o trabalho deles até a idade de 21 anos; a Lei dos Sexagenários (1885), que libertava os escravos que tivessem mais de 65 anos – uma lei absurda, visto que eram poucos os escravos que chegavam a tal idade, além de estes, por terem sido explorados por toda a vida, representarem um custo ao proprietário, pois os poucos que chegavam a essa idade não tinham nenhuma condição de trabalhar, tornando-se improdutivos. Além do mais, esses escravos ainda deveriam trabalhar por mais três anos a

título de indenização. Por fim, foi criada a Lei Áurea (13 de maio de 1888), que decretava a libertação de todos os escravos no Brasil, fato que também gerou problemas, já que a maioria dos escravos não tinha para onde ir e, assim, perambulavam pelas cidades, fazendo pequenos biscates ou cometendo pequenos crimes para garantir a própria subsistência.

No que concerne aos intelectuais da época, de um modo geral sua formação estava pejada de concepções românticas, realistas ou naturalistas importadas da Europa, viam-se cada vez mais permeáveis a doutrinas europeias, estas girando principalmente em torno dos eixos do positivismo francês, do evolucionismo inglês e, pouco depois, do monismo alemão, personificados por sua vez na figura de seus arautos Auguste Comte, Littré, Taine, Edmond Spencer, Buckle, Charles Darwin e Haeckel.

Tal era a voga no final do século XIX e no início do XX, quando Araripe Júnior, Sílvio Romero e José Veríssimo compuseram a assim chamada Geração 1870, na qual Romero acabou sendo considerado a figura de proa responsável pela primeira grande linha interpretativa de Machado.

A Geração 1870 travou combate com o “pensamento saquarema”, expressão identificadora dos membros do Partido Conservador Imperial. Em termos políticos, essa oposição se bifurcou em duas frentes, de orientação abolicionista, republicana ou ambas as coisas, e, no que concerne à posição dos intelectuais, em três frentes, contrárias quer ao catolicismo hierárquico, quer a todo vezo indianista romântico, com sua estetização da nacionalidade, ou mesmo a regimes passíveis de coibir qualquer participação política (MISKOLCI, 2006, p.2). Por outras palavras, o gosto pela política foi o traço distintivo dessa geração, cujos integrantes têm parecido difíceis de ser enquadrados como um grupo coeso pela historiografia mais recente.

De qualquer forma, é de notar que o influxo das novas ideias então se deu quase concomitantemente ao processo do abolicionismo e à fundação do Partido Republicano, e a

adoção de teorias sociais darwinistas não deixava de ser uma reação a ideias políticas igualitárias, o que ressaltava as desigualdades sociais e desobrigava os liberais de compromissos democráticos. Essas teorias da segunda metade do século XIX basicamente giravam em torno da biologia, a partir de Darwin, tornada verdadeiro padrão epistemológico, em virtude do qual se poderia compreender a sociedade como um grande organismo, em que o comportamento individual reprovável, por exemplo, poderia ser explicado em termos de uma “anomalia”. Esse darwinismo social, é claro, encontrou seus expoentes no primo de Darwin, Francis Galton, e em Herbert Spencer, e a visão que este tinha da humanidade como uma luta contínua em que os vencedores seriam os mais aptos por sua vez se desmembraria em dois pontos de vista antagônicos, um confiante na “seleção natural”, outro, considerado “pessimista”, em que se ligavam as ideias de Spencer e teorias psiquiátricas, criminológicas e eugênicas. Tudo isso acabaria por gerar um grande número de obras sobre o assunto publicadas na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil.

Dessa forma, a não-constituição da crítica literária à época como ciência autônoma fazia de nossos intelectuais um misto de cientistas e políticos, literatos e pesquisadores, cujo campo de atuação era limitado por semelhante hibridez de tendências (SCHWARCZ, 2000, p.33).

Sílvia Romero esposava critérios nacionalistas⁵, segundo os quais buscava definir a importância da obra de um escritor por sua capacidade de exprimir o que lhe parecia o

⁵ O mesmo se pode dizer de Araripe Junior, que a princípio recebeu a obra de Machado de Assis com mais suspicácia, ou restrições, ao analisar este ou aquele livro do autor quando de sua publicação, em geral buscando nessas algum traço do ethos nacional. A propósito justamente do que para ele devia ser o “romance nacional”, Araripe se ressentiria da inadequação do romance machadiano a padrões naturalistas. Ao passar em retrospecto, em 1891, essa mesma posição vinte anos antes, a propósito de *Quincas Borba*, Araripe patenteou quais eram seus motivos de admiração ou suas restrições quanto à obra de Machado: “Nessa época eu andava muito preocupado com a idéia do romance nacional; sabia de cor o *Brasil* de Ferdinand Denis e lera pela oitava ou nona vez o *Guarani* de J. de Alencar. No que respeita à literatura, ignorava completamente a existência de uma coisa chamada *proporções*; pouco tinha observado, muito menos comparado, de modo que, segundo então pensava, não havia senão uma craveira: – diante de uma obra de arte, ou tudo ou nada” (*apud* GUIMARÃES, 2006, p.5). Como lembra Hélio de Seixas Guimarães, ressalta na declaração um *mea culpa* de quem reconhece as limitações das preocupações nacionalistas e em virtude de uma suposta necessidade de um romance de costumes. Acrescente-se que talvez essas

“gênio”, o “espírito”, o “caráter” de nosso povo, ou seja, o “mestiçamento moral”, por meio de que à cultura nacional era dado amalgamar o contributo em particular de origem africana, mas também indígena e europeu. Na verdade, Romero era representante de uma linhagem de críticos que, como o definiu Antônio Candido, “procuravam relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero, com as condições sociais” (CANDIDO, 1965, p.10). Além disso, ele acreditava que a ciência devia ser incorporada à literatura⁶, esta por sua vez lhe parecendo um produto do meio social, ou da raça, um documento dessas coisas, além de ser um reflexo da personalidade do autor, desse ângulo condicionada por esse meio/raça. Para o crítico,

opiniões se achassem mais ou menos generalizadas entre os intelectuais da época, cujos modelos de ficção ainda eram encontrados em Chateaubriand, Marmontel, Boileau e Joseph Méry, este último tendo como uma de suas marcas as histórias de amor ambientadas em paisagens “exóticas” (GUIMARÃES, 2006, p.6), um “exotismo” preferível com relação às já então conhecidas “excentricidades” machadianas – um termo recorrente nas críticas do cearense ao carioca. Ainda que considerasse os romances machadianos destituídos desses mesmos cenários exóticos, de “ação”, carga emocional intensa e tom moralizante, Araripe não deixava de tornar claro seu reconhecimento de inovações na obra de Machado, em benefício das letras nacionais, nem de admitir a inadequação de seus instrumentos críticos em sua análise.

Também partidário de uma inclinação vincadamente nacionalista e um tanto conservadora, José Veríssimo deu combate a um só tempo ao impressionismo crítico e aos sistemas sociológico-culturais concebidos por Taine, diferentemente de seus colegas Romero e Araripe. Veríssimo pugnava por uma crítica objetiva, baseada no gosto pessoal mas sem descuidar dos fatos e elementos concretos, contidos na obra literária. Sua *História da literatura brasileira*, publicada no ano de sua morte, embora deficiente em termos de panorama histórico, apresenta uma série de ensaios acerca de escritores como Alencar e Machado. Com este, aliás, Veríssimo parece ter-se afinado mais do que o fizeram seus colegas de geração. Quando da publicação de *Esau e Jacó*, Veríssimo ainda se via perplexo diante de sutilezas machadianas, incomodado com o que considerava “rebuscamento excessivo” e com o “atilado pessimismo” do escritor, chegando a exprimir o desejo curioso de que Machado adotasse um ângulo de visão “mais piedoso e humano da vida” (GUIMARÃES, 2006, p.4). Posteriormente, porém, num ensaio acerca de *Dom Casmurro*, sua opinião já havia mudado bastante, pois que nele Veríssimo, que sempre fora um crítico de bastante independência de espírito, evidenciava sua admiração pela independência do próprio Machado, identificando suas marcas como escritor no fato de ele

não ser um imitador, um seguidor, um homem de escola ou partido literário. Sob esse aspecto, ninguém entre nós mais independente, mais isento do que ele. Não há nele nenhum espírito de seita ou de proselitismo. Literariamente, ele escapa a todas as classificações, o que é uma forma da personalidade e da originalidade (VERÍSSIMO, 1977, p.55).

Diga-se que, a essa altura, José Veríssimo já havia passado a ver em Machado o “herói incondicionado”, refratário a imposições sociais e a modismos, sem predecessores reconhecíveis em nossa tradição literária, alguém que se “teria feito a si mesmo” e “universal”, ao se ocupar da “alma humana” e não simplesmente de “traços nacionais”.

⁶ O próprio Romero foi polígrafo, e não restringia a ciência à atividade crítica, mas a exercia em domínios tão variados quanto a política, a filosofia e a sociologia, a etnologia e o folclore.

a cultura em geral, a literatura em particular, podiam ser entendidas no Brasil aferindo-se os seus produtos ao vasto processo de mestiçamento em sentido amplo, o que permitia não apenas descrever com objetividade, mas julgar com segurança, pois o critério de valor, muito coerente no contexto das suas idéias, era a verificação de como e em que grau o autor e a obra tinham contribuído para a diferenciação, aproximando-se progressivamente de um teor brasileiro, que se manifestava sobretudo na fidelidade com que eram reproduzidos a sociedade e os sentimentos (ROMERO, 1943, p.27).

A sùmula de seu pensamento crítico, de fato, se acha em sua *História da literatura brasileira*, aliás, marco inaugural de nossa moderna historiografia literária, e uma tentativa de formular um conceito orgânico da literatura brasileira, segundo orientação notadamente nacionalista, sem preocupações quanto à ordenação cronológica de autores e obras, e refratário a lhes aquilatar o valor exclusivamente em função de supostos méritos retóricos ou derivados do “bom-gosto”. Esses pontos de vista, constantes do primeiro volume da obra, são expressos por Romero segundo esquemas deterministas de Hippolyte Taine e Buckle, ainda que não de maneira ortodoxa. Já um ponto de vista entre darwinista e nacionalista da evolução de nossa literatura aflora do estudo dos autores de sua predileção, marcado pela análise ideológica, tendo como valor o critério sociológico de representatividade e, como se disse, avesso à apreciação estética, embora Romero amiúde se deixe levar pelo gosto ou juízos exclusivamente pessoais⁷.

Aliás, de seus erros de avaliação, que a crítica contemporânea sua e posterior a ela cuidariam em reparar, sua polêmica com Machado haveria de se tornar um dos episódios mais estrondosos de sua trajetória de crítico e estudioso. Essa polêmica começou em 1879, quando foi publicado um ensaio em que Machado criticava o didatismo da poesia da Geração 1870⁸ e

⁷ Isso se evidencia sobretudo em sua subestimação do padre Antônio Vieira, da poesia simbolista brasileira, e, é claro, de Machado de Assis, proporcional à superestimação que faz de poetas nortistas e de Tobias Barreto – com quem comparou Machado, para demérito deste.

⁸ Além de considerar essa geração como um movimento transitório (ASSIS, 1946, p.203), Machado criticou acerbamente os poemas de *Cantos do Fim do Século* de Sílvio Romero, que não lhe parecia poeta, chamando a atenção para sua falta de estilo, ao mesmo tempo em

rechaçava quaisquer teorias científicas na literatura, atribuindo a essa geração um “otimismo, não só tranqüilo, mas triunfante” (ASSIS, 1946, p.189). Esse otimismo derivava, segundo Machado, da crença na teoria da seleção natural, esta estendida à análise social por meio da leitura do sociólogo mais importante da época, Herbert Spencer, uma teoria em virtude da qual Machado acreditava que

... assim como a seleção natural dá a vitória aos mais aptos, assim outra lei, a que se poderá chamar seleção social, entregará a palma aos mais puros. É o inverso da tradição bíblica; é o Paraíso no fim” (ASSIS, 1946, p.190).

Passados dezoito anos dessas críticas, tendo sido já declarada a República e no ano da fundação da Academia Brasileira de Letras (1897), da qual Machado era o patrono, Romero publicou *Machado de Assis – estudo comparativo de literatura brasileira*, em que defendia a tese de que o grande escritor brasileiro era Tobias Barreto, esclarecido e afinado com as novas tendências científicas, além de alguém preocupado com a transformação da sociedade brasileira, e não Machado de Assis, apenas o “mais acabado espécime do homem de letras” –, esta última expressão em sentido pejorativo, quando se pensa no que um “homem de ciência” significava para Romero. A comparação entre Tobias e Machado, aliás, é feita de acordo com a metodologia tomada de empréstimo a Taine:

É mister ir mais além: descortinar o homem atrás do livro e a sociedade através do homem. Cada escritor é um centro de força, além de uma resultante; como centro de força, age como causa e fator de diferenciação e progresso; como resultante, é um efeito de um meio dado, de um grupo social e deve refletir as qualidades do agregado a que pertence (ROMERO, 1943, p.79).

que invocava as qualidades estilísticas dos mestres do sergipano, Darwin e o próprio Spencer, e declarando por fim que a deselegância de Romero em suas réplicas devia ser compreendida como sinal de mediocridade.

Para Romero, Machado é um *estrangeiro dentro de seu próprio país*, fundamentalmente em virtude desse pessimismo, que lhe parece contrário à “psicologia étnica” do brasileiro⁹ e uma cópia moldada em autores ingleses como Sterne, a quem Machado, de seu ponto de vista, tentara debalde imitar. Daí, para Romero, a falta de originalidade do “mestiço”, condenado tão-somente à cópia, e para o crítico um escritor “menor, quando se mete a filósofo pessimista e a humorista engraçado” (ROMERO, 1943, p.130). “Evidentemente, essa era uma resposta ao “otimismo triunfante” que Machado lhe atribuíra.¹⁰

Por outro lado, em que pese o fato de Romero ter sido capaz de reconhecer a princípio as qualidades acadêmicas, ou o estilo “apolíneo”, da narrativa de Machado, ao dizer que

Suas qualidades mais eminentes são a correção gramatical, a propriedade dos termos, a singeleza da forma. (ROMERO *apud* SÁ REGO, 1989, p.1506). É um distinto prosador pela correção, pela simplicidade, pela propriedade das imagens, pelo adequado das comparações, pelo apropriado dos qualificativos. (ROMERO *apud* SÁ REGO, 1989, p.1508).

Ele haveria de se contradizer, desferindo um ataque feroz contra esse mesmo estilo:

⁹ Na verdade, nas críticas de Romero também parece implícita a acusação de alheamento, por exemplo, quanto às agruras dos escravos, com os quais Machado deveria ser solidário justamente por ser um mulato.

¹⁰ A questão da cópia foi tratada por Machado no ensaio “Lira dos Vinte Anos, de Álvares de Azevedo”: “A isso acrescente-se que a íntima convivência de alguns grandes poetas da Alemanha e da Inglaterra produziu, como dissemos, uma poderosa impressão naquele espírito, aliás tão original. Não tiramos disso nenhuma censura; essa convivência, que não poderia destruir o caráter da sua individualidade poética, ser-lhe-ia de muito proveito, e não pouco contribuiria para a formação definitiva de um talento tão real” (MACHADO, 2008, p.101). Machado, ainda nesse ensaio e tratando das influências de Byron e Shakespeare, afirma que “esta predileção, por mais definida que seja, não traçava para ele um limite literário, o que nos confirma na certeza de que, alguns anos mais, aquela viva imaginação, impressível a todos os contatos, acabaria por definir-se positivamente” (MACHADO, 2008, p.102). Portanto, para Machado as influências eram importantes, porém, muito mais importante era o uso que se fizesse delas.

O estilo de Machado de Assis, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata de seu espírito, de sua índole psicológica indecisa. Correto e maneiroso, não é vivaz, nem rútilo, nem grandioso, nem eloqüente. É plácido e igual, uniforme e compassado. Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente, do vocabulário e da frase. Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da linguagem.

Machado de Assis repisa, repete, torce e retorce tanto suas idéias e as palavras que as vestem, que deixa-nos a impressão dum tal ou qual tartamudear. Esse vizo, esse sestro, tomado por uma coisa conscienciosamente praticada, elevado a uma manifestação de graça e “humor”, era o resultado de uma lacuna do romancista nos órgãos da palavra (ROMERO *apud* SÁ REGO, 1989, p.1506).

A contundência das palavras é maior quando se tem em vista que o “tartamudear” e a “perturbação nos órgãos da linguagem” deviam ser interpretados também como alusões à guagueira de Machado de Assis¹¹.

A perspectiva histórica acabou por mostrar os equívocos de Romero, ao acusar Machado de indiferentismo político, de ser pessimista por ser “um estrangeiro em seu próprio país”, e ao lhe atribuir aquelas supostas “deficiências” de estilo e subserviência a modelos estrangeiros. Como observaria Antônio Candido, perpassa a obra de Machado um sentido profundo de estrutura social brasileira, e uma análise implacável de como se davam as relações de poder, e, de certo ponto de vista, essa é uma forma de se envolver politicamente¹². Para o leitor de hoje, aliás, os pressupostos teóricos do crítico se constituem numa afirmação flagrante do reducionismo biopsicológico característico de seu cientificismo positivista e

¹¹ Em todo caso, justamente aquele “tartamudear”, ou a natureza “fragmentária”, ou não discursiva, das narrativas de Machado, não deixava de ser uma percepção do que se poderia chamar de “ruído” da prosa machadiana, que por sua vez se prestaria a uma visão “positiva”, por assim dizer, desse traço. Tanto assim que Lúcia Miguel Pereira toma esse mesmo critério, o da qualidade fragmentária, ou da “marcha interrompida”, como incompatível com o gênero do romance, embora apropriado ao conto, o que para a crítica parece uma evidência de que Machado ter-se-ia realizado fundamentalmente como contista. Diga-se que essa suposição seria ecoada por um dos mais eminentes dos modernistas brasileiros, Mário de Andrade, como fica evidente em seu ensaio sobre Machado constante de seu *Aspectos da literatura brasileira*.

evolucionista. A propósito dessas teorias, a polêmica de Machado com Romero, e a incompreensão de seus contemporâneos, jamais poderia ser considerada gratuita, e é possível afirmar que ela derivou da recusa de Machado em ver tais teorias como verdadeiras panaceias a nossos problemas sociais, uma visão que, como o escritor bem sabia, à época era capaz de conferir poder a quem a esposasse¹³.

Como foi dito, no entanto, a influência da Geração 1870 e, mais particularmente, de Romero inaugurou uma linha interpretativa que haveria de se estender por décadas no Brasil, e a partir disso muitos seriam os intérpretes a explicar a obra de Machado em termos de biografia¹⁴. Por outras palavras, o “pessimismo” machadiano, disfarçado de humor, segundo essa linha deveria ser considerado uma “patologia”¹⁵.

A “observação” e a “enunciação” da ciência

Por muito estranho que pareça o “diagnóstico” de Romero, curiosamente ele era reflexo de uma mentalidade comprometida com os sistemas de classificação de doenças mentais difundidos pela medicina social e pela política médica higienista em vigor no séc. XIX, para os quais a “sociedade, apontada como causa de doença em seu mau funcionamento,

¹² No decorrer dos tempos, muitos outros críticos procuraram demonstrar como a obra de Machado de Assis refletia a realidade política e social do Brasil no Segundo Reinado, como, por exemplo, Astrojildo Pereira, em seu *Machado de Assis, Romancista do Segundo Reinado*, e Raymundo Faoro, em seu *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*.

¹³ A partir das mesmas teorias, Roberto Schwarz, em seu *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, procurou, dentre outras coisas, definir essa geração em termos de suas “ideias fora de lugar”. Nesse sentido, e partindo de um ponto de vista lukacsiano do romance, este como uma “forma histórica entre todas, que tem compromisso com a verdade sobre a vida numa formação social determinada” (2000, p.57), Schwarz atribui a Machado o mérito de pôr a nu a “dependência global que nos obriga a pensar em termos de categorias impróprias” (2000, p.29) e considera o ecletismo machadiano não mais como mera “cópia”, mas como aspecto positivo, inovador, para a literatura brasileira.

¹⁴ Mário de Alencar, por exemplo, dera o tom ao se reportar ao “aparecimento, ou agravamento, do mal físico incurável”, que teria toldado “de pessimismo a sua visão da natureza”, no que seria seguido por Viana Moog, quando este se ocupou do “mordo terrível”.

¹⁵ Essa abordagem, por assim dizer, psiquiátrica, e limítrofe do que se pode considerar uma abordagem biográfica, recorreria em diversas décadas de estudos machadianos, como se pode ver em particular nas interpretações de Ribeiro do Vale, na década de 10; de Américo Valério e Peregrino Júnior, nos anos 30, e de Leme Lopes, na década de 70.

é proposta como objeto fundamental do controle médico” (MURICY, 1988, p.24), o que por força veio a ensinar a inserção do discurso médico na prática social e sua articulação com ele.

Não se tratava mais da “medicina classificatória” anterior ao séc. XVIII, na qual a doença devia ser um elemento de uma organização hierarquizada segundo famílias, gêneros e espécies, abstraída do doente, ou, como afirmou Michel Foucault, uma “medicina das espécies” que “implica, portanto, uma especialização livre para a doença, sem região privilegiada, sem opressão hospitalar” (FOUCAULT, 1977, p.18).

Trata-se agora da “medicina clínica”, surgida pelo final do séc. XVIII e propiciadora da profissão médica e de uma nova relação entre a experiência clínica e a essência da doença, a qual passa a representar

... um momento de equilíbrio entre a palavra e o espetáculo. Equilíbrio precário, pois repousa sobre um formidável “postulado”: que todo “visível” é “enunciável” e que é “inteiramente” visível, porque é integralmente “enunciável” (FOUCAULT, 1977, p.131).

Está criada a “anatomia patológica”, este primeiro momento da medicina clínica, tendo no *Sobre os lugares e as causas das doenças anatomicamente verificadas*, de Giovanni Battista Morgagni, seu momento de fundação e ocupada essencialmente com o diagnóstico por meio da sintomatologia das doenças. Como lembra Foucault, trata-se de um estágio da evolução do pensamento científico, em que seu “olhar... gira sobre si mesmo e pede à morte contas da vida e da doença” (FOUCAULT, 1977, p.167). A morte, tornada agora um meio para se conhecer a vida, deverá configurar a doença em sua localização corporal. Articulados com esse pensamento, criam-se hospitais e clínicas privadas, laboratórios e bibliotecas, paralelamente ao desenvolvimento de novos instrumentos, técnicas cirúrgicas e registros de dados. Como disse Canguilhem:

A reforma da medicina como teoria se baseia, por sua vez, na reforma da medicina como prática: está intimamente ligada, na França, assim como também na Áustria, à reforma hospitalar. Tanto a reforma hospitalar como a reforma pedagógica exprimem uma exigência de racionalização que se manifesta também na política, como se manifesta na economia, sob a influência de um maquinismo industrial nascente que levará, enfim, ao que se chamou, desde então, de normalização (CANGUILHEM, 1978, p.209-210).

Institucionalizada, é a partir do início do séc. XIX que a ciência universitária, nascente como a sociedade industrial, evoluirá a par e passo da expansão de suas forças produtivas e da constituição do Estado do modo pelo qual o conhecemos hoje, a doença cada vez mais exposta à dissecação da observação científica e aos registros de seu poder de enunciação. Estando a serviço da estrutura social, será necessário que a medicina, a fim de se desenvolver, venha a “se apropriar” do corpo, tornado matéria-prima de seu trabalho¹⁶. Quando o Estado passa a ser o grande gestor dos processos sociais, dá-se a retomada dos discursos oriundos do séc. XVIII, visando a homogeneização das diferenças e a regulação do corpo, para o qual a ciência é a promotora do bem-estar.

Por outro lado, diferentemente de outros poderes instituídos, cujo desenvolvimento obedecia a uma lógica interna baseada em constantes avanços, derivando da refutação de pontos de vista anteriores, a medicina clínica agora tem por missão impor-se à opinião popular, aos preconceitos sobretudo da classe baixa, a fim de contar com ela, legitimando sua prática discursiva na mesma proporção em que procura deitar um véu de incredulidade à “medicina popular”, com isso assegurando o monopólio dessa prática.

Quando a loucura adquire estatuto de doença mental, a psiquiatria começa a se institucionalizar. Sua origem é consequência da prática social sistemática da reclusão de

alienados no espaço propício à observação da instituição psiquiátrica – o asilo – e do qual eles só poderiam ser libertados pelo final do séc. XVIII:

É evidente que o internamento, em suas formas primitivas, funcionou como um mecanismo social, e que esse mecanismo atuou sobre uma área bem ampla, dado que se estendeu dos regulamentos mercantis elementares ao grande sonho burguês de uma cidade onde imperaria a síntese autoritária da natureza e da virtude. Daí a supor que o sentido do internamento se esgota numa obscura finalidade social que permite ao grupo eliminar os elementos que lhe são heterogêneos ou nocivos, há apenas um passo. O internamento seria assim a eliminação dos “a-sociais”; a era clássica teria neutralizado, com segura eficácia – tanto mais segura quanto cega – aqueles que, não sem hesitação, nem perigo, distribuímos entre as prisões, casas de correção, hospitais psiquiátricos ou gabinetes de psicanalistas (FOUCAULT, 1977, p.79).

Será apenas no início do séc. XIX que se divisarão no panorama da ciência médica na Europa empreendimentos reformistas no campo da assistência aos alienados, da parte de médicos e filantropos unidos com o intuito de “humanizar” os cuidados dispensados a eles, o que se pode ver nas reformas promovidas por Phillipe Pinel e que encontra sua repercussão em John Haslam, William Tuke e Vincenzo Chiarrugi, por exemplo.

O Brasil do séc. XIX seria permeável a esse processo normativo. Em seus ensaios sobre Machado de Assis, Kátia Muricy historiciza devidamente “O Alienista” quanto a esse aspecto, mostrando de que forma a obra catalisa, com chave irônica, opiniões e métodos comuns ao poder médico que então se constituía, paralelamente à organização de outras formas de poder e, em especial, do poder do Estado, no qual não se integra como “um instrumento científico e neutro” que esse Estado tomaria em perspectiva ideológica. Como afirma a crítica, essa constituição do poder médico no séc. XIX diferiria da “Fisicatura”, em

¹⁶ Em *Vigiar e punir*, Michel Foucault examina de que maneiras o controle do corpo facultou à medicina o exercício de seu poder.

vigor no período colonial, por carecer de sua natureza essencialmente jurídica, definida pelo poder real e tendo como uma de suas instâncias o poder médico colonial. Ao contrário disso, o que se vê, como revela Muricy, no poder médico do período em questão é uma defesa dos “mecanismos normativos de controle sobre os mecanismos jurídicos” (MURICY, 1988, p.23). Por outras palavras, diferentemente da Fisicatura, inteiramente falta de uma política de planejamento de caráter higienista para a população, o traço distintivo da medicina na época de Machado é sua autonomia em face do Estado, os médicos agora identificados como verdadeiros cientistas sociais, integrando em seu saber “a estatística, a geografia, a demografia, a topografia, a história” (MURICY, 1988, p.24-25). Semelhante atuação, que só faz incrementar essa “tecnologia” do poder médico, coincide com uma vigilância contínua da sociedade, considerada o lugar do perigo à saúde, e a ser empreendida por representantes legitimados por meio de diplomas por faculdades de medicina que também aqui durante um século travariam combate com os curandeiros¹⁷. Tais mudanças acabam por ensejar, é claro, uma nova mentalidade por parte do Estado, incumbido agora de se ocupar com salvaguardar a saúde da população, ao mesmo tempo que se empenha numa pedagogia médica se constituindo a um só tempo num controle político tanto do indivíduo quanto da coletividade, esta identificada essencialmente à população urbana, espaço por excelência da periculosidade à saúde. No que tange a esse controle, a política higienista terá na família seu foco principal de atenção:

¹⁷ No ensaio citado, a autora lembra a postura favorável de Machado de Assis aos curandeiros da época: “No meio culto da segunda metade do século, a unanimidade em torno da questão torna mais provocativa a defesa que, em uma crônica de 1892, Machado de Assis faz do direito de curar de ‘um curandeiro conhecidíssimo [...], pessoa de posição e popular entre nós’, ameaçado de prisão. Elogiando a constituição política no Rio Grande do Sul por admitir o livre exercício da medicina, Machado de Assis toma a posição: ‘não faltará quem deseja vê-la aplicada, quando menos ao Distrito Federal: eu, por exemplo’. E argumenta: ‘Não há curandeiros. O direito de curar é equivalente ao direito de pensar e de falar. Se eu posso extirpar do espírito de um homem certo erro ou absurdo, moral ou científico, por que não posso limpar o corpo e o sangue das corrupções? [...] Não há curandeiros, há médicos sem medicina, que é outra coisa’” (MURICY, 1988, p.25).

Para o convincente discurso médico-higienista, inspirado no ideal revolucionário racionalista e humanista da medicina francesa, os altos índices de mortalidade infantil, as péssimas condições de saúde dos adultos atestavam de forma eloqüente a incapacidade da família oitocentista na preservação da vida de seus membros (Muricy, 1988, p.29).

Tudo deve estar sob o olhar da ciência, instituições se organizam em função desse olhar. Como lembra Muricy,

a vinda da Corte para o Brasil não acabaria apenas por transferir para cá instituições portuguesas – havia de criar outras, como a “Academia Real militar, o curso de agricultura, a cadeira de economia, a Biblioteca Real, o Museu Real, o Jardim Botânico” , todas caracterizadas por seu intuito de promover aspectos culturais do povo brasileiro para um conhecimento baseado na “observação” (MURICY, 1988, p.26).

Com o desenvolvimento dos centros urbanos tais como Salvador e Rio de Janeiro, novas profissões se tornam necessárias. Como afirma Teixeira,

O Brasil caminha, durante o século XIX, da distinção senhorial dos grandes proprietários rurais para a distinção explícita dos títulos de nobreza; até atingir, num terceiro movimento, a nobreza implícita conferida pelo título de doutor. Organizam-se novos campos de atuação profissional e institucional, entre os quais, o da medicina. São criadas as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Surgem os primeiros jornais médicos (TEIXEIRA, 2012, p.2).

A propósito da vinda de D. João VI para o Brasil, convém dizer que com ele também haveriam de desembarcar aqui intelectuais, artistas e médicos. Com a vinda destes, a medicina não se limitaria mais ao emprego de remédios caseiros e tratamentos empíricos. Esse benefício, porém, ainda não iria se estender aos alienados, pois, desde o período colonial,

embora o seu número fosse grande, não se lhes dava atenção, já que ainda eram vistos como sofrendo de “possessão demoníaca”.

Até o início do século XIX, os alienados não recebiam nenhum tipo de tratamento. Se fossem calmos, vagavam livremente pelas ruas, se agressivos, ficavam reclusos nas enfermarias das Santas Casas de Misericórdia.

Somente em 1829 foi fundada a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro por médicos higienistas. Essa sociedade estava ligada à medicina social e era profundamente influenciada pela medicina francesa, e essa forma de alienismo tinha suas raízes nas teorias de Pinel e Esquirol.

Em 1830, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro realiza um diagnóstico sobre a situação dos loucos no Rio de Janeiro, que passam a ser considerados como doentes mentais com direito a um tratamento. Depois de publicar, em 1831, “Insânia Loquaz”, primeiro escrito sobre a doença mental no Brasil, José Martins da Cruz Jobim denuncia, em 1835, a insalubridade dos porões da Santa Casa de Misericórdia e as péssimas condições em que vivem os loucos na cidade e reclama para eles um estabelecimento onde pudessem receber tratamento e assistência adequados. Os membros da Comissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro também denunciam os maus-tratos, a falta de médicos especialistas e de enfermeiros treinados para tal função, a falta de um tratamento físico e moral condizente com a situação dos alienados e, sobretudo, a falta de condições higiênicas adequadas ao tratamento dos doentes.

Em um artigo publicado no *Diário da Saúde* em 1835, o Dr. Xavier Sigaud também se ocupa do abandono dos alienados que andavam livremente pelas ruas, eram espezinhados pelos moleques e punham em risco a população.

Em 1839, um artigo publicado pelo Dr. Luís Vicente de Simone na *Revista Medica Fluminense* e intitulado “Importância e necessidade da criação de um manicômio ou

estabelecimento para alienados” tem grande repercussão no meio médico e social e desperta a consciência pública para o problema. Também por essa época, o Dr. Antônio Luiz da Silva Peixoto descreve os métodos bárbaros então utilizados para o tratamento dos alienados. Os médicos não se preocupavam apenas com a questão dos loucos, mas reivindicavam melhorias nas condições de higiene pública no Rio de Janeiro, com propostas de saneamento social, médico e moral e também remodelação do espaço urbano.

Também em 1839, o Dr. José Clemente Pereira, então provedor da Santa Casa do Rio de Janeiro, “enviou à respectiva mesa um extenso relatório sobre a situação aflitiva dos alienados, insistindo, como já haviam feito os seus antecessores, na adoção de medidas urgentes em favor deles, quando mais não fosse, por um dever de humanidade” (SILVA, 2009, p.210).

Só em 1841, porém, que o Dr. José Clemente Pereira começou uma campanha para a criação de um asilo para o tratamento de alienados. Em 15 de julho desse ano, o então provedor da Santa Casa envia um ofício ao Ministro do Império em que se lê:

E como seja indispensável lugar salubre e apropriado, com terreno suficiente para as comodidades e larguezas, que estabelecimentos de semelhante natureza exigem, poderá o referido estabelecimento fundar-se na chácara que a Santa Casa de Misericórdia possui na Praia Vermelha, denominada do Vigário-Geral, e onde existe já uma enfermaria de alienados, que têm obtido melhoramentos, e alguns até um total restabelecimento; e há a possibilidade de comprar-se uma casa para enfermaria de homens, que se vende por 6:000\$. E porque em tais fundações, a construção do edifício é pouco em comparação da despesa ordinária para sustento dos estabelecimentos, a Santa Casa de Misericórdia não terá dúvida em tomar esta a seu cargo, uma vez que se lhe confie a administração, como será de razão, e até conveniente, pois fornecerá o terreno e a subsistência futura de novo hospital (PEREIRA *apud* SILVA, 2009, p.210).

Desse modo, a Santa Casa aceita a anexação do que seria o Hospício Pedro II com a condição de que ele só servirá para o tratamento de alienados, nada além disso. Também se criaria uma repartição separada, denominada Administração do Hospício de D. Pedro II, que seria composto por escrivão, tesoureiro e procurador. Desse modo, o Dr. José Clemente Pereira conseguiria liberar a Santa Casa da custódia dos alienados e ampliaria o poder político-institucional dela, já que administraria um estabelecimento ligado à modernidade científica e à caridade religiosa (TEIXEIRA, 2012, p.3).

Em 18 de julho de 1841, D. Pedro II sanciona o decreto nº 82 autorizando a construção dessa instituição.

À época, sem poder atingir diretamente o Imperador, não faltou quem tentasse ridicularizar o Dr. José Clemente Pereira, dizendo que o hospital estava superlotado e afirmando que era inútil erguer um palácio para encerrar doidos.

Os recursos para a edificação do suntuoso edifício vieram de donativos, de comutações de penas, de loterias – “em 10 de julho de 1850, era assinado um decreto concedendo vinte loterias em benefício das obras do Hospício e da manutenção dos alienados. Nesse mesmo ano, a 19 de junho, a Assembléia Provincial do Rio de Janeiro, incluía em seu orçamento mais duas loterias destinadas às obras daquele pio estabelecimento” (SILVA, 2006, p.211). Em 8 de dezembro de 1852, com a presença do Imperador, dos Ministros de Estado, do corpo diplomático, dos irmãos da Santa Casa e de grande número de convidados, o Hospício foi inaugurado, em cerimônia que incluía a presença de uma orquestra, um ato religioso e discursos.

O hospício era um edifício imponente, desenhado por Domingos Monteiro e realizado pelo engenheiro Sr. Major José Maria Jacinto Rebello, que realizou algumas modificações no projeto original. A construção era majestosa, reproduzindo as artes jônica e dórica, com colunas de granito, balaustradas de mármore e uma infinidade de janelas. Os pátios internos

eram formados por jardins que continham pequenos tanques e chafarizes. A sala de visitas era ricamente decorada e ali se encontrava uma estátua de mármore de D. Pedro II. O edifício também era chamado de “Palácio dos Loucos”.

Mas, apesar das festas e da suntuosidade do edifício, mesmo com a inauguração do hospício,

a ciência psiquiátrica brasileira ainda não se constituía enquanto tal. Isso só iria ocorrer paulatinamente, a partir de um alargamento do campo de possibilidades de participação da medicina nos projetos relativos à assistência à população (VENÂNCIO, 2003, p.1).

À época, o médico que se dedicava a cuidar de loucos não possuía status social, já que essa área da medicina era considerada inferior, o que influenciava negativamente na remuneração desses médicos. Porém, como a medicina mental era um campo pouco explorado no Brasil e não possuía nenhum especialista de renome, alguns médicos se interessaram pelo assunto como forma de ascensão social.

Em 1852, as faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia não possuíam uma cátedra em doenças mentais, sua cátedra era de medicina legal, e logo depois foi criada uma cadeira de higiene. Apenas em 1881 seria criada uma cadeira de clínica psiquiátrica e moléstias mentais, e só em 1882, com a lei 3141, determinou-se a realização de concurso público para a cátedra de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O professor João Carlos Teixeira Brandão foi aprovado e empossado no ano seguinte nessa cadeira e, em 1887, tornou-se diretor do Hospício D. Pedro II.

No primeiro regulamento desse estabelecimento, lê-se: “O Hospício de D. Pedro II é destinado, privativamente, para asilo, tratamento e curativo dos alienados de ambos os sexos

de todo o Império, sem distinções de condições, naturalidade ou religião” (*apud* SILVA, 2006, p.212).

Os primeiros pacientes foram trazidos da enfermaria provisória que havia sido construída na Praia Vermelha, e o hospício começou a funcionar com 143 alienados. Como na época não havia tratamentos medicinais para o controle da agressividade dos pacientes, estes eram trancados em quartos fortes ou amarrados em camisas de força. Os mais calmos participavam de terapias ocupacionais em oficinas de carpintaria, marcenaria, sapataria, etc.:

Segundo o “Projeto dos Estatutos do Hospício Pedro II”, o funcionamento do hospício seria dividido em econômico (administradores), sanitário (facultativos auxiliados pelas irmãs de caridade) e religioso (capelães) (GONÇALVES, 2009, p.395).

Os alienados que eram recebidos no Palácio dos Loucos eram divididos em quatro categorias: indigentes, que não pagavam; pensionistas de primeira classe, de segunda e de terceira, que pagavam de acordo com sua categoria. Os indigentes e os escravos de senhores que só possuíam uma alma e não tivessem meios de pagar eram admitidos gratuitamente. Bem como os marinheiros de navios mercantes. Também os soldados da Guerra do Paraguai eram ali admitidos gratuitamente.

Quando de sua inauguração, o hospício poderia receber cerca de 150 pacientes, mas, já em 1854, sua capacidade chegava ao número de 300, metade de homens e metade de mulheres. Num primeiro momento, os primeiros ocupantes do edifício provinham da corte. Porém, muitos alienados eram enviados das mais diversas províncias. Além dos que vinham por terra, existia também aqueles que eram embarcados e enviados ao Rio de Janeiro, onde ficavam zanzando até serem recolhidos e serem internados como indigentes no Hospício D. Pedro II. Esse estabelecimento passou a ser visto como um depósito de desvalidos e

desenganados, que não paravam de desaguar ali. Por isso, em setembro de 1854, o Ministro do Império baixou portaria, proibindo a remessa de alienados das províncias, sem prévia autorização do mesmo ministério.

Em 1856, relatórios do Hospício Pedro II indicam uma superlotação devida à entrada indiscriminada de pacientes curáveis e incuráveis, afetados mentalmente ou meros indigentes. A partir de 1862, entretanto, a admissão dos alienados não era de responsabilidade exclusivamente dos médicos, pois que ela, segundo afirma Engel (*apud* GONÇALVES, 2009, p.401), passava por “intermédio do Provedor da Santa Casa, ‘que por sua vez só podia ordenar matrícula mediante diversos documentos’”. Isso faz com que a administração do hospício esteja diretamente subordinada à Santa Casa de Misericórdia. Mas, a despeito dessas proibições, o fluxo de alienados não parava de aumentar, o que gerou pedidos para que se fechasse a instituição para novas remessas, mas os pedidos de admissão vindos das províncias não cessaram e a capacidade do hospício, que em 1854 era de 300 pacientes, já havia superado esse total. Segundo afirma Silva,

uma vez criados [estabelecimentos de alienados], a falta de prioridade, a crescente demanda e a baixa resolutividade terapêutica levaram rapidamente à superlotação e ao desvirtuamento. Isto, entretanto, é muito distante do que aquelas pessoas desejavam e conceberam. É preciso distinguir entre o que se pretendeu com tais instituições e o que elas se tornaram... (SILVA, 2006, p.212).

De 1853 a 1881, o Hospício D. Pedro II foi dirigido pelos doutores Manoel José Barbosa, Joaquim Antonio de Araújo Silva, José Teodoro da Silva Azambuja, José Ludovino da Silva, Ignácio da Silva Goulart e Gustavo Balduino de Moura.

Os médicos responsáveis pelo serviço sanitário faziam uma distinção entre pacientes curáveis e incuráveis e afirmavam que o Hospício Pedro II deveria ocupar-se dos primeiros.

Contrariando os interesses de muitas famílias, de senhores de escravos e até mesmo de alguns setores dos governos, esses médicos defendiam o uso do hospício para o tratamento de doenças mentais e não como depósito de doentes incuráveis. Também segundo esses médicos, as principais doenças mentais encontradas no hospício eram a demência, a mania, a monomania, a lipemania, a epilepsia, a imbecilidade e o idiotismo, sendo que a maioria sofria de mania, ficando, em segundo lugar, os que sofriam de demência simples.

Os alienados que eram recolhidos na rua pela polícia eram examinados por um médico e ficavam em observação durante quinze dias para se certificar se ele sofria mesmo de alienação mental; em segundo lugar, avaliava-se se ele podia conviver com sua família sem que representasse nenhum risco para si mesmo ou para ela. Quanto aos alienados que cometiam crimes, estes não eram admitidos em hipótese alguma no Palácio dos Loucos.

O discurso científico em “O Alienista”

Obviamente, Machado de Assis estava a par das circunstâncias da criação do Hospício D. Pedro II e diversos intérpretes o tomaram como inspiração à Casa Verde¹⁸. Na verdade, ele não estava apenas familiarizado com isso, mas também, como afirma Rouanet, com a literatura especializada acerca da psicologia e dos distúrbios psíquicos:¹⁹

Em sua biblioteca pessoal, ele possuía livros como *Prolegomènes à la psychologie moderne* (1889), de Siciliani, e *Lês maladies de la mémoire* (1880), de Ribot. No “Alienista”, há traços visíveis da leitura de clássicos da psiquiatria. Assim, para Pinel, a alienação mental abrange a mania, a

¹⁸ Tanto mais quando se pensa na “Praia Vermelha”, onde ficava a casa do hospício D. Pedro II.

¹⁹ Vale também ressaltar o fato de que Machado de Assis colaborou com *O Globo*, jornal de tendência republicana e cientificista, por vários anos e no qual publicou *A mão e a luva* e *Helena*. Machado se refere diretamente a esse jornal no conto “A sereníssima república”.

melancolia, a demência e a idiotia, enquanto no “Alienista” Machado fala... nas várias subclasses da loucura, como monomanias, delírios e alucinações várias (ROUANET, 2008, p.77).

A propósito dessa classificação metódica e científica das doenças mentais, diga-se que ela fora destacada por um relatório do Hospício D. Pedro II em 1878, no qual figurava “... incontestavelmente como um elemento de ordem, disciplina e moralidade, donde o médico tira o melhor partido para suas indicações e resultados” (ROUANET, 2008, p.78). A mesma ideia havia sido expressa num artigo de Demétrio Coutinho na *Gazeta Médica da Bahia*, em 1872-1873. “A administração de um asilo de alienados deve ser entregue a um médico [...]. Ao poder administrativo deve estar reunido o poder médico, sem o qual não pode haver unidade de ação, unidade de governo”. (ROUANET, 2008, p.78). Por outras palavras, a mesma crença esposada por Bacamarte, para quem o “poder espiritual”, ou científico, deveria estar associado ao “poder temporal”, ou administrativo, na Casa Verde. Machado certamente conhecia também os artigos publicados nos anos de 1880 do médico João Carlos Teixeira Brandão, os quais criticavam o descaso das autoridades no tratamento dos loucos²⁰.

Esse e outros momentos da abordagem de Rouanet voltados à detecção de acontecimentos históricos refletidos na obra – ou, se se preferir, os momentos em que a crítica se abre à dimensão sociológica –, têm-se repetido em diversos estudos recentes, marcados por um viés historicizante e por vezes coroados de êxito quanto a esse objetivo²¹.

²⁰ “Essa crítica parece ter ecoado, ironicamente, no conto de Machado, quando diz que a “vereança de Itaguaí, entre os pecados de que era arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes”. O personagem de Simão Bacamarte teria sido inspirado pelo médico José da Cruz Jobim, senador conservador, que atacara estudantes de São Paulo, para indignação de Machado de Assis, que os defendeu pela imprensa” (ROUANET, 2008, p.78).

²¹ Dentre esses estudos, merece destaque o livro *O altar e o trono*, de Ivan Teixeira, um excelente recenseamento de discursos artísticos e culturais latentes em “O Alienista”, ao mesmo tempo que identifica acontecimentos políticos do Segundo Reinado, com ênfase na “disputa do poder no processo de formação da cidade” (TEIXEIRA, 2010, p.19), esta ênfase também estando presente em estudos com pontos afins aos de Teixeira mas com perspectivas diversas, como “Linguagem e Loucura em O Alienista”, de Antônio Carlos Secchin (Poesia e Desordem, 1996, p.186-192) e “O

Nessa linha se enquadra – embora com diferença de foco – o ensaio “As Desventuras da Razão”, de Kátia Muricy, para quem “A vila de Itaguaí aparece assim como uma alegoria da sociedade brasileira oitocentista” (MURICY, 1988, p.33) em que pese a diferença dos costumes descritos no conto – ainda do Brasil colonial –, num lance de recuo temporal que não é senão uma estratégia narratorial com vistas à crítica indireta da sociedade. Seu ensaio rastreia o discurso científico brasileiro absorvido e transubstanciado por Machado no conto, uma “paródia da psiquiatria moderna e de suas intermináveis discussões sobre a natureza da loucura” (MURICY, 1988, p.34). Desse ângulo, seria possível detectar na obra, ora explícitas, ora não, teses médicas brasileiras sobre a alienação mental no séc. XIX, que não passavam de cópias servis dos modelos europeus de Pinel e Esquirol mas que davam início a um processo de normalização tentando fazer face a problemas reais em nossa sociedade. Nesse sentido,

O texto de Machado alcança sua dimensão crítica à medida que testemunha o processo de normalização da sociedade brasileira, em suas idiossincrasias, como propriamente nosso e se posiciona

Palimpsesto de Itaguaí”, de Luiz Costa Lima. Com estes termos Teixeira patenteia seu compromisso com um método específico: “Como se sabe, Stephen Greenblatt, responsável pela criação de uma linha de pesquisa norte-americana conhecida como New Historicism, é o criador da locução *poética cultural*, que decorre do conceito de *episteme*, adotado por Michel Foucault para designar a base interdiscursiva responsável pela criação dos saberes, dos valores, dos protocolos e das convicções de uma coletividade. Por essa perspectiva, supõe-se que o estudioso da literatura e da história deva dedicar tanta atenção aos modos de representação metafórica da realidade quanto aos costumes e instituições políticas de um dado momento. [...] Nesse sentido, a literatura será admitida como resultado do intercâmbio da fala do artista com os diversos discursos de seu tempo (TEIXEIRA, 2010, p.29). A delimitação de seu foco de interesse é formulada nos seguintes termos: “... em sua investigação da novela, a tradição crítica tem-se concentrado no assunto da demência, interpretando-o como instrumento de sátira ao autoritarismo da ciência do século XIX, mais especificamente ao Positivismo. Por ironizar a autoridade inconsequente de Simão Bacamarte, a novela seria também uma denúncia contra a centralização do poder, que se fortalece pelo mito da razão e do estudo. Concordo com essa leitura consensual, mas, em que pese sua importância na história da exegese do texto, deve-se admitir que ela não dá conta da abrangência semântica da novela. A figuração da loucura e seu correlato político são, com certeza, uma das linhas de força de ‘O alienista’, mas não a única nem a principal [...] Pela hipótese aqui adotada, o texto incorpora a insânia como condição para discutir não apenas o exercício, mas, sobretudo, a constituição da autoridade. [...] Assim, apoiado no motivo da loucura, o tema central da novela seria a disputa pelo poder no processo de formação da cidade, e não propriamente o exame de uma situação de força previamente estabelecida” (TEIXEIRA, 2010, p.19).

com ceticismo em relação a seus valores. Pode-se perceber no humor de *O alienista* uma crítica perspicaz às intenções controladoras da nascente psiquiatria brasileira em relação à população, bem como uma compreensão exata das alianças recíprocas entre ela e o poder político. Mas é especialmente na ironia à positividade experimental, aos altos ideais humanitários do saber psiquiátrico e à sua suposta vinculação com os princípios universais da razão – vínculo que legitimava, no discurso médico, a intervenção da psiquiatria no social – que a narrativa ganha sua inteligência mais requintada (MURICY, 1988, p.36).

Essas palavras são bastante convincentes, e, à parte alguns outros momentos da análise de Muricy – que retomarei adiante –, elas põem em relevo a *concepção tipológica das personagens*, tão cara à abordagem sociológica e da qual não se pode prescindir, aspecto que também me parece presente muitas vezes na leitura de Teixeira. Minha abordagem, porém, deve-se abrir a outra dimensão, também, verbalizada nas seguintes palavras de Alfredo Bosi:

... por que Machado só poderia ter juízos de valor e ideais derivados *imediatamente* do regime paternalista dos meados do século XIX na cidade do Rio de Janeiro? Por acaso a luz deriva dos objetos iluminados por ela? A historicidade que penetra os processos simbólicos é mais aberta e complexa do que o tempo do relógio, que só mede a conjuntura relativa à contingência biográfica do autor. A historicidade em que se inscreve uma obra de ficção traz em si dimensões da imaginação, da memória e do juízo crítico. Valores culturais e estilos de pensar configuram a visão do mundo do romancista, e esta pode ora coincidir com a ideologia dominante no seu meio, ora afastar-se dela e julgá-la. *Objeto do olhar e modo de ver* são fenômenos de qualidade diversa; é o segundo que dá forma e sentido ao primeiro. (...) Creio que se faça aqui necessária uma abordagem flexível, interessada não só no mesmo e no típico, mas também na diferença e na singularidade. Porque os objetos do olhar narrativo são descontínuos, e são diversas as maneiras de encará-los: a intencionalidade do autor desloca-se, e é preciso acompanhar cada uma de suas visadas (BOSI, 2003, p.12-13).

Por outras palavras, minha leitura procura acompanhar as “visadas” da intencionalidade móvel do autor, partindo do pressuposto do *discurso científico* da época presente na narrativa, e satirizado por Machado, para se concentrar na *composição* de “O Alienista”, mais especificamente em seu estilo, procurando demonstrar que 1) a ideia generalizada de *observação*, da maneira pela qual foi propalada por Pinel e Esquirol – que viam nela a base de seus métodos psiquiátricos – se constitui num “fator de arte”, como o verbalizou Antônio Candido, e no que pode ser denominado, mais do que o *leitmotiv* da narrativa, o seu *princípio estrutural*; 2) que esta obra, a exemplo de grande parte da produção machadiana, evidencia um “projeto de relativização da medicina, da ciência em geral e mesmo do pensamento como um todo”, como o afirmou Rouanet (ROUANET, 2008, p.78), um projeto que encontra um de seus expedientes mais eficazes na adoção dos típicos narradores de Machado, quer o denominado “onisciente intruso”, como no caso de “O Alienista”, quer em primeira pessoa, aspecto que torna essa obra em especial não só emblemática de muitas outras da produção machadiana, como também a faz parecer o “ataque mais demolidor”, como afirmou Gledson, de Machado às pretensões de objetividade de todo materialismo ou positivismo ingênuos, aqui servindo as palavras de Bosi acerca do dinamismo criativo resultante da individualidade artística e do condicionamento social – o “modo de ver” modificando o “objeto do olhar”; e 3) que esse mesmo princípio estrutural pode ter o condão de fornecer bases para se considerar “O Alienista” um “conto”, e não propriamente uma “novela”, como é por exemplo a opinião de Teixeira²², dentre outros.

Antes porém de proceder à análise do conto por meio dessa abordagem, será preciso fazer uma digressão um tanto longa, a fim de examinar o que podemos chamar de “idiossincrasias” do narrador machadiano, que a meu ver respondem em grande parte pelo seu propalado “relativismo”, ou mesmo “ceticismo”, e que, como pôde revelar a perspectiva

²² Retomarei a questão no decorrer de meu estudo.

histórica, faz de Machado um autor perfeitamente comparável a expoentes da literatura europeia de então, quando não lhe explica a imensa modernidade de sua poética.

Idiossincrasias do narrador machadiano

Como é sabido, o pressuposto da “objetividade” na narrativa se constituiu num verdadeiro dogma da corrente realista, que norteou a maior parte da produção romanesca do século XIX. Esse pressuposto, como não podia deixar de ser, aspirava, dentre outras coisas, à “impessoalidade do artista”. Essa palavra, “impessoalidade”, é notadamente um valor literário, e, em termos de representação ficcional, ela não significa outra coisa senão trabalhar *sem um código específico de convenções morais*. De acordo com essa corrente realista, e com sua vertente naturalista, os métodos do escritor deveriam aproximar-se dos do “cientista”. Henrik Ibsen, por exemplo, não trabalhava com nenhum “código específico de convenções morais” e se considerava um “realista”. Numa de suas cartas, ele se defendeu das críticas que recebeu por suas supostas “crenças”, e enfatizou sua “isenção” em busca de uma realidade objetiva.

Eles tentam me fazer responsável pelas opiniões que algumas das personagens expressam nas peças. E no entanto em todo o livro não há uma única opinião, não se encontrará uma única observação ali da parte do dramaturgo. Tomei bastante cuidado quanto a isso. O método, a técnica por trás da forma do livro foi em si mesma suficiente para impedir o autor de se tornar visível no diálogo. Minha intenção foi tentar dar ao leitor a impressão da experiência de um fragmento da realidade (JOYCE, 2003, p.34).

Ora, a “impessoalidade” na literatura não passa de uma condição ideal: a determinação do “fragmento da realidade” não pode advir senão de uma escolha pessoal. Por outro lado, um traço fundamental do realismo de Ibsen, e que se aplica de modo geral a um sem-número de

autores da época, é que o dramaturgo se limitava a apresentar as coisas sem fazer “comentários” sobre elas, deixando-as à interpretação do leitor ou da plateia. Suas personagens, bem como as de um Flaubert, por exemplo, nunca são alvo da “condenação” deles, tampouco da nossa: sentimos “pena” delas, somos capazes de “entendê-las”. Na verdade, as convenções sociais e religiosas que impelem essas personagens a agir dessa ou daquela maneira é que são “atacadas”. Isso acontece porque, em termos da caracterização da personagem, a técnica realista opera por meio de um trabalho de “amostragem”; das ações dessa personagem aflora um vislumbre do tipo que ela representa socialmente.

Desse ângulo, o valor da “impessoalidade” seria responsável por não termos a impressão de que a vida das personagens num romance nos está sendo “lida” ou explicada pelos outros – ou melhor, pela voz do “autor”. De fato, segundo a estética realista, uma narrativa deveria assumir a feição de um mecanismo a se contar a si próprio, sem nenhuma intervenção por parte de um narrador. Assim, desprovida de uma voz reflexionante que se pudesse creditar ao narrador ou ao autor, a arte realista na maioria das vezes convidava o leitor à *interpretação* de fatos selecionados, mas faltos justamente de comentários e juízos de valor. Por outro lado, por trás desses ideais de objetividade e “impessoalidade”, ainda se acreditava no caráter apreensível do objeto de representação, ou simplesmente “do mundo”, e nos meios de que a arte, ou o artista, se serviam para apreendê-lo.

Por outro lado, pode-se dizer que grande parte da escrita do século XIX esteve comprometida com a refutação de ideias inadequadas acerca do homem e da sociedade, e com a afirmação de novos valores. Dentre as correntes de pensamento vigentes à época e comprometidas com algum tipo de “denúncia”, *grosso modo*, o “darwinismo”, que afirmava descender o homem do macaco, e a corrente filosófica do “marxismo”, ao revelar, dentre outras coisas, o homem como agente de relações sociais marcadas pela alienação e exploração, acabaram por se constituir em duros golpes desfechados contra a imagem do ser

humano. Mas um golpe final, igualmente poderoso, haveria de ser desferido pela obra de Sigmund Freud, que, com seu conceito de “inconsciente”, teve o condão de despertar, dentre outras coisas, a crença numa instância psíquica inata ao ser humano e não sujeita a sua vontade consciente, o que por si só fazia dele, em certo sentido, um “estranho” para si mesmo, e abalava inteiramente a ideia de uma subjetividade absoluta, ou mesmo coesa.

Apenas pressentidos a princípio, tais abalos na imagem do homem e da sociedade começaram a deixar suas marcas nas artes e na literatura pela virada do séc. XIX e nas primeiras décadas do séc. XX. Em seu antológico ensaio “Reflexões sobre o romance moderno”, Anatol Rosenfeld, depois de estabelecer analogias entre a “desrealização” na pintura, ou a perda da perspectiva, e uma perda do “centro” na literatura, alude às então novas ideias acerca da precariedade da condição humana e a sua situação num mundo não “explicado”:

Talvez fora básica uma nova experiência da personalidade humana, da precariedade da sua situação num mundo caótico, em rápida transformação, abalado por cataclismos guerreiros, imensos movimentos coletivos, espantosos progressos técnicos que, desencadeados pela ação do homem, passam a ameaçar e dominar o homem. Não se refletiria esta experiência da situação precária do indivíduo em face do mundo, e da sua relação alterada para com ele, no fato de o artista já não se sentir autorizado a projetá-lo a partir da própria consciência? Uma época com todos os valores em transição e por isso mesmo incoerentes, uma realidade que deixou de ser um mundo “explicado” exigem adaptações estéticas capazes de incorporar o estado de fluxo e insegurança dentro da própria estrutura da obra (ROSENFELD, 1976, p.86).

Num processo que, guardadas as diferenças, dá impressão de se entender até hoje, passa-se então a se nutrir grande desconfiança acerca de quaisquer visões totalizadoras ou que pretendam fornecer uma “explicação” do universo, considerado agora fragmentado e opaco,

em face do qual nem a religião nem a ciência alcançam aplacar o medo e a dúvida. Também às artes e à literatura começa a perpassar um sentimento de impotência no que tange a sua capacidade de exprimir a vida e a realidade, sob cuja superfície se agita certa sensação de nihilismo e caos. O escritor se acha agora diante de um mundo em que a linguagem deixa de ter um controle sobre essa “realidade” elusiva, como se padecesse de uma verdadeira “moléstia”. O escritor tcheco Franz Kafka, numa carta de 1918, havia já expresso esse mal-estar: “O que escrevo é diferente do que eu digo, o que eu digo é diferente do que eu penso, o que eu penso é diferente do que eu devo pensar e assim prossegue, rumo à escuridão mais funda”. Ademais, particularmente no caso das narrativas de ficção, assiste-se a uma gradual substituição do *narrador por uma voz ligada diretamente ao que ela narra*, e a tal ponto, que a impressão é de que se anula a distância entre a narração e o narrado. A ideia tradicional de personagem começa a se desfazer, para dar lugar a uma voz que, sem ser a expressão do “caráter”, representado tão amiúde nos romances psicológicos, dá mostras de se articular diretamente a partir de forças inconscientes. Por outras palavras, a essa altura começam a sobejar narrativas em primeira pessoa apresentando eus não confiáveis, desprovidos de meios para retratar a realidade em que vivem.

Ora, essa exposição de grandes ideias que nortearam uma época, sumariadas aqui com certa violência, visa tão-só a deixar patente que Machado de Assis, como todo grande artista sensível ao “espírito do tempo”, deixou-se permear por muitas dessas tendências²³, independentemente de sua vinculação explícita a elas, e que sua obra incorpora em sua estrutura aquele “estado de fluxo e insegurança” a que alude Anatol. Um “mundo não explicado” na maioria das vezes aflora de suas narrativas, por exemplo, quando se patenteia o caráter parcial de sua narração, o que dá a impressão de que estamos ouvindo um relato de alguém que avalia os acontecimentos à luz de suas próprias aspirações, medos ou mesmo

preconceitos e que, no fundo, é um “mau intérprete dos fatos”. É perfeitamente possível relacionar esse aspecto à oposição de Machado à estética realista, que em suas críticas a Eça de Queiroz ele chamou de “reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis” (ASSIS, 2008, p.127). Em Machado, a “reprodução fotográfica” é substituída pelo dogma do “não há espetáculo sem espectador”²⁴, esta expressão, em nosso contexto, devendo ser entendida como “não há narração sem narrador”. Roberto Schwarz sintetiza a questão:

Como o seu contemporâneo Henry James, Machado inventava *situações narrativas*, ou *narradores postos em situação*: fábulas cujo drama só se completa quando levamos em conta a falta de isenção, a parcialidade ativa do próprio fabulista. Este vê comprometida a sua autoridade, o seu estatuto superior, de exceção, para ser trazido ao universo das demais personagens, como uma delas, com fisionomia individualizada, problemática e sobretudo inconfessável. (...) Ao adotar um narrador unilateral, fazendo dele o eixo da forma literária, Machado se inscrevia entre os romancistas inovadores, além de ficar em linha com os espíritos adiantados da Europa, que sabiam que toda *representação* comporta um elemento de *vontade* ou *interesse*, o dado oculto a examinar, o *indício da crise da civilização burguesa*. Também na esfera local, das atitudes e ideias sociais brasileiras, as consequências da nova técnica eram audaciosas. O nosso cidadão acima de qualquer suspeita – o bacharel com bela cultura, o filho amantíssimo, o marido cioso, o proprietário abastado, avesso aos negócios, o arrimo da parentela, o moço com educação católica, o passadista refinado, o cavalheiro *belle époque* – ficava ele próprio sob suspeição, credor de toda a desconfiança disponível. Do ângulo da ideologia artística nacional, enfim, o narrador cheio de credenciais mas privado de credibilidade configurava igualmente uma situação inédita, difícil de aceitar, em contraste marcado com a anterior (SCHWARZ, 2012, p.12-13).

Tal impressão, porém, não diz respeito tão-somente ao narrador. Na obra de Machado nos deparamos com um sem-número de personagens que parecem “interpretar mal” o

²³ Procurarei esmiuçá-las na conclusão de meu estudo.

comportamento das pessoas e os acontecimentos. Na categoria destas últimas devem ser computadas as detentoras do que se pode chamar de “mentalidade romântica”. Isso, aliás, vinha a propósito do projeto anti-romântico de Machado, a que alude Hélió de Seixas Guimarães em seu *Os leitores de Machado de Assis*:

Machado de Assis começa sua carreira de romancista com um projeto anti-romântico num momento em que o gosto pela literatura sentimental e imaginosa domina o ambiente literário brasileiro. Sua tarefa consiste, portanto, não só em apontar e demolir os anacronismos, mas também atrair um público capaz de compreender e fruir a “literatura moderna” que pretende constituir. Por isso, a tensão entre o gosto vigente e este projeto modernizador permeia os dois primeiros livros, nos quais personagens formadas pela poesia de Lord Byron e educadas com a leitura do *Werther* são sistematicamente ridicularizadas pelos narradores, que também desafiam a expectativa dos seus interlocutores, apontando sempre para a *necessidade não apenas de um novo tipo de literatura, mas de um novo tipo de leitor* (GUIMARÃES, 2006, p.125).

Tome-se como exemplo o conto “Miss Dollar”, constante da coletânea *Contos fluminenses*, uma obra importante, no dizer de John Gladson, que guarda nexos temáticos com *Ressurreição* e *Dom Casmurro*, e um conto que, inédito em jornal e revista à época de sua publicação em livro, justamente por ser o primeiro da coletânea, devia ter um apelo maior a seu autor.

Com efeito, o conto, girando em torno da contingência que aproxima um homem e uma mulher em virtude da perda desta quanto a uma cachorrinha de nome Miss Dollar, não só ridiculariza o gosto pela literatura romântica como também denuncia os agravos causados pelo *sentimentalismo*, do qual essa literatura seria também a expressão mais acabada. Logo no início do conto em questão, porém, essa denúncia já se acha prefigurada, ainda que de maneira

²⁴ “O segredo do bonzo”.

muito oblíqua, nos parágrafos iniciais, o primeiro se abrindo com uma afirmação capciosa – trata-se de um narrador onisciente intruso – de natureza metalinguística, e envolvendo a questão da pertinência da forma a ser adotada para a narrativa:

Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar. Mas por outro lado, sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que encheriam o papel sem adiantar a ação. Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.

A apresentação só virá, de maneira cômica, *seis parágrafos* depois, e a frase é capciosa precisamente por não informar o motivo pelo qual seria “conveniente” fazer com que o leitor ignorasse por “muito tempo” quem é Miss Dollar. Em todo caso, essa frase é seguida de um período iniciado por adversativa, em que se explicita a preocupação desse narrador – de resto, a preocupação de um contista, em busca de uma unidade de efeito – com “adiantar a ação”: “Mas, por outro lado, sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que encheriam o papel sem adiantar a ação”. Em que pese essa preocupação, e a constatação desse narrador de que “não há hesitação possível” e de sua resolução quanto a apresentar Miss Dollar de imediato, o que se verá nos cinco parágrafos seguintes será uma contradição disso, justamente na forma de “longas digressões”, a modo de conjecturas, que, num primeiro momento, aparentemente só fazem “encher o papel”.

Essas conjecturas dizem respeito a diversos tipos de mulher que a imaginação dos leitores, de acordo com sua idade e temperamento, é capaz de engendrar a partir do nome Miss Dollar. Assim, o rapaz de “gênio melancólico” “imagina” Miss Dollar como uma “inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue”, “vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare”, sabendo “Tennyson de cor” e apta a “ler Lamartine no original” e, no caso de saber português, lendo os “sonetos de Camões ou os *Cantos* de Gonçalves Dias”. Em

suma, um leitor notadamente romântico. Já o leitor não inclinado a esses “devaneios e melancolias” “imaginaria” Miss Dollar como uma “robusta americana... amiga de iguarias fortes, em vez de chá com leite”, e assim prossegue o narrador, a arrolar conjecturas que, num processo cumulativo, culminam num tom de anticlímax: “Miss Dollar é uma cadelinha galga”. A partir disso, terá início propriamente o trecho do conto, e, do modo como se apresenta, esses borboleteios do narrador, que parecem em conformidade com os borboleteios dos vários tipos de leitor, podem dar a impressão de não se articular organicamente com a história que será narrada. O que nessas digressões é posto em relevo é a *imaginação* – palavra-chave da estética romântica – dos leitores, numa antecipação velada do tema central do conto, que se poderia sintetizar na pergunta, “como convencer um coração desconfiado?”. Esta, na verdade, é feita por D. Antônia acerca da suspeita de Margarida quanto aos pretendentes, mas ela parece ecoar sub-repticiamente por todo o conto, constituindo-lhe o “problema” fundamental. Pois a tensão que vai recrudescendo do começo ao fim da narrativa é gerada tão-somente por uma “quimera”, uma noção distorcida que Mendonça e Margarida formam um do outro, embora, é claro, por motivos diferentes. Esse ponto parece o alvo da crítica de Machado, sobretudo no que concerne à quimera “alimentada” por Mendonça. Não é por acaso que este nutra essa mesma quimera a partir de seu gosto pelo “literário” e, mais particularmente, pelo pensamento “romântico”. Sua tristeza e ansiedade cada vez maiores derivam apenas de uma “ideia”, ou melhor, de sua “prevenção”, alardeada desde o início, com respeito a “olhos verdes”, esta tida pelo narrador como “preciosa”, “ridícula” até. Por outras palavras, Mendonça é um *mau intérprete dos fatos*. Se em suas cogitações acerca da índole da viúva ele aventa a hipótese de que o alheamento dela se deve a algum episódio de sua vida, e de que este “era uma página do romance que devia ser decifrada por olhos hábeis”, seus próprios olhos, por assim dizer, não são hábeis. Tolda-os justamente essa “prevenção”, que, como é

dito pelo narrador, lhe constitui o calcanhar de Aquiles. Não são os fatos, mas a *imaginação* deles, que leva ao paroxismo de um casamento com aparência de “divórcio”.

Ora, na galeria de criações machadianas, há um sem-número de personagens que dão mostras de ter um “coração desconfiado” e de fantasiar mais do que o razoável, consoantes ao tema machadiano recorrente dos limites da razão e da loucura. Desse ângulo, um dos temas de *Miss Dollar*, que se pode verbalizar como “os agravos que a mentalidade romântica pode causar”, está próximo do tema correlato do ciúme, desenvolvido em tantas obras de Machado e, particularmente, em *Ressurreição* e *Dom Casmurro*.

Nessa esteira de raciocínio, a personagem Dom Casmurro é detentora de um “coração desconfiado”, e suas desconfianças ensejaram uma polêmica que talvez seja a mais duradoura na história do romance brasileiro, qual seja, a da traição ou não de Bentinho por Capitu, embora hoje tenda a prevalecer a opinião de que o narrador seja um “embusteiro, um manipulador” (GUIMARÃES, 2006, p.234), com quem se haveria de identificar uma parte dos leitores de *Dom Casmurro*, tornados, assim, alvos da crítica machadiana. Trata-se, pois, de um narrador em primeira pessoa não confiável²⁵, que se arroga a posição de árbitro do sentido do comportamento e das atitudes de Capitu, ao mesmo tempo que, como afirmou o mesmo Hélio de Seixas Guimarães, convoca o leitor à condição de intérprete, ou co-intérprete, procurando “atraí-lo, cooptá-lo e circunscrevê-lo dentro dos limites ficcionais” (GUIMARÃES, 2006, p.218). Não obstante isso, essa prosa elegante e não raro um tanto sentimental convida a leitura a contrapelo das alegações do narrador²⁶, que, ostentando

²⁵ Em que pese a ampla aceitação dessa verbalização, parecem plausíveis os argumentos de James Wood acerca da não-confiabilidade do narrador: “... o narrador que não parece confiável costuma ser confiavelmente não-confiável. Pensem no mordomo de Kazuo Ishiguro em *Os resíduos do dia*, ou em Bertie Wooster, ou mesmo em Humbert Humbert. Sabemos que o narrador não está sendo confiável porque o autor, numa manobra confiável, nos avisa dessa inconfiabilidade do narrador. Há aí um processo de sinalização do autor; o romance nos ensina a ler o narrador” (WOOD, 2011, p.19).

²⁶ Considerando as palavras de James Wood que acabamos de citar, este “convite a uma leitura a contrapelo” se deve aos sinais verbais espalhados no texto pelo autor. Assim, podemos dizer, em complemento às formulações de Hélio Seixas, que,

superioridade diante das demais personagens, trai suas limitações e equívocos. Estas são arroladas por Hélio de Seixas Guimarães:

Seus equívocos e limitações parecem aplicar-se não só aos fatos da sua própria vida – na interpretação do que dizem os retratos, o Panegrico de Santa Mônica, a expressão de Capitu diante do corpo de Escobar –, mas também a autores que ele cita e dos quais faz uma leitura arrevesada. Bento apresenta-se como leitor de Homero, Shakespeare, Prévost e Goethe, familiarizado com a literatura jurídica (ele foi aluno da Faculdade de Direito em São Paulo) e com as Sagradas Escrituras, conhecedor das *Inspirações do claustro*, de Junqueira Freire, publicadas em 1855, dos aforismos de Benjamin Franklin e Montaigne e releitor da melhor produção do romantismo brasileiro em prosa e verso, representada pelas obras de José de Alencar e Álvares de Azevedo. Todas essas referências literárias têm relação direta com os fatos narrados por Bento Santiago, deixando claro o intenso subjetivismo deste leitor que enxerga sua própria história em tudo aquilo que lê (...) o melhor exemplo é a comparação flagrantemente tendenciosa que Bento Santiago faz com *Otelo*, comparação da qual está excluída qualquer possibilidade da inocência de Capitu, cuja culpa ele só faz reafirmar (GUIMARÃES, 2006, p.220).

Exagerando e supervalorizando os próprios sentimentos, dos quais tenta dar ilustrações se reportando a diversas leituras, Bento Santiago distorce os fatos em favor de seu relato, e se revela um mau leitor. Como diz o próprio Hélio de Seixas, este narrador se acha cindido entre a vivência de seu passado, a memória e a “tentativa de representação do passado no presente” tentando reiterar “sua incompletude e a incompletude do seu relato” (GUIMARÃES, 2006, p.222): “Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas”.

Tendo descoberto as vantagens que a adoção da narração em primeira pessoa lhe poderia proporcionar no que concerne a representar uma “realidade” que, a exemplo de nossa

enquanto uma personagem em primeira pessoa tenta “cooptar” o *leitor* ou um interlocutor imaginário, o autor ensina o leitor a interpretar esses sinais.

vida, é lacunar, no caso de *Dom Casmurro* o tema do ciúme calhava à perfeição, ao mesmo tempo que vinha a reboque de seu projeto anti-romântico. Por quê? Segundo Mariolina Bertini, o tema literário e antiquíssimo do ciúme foi objeto de uma redescoberta por parte dos romancistas europeus sobretudo do final do séc. XIX, em decorrência do ocaso e esfacelamento do grande mito do amor romântico. De fato, a representação do amor que termina por destruir seu próprio objeto constituiu um elemento forte no teatro antigo e na novelística medieval barroca. Otelo (citado diversas vezes em *Dom Casmurro*), algumas princesas e tiranos de Racine, alguns maridos e tutores de Molière encarnam perfeitamente essa tradição. No entanto, antes da segunda metade do século XIX raramente o tema do ciúme é promovido a elemento central de um enredo romanesco. Ainda por essa época, sobejavam na memória popular, não apenas francesa, as famosas máximas de La Rochefoucauld, por exemplo, e convém citar esta, concernente ao ciúme:

O remédio para o ciúme é a certeza daquilo que se teme porque causa o fim da vida, ou o fim do amor; é um remédio amargo, mais doce, todavia, do que as dúvidas e as suspeitas (BERTINI, 2009, p.684).

De um modo geral, o ciumento vive numa contínua oscilação entre certezas opostas, cada uma das quais renascendo alternativamente das próprias cinzas, perpetuando um tormento sem fim.

Ora, Machado é tributário dos narradores do século XIX que exploraram esse território negligenciado até então e, como um analista minucioso das paixões, teve o condão de criar ciumentos memoráveis. De um modo geral, pode-se dizer que a figura do ciumento se torna interessante a esses escritores sobretudo por ela estar sujeita, dentre outras coisas, a mecanismos de distorção do real, na maioria das vezes, como diríamos hoje, de índole

“projetiva”. Por outras palavras, o ciumento pode ver o que não existe, ou então não ver o que existe. O resultado dessa visão, que ora ultrapassa o real, ora fica aquém dele, por força delineia um mundo repleto de “lacunas”, de fatos “inexplicáveis”, ou mesmo de “incerteza” vertiginosa.

A mecanismos de índole “projetiva” também está sujeito Nogueira, personagem do conto “Missa do Galo”, publicado em 1889 e sendo, talvez, o conto mais célebre de Machado de Assis, além de ser considerado por muitos um protótipo do gênero. Como o tempo tem-se encarregado de mostrar, essa pequena joia de nossa literatura, como tantas obras-primas de Machado, possui aquilo que Antônio Candido chamou de “polivalência do verbo literário”, que faculta às gerações de leitores depararem continuamente níveis variados de sentido, em virtude de um “princípio de abertura” que, no caso de Machado, dá a impressão de se intensificar à proporção que o autor caminha para a maturidade, e que dá a razão do sem-número de leituras, por vezes até contraditórias, a que sua obra se prestou.

De fato, ainda que de todo destituído de lances aventurecos – seu enredo se reduz a uma conversa às vésperas de Natal entre um jovem e uma senhora cujo marido se ausentou – esse conto tem fascinado gerações sucessivas de leitores, críticos e escritores, e sua perfeição pode ser explicada por seu estilo, pejado de reticências, meios-tons e ambiguidades, que contribuem justamente para esse princípio de “abertura”.

Se é da essência do conto, como afirmou Cortázar, apresentar uma tensão que se deve manifestar desde o começo, todas as suas palavras convergindo para uma unidade de efeito que, dentro dos limites fixados pelo contista – um fragmento de realidade – atua como uma “explosão” que abre “de par em par uma realidade muito mais ampla” (CORTÁZAR, 1974, p.151), Machado realiza aqui a quintessência dessa arte. As primeiras palavras do conto, ditas pelo narrador em primeira pessoa, “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos”, não só trazem o registro do problema central apresentado pela obra,

como também do *efeito* geral calculado sobre o leitor, que, ao fim e ao cabo, também não poderá concluir se naquela noite Nogueira foi alvo da tentativa de sedução de Conceição, ou se as sugestões disso que afloram de sua narração não passam de “pensamento veleitário”, como o chamam os psicanalistas, ou seja, a falsa identificação das próprias inclinações e desejos com a realidade exterior. A ocorrência disso é comum aos apaixonados, quando ainda não conhecem bem a pessoa amada, em quem, sem a certeza de serem correspondidos, procuram identificar sinais disso, e grande parte das ambiguidades que palpitam na narração são formadas num contexto envolvendo uma aproximação erótica. Interpretarmos os gestos de Conceição como uma tentativa de seduzi-lo seria fazer coisa semelhante ao que fizeram os leitores que defenderam a ideia de ter sido Capitu uma traidora, sem atentar que o que aqui está em jogo é a representação de um mundo “poroso”, ou repleto de “fissuras”, por onde o sentido se evade, e que foi criado por Machado de Assis em tantas obras.

A hipótese do “pensamento veleitário” parece a melhor, visto que não resta dúvida de que Nogueira se sente atraído por ela, sobretudo por suas inclinações românticas enquanto jovem: “Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com meu livro de aventuras”. Na verdade, como ele mesmo afirma, a presença dela é capaz de despertá-lo “ainda mais do que o livro”. A visão de seus braços causa-lhe “grande impressão”. À frente dela, ele fala “emendando os assuntos, sem saber por quê, variando deles e tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos”. Na verdade, ele se acha numa “espécie de sono magnético”, ou o que quer que “lhe tolhia a língua e os sentidos”. Em uma de suas recordações, ela lhe parece “lindíssima”, e no final, durante a Missa do Galo, a “figura de Conceição” interpõe-se “mais de uma vez” entre ele e o padre. Como diz o próprio Nogueira, ele está “embebido na sua pessoa”, ao ponto de se constranger quando percebido. A profusão de detalhes mínimos sobre sua figura e seus gestos (“As veias eram tão azuis, que, apesar da pouca claridade, podia contá-las do meu

lugar”; “... pude ver, a furto, o bico das chinelas)” – essa profusão ou nos faz suspeitar de uma reconstituição artificiosa do passado por meio de sua imaginação – afinal, a noite em que estiveram a sós foi há muitos anos – ou de um olhar fetichista, a conservar eternamente na memória os objetos de seu desejo. Aquele “sono magnético” de que ele é presa na verdade impregna toda a atmosfera desde que Conceição entra na sala, “arrastando as chinelas da alcova”. Aliás, a descrição de movimentos lentos (“arrastando”), e evocativa da intimidade (“alcova”) a essa altura, por uma escolha calculada do léxico, começa a dar a impressão de retardar o ritmo da prosa (ritmo que, na verdade, se compõe essencialmente de ideias), até então mais “veloz” em virtude da síntese dramática a modo de exposição, ao compor uma atmosfera carregada e suspensiva, que faz lembrar a arte de sugestões encontrada nos romances de Sacher-Masoch, em que os gestos e sofrimentos em suspense se ligam ao fetiche. Assim, Conceição, “de costume, tinha os gestos demorados e as atitudes tranquilas... Magra embora, tinha um não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo”. Anteriormente, enquanto Nogueira estava a sós lendo seu livro na sala, os “minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera”, mas agora a própria conversa dos dois, a cada interrupção, se reata “lentamente, longamente”.

Se sua observação do comportamento de Conceição é capaz de pinçar minúcias, o mesmo não se pode dizer de suas cogitações acerca de sua personalidade e padrões morais. Acerca da primeira, seus comentários são notadamente dubitativos, e tendentes a conjecturas:

Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos de uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, nem perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

A propósito de “padrões morais”, os que vigoravam na casa de Meneses lhe foram descobertos por meio daquele “eufemismo em ação”, segundo o qual se deveria chamar os encontros clandestinos do dono da casa com a “comborça” de “idas ao teatro”. Aos olhos do narrador, “Conceição padecera, a princípio”, mas com o correr do tempo “resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito”. *Achar que era muito direito* denuncia a *permissividade*, ou certa frouxidão moral, de Conceição, e este narrador, ciente do eco de sua voz e dando a impressão de querer evitar a todo custo comentários desairosos sobre ela, assim prossegue, como para dirimir quaisquer dúvidas acerca da personalidade dela:

Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido... No capítulo em que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas.

A expressão “com as aparências salvas” pode apontar para certa tendência à *dissimulação* da parte dela e, na economia do conto, poderia ser o primeiro registro de uma *crença não admitida* explicitamente pelo narrador da tentativa de sedução por parte de Conceição. Na esteira disso, a frase “pode ser até que não soubesse amar” também poderia soar como uma *explicação*, também como não admitida por Nogueira em sua narração, que ele dá a si mesmo de certa frieza emocional de Conceição com respeito ao marido.

“Tudo nela era atenuado e passivo”. Ora, se essas suposições subliminares do narrador estão corretas, a essa altura não deve ser desarrazoado dizer que *tudo nele é atenuado*, se bem nada “passivo”, já que, em sua narração, ele é capaz de ser bastante tendencioso. De que ele é “irônico” não resta dúvida, e disso há indícios espalhados em todo o conto. Por exemplo, a formulação do “eufemismo em ação”, no contexto em que é feita, de caráter ligeiramente

reprobatório, é *retomada ironicamente por ele mesmo* em sua narração: “Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro”.

No que tange a Conceição, sua ironia, fina e tendenciosa, é entrevista em passagens como estas:

Estreito era o círculo de suas ideias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la. (...)

Conceição disse baixinho:

– Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

– Eu também sou assim.

– O quê? Perguntou ela inclinando o corpo para me ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha sono leve; éramos três sonos leves.

A frase quanto ao *estreito círculo de ideias* é tornada ambígua pelo contexto, ao sugerir que a “falta de assunto” da mulher se acha em contraste flagrante com sua presença prolongada com o narrador na sala. Além disso, o registro da preocupação de Conceição quanto a que sua mãe acorde pode pretender fazer supor que é interesse dela que ambos continuem a sós, e basta que se empreste à leitura da frase “éramos três sonos leves” um tom irônico, de constatação do óbvio, enfatizando na voz as palavras finais – de resto, enfatizadas em sua recorrência – para que se torne mais perceptível a visão irônica do narrador, a qual ele dá a impressão de tentar ocultar a todo custo do leitor.

Não obstante isso, ele é traído por sua própria ironia. Na sequência já citada,

Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e fazia jus ao título... No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal.

por que invocar o perdão de Deus se por trás de seus comentários não houvesse uma condenação velada da permissividade dela?

Dissimular sua própria suspicácia e ironia também parece a tônica da seguinte passagem, que registra as primeiras impressões de Nogueira no momento em que ela aparece na sala:

Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

– Não! Qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

O narrador, ao mesmo tempo que registra sua desconfiança (“Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir”), parece cuidar em deixar patentes ao leitor seu *decoro* ao falar de Conceição (“Essa observação... que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora”) e sua confiança na boa índole dela, num efeito semelhante ao de quem “morde” e “assopra” ao mesmo tempo (“Já disse que ela era boa, muito boa”). Na cena que ele descreve, com plena consciência das ambiguidades que afloram de seu discurso, até mesmo o “desalinho” dos trajes de dormir de Conceição carece do qualificativo de “honesto”, a fim de salientar sua (falsa) incapacidade de pensar mal dela, o que estabelece um contraste sensível com os lances repletos de insinuações e ambiguidades que o narrador escolhe para contar. Assim, na frase “com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular”, o adjetivo “singular” é que dá a impressão de ser eufemístico, indireto. Quanto a sua recordação

da cena das gravuras, ela também, de maneira muito oblíqua, pode parecer a expressão de seu subconsciente em funcionamento, a aproximar a figura lasciva de Cleópatra da de Conceição:

Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de suas gravuras que pendiam da parede.

– Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio desse homem. Um representava “Cleópatra”; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

– São bonitos, disse eu.

– Bonitos são; mas estão manchados. E depois, francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

– De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro...

– Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso; mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita, mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

“Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios”: a exemplo de Dom Casmurro, Nogueira, buscando representar no presente o passado distante, trai sua inclinação pela “vulgaridade” quando jovem, ao mesmo tempo que deixa claro seu gosto mais “refinado” no momento da narração. De fato, seu decoro mais uma vez se revela no comentário sobre a imagem de Conceição se interpor entre ele e o padre, comentário tanto mais irônico, “pecaminoso” até, pela menção dele à alcunha de “santa” dada a Conceição, e pela menção desta a Nossa Senhora – um fato que ele credita a seus “dezessete anos”.

Por outras palavras, tudo isso parece se constituir numa expressão velada de suspicácia, preconceito ou mesmo condenação implícita da personagem Conceição por parte de Nogueira, e a menção deste, sem nenhum comentário, no final do conto à contingência de ter ela se casado com o escrevente do marido – o que equivale a dizer que Conceição acabou se casando com alguém pertencente a um nível “inferior” na escala social – só faz reforçar essa ideia.

Ao tentar sugerir, maliciosamente, uma tentativa de aproximação de Conceição naquela noite, o narrador busca “seduzir” o leitor, o que nos faculta pespegar a ele também a pecha de narrador “não confiável”. Sua condenação implícita, ou a projeção nela de seus próprios desejos reprimidos, denunciaria as fragilidades do ponto de vista masculino da época quanto às mulheres, reveladas amiúde em situações as mais triviais, segundo a qual uma mulher casada, notadamente insatisfeita com o marido e em trajes de dormir, tarde da noite e a sós na sala com um rapazinho jamais poderia ter intenções “honestas”. Se isso estiver correto, tal ponto de vista e a técnica empregada no conto fariam de Nogueira uma personagem precursora de Dom Casmurro, desprovida dos traços de crueldade deste, mas igualmente tendencioso e refinado, e também, como representante da classe a que pertencia, alvo de mais um ataque contundente de Machado.

Essas observações acerca dos dois tipos de narradores machadianos – o onisciente intruso e o em primeira pessoa – visaram apenas a ressaltar o que podemos chamar de sua “pessoalidade” ou “tendenciosidade”, um aspecto que, de maneira muito curiosa, lhes é comum. Como afirmou o próprio James Wood,

... a narração onisciente poucas vezes é tão onisciente quanto parece. Para começar, o estilo do autor em geral tende a fazer a onisciência da terceira pessoa parecer parcial e tendenciosa. O estilo costuma atrair

para o escritor, para o artifício da construção autoral e, portanto, para a marca pessoal do autor (WOOD, 2011, p.19-20).

No caso de Machado, a diferença de ambos os tipos de narradores será a “não-culpabilidade” do narrador onisciente intruso, esquivo à condenação do leitor por sua liberdade de narrar, embora ele seja igualmente tendencioso e nunca deixe de chamar a atenção para a “construção autoral”. Um exemplo da autoconsciência do narrador onisciente intruso típico de Machado o encontramos numa passagem de “D. Benedita”, em que ele afirma de maneira clara sua tendência a “preencher as lacunas e divulgar o escondido”:

De fato, alguns minutos, poucos, depois do meio-dia, D. Benedita disse à filha que fosse estudar piano, porque ela ia acabar a carta. Saiu da sala; Eulália foi à janela, relanceou a vista pelo Campo, e, se lhes disser que com uma pontazinha de tristeza nos olhos, podem crer que é a pura verdade. Não era, todavia, a tristeza dos débeis ou dos indecisos; era a tristeza dos resolutos, a quem dói de antemão um ato pela mortificação que há de trazer os outros, e que, não obstante, juram a si mesmos praticá-lo, e praticam. Convenho que nem todas essas particularidades podiam estar nos olhos de Eulália, mas por isso mesmo é que as histórias são contadas por alguém, que se incumbe de preencher as lacunas e divulgar o escondido. Que era uma tristeza máscula, era; – e que daí a pouco os olhos sorriam de um sinal de esperança, também não é mentira.

Tendo isso em mente, é possível dizer que essa mesma condição de “não-culpabilidade” do narrador onisciente intruso de “O Alienista” – uma voz não reconhecida socialmente como um *tipo*, pois que livre para narrar, por assim dizer, “por trás”, com um ponto de vista “divino”, como disse Sartre, ou mesmo “de fora”, “em frente” – essa mesma condição confere maior eficácia à empresa de contrapor seu olhar relativista e sua expressão ambígua de uma “realidade” às pretensões de objetivismo da “observação e enunciação” científicas. E é nesse aspecto que minha leitura se concentrará na seção seguinte.

A “observação” e “encunicação” do narrador em “O alienista”

A partir de agora, procederei a uma paráfrase crítica de todo o conto “O Alienista”, com o intuito de rastrear estratégias narrativas por meio de que Machado de Assis contrapõe uma visão relativizadora de uma “realidade” por meio de seus enunciados à concepção de “observação” científica – um dos temas principais da obra – vigente à época, e procurando ressaltar a relação de contraste entre ambas as coisas, responsáveis aliás pela tensão irônica da sátira.

Capítulo I

Como um “conto”, o primeiro parágrafo de “O alienista” apresenta a “tensão”, ou seu tema principal, ainda que de maneira oblíqua.

Seu “narrador onisciente intruso” reclama certa credibilidade, de modo sub-reptício, ao se estribar nas “crônicas da vila de Itaguaí”, lançando mão, como críticos afirmaram²⁷, do discurso pseudocientífico, expediente associado à categoria crítica genérica da sátira menipeia. Essas crônicas trazem o registro do protagonista, retratado, na narrativa sumariada do início, como “filho da nobreza”, o maior dos médicos do Brasil, “Portugal e das Espanhas”. Sua formação se deu, prestigiosamente, na Europa.

Próximo ao fim do sumário, que coincide com o primeiro parágrafo, descobrimos o que poderíamos chamar de primeiro “traço de caráter” de Bacamarte, diante de sua decisão de ignorar as palavras de “el-rei”, abdicando de sua honrosa direção da universidade em Coimbra – cidade frequentada pela elite culta brasileira – e da expedição de altos negócios da

monarquia em Lisboa. Essa decisão, criando a expectativa no leitor, é explicada a seguir não nesse mesmo sumário, mas numa *cena*, a qual, por sua natureza dramática, acaba por chamar a atenção sobre si: “A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo”. Ora, como saberemos no decorrer da história, Bacamarte pautará a vida pelos princípios da ciência, ou será por assim dizer a encarnação mesma da ciência. E aquilo a que a cena parece chamar a atenção é a *autonomia* de Bacamarte em face de el-rei. A crítica da ciência destilada no conto começa aqui a centrar fogo na perigosa independência do poder médico quanto ao Estado.

Em um tempo remoto – a distância temporal que garante à sátira a crítica indireta – com 34 anos, Bacamarte volta ao Brasil para exercer a profissão e se casa aos quarenta com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, de 25 anos e “viúva de um juiz de fora”. A escolha de D. Evarista por parte do médico se deve provavelmente não só a sua boa condição social, mas, como diz o narrador – levando a efeito uma enumeração cômica dos sinais da “saúde” – a suas “condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem”, digestão, sono regular, bom pulso, excelente visão, ou seja, condições aptas a lhe dar uma prole sadia e inteligente. Nessa esteira de pensamento, a feiura de D. Evarista é computada comicamente no rol das qualidades positivas, já que, como diz o narrador – sugerindo as convicções de Bacamarte – essa mesma feiura daria a razão de manter o médico ao largo do “risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte”. Considerando a importância do dogma da “observação” científica da época, talvez haja aqui uma ligeira ironia sobre isso.

No nível do estilo, a menção por parte do narrador ao tio de Bacamarte por meio da perífrase “caçador de pacas perante o Eterno” – uma frase decalcada do Gênesis e remetendo a Nenrod, um rei megalômalo – além de ser um expediente atribuído à sátira menipeia e de

²⁷ Como Ivan Teixeira e Sá Rego, por exemplo.

emprestar à narrativa seu tom irônico, pode ser a primeira antecipação da crítica machadiana à instituição igreja que deverá se articular ao longo da narrativa.

Principiando com o relato de um estado de coisas que acaba por desmentir as convicções científicas de Bacamarte aplicadas ao cotidiano (“D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos”), a narrativa suscita aqui o primeiro de uma série de efeitos estéticos da mesma natureza, qual seja, o de uma afirmação que é feita pelo narrador apenas para ser contraditada logo em seguida, aspecto que, como se verá, se liga a seu tema principal. Em todo caso, depois de aludir às expectativas frustradas do médico, a voz narratorial assume um tom sentencioso em “A índole natural da ciência é a longanimidade”, também dando início aqui a uma série de comentários concernentes a dogmas científicos da época, a palavra “ciência” sendo aliás “martelada” na narrativa²⁸ do começo ao fim a modo de *leitmotif*. Assim, ao cabo de uma longa espera e buscando comicamente uma explicação em escritores árabes e em consultas a universidades italianas e alemãs, Bacamarte aconselha à mulher se abstenha da “bela carne de porco de Itaguaí”, e o que está implicada na frase do narrador, “e à sua resistência, – explicável, mas inqualificável, – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes”, é a primazia da ciência quanto a dar a palavra final acerca das causas de anomalias, ainda que ela soe tão abstrusa quanto a relação entre esterilidade e carne de porco. Ainda no presente contexto, a expressão “explicável, mas inqualificável” exprime o ponto de vista implícito de Bacamarte, significando respectivamente “D. Evarista tem um apetite voraz por carne de porco” e “esse fato é lamentável”, pois revela a incapacidade da mulher de pautar sua vida pela ciência.

²⁸ “Mas a ciência tem o infável dom de curar todas as mágoas”; “Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência” e assim por diante. Diga-se que a palavra recorre 19 vezes no texto.

Em seus estudos, Bacamarte se interessa pelos psíquicos, não existentes na colônia, sem nenhuma “autoridade” nela, portanto, uma novidade a se explorar, e, potencialmente, uma atividade capaz de assegurar à

ciência lusitana, e particularmente a brasileira, [...] “louros imarcescíveis”, – expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

Como lembra Teixeira, o exagero retórico da expressão aponta para o decoro verbal requerido sobretudo pelas leitoras integrantes de uma classe social que se pretendesse ilustrada; mas, nessa passagem, seu emprego na “intimidade doméstica”, a par da menção a uma modéstia afetada apenas “exteriormente” (a ciência brasileira se cobrir de louros implica o mesmo quanto a Bacamarte), só faz pôr em relevo o que Alfredo Bosi chamou de

contradição entre parecer e ser, entre a máscara e o desejo, entre o rito claro e público e a corrente escusa da vida interior. E, reconhecido o antagonismo, seu olhar se detém menos em um possível resíduo romântico de diferença que na cinzenta conformidade, na fatal capitulação do sujeito à Aparência dominante (BOSI, 2003, p.23).

Tendo optado no parágrafo seguinte pela “saúde da alma”, segundo o próprio Bacamarte “a ocupação mais digna do médico”, Crispim Soares acrescenta: “Do verdadeiro médico”, que nos remete à querela entre médicos e curandeiros da época. A passagem “A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes” claramente diz respeito às condições precárias da saúde pública durante o processo de normatização proposto pelo poder médico. Temos então uma breve descrição das condições em que os loucos eram mantidos em Itaguaí, descrição essa muito semelhante à que

fizemos da situação no Rio de Janeiro à época da implantação do Hospício D. Pedro II. Em vista desse “ruim costume”, Bacamarte – na esteira da ciência da época desejosa do surgimento dos asilos – acha de construir uma casa para os alienados e propõe o projeto à câmara, mediante um estipêndio. Também a exemplo do estranhamento histórico do povo ante as inovações da política de normatização, a proposta encontra grande resistência em Itaguaí. Mas a frase “A ideia de meter os loucos na mesma casa [...] pareceu em si mesma um sintoma de demência”, no contexto do conto, soa como uma ironia proléptica, e está certa a percepção de Muricy segundo a qual

À primeira vista, a opinião do narrador coincide aí com a do cientista: há nas pessoas uma tendência irracional, contrária às mudanças mesmo quando lhes serão benéficas. Mas, ao introduzir a consideração popular sobre a insensatez que é se juntarem os loucos em uma mesma casa, desmancha a coincidência e leva o leitor a concordar com o senso comum. Os dois pontos de vista – o do bom senso e o da ciência – são apresentados. A narrativa – e a conclusão final do doutor Bacamarte – decidirá a disputa (MURICY, 1988, p.41).

Por outro lado, o bom senso também associa razão e loucura (“Olhe, D. Evarista, [...] Isso de estudar sempre, [...] vira o juízo”). Receosa ao ouvir as palavras do Padre, ela tenta induzir Bacamarte quanto a levá-la ao Rio ao se propor seguir o regime alimentar proposto antes por ele e, por inferência, dar-lhe filhos. Bacamarte não está mais interessado nisso, e, percebendo, como não poderia deixar de ser, a intenção da mulher, parece até mais determinado quanto à criação da casa, ao ponto de conseguir a autorização da câmara, superado o obstáculo de se achar um novo imposto com a tributação pelo uso dos penachos em coches mortuários, já que, como diz a voz irônica do narrador, “tudo estava tributado em Itaguaí”. Isso é dito em sumário; mas a cena a seguir enfatiza uma voz dissonante na câmara, de um vereador, descrente da iniciativa de Bacamarte:

– Os cálculos não são precisos, [...] porque o Dr. Bacamarte não arranja nada. Quem é que viu agora meter todos os doidos dentro da mesma casa?

ao que retorna a voz narratorial, frustrando repentinamente o que fora dito, em mais um movimento de afirmação e refutação na narrativa: “Enganava-se o digno magistrado; o médico arranhou tudo”.

Bacamarte faz construir a casa, e a faz construir na “rua Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo”, assim também como era a nova a ciência de Bacamarte. No frontispício da casa, o médico, “grande arabista” (um qualificativo que aqui soa como um índice da abrangência dos saberes da ciência ou mesmo da posse de um saber “abstruso” no contexto brasileiro) manda gravar a consideração de Alá que torna os loucos “veneráveis”, segundo a qual ele lhes “tira o juízo para que não pequem”, uma ideia que parece ao médico “bonita e profunda”. Na comicidade dessa ideia há uma ponta de “irracionalismo”, independentemente de sua verdade cultural: transposta para o contexto em questão, ela significa “na posse de nosso juízo, esses homens pecariam”. Seu receio porém do vigário, “e por tabela ao bispo” – expressão que remete à hierarquia de poder na Igreja – o faz pespegar a mentira de atribuir, numa atitude um tanto herética, a frase ao belicoso e calculista Benedito VIII. Machado, com esse recurso, ao mesmo tempo que patenteia o poder da igreja – pois Bacamarte, o sumo representante da ciência em Itaguaí, “teme” o vigário e seus superiores –, coloca o padre Lopes na posição de alguém que se deixa enganar facilmente por uma fraude pia, mas no sentido de resguardar apenas a figura de Bacamarte. No embate entre a ciência e a religião, aquela, com seu piedoso artifício, submete a esta.

A Casa Verde é inaugurada com pompa. Com as virtudes alardeadas da elite – “carinho paternal e a caridade cristã” – os parentes podem ver seus doentes. D. Evarista,

vestida luxuosamente, na voz intencional do narrador, aparece como alguém capaz de suscitar a “santa e nobre inveja dos admiradores”, como uma verdadeira “rainha”, palavra que nos faz pensar, por inferência, no poder que detém o marido.

Capítulo II

O capítulo II se inicia com a revelação do "mistério do coração" de Bacamarte, como diz o narrador, por meio de uma "expansão íntima". A revelação de algo que ele prefere ocultar publicamente sob a aparência sóbria e conveniente a um sábio é a de que a "caridade" deve fazer parte de seus procedimentos apenas como o "sal das coisas". Sua interpretação tendenciosa de um "dito de São Paulo aos Coríntios" ("Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada"), remetendo indiretamente à "ciência" por meio dos verbos "conhecer" e "saber", soa como expressão de seu calculismo quanto a resguardar sua iniciativa do "inimigo" – evidentemente, a Igreja – por meio da criação de uma imagem pública e falsa de alguém "caridoso". Como ele mesmo diz, o principal é o estudo aprofundado da loucura, que ele considera um "bom serviço à humanidade", ideia que visa a fazer com que seus interesses pessoais passem por gesto humanitário. Na verdade, o asilo não é obra de "caridade", mas um campo fecundo para suas pesquisas.

"E tinham razão", diz, irônico, o narrador, quanto ao campo fecundo, já que, passados quatro meses, uma "torrente de loucos" aflui à Casa Verde, que precisa ser ampliada para acomodar tantas pessoas. Causa espanto ao padre Lopes em particular o caso de um rapaz conhecido, "bronco e vilão", com gosto pelo jogo de peteca, cuja fala, em episódios de loucura, se assemelha curiosamente a um "discurso acadêmico" de elaboração retórica evidente e citações de grego e latim. Padre Lopes explica o estranho acontecimento se valendo das escrituras e o explicando como a “confusão das línguas na torre de Babel”. Bacamarte

admite a possibilidade de se tratar de uma explicação divina do fenômeno. Mas o circunlóquio da frase com que busca afirmar uma razão "humana" ("mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato...") revela sua prudência diante do padre Lopes.

A partir disso o narrador se ocupa da descrição dos alienados. Há loucos de amor²⁹, em particular, ciumentos, tão comuns na galeria de personagens machadianos; há os que sofrem de mania de grandeza. Curiosamente, em determinado ponto de sua descrição dos doentes, o narrador se abstém de tratar dos casos de monomania religiosa – num gesto de prudência que nos faz lembrar a do próprio protagonista diante do padre Lopes – exceto por um, o de um certo João de Deus, que acaba por se converter em "deus João", num lance de comicidade apontando nas entrelinhas para a soberba humana associada ao sentimento religioso (com seu silêncio, ele impede que o mundo acabe). Além disso, a menção à “monomania” é reflexo do discurso científico absorvido pelo texto, já que o conceito de monomania de Esquirol revolucionara a compreensão das doenças mentais (MURICY, 1988, p.41). De qualquer maneira, não se constitui num objeto da caridade do alienista o fato de o médico lhe dar papéis para a comunicação escrita (diz-se que ele faz isso “menos por caridade do que por interesse científico”). A tendenciosidade do narrador se torna mais evidente em “... na verdade, a paciência do alienista era ainda mais extraordinária do que todas as manias hospedadas na Casa Verde”, frase ambígua na economia de sentidos do conto, por associar a “paciência” requerida pela ciência (“a índole natural da ciência é a longanimidade”) às manias dos que estão na casa pelo denominador comum de ser também “extraordinária”, ou, como é enfatizado por ele, “nada menos que assombrosa”.

²⁹ Essa primeira descrição do comportamento dos que enlouqueceram por amor pode estar associada ao fato histórico de Esquirol, em seu estudo da monomania, ter-se ocupado dos afetos, atribuindo à desordem deles, e não à da inteligência, a origem das doenças mentais. Essa crença talvez explique a presença do rapaz “bronco e vilão” que aparece anteriormente, e que, em sua loucura, é, comicamente, mais

A seguir, o médico, seguindo uma sugestão de Crispim soares, começa a organizar a “administração” da Casa Verde, também na esteira do projeto científico do séc. XIX³⁰, aceitando também o serviço de dois de seus sobrinhos, o que, no nível do enredo, só ressalta o interesse da sugestão do boticário.

A metáfora da Casa Verde como uma “espécie de mundo” – curiosamente remanescente da de Itaguaí como o “universo” de Bacamarte – põe em relevo os *poderes* que vigoram lá, o “temporal” – podendo-se entender como “administrativo”, ou mesmo, metaforicamente, “do Estado” – e o *espiritual*, grafado no texto em itálico e, justamente pela ênfase, se prestando à ambiguidade gerada pelo contexto (trata-se de uma conversa entre Bacamarte e o Padre Lopes) pois que pode dizer respeito ao mesmo tempo à ciência psiquiátrica e à religião. Essa ambiguidade é percebida pelo vigário com uma aversão que suas risadas não deixam transparecer. Isso porque, num soberbo lance de tendenciosidade, o narrador introduz um adjetivo (“pio”) que, por sua posição enfática e pelo uso notadamente irônico – afinal, é fora de cogitação que o vigário considere o comentário como sendo “pio” – deixa transparecer a hostilidade latente entre ambos:

E o padre Lopes ria deste pio trocado, – e acrescentava, – com o único fim de dizer também uma chalaça: – Deixe estar, deixe estar, que hei de mandá-lo denunciar ao papa.

A objeção ao que acabo de dizer poderia advir do fato de o narrador mencionar que estas palavras de Padre Lopes são ditas com “o único fim de dizer também uma chalaça” e que por isso ele não está nervoso nesse momento. Mas o fato é que a palavra “também”, aqui,

“inteligente” do que em sua condição “sã” anterior. Não consigo deixar de sentir nisso uma ponta de ironia quanto à erudição do próprio Bacamarte.

³⁰ “Machado de Assis sempre acompanhou em suas crônicas as discussões sobre as vicissitudes administrativas e os incidentes relacionados ao Pedro II” (MURICY, 1988, p.39).

é igualmente irônica. Ela significa que Bacamarte o diz por chalaça; o leitor, por outro lado, percebendo marcas textuais magnificamente espalhadas por Machado, sabe que ele está falando a verdade, e que o Padre Lopes *também*. Aqui se revela a tendenciosidade irônica do narrador, a intencionalidade do autor.³¹

Depois dessa cena, Bacamarte, a exemplo dos métodos científicos do séc. XIX, procede a uma “vasta classificação dos enfermos”, segundo subdivisões criteriosas, e à análise de seus hábitos, tudo isso apresentado pelo narrador por meio de uma súbita e longa enumeração que, por excessiva, trai sua ironia:

analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor.

Depois desse ponto, o que se vê é uma frase, também ela levando a efeito outra enumeração, que remete historicamente ao dogma da “observação” científica: “E cada dia

³¹ Essa animosidade latente apresenta bases históricas. Durante o Segundo Reinado a Igreja Católica e o Império protagonizaram um embate que ficou conhecido como Questão Religiosa. Houve um conflito protagonizado pela Igreja Católica e o Império, a este embate foi dado o nome de Questão Religiosa. De um lado, estava a Igreja Católica – que enfrentava um período de difícil devido ao avanço da modernidade – e, do outro, o governo imperial – representado pelo ministro Rio Branco, membro da maçonaria, e com tendência ao liberalismo. A Igreja condenava tanto o liberalismo quanto a maçonaria e, na figura dos Dom Vital e Dom Macedo Costa lançou um interdito que punia as irmandades que permitissem aos seus membros frequentar as lojas maçônicas. O Império tenta obrigar os bispos a revogar os seus interditos, mas estes se recusam e são presos. Ao contrário do que o governo acreditava, os bispos estavam colocando em prática os preceitos do ultramontanismo, doutrina que condenava o mundo moderno e seguia o *Syllabus*, documento anexado à *Encíclica Quanta Cura* no qual se encontram oitenta proposições acerca dos erros da humanidade. Apesar de a Constituição de 1824 do Império brasileiro ter admitido a religião católica como a religião oficial do Estado, os membros do clero não se sentiam livres para dirigir a própria Igreja devido à constante interferência do governo nos assuntos clericais. Enquanto a Igreja tentava afirmar seus dogmas ultramontanos, o Estado tentava submetê-la às suas ordens. A Igreja Romana pensava em se renovar e recristianizar o mundo que se achava dominado pelas ideias liberais. Para isso, ela precisava mudar o clero, alcançando, através desse artifício, chegar às camadas populares. Também no Brasil o liberalismo tinha-se propagado e a tendência observada era a exclusão da Igreja quanto ao conhecimento por meio da secularização do ensino por meio dos preceitos do cientificismo. Portanto, a prisão dos bispos no quadro da Questão Religiosa reflete a situação da Igreja no fim do Segundo Reinado. Foi em decorrência desse conflito entre os bispos e o governo que o Estado se laicizou, e este também foi um dos motivos que

notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário”. Acredito que a frase tenha aqui uma outra função além do registro do discurso científico da época, e que remeta, por ironia, ao *motivo condutor* da própria narrativa.

Ora, a frase remete a um *processo contínuo* da observação científica, a suas revelações novas, e o próprio desdobramento do enredo *coincide com uma contínua retificação da observação* de Bacamarte, que o narrador nos dá a conhecer por meio de uma narração muitas vezes parecendo reproduzir em sua estruturação esse movimento de afirmação e negação do olhar. Aliás, essa contínua retificação, um traço do estilo machadiano, parece encontrar aqui uma conveniência tão grande, levar a efeito uma adequação tão extrema entre estilo e tema, que deve dar a razão de Gledson e outros considerarem o conto sua maior invectiva contra o ideal objetivista da ciência.

Esse capítulo se encerra, porém, com a descrição das pesquisas do médico sobre saúde e de sua absorção nelas, passíveis de lhe consumir tanto tempo, que acabam, por assim dizer, isolando-o da consorte em sua própria casa, numa sugestão irônica de sua própria “monomania”.

Capítulo III

O Capítulo III se inicia com a descrição sumariada da “melancolia” de D. Evarista, ou de sua “desordem dos afetos”, que a faz definhando a cada dia, uma contingência, claro, tornada irônica pelo contexto da história. Embora a melancolia seja acentuada, a autoridade do marido é tal, que a mulher se sente impedida de a expressar, só se “atrelando um pouco” certa ocasião, na frase dita indiretamente pelo narrador sobre ela se considerar tão viúva quanto

levaram ao fim da Monarquia e ao advento da República. O ultramontanismo perdurou até 1963, chegando ao fim com o Concílio do Vaticano II.

antes de seu casamento, e na outra, em discurso direto (“Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos...”). O que se segue é uma descrição do narrador da expressão facial de D. Evarista, em particular de seus olhos, o próprio narrador se entregando a certo “arroubo” empático – e também “estilístico”, já que se vale de uma diácope (“Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto, – os olhos, que eram a sua feição mais insinuante”). Considerando a liberdade do narrador onisciente intruso de se confundir com os pensamentos da personagem, num primeiro momento essa frase parece sugerir o que Bacamarte está sentindo enquanto olha a mulher. Mas aqui, de novo, o narrador nos induz a uma impressão só momentânea, visto que invalidada na descrição dos olhos do próprio médico – em contraste com os da mulher –, retratados agora, ironicamente, com termos de acentuado tom poético:

E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superfície da fronte quieta como a água de Botafogo.

A menção a Botafogo é também irônica, remetendo o leitor da época ao bairro do Hospício D. Pedro II, e também há ironia na menção por parte do narrador quanto ao gesto da mulher (de notório constrangimento) ser igual ao do dia em que o marido lhe pediu a mão. Por outro lado, a “intrusão” do ponto de vista pessoal do narrador transparece no fato de ele mencionar o silêncio das “crônicas” quanto a um virtual sentimento de ódio de D. Evarista à ciência, deixando claro que seria “verossímil”, uma palavra usada com ironia, já que o leitor percebe que esse ódio é real. Em todo caso, essa situação, expressa em sumário, termina na fala direta de Bacamarte, um movimento narrativo que, chamando a atenção para a personagem, acaba por ter certo efeito anticlimático, em virtude da sugestão de tensão gerada pela diferença de

atitude do casal e da voz do narrador introduzindo, como uma conjectura sua, a fala do médico numa frase estilisticamente ornada com um belo símile:

Talvez um sorriso lhe descerrou os lábios, por entre os quais filtrou esta palavra macia como o óleo do *Cântico*:

– Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro.

D. Evarista, cujo sonho de conhecer o Rio é comparado jocosamente ao do “hebreu cativo”, se rejubila. Bacamarte lhe toma a mão e sorri, “um sorriso tanto ou quanto filosófico, além de conjugal”, e uma vez mais o narrador interpreta a cena:

em que [o sorriso] parecia traduzir-se este pensamento: – “Não há remédio certo para as dores da alma; esta senhora definha, porque lhe parece que a não amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se”. E porque era homem estudioso tomou nota da observação.

A “observação” reponta de novo na passagem, e o parágrafo seguinte, por meio do estilo machadiano a base de “negaças”, ao se iniciar por uma adversativa, dá a impressão de ser a negação do que acabou de ser dito (“Mas um dardo atravessou o coração de D. Evarista”). Então, ela se “contém” e “se limita” a dizer que não vai sem o marido por medo de viajar só pelas estradas. “Irá com sua tia”, diz-lhe o médico, apenas para nova surpresa, pois, conforme diz o narrador, D. Evarista esperava semelhante reação do marido, cuja sagacidade aqui acaba por ludibriar. Ela dá continuidade a essa pequena “farsa” demonstrando preocupação pelas despesas. Bacamarte lhe mostra os “montes de ouro”, que D. Evarista come com os olhos. Com ironia, o médico repete a frase que ela mesma dissera, “Quem diria que meia dúzia de lunáticos...”, ao que a mulher responde “Deus sabe o que faz”, ecoando por sua vez o título do

capítulo em questão e sendo expressivo da capitulação, tão comum na galeria de personagens machadianos, ao mundo das aparências.

Ela viaja para o Rio, acompanhada por uma comitiva (em meio a esta, a mulher do boticário), depois de despedidas “tristes para todos, menos para o alienista”, “homem de ciência, e só de ciência”, sem nada que o consterne “fora da ciência”, menos preocupado com a partida da mulher do que com divisar algum louco em meio à multidão.

E o capítulo termina com a volta de Bacamarte e Crispim Soares, contrastados respectivamente como o “gênio” e o “vulgo”, o primeiro olhando para o “futuro”, o outro – como está sugerido aqui, de modo mais sensato – para o “presente”, com “todas as suas lágrimas e saudades”.

Capítulo IV

Enquanto D. Evarista usufrui a viagem, Bacamarte permanece imerso nos estudos, sem poder “ver o presente”, os olhos postos “no futuro”.

Ele conversa com as pessoas, a quem, por ser uma autoridade, intimida, como diz o narrador, “virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heróicos”.

Bacamarte manda chamar Crispim Soares, que está inquieto pela ausência da mulher. Seus “monólogos”, traíndo sua agitação interior, são revelados pelo narrador, e neles o boticário se recrimina por sua bajulação ao médico, atribuindo a isso a razão de deixar a mulher, Cesária, acompanhar D. Evarista. Em busca de notícias da mulher, ele vai ter com o alienista, que na verdade o chamara a fim de lhe expor sua ideia de uma “experiência que vai mudar a face da terra”, como ele diz, em uma sugestão de sua megalomania. Trata-se de sua “teoria nova”, conforme anuncia o título do capítulo, segundo a qual

A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.

É evidente que tudo em Bacamarte é “estudado”, já que, como afirma o narrador, ao terminar de dizer as palavras citadas, o médico se cala, “para ruminar o pasmo do boticário”. O médico lhe explica a teoria, recorrendo a exemplos históricos, cauteloso quanto ao “perigo de citar todos os casos de Itaguaí”.

O boticário acha a ideia extravagante, mas, como diz o narrador com ironia, por ter a “modéstia” como o “principal adorno” do espírito – semelhante à falsa ostentação de caridade do alienista – afeta entusiasmo, acrescentando tratar-se de “caso de matraca”, que era como se divulgava alguma notícia na época – ainda que falsa, mas “só devida à absoluta confiança no sistema”.

Voluntarioso como sempre, o alienista prefere “pôr em prática” sua ideia (afinal, sempre haverá tempo para a matraca) em vez de aceitar a ideia do boticário, que capitula como sempre à atitude adulatória. Essa ideia diz respeito a demarcar definitivamente “os limites entre razão e loucura”, a primeira sendo designada como o “perfeito equilíbrio de todas as faculdades”. Essa é a primeira teoria de Bacamarte.

O padre Lopes declara que não compreende a teoria do médico, supondo que ela não mereça, por colossal, nenhum “princípio de execução”. O vigário ainda afirma que, como estão definidas há tempos, “a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas”. Se elas já vão assim delimitadas há séculos, o Padre Lopes, num momento de dúvida, pergunta então ao alienista: “Por que transpor a cerca?”. Ao que o alienista nada responde, esboçando apenas “a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à comisseração”. Num gesto de superioridade e demonstrando entender a dúvida e o medo de Padre Lopes, o alienista, representando a ciência, estende a mão ao vigário, que representa a teologia. Nesse

momento, a ciência faz com que a igreja duvide de suas próprias crenças, o que seria o prenúncio do caos, ou da revolução.

Capítulo V

Este capítulo, intitulado “O Terror” – numa alusão à Revolução Francesa – começa com a internação de Costa na Casa Verde, para a indignação geral. A “insânia” de Costa se deve ao fato de, herdeiro de grande fortuna, dissipá-la, “sem usura”, como diz irônico o narrador, deixando implicado que justamente a ausência dessa paixão é que se constitui numa “anormalidade”.

Assim, ele descreve os gestos caridosos e desinteressados de Costa, “sempre lhano, risonho”, em sua “sublime resignação”. Certa feita, ridicularizado por uns de seus devedores com a alegação de que ele, Costa, suportava determinada pessoa com o objetivo de receber de volta a dívida – a própria bonomia de Costa parece apequenar e até irritar seus devedores –, para dar fé de seu desinteresse, ele perdoa a dívida de um devedor, faz novos empréstimos a outro, e o faz, no fundo, como diz o narrador com ironia, se amalgamando à mente da personagem, por “rejeitar o que não vinham meter-lhe na algibeira”, o que parece uma atitude “sensata”. Ora, mesmo sendo humanitário como a maioria não pode ser, talvez se possa dizer que Costa tem algo em comum com os demais, e isso é o fato de também “roer-lhe” a alma o “conceito de desafeto”. A exemplo de todas as personagens, o olhar alheio lhe pesa, e, sem que escape ao olho “clínico” do narrador, parece que ele também capitula “à Aparência dominante”, como disse Alfredo Bosi.

Os boatos acerca da “loucura” circunstanciam seus “acessos furiosos”, “ou mansos”, e “até engraçados, conforme as versões”, diz o narrador, sublinhando com a palavra “versões” o aludido domínio da Aparência. Uma vez mais, porém, uma “realidade”, por assim dizer,

criada pelas “versões”, revela seu estatuto de “ilusão” quando os habitantes de Itaguaí, movidos por sentimentos de “estima e compaixão” (pelo que recebem a “aprovação” de Bacamarte) afluem à Casa Verde e constataam, com espanto, a fala “com muita clareza” de Costa. Logo depois, uma prima visita o paciente e conversa privativamente com o médico. A prima procura explicar ao alienista a “loucura” em termos de uma praga lançada no passado ao pai de Costa, descrito rápida e comicamente como um homem temperamental, capaz de, quando nervoso, não “tirar o chapéu ao Santíssimo”, que teria negado água a um mendigo. Quando a gentil senhora se refere à imagem do *sino salamão* impressa no braço do mendigo, Bacamarte olha-a com uns olhos “agudos como punhais”. Finda a história, o alienista, como já fizera antes com relação ao padre Lopes, estende-lhe a mão, “como se o fizesse à própria esposa do vice-rei”, e a conduz até à Casa Verde, onde é internada na galeria dos alucinados.

A atitude do médico volta a indignar a população, lançando-lhe na alma o terror, e a ensejar novos boatos, agora até de um “romance” entre o médico e a prima, supostamente iniciado anos antes, uma “versão” igualmente fabricada pela fala popular para se dissipar no desenvolvimento da narração, simulando a alternância de opiniões:

Mas a austeridade do alienista, a vida de estudos que ele levava, pareciam desmentir uma tal hipótese. Histórias! Tudo isso era naturalmente a capa do velhaco. E um dos mais crédulos chegou a murmurar que sabia de outras coisas, não as dizia, por não ter certeza plena, mas sabia, quase que podia jurar.

Crispim soares se torna o foco da atenção, o que para ele equivale, como diz com ironia o narrador, a uma “consagração pública”. Diante do olhar dos outros, a atitude do eleito de Bacamarte parece um reflexo da do médico em sua prudência:

Tudo isso dizia o carão jucundo e o riso discreto do boticário, o riso e o silêncio, porque ele não respondia nada; um, dois, três monossílabos, quando muito, soltos, secos, encapados no fiel sorriso, constante e miúdo, cheio de mistérios científicos, que ele não podia, sem desdouro nem perigo, desvendar a nenhuma pessoa humana.

Sua própria discrição prudente incita a mais especulação (“Há coisa”). Quem especula isso é Mateus, sem dar muita importância à questão, já que está às voltas com “negócios pessoais”, isto é, às voltas com a “casa suntuosa” que ele mandou construir, “mais grandiosa do que a Casa Verde, mais nobre do que a da Câmara” como diz o narrador, ecoando o pensamento de Mateus, que fez fortuna com a fabricação de albardas. Personagem fascinada com a ostentação – como tantas outras de Machado –, ela tem o costume de

postar-se à janela, bem no centro, vistoso, sobre um fundo escuro, trajado de branco, atitude senhoril, e assim ficava duas e três horas até que anoitecia de todo.

A seguir, o narrador se mostra capcioso, pois sabemos, sentimos, que suas palavras são mais do que simples conjectura, o contexto de todo o conto nos impedindo de pensar assim:

Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, posto que ele não a confessasse a nenhuma pessoa, nem ao boticário, nem ao padre Lopes, seus grandes amigos.

Por isso, quando o médico suspeita que o albardeiro “padecesse do amor das pedras”, o boticário o confirma. Crispim Soares sai em sua defesa. Sua explicação da atitude de Mateus já é em si cômica, pois nela está implicada que *todos* aparentemente padecem do “amor das pedras”:

– Há de perdoar-me, mas talvez não saiba que ele de manhã examina a obra, não a admira; de tarde, são os outros que o admiram a ele e à obra. – E contou o uso do albardeiro, todas as tardes, desde cedo até o cair da noite.

Tomado por uma “volúpia científica”, o alienista pede a Crispim que o acompanhe num passeio, para a honra do boticário, que assim pode ser “visto” pelos demais em companhia do sábio. Não se trata, como sabemos a seguir, de um simples passeio, já que Bacamarte intenta “observar” o albardeiro em seus episódios de ostentação, e, desse modo, pode-se dizer que a comicidade da cena advém da ingenuidade do albardeiro, que se crê admirado pelo “primeiro vulto de Itaguaí” quando na verdade está sendo *observado* pelo olhar frio da ciência e prestes a ser internado.

O que acabamos de dizer é narrado num sumário, e a ele se segue a fala direta, anônima, de um “médico sem clínica”, ou seja, um curandeiro, “A Casa Verde é um cárcere privado”. A frase é repetida rapidamente em todos os cantos, ensejando nova onda de boatos acerca das reais intenções do médico, “mil outras explicações, que não explicavam nada, tal era o produto diário da imaginação pública.”

D. Evarista retorna com toda a “comitiva”. Bacamarte, o boticário, Padre Lopes e outros homens públicos vão recebê-la. Comicamente, o narrador se refere aos cronistas e a seu relato da cena, “um dos mais sublimes da história moral dos homens”, já que a dama se lança efusiva aos braços do marido, “frio como um diagnóstico”.

Na verdade, ela é a “esperança de Itaguaí”, visto que se espera dela que contenha o excesso de internações. D. Evarista é acompanhada pelo vigário enquanto prossegue envaidecida sob o olhar da multidão, narrando a ele as delícias de sua viagem. O vigário aproveita uma deixa e lhe conta da internação do albardeiro, para espanto dela, que espera ouvir detalhes dele. Mas a reação do padre é, a exemplo da maioria, prudente. A mulher acha

extraordinário que tantos tenham enlouquecido, mas professa sua crença na sapiência do marino, seu “marido e senhor”. Capitulando de novo às convenções, padre Lopes assente.

Dá-se o jantar de boas-vindas, D. Evarista é o centro das atenções, e, nos comentários do narrador, a ironia está em sua menção aos olhos, como que a sugerir que nela eles são o quanto ela tem de mais “insinuante”:

D. Evarista foi o assunto obrigado dos brindes, discursos, versos de toda a casta, metáforas, amplificações, apólogos. Ela era a esposa do novo Hipócrates, a musa da ciência, anjo, divina, aurora, caridade, vida, consolação; trazia nos olhos duas estrelas, segundo a versão modesta de Crispim Soares, e dois sóis, no conceito de um vereador.

O alienista se entedia diante de tais louvores, mas, consoante a sua prudência quanto a atitudes a tomar em público, torna “invisível” sua impaciência, limitando-se a comentar com a mulher sobre os excessos da retórica. Ela se esforça por dar crédito ao marido, mas, mesmo discriminando as “louvaminhas”, resta muito para lhe “enfunar” o espírito.

O jovem Martim Brito, típico peralvilho, entoa loas a D. Evarista, que parecem “excessivas” no que tange ao decoro a senhoras presentes, que conjecturam sobre as intenções do rapaz. Nesse momento, a ironia na narrativa advém da voz do narrador, “entrando nas personagens” e deixando implícito, num primeiro nível de sentido, que a honestidade de D. Evarista está assegurada por sua “feiúra”: “... D. Evarista não merecia nenhuma desconfiança, tão longe estava de ser atraente ou bonita”, e, num segundo nível, o sentimento de inveja das próprias senhoras. O narrador intruso, porém, registra a vacilação das opiniões, relativizando o que foi dito (“se todos os gostos fossem iguais, o que seria do amarelo?”), para mais uma vez reconsiderar, à vista do sorriso de Bacamarte para o rapaz, já que o alienista vai ter com ele e lhe fala de seu discurso, “cheio de rasgos magníficos”. Interrogado sobre esse discurso

“arrojado” que fizera, o rapaz ainda lhe fala sobre um verso de uma ode que fizera para o Marquês de Pombal, verso este marcado pela retórica vazia (“dragão aspérrimo do Nada [...] garras vingadoras do Todo”³²). O narrador afirma que o rapaz, que “dava para o épico”, “gostava das ideias sublimes e raras, das imagens grandes e nobres”, e é o quanto basta para que Bacamarte o recolha ao asilo, com o seguinte diagnóstico: “Trata-se de um caso de lesão cerebral”. Esta se devendo, segundo o narrador, ao anacronismo literário do rapaz. Aqui, Machado parece estar criticando a poesia rebuscada de sua época.

A mulher do médico se espanta com a internação, explicada pelas duas senhoras presentes ao jantar como “ciúmes” do alienista, que era a princípio a opinião de ambas. Observamos novamente aqui esse movimento de afirmar e negar, visto que essa ordem de ideias é outra vez negada no correr da narrativa, já que é-nos dada a informação de que outras pessoas estimadas também foram internadas. Logo em seguida, o narrador afirma: “O terror acentuou-se”. A população se acautela. E mais essa afirmação: “Positivamente o terror”. Até aqui, as três menções ao “terror”, que fazem ecoar pelo texto o título desse mesmo capítulo, colocam em foco a estratégia narrativa do autor, qual seja a de mostrar a insatisfação popular num crescendo, até chegar ao momento da revolução, que será uma referência à grande Revolução Francesa. Também aqui é possível observar esse movimento de afirmar e negar, mas numa escala bem maior, visto que a manutenção do mesmo *status quo* pré-revolução será uma negação dos objetivos dessa mesma revolução.

Diante da situação cada vez mais tensa, quem podia, fugia de Itaguaí. E uma dessas pessoas, Gil Bernardes – que tinha a “vocação das cortesias” e, segundo nos diz o narrador, há muito na mira do olho clínico do médico – é capturado pouco depois de deixar a cidade. Vozes anônimas, indignadas, se fazem ouvir (“Abaixo a tirania!”), mas de maneira

³² Não consigo deixar de pensar nesses versos como outro exemplo de ironia proléptica, antecipando o próprio destino de Bacamarte, que capitula ao senso comum (“o Todo”) no final, tanto mais porque Machado realiza aqui uma verdadeira “arte da alusividade”, conjugando as

sussurrada. Mais uma vez percebemos um crescendo quando o narrador faz uma nova menção ao terror: “O terror crescia; avizinhava-se a rebelião”. Cogita-se a hipótese de uma petição ao governo para a captura e deportação do médico, e ela é apresentada pelo barbeiro Porfírio. Uma vez mais, o narrador chama a atenção para o que considera (ironicamente, é claro) “uma das laudas mais puras desta sombria história”. A informação que a princípio recebemos do narrador versa sobre os lucros obtidos pelo barbeiro com a aplicação de sanguessugas e sua renúncia a eles em favor do “interesse público”, ou seja, em favor da oposição ao domínio de Bacamarte. A ironia, porém, vem a seguir, quando o narrador nos diz, a propósito de seu grito de protesto, “é preciso derrubar o tirano!”, ter sido “justamente no dia em que Simão Bacamarte fizera recolher à Casa Verde um homem que trazia com ele uma demanda”, o “Coelho”, devida à “obscuridade de um alvará”, já que se tratava de um “excelente caráter”. O que está, pois, omitida aqui é a própria negação do que o narrador diz acerca de uma das “laudas mais puras” da história. Coelho, na verdade, não é bem quisto nem pelos taciturnos que, apressados, fugiam de seu gosto por conversas longas, nem pelo padre Lopes.

No final do capítulo, os versos alusivos a Dante, autor da predileção do padre, são uma paródia feita por ele mesmo a propósito de Coelho (em que ele substitui a palavra “peccator” [pecador] por “seccatore” [maçador]) e que repete toda vez que avista a personagem numa arenga com outro qualquer – o repete com sua prudência habitual, já que não pode ser entendido, suas palavras sendo tomadas comicamente por uma oração em latim.

Capítulo VI

O Capítulo VI, intitulado “A Rebelião”, tem início com o barbeiro e outros amotinados levando uma representação à Câmara, de maneira inútil, já que as palavras dela, reproduzidas

pelo narrador (“a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua”) põem em relevo sua autonomia, apesar de um de seus papéis ser representar a vontade do povo. A rebelião se intensifica. O barbeiro protesta contra o despotismo do médico, sua ganância. O presidente da Câmara o informa da desistência por parte do médico do estipêndio que lhe pagavam para gerir a Casa Verde. Como diz o narrador, “A notícia deste ato tão nobre, tão puro, suspendeu um pouco a alma dos rebeldes”. O barbeiro, depois de pensar, retruca, dizendo-se investido de um mandato público, firme em sua oposição à Casa Verde, para ele “essa Bastilha da razão humana”. A frase impressiona um dos vereadores, Sebastião Freitas, que a considera “tão elegante”, que muda de opinião, a ironia estando, claro, no adjetivo, denunciando não alguma preocupação de ordem humanitária, mas o puro gosto pela retórica – ele é alguém com o “dom da palavra” – capaz de persuadir. A seguir, o mesmo vereador, para a indignação do presidente, lança a dúvida – mesmo com “prudência” – sobre a sanidade do próprio alienista. O presidente lhe pede que não difunda suas ideias, “para não dar corpo e alma à rebelião, que era por ora um turbilhão de átomos dispersos”. Essa imagem causa estranheza no leitor por ser empregada num contexto em que a ciência é a principal personagem; mas a ironia está na informação a seguir, da parte do narrador, de que “Esta figura corrigiu um pouco o efeito da outra” (a da “Bastilha da razão humana”), ressaltando outra vez a mudança no curso dos acontecimentos em virtude de uma mera figura de linguagem. Com isso, Sebastião Freitas se compromete a suspender a ação.

O tumulto dos revoltosos, no entanto, recrudescer. Ironicamente, o nome dado à revolta é o mesmo da alcunha familiar dada ao barbeiro: Canjica. Machado está aqui fazendo referência às inúmeras revoltas populares eclodidas no Brasil nessa época e que levaram a alcunha das personagens que a encabeçaram. Um moleque notifica D. Evarista da rebelião quando ela está provando um “vestido de seda”. Entretida com a prova, ela supõe que a notícia da rebelião não passe de uma “patuscada”, até o momento em que escuta em sua rua

gritos de morte ao marido. Equilibrada nos momentos de perigo, ela vai falar com o médico, absorvido em Averróis. Ele ouve fleumático e lhe diz que se recolha. “Abaixo a Casa Verde!”, escuta, dirigindo-se à varanda e pedindo inutilmente a palavra. A um gesto do barbeiro, a multidão silencia. E as primeiras palavras de Bacamarte acabam por soar irônicas, num contexto em que é “preciso” ter cautela quanto ao que se diz: “Direi pouco, ou até não direi nada, se for preciso. Desejo saber primeiro o que pedis”. Os amotinados respondem que querem a demolição da Casa Verde. A ironia de novo palpita na descrição da expressão facial de Bacamarte, traíndo a um só tempo seu sentimento de superioridade e sua prudência:

O alienista sorriu, mas o sorriso desse grande homem não era coisa visível aos olhos da multidão; era uma contração leve de dois ou três músculos, nada mais.

Assim, o alienista fala aos rebeldes, um discurso que deixa clara sua autonomia, enfatizando por duas vezes sua liberdade de não ter de justificar suas ações:

Não dou razão dos meus atos de alienista [...] Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos: mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes.

Os canjicas ficam “atônitos”, sobretudo depois que o médico lhe dá as costas e se retira lentamente. A atitude desconcerta os rebeldes, ao ponto de se verem vacilantes ante gestos de conclamação do barbeiro. Nesse momento da narrativa, aflora nele a paixão que antes ele tentara ocultar dos demais – sua “ambição do governo”, que chega a incitá-lo até a “se apoderar” da Câmara, paixão acirrada pelo ressentimento quanto às recusas de candidaturas suas à vereança, decorrentes de sua profissão humilde. E isso nos faz lembrar novamente de “uma das laudas mais puras desta sombria história”, sendo mais uma vez negada aqui a

afirmação feita anteriormente. Sua ambição o cega a tal ponto, como nos informa o narrador, que ele ambiciona tomar toda a Itaguaí sob seu poder. Sua arruaça tendo ido tão longe, que a “derrota” significaria “a prisão, ou talvez a força, ou o degredo”. Ele se indigna com a fraqueza moral dos rebeldes, tem impulsos de lhes bradar “Canalhas! Covardes!” e, a exemplo de todos na história, “se contém”, a comicidade advindo da discrepância entre seus sentimentos e seu pronunciamento em público (“Meus amigos, lutemos até o fim!”), o que de novo faz com que a narrativa dê a impressão de afirmar algo apenas para negá-lo. Então, o discurso exortativo que o barbeiro faz tem o condão de incitar de novo os amotinados. O aparecimento de “um corpo de dragões” arrefece de novo o ânimo dos rebeldes, e faz o capítulo se encerrar num movimento suspensivo da narrativa.

Capítulo VII

O capitão dos dragões intima os rebeldes a que se dispersem. O barbeiro lhe responde com hostilidade e veemência. Se sua prudência habitual é deixada de lado aqui, isso é porque, como afirma o narrador, o que se impõe no momento é a “vertigem das grandes crises”, ou mesmo “um excesso de confiança na abstenção das armas por parte dos dragões”. Na frase seguinte, a narrativa, em nova peripécia, faz a confiança se dissipar com a ordem do capitão para a ofensiva da tropa. Uns desertam diante da força dos dragões, outros se enfurecem. A essa altura, o narrador se reporta de novo às “crônicas”, a respeito de sua omissão quanto ao motivo pelo qual um terço dos dragões terem-se bandado para o lado amotinado, em nova reviravolta no enredo; isso faz renascer o ímpeto da revolta, ao mesmo tempo em que abate o ânimo da tropa, aliás, bastante hesitante em dar combate aos próprios camaradas. Na verdade, estes acabam por se incorporar ao exército dos revoltosos, deixando isolados o capitão e alguns poucos que o apoiam. Por fim, ele se rende e entrega a espada ao barbeiro.

De imediato os rebeldes rumam à Câmara, sob a aclamação do povo ao “ilustre Porfírio”, alvo da ironia velada do narrador pelo símile envolvendo sua navalha (“Este ia na frente, empunhando tão destramente a espada, como se ela fosse apenas uma navalha um pouco mais comprida.”).

O símile dá lugar a uma metáfora, conotando glória (“a vitória cingia-lhe a fronte”) e a sensação por assim dizer “mística” que envolve a chegada ao poder (“[...] de um nimbo misterioso”), com uma “dignidade” capaz de se refletir fisicamente, até, ao “lhe enrijar os quadris”. Os vereadores veem a multidão e a tropa e, supondo a vitória desta, votam uma petição para um soldo aos dragões, ironicamente encabeçados por Sebastião Freitas, tornado agora um “vira-casaca”. A narrativa, porém, repete seu movimento de negação do que se disse (“Mas bem depressa a ilusão se desfez”) quando os vereadores escutam os brados furiosos dos rebeldes. Nesse momento, o presidente da câmara “se lembra” de estar a serviço do povo, ao contrário do que fizera no início do capítulo VI, quando defendeu a posição de neutralidade da câmara com relação à ciência. Sebastião “insinua” que saiam pelos fundos e procurem o “juiz de fora”, no que é contraditado.

A Câmara se entrega e é encarcerada. “Amigos” do barbeiro lhe propõem que assuma o governo da vila. Hipocritamente, ele aceita, tentando disfarçar sua cobiça com o “reconhecimento” público dos “espinhos” inerentes ao encargo e acrescenta não poder dispensar o “concurso dos amigos” (que assentem de pronto), uma informação por parte do narrador com conotações de compadrio. A seguir, o povo ratifica o comunicado do barbeiro, denominado agora “Protetor da vila em nome de sua Majestade e do povo”. Ainda a modo de sumário, a narrativa arrola as medidas tomadas pelo novo governo, terminando na proclamação ao povo feita por Porfírio, em que se resumem os acontecimentos relativos a sua ascensão ao poder e em que ele pede a confiança e o apoio do povo, o que é mais um recurso de ironia do narrador, visto que o barbeiro afirma, através da proclamação, que por “*unânime*

consenso da vila, foi-me confiado o mando supremo” (grifo meu), o que sabemos não ser verdade.

O “silêncio”, porém, acerca da Casa Verde desperta suspeitas no povo, sobretudo porque, nesse ínterim, o alienista internara no asilo um “aparentado” do Protetor, não intencionalmente, como frisa o narrador, mas interpretado assim pelo povo, que por isso mesmo acreditou na destruição do asilo.

O dia termina “alegremente”, com a matraca do “arauto” alardeando a proclamação, a adesão popular a Porfírio, sua declaração de feriado naquele dia e com sua tentativa de aliança com o padre Lopes, que, *de modo prudente*, recusa abertamente o seu concurso para a celebração de um *Te Deum*. Para o barbeiro, seria muito conveniente, através dessa celebração, a “conjunção do poder temporal com o poder espiritual”. E aqui sentimos o ressoar da mesma frase utilizada por Bacamarte no Capítulo II em relação à Casa Verde: “A Casa Verde, disse ele ao vigário, é agora uma espécie de mundo, em que há o governo temporal e o governo *espiritual*”; porém, se aqui a frase foi encarada a modo de chalaça, já que o alienista excluía a igreja desse mundo – e o padre Lopes ameaça o alienista de mandá-lo denunciar ao papa por isso – no caso de Porfírio a negativa do padre, mesmo que aberta, é menos peremptória, pois que a Igreja tinha sido convidada a fazer parte do novo governo, apesar de ela não querer se juntar nesse primeiro momento às fileiras dos revoltosos.

À pergunta sobre se o padre não se unirá aos inimigos do novo governo, a resposta dele, como não poderia deixar de ser, também é cautelosa, pelo que tem de evasiva e irônica, já que traz implícita sua própria adesão à causa por meio da admissão de que Porfírio já é o Poder:

Ao que o padre Lopes respondeu, sem responder:

– Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigos?

Porfírio assente, pois todos o aclamavam, tirando “o capitão, os vereadores e os principais da vila”, ou seja, homens de prestígio que, como percebemos, invejam-lhe o poder.

Capítulo VIII

Como afirmado no capítulo anterior, tendo decorrido vinte e quatro horas da revolução o barbeiro Porfírio sai do “palácio do governo” – o nome que foi adotado para a Câmara – se dirige à casa do alienista, ciente de não ser a coisa mais “decorosa” de se fazer quando no governo, mas receoso da recusa do médico em atendê-lo.

Entrementes, o boticário se horroriza com a ideia da prisão de Bacamarte, já que era amigo íntimo do médico. Por isso mesmo, por um lado, tende a permanecer do seu lado – assim também o quer sua esposa, amiga de D. Evarista – por outro, considera a vitória de Porfírio, uma vacilação que por si mesma lhe expõe a fraqueza de caráter. Relembra comicamente a fidelidade de Catão a uma causa perdida. Confuso, finge-se de doente.

Crendo, porém, que o alienista será preso, ele se levanta da cama, diz que está bem e sai. A essa altura, o narrador se reporta de novo aos cronistas, em particular à menção de que “a certeza de que o marido ia colocar-se nobremente ao lado do alienista consolou grandemente a esposa do boticário; e notam [os cronistas], com muita perspicácia, o imenso poder moral de uma ilusão”. Mas trata-se de mais uma “ilusão” estilística, uma “falsa direção”, pois que o que vemos a seguir é o desmentido disso. Na verdade, ele se dirige ao palácio do governo. Lá, “admira-se” da ausência do barbeiro e declara sua adesão, sendo acolhido com “carinho”, já que se trata de um aliado importante.

Capítulo IX

Bacamarte se encontra com o barbeiro e lhe diz que não resistirá, pedindo-lhe apenas que não o obrigue a ver a destruição do asilo. O barbeiro lhe diz que não tem essa intenção e, de maneira inusitada, diz que “o governo reconhece que a questão é puramente científica” – ou seja, reafirma a autonomia da ciência – e insinua que devia haver um “alvitre intermédio” capaz de serenar o “espírito público”. O alienista se espanta com isso, e o barbeiro salienta que o governo, por um lado, não pode ceder à pressão popular, e, por outro, não pode “eliminar a loucura”, tampouco a discriminar e reconhecer, propondo ao médico uma aliança por meio da retirada de enfermos quase curados. Tudo isso é narrado em discurso indireto livre, e ele se interrompe na pergunta de Bacamarte, em discurso direto, a fim de pôr em relevo a pergunta do médico, que só será esclarecida no fim do capítulo (“Quantos mortos e feridos houve ontem no conflito?”). Assim, o barbeiro lhe responde: “Onze mortos e vinte e cinco feridos”. O alienista pondera e lhe diz que dará uma resposta dias depois, e prossegue fazendo mais perguntas sobre o conflito. Porfírio lhe diz que o governo, recém-empossado, não conta ainda com o apoio dos “principais da vila”, e acrescenta, de maneira lisonjeira, que contar com a simpatia do médico lhe seria importante. Bacamarte permanece impassível, como sempre, repetindo para si em pensamento a informação quanto ao número de mortos. Uma vez mais, por meio do discurso indireto livre, a voz do narrador deixa transparecer as cogitações do médico:

Eis aí dois lindos casos de doença cerebral. Os sintomas de duplicidade e descaramento deste barbeiro são positivos. Quanto à toleima dos que o aclamaram não é preciso outra prova além dos onze mortos e vinte e cinco feridos.

A insistência das perguntas de Bacamarte sobre o conflito agora se esclarece – o que ele estava fazendo era apenas *observar* o barbeiro, chegando à conclusão de que a “duplicidade e descaramento” deste, paralelamente à “toleima dos que o aclamaram” são expressões da doença mental, os “Dois lindos casos” do título do capítulo.

O capítulo também se encerra negando a afirmação feita anteriormente no capítulo VII: “[...] e a vila respirou com a esperança de que o alienista dentro de vinte e quatro horas estaria a ferros, e destruído o terrível cárcere”. E o círculo da ironia se fecha quando espiamos pela janela e “ouvimos” juntamente com o alienista as últimas palavras ditas por Porfírio neste capítulo: “... porque eu velo, podeis estar certos disso, eu velo pela execução das vontades do povo. Confiai em mim”. Depois do que é mais uma vez aclamado pelo povo. Dois lindos casos!

Capítulo X

O capítulo, intitulado “A restauração” – um título de novo remetendo a um período histórico – se inicia com a notícia da internação de cerca de “cinquenta aclamadores do novo governo”, para a indignação do povo. João Pina, outro barbeiro, acusa Porfírio de ter-se vendido a Bacamarte, o que lhe granjeia a simpatia da “gente mais resoluta da vila”. Sentindo-se ameaçado, Porfírio expede dois decretos, um abolindo o hospício, outro, desterrando o médico. Pina denuncia o gesto como um “engodo” e a queda de Porfírio dá-se duas horas depois, a comicidade da passagem derivando da velocidade do estilo em que isso é contado em sumário, a par do curso célere do desdobramento do enredo, bem como do fato de Pina se servir dos termos constantes das minutas de proclamação e de outros procedimentos ligados a ela. Aqui, de novo, o narrador alude aos cronistas, embora deixe claro que o relato deles deve ser “subentendido” – provavelmente ou pela escassez de pormenores ou pelo óbvio da

situação – no que concerne à mudança dos “nomes” utilizados anteriormente nessas minutas, e da menção à Câmara “corrupta”. Assim, as próprias crônicas teriam o registro, citado entre aspas, da alteração operada nos antigos documentos (“um intruso eivado das más doutrinas francesas, e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade”).

A seguir, a ordem é restituída por meio da força armada e o alienista exige a internação de Porfírio, mais cerca de cinquenta “mentecaptos”, além de dezenove “sequazes do barbeiro” que convalesciam do primeiro conflito.

A essa altura, o narrador chama a atenção para o “grau máximo” de influência de Bacamarte, o que nos faz pensar, subliminarmente, na “restauração” de seu poder, que agora obtém a aprovação dos vereadores que estiveram encarcerados no que concerne à internação do vereador Sebastião Freitas pela “inconsistência” de suas opiniões. O mesmo se diga quanto a Crispim Soares, aliás, na mira do médico desde que soube de sua adesão aos canjicas. Assim, a explicação que o boticário dá de sua atitude – “um movimento de terror” – é refutada pelo médico com base em que “o terror também é pai da loucura”. O que nos leva a supor que, já que o alienista infundia o terror nas pessoas, como é afirmado no capítulo V (“A notícia desta aleivosia do ilustre Bacamarte lançou o terror à alma da população.”), também ele poderia ser considerado um agente causador da loucura. Interessante notar a imagem que as pessoas tinham da ciência psiquiátrica à época como estando ligada a algo ruim e aterrador. Também não podemos nos esquecer que D. Evarista sentiu um terror petrificante ao pensar que seu marido seria morto pela multidão de revolucionários que se aproximava da sua casa na rua Nova.

O poder concentrado nas mãos de Bacamarte se evidencia com o fato de a Câmara lhe entregar seu presidente – afinal, a ciência tem autonomia para tanto –, em razão de ele ter dito numa sessão que, para se lavar da “afronta dos Canjicas” não se “contentava [...] com menos de trinta almudes de sangue”, uma frase repetida ao médico pelo secretário da Câmara,

“entusiasmado de tamanha energia”, frase que soa ao alienista, como se pode depreender, como um exagero retórico na mesma proporção do sentimento desumano que expressa. Desse ângulo, não só o presidente será internado, mas também o secretário. A ironia quanto à internação do presidente reside no fato de que o alienista faz um diagnóstico (“demência dos touros”) com base em algo que ele ainda nem estudou, e declara isso à câmara, que, mesmo assim, entrega-o nas mãos do médico; afinal, já foi-nos afirmado duas vezes pelo governo (no capítulo VI, “a ciência não podia ser emendada por votação administrativa”, e no capítulo IX, “o governo reconhece que a questão é puramente científica, e não cogita em resolver com posturas as questões científicas”) que eles não podem, não querem e não devem interferir em tais assuntos.

A partir disso, a “coleta” de alienados é “desenfreada”. Ela inclui mentirosos, mesmo que mintam repetindo o que outros dizem (como é um traço de todas as personagens aqui, à exceção do médico), “os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia” etc., esses tipos arrolados pelo narrador num estilo ligeiro, sublinhando a sede de internações do alienista. “Tudo era loucura”, diz o narrador, já que “não havia regra para a completa sanidade mental”, e estas frases soam como o registro das cogitações íntimas de Bacamarte acerca de loucura e normalidade, derivadas de sua observação constante. Em determinado momento, ele alude uma vez mais aos cronistas, em particular sobre sua afirmação de o médico não agir “com lisura” e sobre uma citação que a corrobora, segundo a qual o médico teria conseguido da Câmara uma

postura autorizando o uso de um anel de prata no dedo polegar da mão esquerda, a toda a pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou três onças de sangue godo.

A afirmação dos cronistas diz respeito à possibilidade de Bacamarte ter querido enriquecer um ourives, amigo seu e compadre. Porém, diga-se que o narrador faz uma ressalva entre parênteses (“não sei se pode ser aceita [a citação]”), mas percebemos que é apenas um artifício seu a fim de esconder sua tendenciosidade, já que a especificidade da citação – um anel de prata no dedo polegar da mão esquerda, ou mesmo duas ou três onças de sangue godo – impede de dar crédito a suas palavras. Tanto é assim que, segundo ele mesmo informa, enquanto a postura teve o condão de trazer lucro ao alienista, ela também acabou por ensejar diversas interações na Casa Verde, a comicidade da situação estando na suposição que o leitor possa fazer de que, depois da postura, muitas pessoas, fascinadas talvez com a ideia de ostentarem sangue europeu, passaram a adquirir o anel. Também comicamente, desdobrando essa ironia, o narrador registra uma outra “conjetura”, segundo a qual

a opinião mais verossímil é que eles foram recolhidos por andarem a gesticular, à toa, nas ruas, em casa, na igreja. Ninguém ignora que os doidos gesticulam muito.

Se considerarmos a possibilidade da “ vaidade ” das pessoas ostentando sangue europeu, num país que fora colônia de um reino europeu, poderemos supor também que gesticulam muito para que os outros possam vê-los com os anéis. Note-se também que o narrador não diz de quem é essa opinião “ mais verossímil ” quanto à “ *razão* determinativa da captura ”, já que o alienista não dava *razão* de seus atos. E, como o narrador está no campo das conjeturas, ele termina por, em mais um lance de “ intromissão ” na narrativa, também “ fazer um diagnóstico ” e afirmar um traço característico dos loucos: “ Ninguém ignora que os doidos gesticulam muito ”.

Os principais da vila se mostram descontentes com o que lhes parece os desmandos de Bacamarte, que chega a internar a própria mulher no hospício. Sabendo disso, o padre Lopes

vai ter com ele, e o interroga “discretamente”, como de costume. O médico lhe explica que a vida pregressa da mulher, modesta, não logrou “conciliar-se com o furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou, logo que voltou do Rio de Janeiro”, conforme sua observação, e narra ao vigário situações em que esse furor se tornou perceptível, em particular, o dilema incontornável de d. Evarista quanto à escolha do colar mais apropriado. Diga-se que nesse contexto, como em vários outros, a ironia advém da sugestão de um confronto entre o anseio vaidoso de ser observado e o anseio, também vaidoso, da observação do alienista.

Padre Lopes não se satisfaz com a resposta – talvez porque as atitudes de D. Evarista pareçam bem comuns, podemos supor –, mas, conforme sua prudência, em nada objeta. Bacamarte lhe diz que a mulher sofre de “mania sumptuária” (na verdade, muitos nessa história sofrem) e que pretende curá-la em pouco tempo. Em todo caso, essa internação parece aos olhos de outros isentá-lo de quaisquer interesses “alheios à ciência”, e fazer dele um “Hipócrates forrado de Catão”.

Capítulo XI

Este capítulo, intitulado “O assombro de Itaguaí”, se inicia com o comentário do narrador para que o leitor “se prepare” para o “mesmo assombro” que tomou conta da vila ao saber da liberação de todos os loucos da Casa Verde. De fato, trata-se de uma total reviravolta no enredo, e seu centro está nos termos do ofício expedido pelo alienista à Câmara. Ele apresenta seis declarações, que são: 1) quatro quintos da população da vila estavam internados; 2) sua observação desse contingente o faz reformular sua teoria da loucura, que “excluía do domínio da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades” não fosse perfeito; 3) agora o alienista crê que se deve admitir como normal o desequilíbrio das

faculdades; e 4) ele declara à Câmara a liberação dos reclusos e a internação das pessoas “nas condições agora expostas”; 5) que o médico não poupará esforços para a descoberta de verdades científicas e que espera isso da Câmara; 6) que ele restituía a soma do estipêndio recebido, com seus gastos descontados.

Os moradores se espantam, os parentes se rejubilam. No último parágrafo, o narrador adverte que, em meio ao regozijo, não se pensou no final da quarta declaração – o que faz com que o capítulo se encerre de novo num movimento suspensivo que se manteve mesmo quando da passagem do conto para o formato de livro.

Capítulo XII

Em Itaguaí, tudo parece “reposto nos antigos eixos”. A Câmara volta às atividades, com o presidente e Sebastião Freitas reassumindo seus cargos. Porfírio está mudado, prefere “a glória obscura da navalha e da tesoura às calamidades brilhantes do poder”, perdoado que foi pela população e por Sua Majestade. João Pina também, já que ele foi o responsável pela derrota de um rebelde. Os cronistas, como diz com ironia o narrador, identificam em sua absolvição a origem do adágio “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”.

A imagem pública de Bacamarte alcança seu prestígio máximo, e mesmo os antigos reclusos lhe manifestam apreço e lhe dão o primeiro de vários bailes e jantares. As crônicas, segundo o narrador, registram a intenção de D. Evarista de se separar, só não tendo feito isso pela “dor de perder a companhia de tão grande homem”, frase que soa irônica no contexto, já que, conhecido o fascínio da mulher pela ostentação, pode-se supor que sua decisão se deva à vaidade de estar em “companhia de tão grande homem”.

O médico e o boticário se reconciliam. Costa, Coelho e Martim Brito retomam seus “hábitos anteriores”, o último chegando até a fazer outro discurso, agora para Bacamarte, que

“ainda” não se arrepende de “de o haver restituído à liberdade”, uma frase ambígua, que se pode interpretar como ou o médico não se arrepende porque nota em Brito uma “incoerência” denotadora de doença mental – e portanto conforme ao que é agora seu padrão de normalidade – ou mesmo porque agora o discurso laudatório lhe é endereçado, o uso do advérbio indicando que ele não está livre dos olhos atentos e perscrutadores do alienista.

Certa mudança de tom se prefigura na adversativa “Entretanto” que introduz o parágrafo a seguir (“Entretanto, a câmara [...] tratou enfim de legislar sobre ele [o parágrafo 4]”). No parágrafo em questão, sabemos que se adotou “sem debate” uma postura que autoriza o alienista a internar pessoas com o “perfeito equilíbrio das faculdades mentais”, acrescida de uma cláusula que prescreve o vigor de um ano, em caráter experimental, a fim de se aquilatar a eficácia da nova teoria psicológica, podendo a câmara, caso fosse assim aconselhada, fechar a Casa Verde a qualquer momento por motivo de ordem pública. Freitas propõe que os vereadores sejam isentos da internação, num movimento do enredo também irônico, pois que se pode inferir que sua proposta é motivada pela consciência de que o próprio Freitas já havia sido internado e, portanto, não corria nenhum risco, ou, o que é mais provável, pelo fato de Freitas, intimamente, julgar-se alguém com o “perfeito equilíbrio”. Essa última hipótese se aplica aos demais membros da Câmara, já que ela é aceita, a única voz dissonante sendo a do vereador Galvão. Este afirma que a Câmara, ao legislar sobre uma experiência científica, não pode excluir seus membros das consequências da lei. Seu argumento, justo, é protestos e este é acusado de “insensatez”; porém, ele se mantém firme em sua convicção: “A vereança [...] não nos dá nenhum poder especial nem nos elimina do espírito humano”. A essa altura, a frase causa estranheza, e acredito que, tendo em vista que “O Alienista” é uma sátira à ciência e, em particular, à autonomia da ciência quanto ao Estado, ela possa ser interpretada aqui como a expressão mais acabada no conto dessa crítica, tanto mais por ser enfatizada pelo discurso direto.

Em todo o caso, a proposta do vereador Galvão não é aceita e Bacamarte acolhe a postura com todas as restrições, declarando apenas que lamentaria se tivesse de internar um dos vereadores; mas, em outra ironia do narrador, o alienista assegura que a cláusula da isenção dos vereadores já é uma “prova” de que eles não padecem do “perfeito equilíbrio”. A ironia do enredo se desdobra, claro, no fato de o narrador, agora em “terceira pessoa íntima”, reproduzir o ponto de vista de Bacamarte e informar que Galvão, pela “moderação na resposta dada às invectivas”, revela um “cérebro bem organizado”. Bacamarte solicita à câmara a internação de Galvão, no que é aceito.

A seguir, o narrador se volta à “teoria nova”, afirmando que ela requer “longo exame”. Por isso, o padre Lopes só foi “capturado” passados trinta dias da postura, e a mulher do boticário, quarenta, para ódio de Crispim Soares, que ameaça agredir Bacamarte. Um desafeto deste escuta a ameaça, e, ignorando suas diferenças com o médico, vai-lhe dizer. Bacamarte lhe agradece, mas vê nisso um sintoma do “perfeito equilíbrio”, e o manda internar, afirmando, com ironia não-intencional, que o caso é “raro”. Com relação a essa personagem, novamente observamos a negação de algo que havia sido dito anteriormente. Depois de afirmar que, de acordo com essa nova teoria, era necessário um longo exame para que se chegasse ao diagnóstico de loucura, o narrador nos informa que “poucos minutos lhe [ao alienista] bastaram para conhecer a retidão dos seus sentimentos, a boa-fé, o respeito humano, a generosidade”, o perfeito equilíbrio das faculdades. Mais à frente, esse movimento de afirmação e negação torna ao seu curso normal, quando o médico passa a observar minuciosamente os candidatos a serem capturados para a Casa Verde.

Crispim se encontra com o alienista, mas então sua raiva havia cedido lugar à “dor”. Bacamarte o consola, dizendo não tratar-se de “caso perdido”. Propõe ao amigo que jante e pernoite na Casa Verde. Assim, o alienista pretende “a astúcia e velhacaria” do boticário curem a mulher de sua retidão moral. Crispim se inclina a ver a mulher, mas teme a reclusão.

É livrado do dilema por D. Evarista, que se compromete a ver a amiga e lhe dar recados do esposo. O “egoísmo” de Crispim, aos olhos de Bacamarte, é tido como “sublime”.

Em cinco meses, o hospício só conta cerca de dezoito pessoas. A “desproporção” servindo como prova para sua nova teoria. O médico chegou a recolher o juiz de fora, mas só o fez depois de muito “escrúpulo”. No caso a seguir, ironicamente o alienista comete o mesmo erro de avaliação que cometera com relação à própria mulher. Ele manda prender um advogado por ter reconhecido nele um excelente “conjunto de qualidades morais e mentais”. Porém, um agente de Bacamarte desconfia de seu diagnóstico e se oferece para provar que o caráter do advogado é bem outro. Este cai na armadilha preparada pelo agente e se livra de ser recolhido à Casa Verde. O que não acontece ao agente, pois, ao notar nestes sinais de “zelo, a sagacidade, a paciência, a moderação”, Bacamarte o manda internar, ainda que em um dos “melhores cubículos”. A ironia aqui residindo no fato de um agente ter feito um melhor diagnóstico do que o grande e sábio médico.

Na Casa Verde, os alienados se acham alojados por “classes” – “modestos”, “tolerantes”, “verídicos” etc. Familiares destes tentaram obrigar a Câmara a cassar a licença dada ao alienista, mas ela não o faz, a fim de que o vereador Galvão continue internado. Bacamarte os felicita pela sua “vingança pessoal”, agora, salutar, segundo sua nova teoria.

Alguns principais da vila recorrem a Porfírio, oferecendo-lhe apoio caso ele se coloque novamente à testa de uma revolta. O barbeiro se nega, arrazoando com extrema lucidez. Por isso mesmo, o médico faz com que ele seja internado. O poder de Bacamarte nesse momento é tal, que somos informados pelo narrador que o alienista fica sabendo da história de Porfírio através de um “agente secreto”.

O prazo de um ano chega ao fim e a Câmara autoriza um prazo suplementar de seis meses. Então, o narrador se refere ao “desfecho deste episódio da crônica itaguaiense”, para ele “inesperado” a ponto de merecer “dez capítulos de exposição”. Essa expansão do narrador

mostra que haveria muito mais a ser dito sobre a história, deixando o leitor em suspense quanto ao número de capítulos que ainda faltariam para a conclusão do conto, que foi primeiramente publicado a modo de folhetim. Mas esse efeito é logo em seguida anulado, pois o narrador, de maneira voluntariosa, afirma: “contento-me com um”. Mas um último capítulo que irá além. Mais uma vez podendo ser observado aí o jogo de afirmação e negação presente em todo o conto. E esse jogo de manipulação que o narrador faz com o leitor ainda prossegue na sua tentativa de direcionar o olhar do leitor ao afirmar que este último capítulo será “um dos mais belos exemplos de convicção científica e abnegação humana”.

Capítulo XIII

O capítulo final, intitulado “Plus Ultra”, introduz de imediato a questão da “terapêutica”, que não foi mencionada em nenhum momento da teoria antiga do alienista. O narrador alude à diligência do alienista quanto a isso (e fazendo ressoar aqui a última frase do capítulo anterior) e aos cronistas, unânimes quanto a suas “curas pasmosas”.

No segundo parágrafo, a frase “era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico” me parece um exemplo de “terceira pessoa íntima”: em mais um desdobramento de sua teoria da normalidade e da loucura, a “observação” de Bacamarte passa a recair continuamente sobre si, sobre seu próprio “sistema”. Por isso, “mais racional”, aqui, mesmo que ainda de maneira um tanto velada pela voz narrativa, me parece soar negativamente.

O narrador passa em retrospectiva a terapêutica do médico, consistindo em “atacar” a “qualidade predominante” da loucura, e seu primeiro exemplo será o de um louco que apresenta a “modéstia” como sendo essa qualidade. Ironia proléptica: no final do conto, será esse o primeiro sintoma de um “perfeito equilíbrio” que o médico perceberá em si. Mas, no presente contexto, diga-se que seu método consiste em incutir no paciente em questão o

“sentimento oposto” dando-lhe “casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala uma”, ou mesmo objetos caros, a depender das idiossincrasias do paciente ou do estágio de sua anomalia. Como um exemplo de seu método, o narrador cita o caso de um poeta modesto, “curado” quando se lhe “correr a matraca”, apregoando que seria capaz de rivalizar com Garção e Píndaro.

Repassando suas curas, o narrador menciona outro modesto, embora iletrado, que é curado depois de o médico lhe conseguir, por meio de um primo do paciente, o “lugar de secretário da Academia dos Encobertos”, de “nomeação régia”, com direito a tratamento de “Excelência”. Na verdade, o médico consegue isso alegando tratar-se de uma simples simulação com objetivos terapêuticos. Ora, isso é outra ironia do narrador, pois o que está implicado aqui é que a Academia admite membros que “mal sabem assinar o nome” e o fazem obviamente por compadrio.

Ao cabo de cinco meses e meio, o hospício está vazio. O narrador explica a cura do vereador Galvão em decorrência da “felicidade de perder um tio”. Ao lermos isso, a frase causa estranheza. Consciente do peso do que disse, o próprio narrador se explica:

digo felicidade, porque o tio deixou um testamento ambíguo, e ele obteve uma boa interpretação, corrompendo os juízes, e embaçando os outros herdeiros.

Atribuindo essa “cura” ao poder de regeneração do próprio corpo (“*vis medicatrix*”), o alienista reconhece que não teve mérito algum, e nisso palpita a percepção de sua própria “modéstia”, embora o narrador não o afirme. Mas, com relação a esse episódio, o narrador se refere a outras duas qualidades do narrador, a “sinceridade” e a “ingenuidade”, ao fazer a afirmação citada acima. Começa-se assim a pôr em relevo as qualidades morais do alienista.

É verdade que o médico contribuiu para a cura do padre Lopes e da mulher de Crispim. Ao primeiro, que “ignorava perfeitamente o hebraico e o grego”, incumbiu de uma análise da bíblia dos Setenta, que foi concluída ao cabo de sessenta dias. À segunda, informou a verdade sobre o comportamento evasivo do marido, o que lhe causa ódio e a restitui à “normalidade”.

A seguir, a ironia das frases

Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem.

está em que o médico *deveria ficar radiante* com o esvaziamento da Casa Verde. Mas sua divisa é “Plus ultra”, ecoando o título do capítulo:

Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. *Plus ultra!* Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria.

O *Plus Ultra!* da busca científica, eterna. Meditando em sua sala, o olhar do narrador se confundindo com o olhar do médico sobre si mesmo, só era possível perceber “luxo naquilo que era de origem científica”. Nesse trecho o narrador faz ressaltar alguns aspectos da aparência do médico que só o engrandecem: o corpo majestoso e austero, a nobre calva. Também chama a atenção para outras qualidades morais do alienista: a “moderação”, “a singeleza”. Com esse recurso, vai enaltecendo Bacamarte até transformar aquele vulto num “sábio”.

“Metido em si mesmo” de um lado a outro da sala, é assim que se reconhece – alheio a tudo o que não se relacione com o “problema da patologia cerebral”, e na frase ironicamente palpita a sugestão de sua *monomania*.

Nesse momento, o médico cogita de não ter havido cura, mas tão-só a “descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro”, ou seja, sua descoberta da normalidade. O alienista conclui que não pode ter a “pretensão” (outra manifestação de sua modéstia) de ter incutido nos pacientes uma “faculdade nova”, crendo agora que ela existia neles em “estado latente”. A esse pensamento, ele tem sentimentos ambivalentes de “gozo” e “abatimento”. O primeiro por se ver agora em condições de afirmar que não há loucos em Itaguaí; o segundo, pela ideia da “dúvida”:

Pois quê! Itaguaí não possuiria um único cérebro concertado? Esta conclusão tão absoluta, não seria por isso mesmo errônea, e não vinha, portanto, destruir o largo e majestoso edifício da nova doutrina psicológica?

O narrador faz aqui uma comparação entre a imponente construção da Casa Verde – que ficava na rua Nova, “a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo” – com a sua “nova doutrina psicológica”, um edifício “largo e majestoso”, do mesmo modo que era majestosa a figura de Bacamarte no capítulo anterior. Assim como a Casa Verde esteve próxima da destruição por mais de uma vez, o edifício metafísico da nova doutrina também corria esse risco devido à dúvida do alienista. Da mesma maneira que foram encontradas soluções que evitassem a destruição física da Casa Verde, era necessário que o médico buscasse uma saída para que a “nova doutrina psicológica” não viesse a ruir, desaparecer. Passados vinte minutos, o narrador afirma: “Isso é isto” e diz que o alienista descobrira em si mesmo “o perfeito equilíbrio mental e moral”: “pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a

perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto” – era necessário achar um louco para que a nova doutrina psicológica continuasse a existir. Isso é isto. Porém, o alienista hesita e recorre à *opinião pública*, ao conselho dos amigos, que lhe confirmam ser ele alguém sem “defeitos”. E quem confirma o diagnóstico do médico sobre si mesmo é o Padre Lopes, quando diz:

Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: – a modéstia.

O alienista se recolhe à Casa Verde. Aos que insistem para que ele não fique ali, o médico afirma:

– A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.

Lá se entrega ao estudo e cura de si mesmo. Morre depois de 17 meses, “no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada”, e podemos entender *não alcançar nada* como “não tendo conseguido conhecer nada”. Ao final, o narrador afirma:

Alguns [cronistas] chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade.

Até aqui, no narrador se utilizou das crônicas de Itaguaí como um instrumento que agregasse confiabilidade a sua narrativa, mesmo tratando-se de um texto jornalístico marcado

pela personalidade e de tema livre. Também devemos atentar para o fato de essas crônicas se referirem a uma narrativa concernente a um período anterior daquela vila, um tempo remoto, quando Itaguaí não dispunha de imprensa e tinha apenas “dois modos de divulgar uma notícia: ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da câmara e da matriz; – ou por meio de matraca”. Portanto, é possível supor que essas crônicas teriam-se baseado em relatos orais de histórias acontecidas numa outra época. Ao final de sua narração, porém, somos levados – por esse mesmo narrador – a desconfiar de sua narrativa, pois ele afirma que alguns cronistas nos quais ele se baseou escreveram suas crônicas fundamentados num boato. Porém, à sua afirmação de que o era o “boato duvidoso”, já que havia sido atribuído ao padre Lopes, segue-se uma conclusão que se inicia com um “Seja como for” e se encerra em poucas palavras, demonstrando o descaso do narrador quanto a nos convencer da veracidade das informações utilizadas. Com isso, temos a impressão de ter estado ouvindo a matraca itaguaiense o tempo todo em que estivemos lendo o conto, pois, se as crônicas nas quais o narrador baseia sua história não são confiáveis, então a narrativa também passa a ser não confiável, e o narrador está tão certo de seu sistema, que não se importa em dar mais provas sobre aquilo que está afirmando.

Plus Ultra

“O alienista” é uma narrativa que apresenta como “fator de arte” – para usar a expressão de Antônio Candido – a constituição da medicina clínica em nosso país, seu discurso e suas consequências sociopolíticas. Machado de Assis, bem informado como todo realista, das etapas dessa constituição do poder médico, explora ironicamente a constatação de Esquirol em seu exame do delírio, conducente ao estudo das paixões, até as “mais imperceptíveis”, segundo a qual a loucura não envolve uma desordem do intelecto, mas dos

afetos: a loucura é um fenômeno moral. Com o olhar atento de Machado de Assis, a narrativa descreve a constituição da instituição médica como um *poder autônomo*³³ quanto ao Estado, com todos os seus interesses ditados pelas *paixões*, e, portanto, obra da loucura, ou da “doença” moral. Esse aspecto lhe constitui a base do entrecho, e estava certo José Guilherme Merquior, que, num comentário sobre o conto, sugere de maneira pioneira que seu objeto central é a “imoralidade do universo humano”.³⁴ A propósito disso, diz Alfredo Bosi:

Da ilustração europeia Machado extraiu menos a crença no progresso da razão do que a suspeita bem voltairiana de que os homens de todas as épocas foram vítimas complacentes das suas ilusões e de toda sorte de paixões cristalizadas em um conceito que é, ao mesmo tempo, natural e social: o *interesse*. “Se o universo físico está submetido às leis do movimento, o universo moral está submetido às *leis do interesse*. O interesse é, na Terra, o mago poderoso que muda aos olhos de todas as criaturas a forma de todos os objetos” (BOSI, 2003, p.28-29).³⁵

Em “O Alienista”, o interesse é o “mago” mudando aos “olhos de todas as criaturas a forma de todos os objetos”: Itaguaí é o “universo” dos interesses de Bacamarte.

Na crítica machadiana, há divergência de opinião sobre o fato de “O Alienista” ser um conto ou uma novela. Sem pretender atribuir a ela um peso indevido – categorias podem ser limitadoras e não explicam o valor literário das obras –, acredito que a obra se trata de um

³³ Para uma leitura que considerara “O Alienista” como um instrumento de sátira ao caráter autoritário da ciência do séc. XIX, mais especificamente o Positivismo, ver “Linguagem e loucura em ‘O alienista’”, de Antônio Carlos Secchin, em *Poesia e desordem* (1996, p.186-192). No que concerne a leituras que se ocuparam do tema da constituição do poder e da autoridade no conto, ver o ensaio “‘O alienista’: o palimpsesto de Itaguaí”, de Luiz Costa Lima, em *Pensando os trópicos* (1991, p.253-265), e o citado *O altar e o trono*, de Ivan Teixeira.

³⁴ Merquior, José Guilherme, *De Anchieta a Euclides: Breve história da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977, p.162-165, vol. I.

³⁵ Esta última frase é uma citação de *De l'esprit*, de Helvétius, autor aliás aludido nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Cf. BOSI, ALFREDO, *Machado de Assis, o enigma do olhar*. São Paulo: editora Ática, 2003, p.28-29.

conto. Menos pelo fato de o próprio Machado assim considerá-lo³⁶, e mais por acreditar que tal dúvida se dá pela dificuldade em distinguir, a par da unidade de tempo e espaço que a obra conserva, o que lhe confere uma *unidade de ação*. De meu ponto de vista, esta para mim diz respeito ao que me parece seu motivo condutor, ou até princípio estrutural – a ideia de *observação*, tão cara ao discurso científico da época. É possível que a extensão do conto tenha levado à suposição de tratar-se de uma novela. Mas sua frequente enumeração e narração de situações que podem dar a impressão de negar momentaneamente a objetividade do gênero conto a meu ver dizem respeito àquilo que Franco Moretti chamou de “enchimentos”, que são passagens digressivas e não-conclusivas, de registro analítico, muito constantes na ficção e, segundo Moretti, indicadores da necessidade simbólica da sociedade burguesa de ver seus hábitos retratados numa “narrativa séria”, a grande diferença entre Machado e os escritores aludidos por Moretti sendo a “impessoalidade” de seus narradores. Na verdade, o narrador machadiano em “O Alienista” se esforça em *passar por sério*, disfarçando sua ironia, como é típico em Machado. Nesse sentido, se certas descrições de loucos e situações dão a impressão de não contribuir muito com o desdobramento do enredo, isso é porque seu movimento dialético, parecendo se dar por meio de tese, antítese e síntese, dá a impressão de reproduzir a própria mecânica da *observação científica*, em seu avanço por meio de tentativa e erro, ideia que contrasta à perfeição com o estilo pejado de negações de Machado de Assis, em que algo

³⁶ Em sua “Advertência” a *Papéis Avulsos*, Machado afirma: “Quanto ao gênero deles, não sei que diga que não seja inútil. O livro está nas mãos do leitor. Direi somente que se há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que o não são, defendendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendendo-me com S. João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalíptica, acrescentava (XVII, 9): “E aqui há sentido, que tem sabedoria”. Menos a sabedoria, cubro-me com aquela palavra. Quanto a Diderot, ninguém ignora que ele não só escrevia contos, e alguns deliciosos, mas até aconselhava a um amigo que os escrevesse também. E eis a razão do enciclopedista: é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoa-se, e o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso. Deste modo, venha donde vier o reproche, espero que daí mesmo virá a absolvição” (ASSIS, 2011, p.37).

parece afirmado apenas para ser negado a seguir: a eterna busca (*skepsis*) do olhar céptico em contraste com a eterna busca da ciência. Desse ângulo, as ideias relativas à “observação” de Bacamarte se constituem nos eixos sobre os quais se articula o enredo de “O Alienista”, ou mesmo coincide com aquilo que o mesmo Moretti chamava de “bifurcações” – as situações dramáticas que propiciam a progressão da narrativa. Assim, na economia de sentidos do conto, o *Plus ultra* acaba por soar como voz ambiciosa, levando à “culminância” de algo, da própria narrativa – um sentido consignado pelo dicionário de Antônio de Moraes Silva³⁷, dicionarista tantas vezes citado por Machado.³⁸

Acredito que grande parte da “tensão” que vigora do começo ao fim do conto advenha do contraste da fala vincadamente subjetiva do narrador em contraste com a ideia de objetividade científica repisada no texto. Esse contraste, aliás, constitui a marca da modernidade do texto machadiano. Como o tempo haveria de mostrar, o narrador onisciente intruso, muito comum no séc. XVIII e no começo do séc. XIX, sairia de moda a partir da metade desse século, dando lugar ao predomínio da “impessoalidade” naturalista ou ao aprimoramento do discurso indireto livre levado a efeito por Flaubert, mas, a partir de meados do séc. XX, voltaria à carga com mais frequência do que se imagina. Como disse James Wood, estamos presos “à narração em primeira e terceira pessoas”:

³⁷ Segundo a definição de Moraes, “o ponto mais elevado, a que se pode subir, ou encarecer alguma coisa”.

³⁸ Nesse sentido, discordo do comentário feito por Sérgio Paulo Rouanet em seu ensaio “Machado de Assis e o mundo às avessas”, em que o crítico afirma, a propósito de uma comparação entre “O Alienista” e “O conto alexandrino”: “é interessante observar que esse *Plus ultra*, nos dois casos [de “O alienista” e de Conto alexandrino] é o título do último capítulo, como se para o narrador e para o leitor houvesse um *non* elíptico, que transformasse a divisa num *non plus ultra*, não uma incitação a prosseguir viagem, mas um interdito, uma proibição de pensar adiante, de escrever adiante, de levar a lógica do horror às últimas consequências”. Em minha leitura, a alteração intencional da expressão latida remete à observação vertiginosa da ciência, que acaba por recair sobre si mesma, como seu derradeiro objeto de conhecimento, a fim de se reconhecer como artificial.

As pessoas supõem que a onisciência do autor não existe mais... Uma vez, W. G. Sebald me disse: “Para mim, a literatura que não admite a incerteza do narrador é uma forma de impostura muito, muito difícil de tolerar. Acho meio inaceitável qualquer forma de escrita em que o narrador se estabelece como operário, diretor, juiz e testamenteiro. Não aguento esse tipo de livro”. E mais: “Se você fala em Jane Austen, você está falando de um mundo que tinha códigos de conduta aceitos por todo o mundo. Como você tem aí um mundo de regras claras, onde a pessoa sabe onde começa a transgressão, então eu acho legítimo, nesse contexto, ser um narrador que conhece as regras e que sabe as respostas para certas perguntas. Mas acho que o curso da história nos fez perder essas certezas, e precisamos reconhecer nossa ignorância e limitação nesses assuntos para então tentar escrever de acordo com isso” (WOOD, 2012, p.17-18).

De maneira curiosa, e um tanto anacrônica, o narrador machadiano suscita *intencionalmente* a impressão de “ignorância e limitação” nos assuntos de que trata, numa sugestão do caráter inapreensível de seu objeto. A julgarmos pelas mudanças ocorridas posteriormente, em particular no domínio da ciência, da filosofia e da literatura, esse traço na obra de Machado parece de fato um prenúncio espantoso dessas mudanças, tratadas pela literatura ao longo do séc. XX, aspecto que só pode ser explicado pelo “espírito do tempo”. Por isso, a partir de agora, gostaria de explicar sucintamente a questão, consciente de que ela exigiria esforços críticos muito maiores do que o permitido por minha proposta, e do perigo de lidar com as generalizações que se seguem. Mas elas hão de bastar para lançar luzes sobre semelhanças dos traços aludidos da poética machadiana com outras poéticas de um sem-número de autores internacionais.

Apenas na segunda década do séc. XX, implicações relativistas começam a ser apreendidas de verdadeiros fundamentos culturais, capazes de desestabilizar as premissas. Refiro-me ao reconhecimento comum, por parte de um grande número de narradores, quanto a

uma consciência de que sua “imagem do mundo” é justamente isto, apenas uma “imagem do mundo”, uma ficção.

A propósito da ideia de “imagem do mundo”, ela já havia sido considerada décadas antes por Martin Heidegger, que havia descrito a modernidade como “a época da imagem do mundo”:

As expressões “imagem do mundo da época moderna” e “imagem do mundo moderno” significam ambas a mesma coisa e as duas admitem algo que nunca poderia ter sido antes, a saber, uma imagem do mundo medieval de uma imagem do mundo antigo. A imagem do mundo não muda de uma antiga imagem medieval numa imagem moderna, mas de preferência o fato de que o mundo se torna imagem é o que distingue a essência da época moderna (HEIDEGGER, 1977, p.130).

Heidegger não só afirma a existência de uma imagem do mundo distintamente moderna, mas que o traço característico da modernidade é a consciência dessa relatividade. Essa consciência veio à luz nas primeiras décadas do século quando a consciência de se viver uma visão de mundo como tal aflorou de um sem-número de obras literárias e filosóficas. Wolfgang Iser, por exemplo, um dos grandes expoentes da estética da recepção, examinou a questão da “criação do mundo” ao acompanhar a fortuna filosófica do termo “ficção” desde o Renascimento³⁹. Ao proceder assim, ele comparou duas figuras proeminentes desse processo de relativização dos fundamentos culturais. Uma delas é Hans Vaihinger, autor de *A Filosofia do “Como Se”*, de 1911, que desenvolvia, ou de preferência talvez reduzisse, agudas visões nietzschianas para afirmar que todo o nosso envolvimento com a realidade ocorre sob o signo

³⁹ *The Fictive and the Imaginary: Charting Literary Anthropology*. Baltimore e Londres, Johns Hopkins University Press, 1993.

da hipótese⁴⁰. Na mesma linha de raciocínio, o *Ways of Worldmaking* (1978), de Nelson Goodman, afirmou, de maneira ainda mais radical, que inevitavelmente criamos uma multiplicidade de mundos possíveis sem nenhuma forma definitiva de os determinar. Esse forte traço relativista que vigora ainda hoje teve, na verdade, suas origens pelo final do séc. XIX, quando as premissas metafísicas da ciência natural passaram por uma mudança tão radical quanto a transformação que o Iluminismo empreendera da religião em mito. A suposição baseando a ciência pós-baconiana era de que as leis fundamentais do mundo poderiam ser deduzidas por meio da observação e da medida. Nas décadas posteriores do séc. XIX, mesmo antes da teoria quântica ou da teoria da relatividade, a noção de observação se havia tornado problemática. Entender processos micro e macro, tais como os envolvidos na eletricidade e na astronomia, dependia de cálculos especulativos indo além do que poderia ser, num sentido comum, observado e, ao mesmo tempo, se tornava evidente que o universo nesses níveis se comportava de um modo radicalmente diferente do mundo da observação do senso comum. As tentativas de se determinar se a constituição fundamental da matéria eram ondas ou partículas facultava ambas as respostas a depender de como se dava o experimento. Assim, grosso modo, o conhecimento fundamental do universo passou a ser uma questão de interpretação especulativa, facultando relatos possivelmente conflitantes, sem nenhuma observação direta por meio de que discriminá-las. Nesse sentido, o livro *A Gramática da Ciência*, de Karl Pearson, datado de 1892 e com várias reimpressões nas décadas seguintes, haveria de explicar ao leitor parte desse processo de “relativização”.

Pearson afirmava que a ciência não “explica” as operações da natureza: ela registra o que ocorre em condições particulares, mas isso é apenas uma *descrição*, não uma *explicação*.

⁴⁰ Como se sabe, as ideias de Vaihinger haveriam de exercer profunda influência sobre Luigi Pirandello, cuja obra, aliás, explorando até às últimas consequências as tensões entre “ser e parecer” presentes no tema da

Nesse mesmo livro, Pearson enfatizava a importância da imaginação criativa, em vez do simples recolhimento de dados e descrição dos fatos, no conhecimento científico. Esse reconhecimento causou um tipo de abalo sísmico nas primeiras décadas do séc. XX. Um “abalo”, não propriamente uma crise, de vez que nem todos os cientistas sentiam dessa forma, tampouco o desenvolvimento científico se viu obstado por ele. Na verdade, o vasto e sólido edifício do conhecimento científico estava de pé, mas, em vez de se basear na observação, foi convertido numa ampla plataforma oscilando sobre uma base metafísica. Por outras palavras, a ciência começava a deixar de ser uma forma paradigmática de afirmação da verdade para se tornar uma das construções humanas possíveis, aspecto claramente reconhecido por Nietzsche e, sem que tivessem um conhecimento técnico estrito do que estava envolvido, os escritores modernos haveriam de absorver essa implicação metafísica e invocar a ciência em sua obra num espírito diametralmente oposto ao do Realismo e do Naturalismo do séc. XIX. Ciência e religião agora deveriam ser entendidas como criações da cultura humana em vez de como relatos diretos da realidade exterior. Como afirmou Michael Bell, em seu *Literature, modernism and myth*, tal aspecto forneceria a razão de escritores e artistas darem um passo na direção do “mito”, tornado então a capacidade paradigmática da mente humana. Termômetro de tais mudanças da visão sobre a ciência, a literatura passa a adotar a estratégia em defesa da aceitação da *indeterminação* na representação do mundo. O autor ou narrador, um dia “objetivo” e “destacado”, agora interage com seu material na literatura do século XX. Ou seja, *a maneira de observar um objeto inevitavelmente altera as propriedades do objeto, ou mesmo não há objeto sem sujeito*. Talvez a isso se deva o declínio do ponto de vista do narrador onisciente convencional. A narrativa em primeira pessoa por vezes se liga ao processo de escrita no meio da própria história (lembre-se o Stephen Dedalus de James Joyce, o Pierre

“máscara”, diversas vezes foi aludida – a exemplo do que fez Antônio Candido – como apresentando nexos temáticos com a obra de Machado, embora tais nexos careçam ainda de análises aprofundadas.

Menard de Borges, protagonistas de Thomas Mann e personagens de Cortázar, por exemplo). De outro ângulo, os processos de representação literária se veem comprometidos por tensões que muitas vezes decorrem do fato de teses apresentadas no interior de uma obra encontrarem uma antítese em alguma outra parte dela. Essas ideias, evidentemente, encontraram paralelo em técnicas literárias numerosas demais para serem arroladas aqui, como, por exemplo, as comprometidas com a ideia de fragmentação, narrativa de múltiplo ponto de vista etc. Mas, se as menciono de passagem, é apenas para dar fé do que é possível chamar de relativização do mundo na representação literária do séc. XX. A obra de Machado de Assis e, em particular, “O Alienista”, apresenta, com toda pujança, essa visão relativizadora da realidade, marcada de forte elemento irracionalista. Por meio de seus narradores, suspeitamos, ou sabemos, que o mundo não é como o que nos é apresentado. No final de “O Alienista”, o narrador nos diz que Bacamarte não pôde “alcançar nada” e, considerando que Bacamarte é a encarnação da ciência, podemos interpretar a frase como “a ciência não logrou conhecer nada”. O objeto, indissociável do olhar do sujeito, se tornou inapreensível. *Plus ultra!*

PARTE II

Uma edição crítica de “O Alienista”

São muitas as comparações feitas pela crítica especializada entre a produção romanesca de Machado de Assis e a sua produção como contista, sendo esta, segundo alguns escritores acadêmicos de renome, a única capaz de rivalizar com aquela. É possível observar que, à medida que vão-se aprofundando os estudos sobre sua vasta produção nesse gênero literário – digna de comparação com grandes contistas da época, tais como Maupassant, Tchekhov e Henry James, por exemplo –, intensifica-se a ideia de ter sido Machado um

contista modelar e de assim permanecer ainda hoje, em que pesem as modificações sofridas pelo gênero na passagem para o séc. XX.

Independentemente porém de querer apurar em que gênero literário, quer o romance quer o conto, Machado teria exercido com mais plenitude seu poder criativo, a verdade é que foi no conto que ele acabaria por afinar seus instrumentos para chegar à inquestionável maestria demonstrada nos romances. Sabe-se que Machado publicou em vida apenas sete coletâneas, que reúnem um total de 76 contos. Ainda não há registros do número exato de contos escritos por Machado, mas um crítico do porte de um John Gledson, por exemplo, calcula que Machado tenha escrito aproximadamente duzentos. De qualquer forma, começa a se firmar como opinião assente que, pela envergadura de seus temas e repertório de modos de representação, por sua acuidade estilística e pelo grandioso painel da sociedade e dos costumes da época, seus contos constituem certamente um dos pináculos de sua produção literária. Haja vista à imensa popularidade e à fortuna crítica ensejada por contos que são verdadeiras obras-primas no gênero tais como “O Espelho”, “A Causa Secreta”, “Teoria do Medalhão”, “O Enfermeiro”, “A Igreja do Diabo”, “Missa do Galo”, “Singular Ocorrência”, “Pai Contra Mãe”. Dentre estes destacando-se sobretudo “O Alienista”, conto este que sempre foi objeto de um grande número de análises literárias e que muitas vezes é publicado de maneira independente da coletânea *Papéis Avulsos*, organizada pelo próprio Machado. E foi justamente essa independência que me chamou a atenção e me fez decidir pela elaboração de uma edição crítica desse conto.

O reconhecimento da importância de Machado de Assis tem crescido não só dentro de nosso país, mas mundialmente. São cada vez mais numerosas as teses sobre o maior autor de nossa literatura. Essa importância é tão grande, que o crítico americano Harold Bloom o listou entre os cem maiores gênios da literatura de todos os tempos, ao lado de Dante e Shakespeare. Sua influência pode ser percebida nas várias gerações de escritores que o sucederam,

influência esta que se estende até os dias de hoje. Trata-se, pois, de um autor com um talento múltiplo, transitando por um sem-número de formas e diversos gêneros literários, neles chegando a produzir obras de valor inquestionável.

Paralelamente a essa verdadeira “unanimidade” em torno de seu nome, é também do conhecimento de praticamente todos os professores de literatura brasileira que o Brasil ainda não conta com uma edição crítica das obras completas de Machado de Assis que se distinga pela qualidade. Na verdade, são conhecidas as dificuldades enfrentadas por esses professores em muitas universidades do país ao estudar os contos machadianos em sala de aula, dificuldades que dizem respeito a aspectos tais como: as diferenças entre as várias edições utilizadas em sala de aula; os inúmeros erros ortográficos e supressões; a falta de indicações cronológicas e referências a livros ou periódicos em que os contos foram publicados. Conforme afirma Jean-Michel Massa:

Nos anos 90, procurei, com o apoio e ajuda de trinta especialistas brasileiros e não brasileiros, reunir uma edição da obra completa de Machado de Assis porque – é uma coisa inacreditável – até agora o maior escritor brasileiro, diferentemente do que acontece na França com Molière e com Racine, na Inglaterra com Shakespeare etc., não tem uma edição da obra completa. (...) Por isso, é uma grande tristeza para mim, amigo de Machado de Assis, que o maior escritor brasileiro, de um grande país como é o Brasil, não tenha uma edição da obra completa. (...) O projeto não se concretizou e, quando fui condecorado em Paris pelo Ministro da Cultura Weffort, ele prometeu agir. Aparentemente não pagou a promessa (MASSA, 2006, p.463).

De acordo com Massa, a melhor edição encontrada de Machado de Assis é a da Jackson, de 1930. Segundo o autor, a edição de Afrânio Coutinho, que saiu pela Aguilar, além de inçada de erros, é incompleta.

Também Lúcia Granja se ressentia das chamadas “edições completas” de Machado de Assis e de seus erros. Em uma nota ao texto “Das Páginas dos Jornais aos Gabinetes de Leitura: rumos dos Estudos sobre a Crônica de Machado de Assis”, a crítica, tratando das crônicas, afirma:

Mesmo nas edições de *Obra(s) completa(s)*, as crônicas são sempre incompletas e/ou têm a edição do texto malcuidada: a primeira edição das *OC*, da Jackson, em 1937, ao extrair os textos dos jornais para coligi-los em livro, acrescentou-lhes erros, muitos dos quais foram reparados, no caso das crônicas de “A Semana”, por exemplo, pelo trabalho cuidadoso de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, na edição de 1957 (GRANJA, 2006, p.388).

A mesma autora reconhece a importância de um trabalho de pesquisa cuidadoso ao dizer que “John Gledson foi quem publicou, até então, duas boas edições de duas séries dessas crônicas, com texto confiável, notas explicativas e introdução crítica” (GRANJA, 2006, p.388).

Certamente, aqui e acolá repontam opiniões dessa natureza toda vez que nos voltamos às fontes dos textos machadianos. Indubitavelmente, estudiosos, professores e alunos dispõem de muitas delas, mas, pelo que se sabe, muitas carecem de rigor em seu modo de apresentação.

Ainda no que concerne aos contos, em 2003 foi realizada uma tentativa de publicação de uma edição crítica de todos os contos de Machado de Assis, com organização de Djalma Cavalcante, pela Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora. Foram publicados dois volumes, mas, de acordo com o que pude constatar em minha pesquisa, a edição ainda apresenta muitos problemas de erros tipográficos, e sequer chegou a se ocupar dos contos mais conhecidos. Comparando a edição da UFJF com uma edição de John Gledson, percebemos que, apesar de aquela ter um grande número de notas, é perceptível certa “neblina” de erros tipográficos, problemas de paragrafação, de pontuação etc. A edição de

John Gledson, muito mais bem cuidada do ponto de vista da “fidelidade” ao original e com uma revisão extremamente cuidadosa, por sua vez não possui o aparato de notas que se podem encontrar na edição da UFJF.

Ainda em 2003, veio a lume *Linha reta e linha curva*: edição crítica e genética de um conto de Machado de Assis, de Ana Cláudia Suriani da Silva. Esta edição comparou o conto “Linha reta e linha curva” com o manuscrito da comédia *As forcas caudinas* e com o folhetim homônimo ao conto. Um trabalho muito abrangente, pois que a peça teatral é um dos únicos autógrafos do autor que não se perdeu ou deteriorou. Trata-se de uma edição esmerada, com pesquisa pormenorizada, notas abundantes e um rico material genético. Devido ao seu fino trabalho, o trabalho de Suriani da Silva serviu-me de modelo para esta edição.

Visto que “O Alienista” foi publicado originariamente em revista e posteriormente em livro, foram preservadas as características do texto da primeira e única edição do livro publicada ainda em vida por Machado de Assis, submetido apenas à atualização ortográfica e à correção de erros tipográficos. Além de tentar reparar as falhas mencionadas anteriormente, esta edição crítica de “O Alienista” teve os seguintes objetivos: 1) consignar as diferenças textuais que se evidenciam no cotejo de sua publicação original, em partes sucessivas, em números do periódico *A Estação*, entre outubro de 1881 e março de 1882, com a forma final do conto, da maneira pela qual viria a figurar em *Papéis Avulsos*, publicado no final de 1882; 2) registrar e esclarecer, por meio da compilação de notas, aspectos históricos e culturais depreendidos do conto; 3) fornecer referências ao leitor de estudos interpretativos em torno do conto e tornados paradigmáticos no âmbito acadêmico.

A exemplo do que fez Suriani da Silva e do que ocorre em países como a Inglaterra e a França, os objetivos de minha pesquisa quanto ao conto “O Alienista” se pautaram pela necessidade de conjugar a fidelidade ao original em termos de apresentação por meio de fontes confiáveis, revisão rigorosa, farto aparato crítico que desse conta de elucidar aspectos

culturais, literários e ainda consignar referências a estudos paradigmáticos, além de oferecer uma análise pessoal, a partir de um grande número de intérpretes do conto desde suas primeiras leituras críticas, esperando-se com isso que a edição também sirva de base para trabalhos futuros, que contemplem a publicação de uma edição crítica de todos os contos de Machado de Assis. Desse modo, pretendi levar a efeito um trabalho relevante, condizente com a importância do autor e que preenchesse uma lacuna de conhecimento geral no âmbito acadêmico.

A Estação

Antes de nos ocuparmos da revista *A Estação*, em que Machado de Assis trabalhou durante vários anos e onde publicou o conto “O Alienista”, é preciso tratar de sua ligação com um outro grande jornal do século XIX e no qual o autor também esteve por quase quinze anos, o *Jornal das Famílias* (1863-1878), publicado por B. L. Garnier, um editor de renome no Rio de Janeiro e cuja editora era ponto de encontro para os intelectuais mais conhecidos daquele período. Em 1863, quando de sua fundação, o *Jornal das Famílias*, em sua primeira carta, foi apresentado como continuando os trabalhos da *Revista Popular*, um periódico informativo, político e literário. Porém, essa mesma carta faz a ressalva de que, apesar de ser uma continuação do primeiro periódico publicado por Garnier, este seria mais dedicado “aos interesses domésticos das famílias brasileiras” (*apud* PINHEIRO, 2007, p.53). A partir da segunda metade do século XIX, vários periódicos voltaram suas publicações ao público feminino, e nisso o projeto editorial do *Jornal das Famílias* não diferia dos demais. O que diferia era a extensa parte dedicada à literatura, da qual tratarei a seguir.

Ao se observar a capa do periódico fica claro que ele é pensado para o público feminino. Nela, vê-se a figura de uma mulher cuidadosamente vestida, sentada numa cadeira

de espaldar alto, ocupando-se de sua costura e usando trajes que seguem a moda francesa de então. Em 1875, por exemplo, o jornal é apresentado como sendo dirigido para senhoras de bom gosto, pensado para que elas tivessem uma educação refinada. Apesar de o *Jornal das Famílias* ser dedicado às mulheres e acreditar que poderia contribuir com a sua educação, ele não entrava no debate da emancipação feminina, ao contrário de outros periódicos do século XIX que, como afirma Pinheiro, “discutem a importância de se destinar uma educação formal às mulheres” (PINHEIRO, 2007, p.86). Com seções tais como narrativas, poesias, culinária, higiene e moda, o periódico buscava educar as mulheres para a economia doméstica. Nas páginas do *Jornal das Famílias*, percebe-se que a educação almejada é aquela destinada a uma melhor formação da mulher – que era tratada em suas páginas como um ser puro e casto – como um ser que, quanto mais estudado fosse, mais compreenderia os seus deveres e se dedicaria à sagrada missão de ser mãe e esposa. Portanto, esse intuito de educar tem objetivos práticos, já que, assim, contribuiria para a manutenção da sociedade patriarcal da época.

A parte literária servia mais como distração, a instrução estando mais ligada às lições de sucesso ou fracasso fornecidas pelas protagonistas das histórias. As narrativas literárias tomavam pelo menos metade das páginas da edição mensal do jornal, dando prioridade às narrativas nacionais, que eram publicadas em formato de folhetim. As narrativas, com seu tom moralizante, buscando identificar as leitoras com as personagens e a intriga, constituíam-se em prática de leitura comum e eram necessárias para a eficácia da literatura moralizante. Em “Romances e Novellas”, além dessa orientação moral, era possível encontrar, dentro das narrativas, um debate sobre o fazer literário, o seu valor, a necessidade e o desejo da construção de uma literatura nacional. Nota-se também o diálogo que o autor mantinha com o leitor e a sua preocupação quanto a atender aos interesses deste.

O periódico também era ricamente ilustrado, inclusive com algumas ilustrações coloridas, e era impresso em Paris, demonstrando grande preocupação com sua materialidade.

Nas ilustrações, podem-se ver figuras de mulheres impecavelmente vestidas e penteadas, muitas vezes com um livro na mão, mas nunca olhando diretamente para ele, como se esses servissem mais como ilustração da cena do que como sugestão de formação.

Com relação aos colaboradores do *Jornal das Famílias*, dentre outros, destacam-se Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis. Ao fazer parte do quadro de colaboradores desse periódico, esses autores divulgavam seus trabalhos num jornal de grande circulação e, ao mesmo tempo, forneciam à publicação um status mais elevado. A colaboração de Machado se estendeu de julho de 1863 a dezembro de 1878, excetuando-se os anos de 1867 e 1868, e o autor assinava as suas matérias com os seguintes pseudônimos: J., J. J., Victor de Paula e Lara. Durante os anos em que ali esteve, Machado foi seu colaborador mais assíduo, contribuindo com inúmeras narrativas, cerca de 70. É interessante lembrar que, como Machado de Assis já possuísse credibilidade entre o público leitor, associando seu nome ao *Jornal das Famílias*, ele o beneficiaria agregando a ele parte de sua credibilidade como escritor, ainda que assinasse suas matérias com pseudônimos. Como enfatiza Sílvia Azevedo, “[...] só o fato de ter contado, por quase quinze anos, com a colaboração de Machado de Assis, já garante ao *Jornal das Famílias* um lugar de destaque na história da imprensa literária brasileira” (*apud* PINHEIRO, 2007, p.57). Esses anos de escrita intensa nesse periódico foram importantes para o aprimoramento de Machado de Assis na arte do conto. O autor, em seus quinze anos de contribuição para o *Jornal das Famílias*, também escreveu contos moralizantes de matriz folhetinesca, como os demais colaboradores do jornal. Porém, apesar de estar inserido num jornal que buscava não a formação de um leitor crítico, mas a formação de um leitor que desse continuidade à visão conservadora da época, Machado de Assis não adotou essa postura e se recusou a seguir plenamente a linha editorial do periódico. Ele tentou, em muitos de seus contos, romper com essa estrutura da leitura folhetinesca-romântica que

dominava as narrativas da época. É ingênuo afirmar que todos os contos que ali foram publicados seguissem apenas as linhas do romance-romântico. Como afirma Sílvia Azevedo:

Não por acaso, vários contos publicados por Machado de Assis no *Jornal das Famílias* vão abordar a leitura feminina, em conformidade com a alusão às práticas de leitura, freqüente nos romances românticos brasileiros. A diferença, talvez, é que, em Machado, a alusão aparece em registro de ironia (o que já configura desvio em relação ao conto moral), tal como se dá em “O anjo das donzelas”, “conto fantástico” publicado em 1864. Cecília, protagonista da história, é voraz leitora de romances. Por tomar tudo o que lê “ao pé da letra”, na observação irônica do narrador, a mocinha passou a viver o medo de vir a sofrer do mal de amor (AZEVEDO, 2008, p.5).

Machado queria mais de seus leitores. É nesse momento de sua formação como escritor que ele começa a trabalhar na revista *A Estação*.

Durante quase duas décadas, de 1879 a 1898, Machado de Assis contribuiu com a revista carioca *A Estação* (1879-1904), e foi aí que ele publicou seus contos mais conhecidos, dentre eles, “O Alienista”, que saiu nos dias 15 e 31 de outubro, 15 e 30 de novembro, 15 e 31 de dezembro de 1881, 15 e 31 de janeiro, 15 e 28 de fevereiro e 15 de março de 1882. Já no final de 1882, “O Alienista” seria publicado no livro *Papéis Avulsos* (Rio de Janeiro, Lombaerts & C.), juntamente com outras onze narrativas.

Fundada em 1872 com o nome de *La Saison – Jornal de Modas Parisienses* por Henri Gustave Lombaerts (1845-1897), mais conhecido como Henrique Lombaerts, somente a partir de 15 de janeiro de 1879 passou a se chamar *A Estação – Jornal Ilustrado para a Família*, conservando inclusive o mesmo modelo de cabeçalho. O periódico dividia-se em duas partes distintas: o “Jornal de Modas” e a “Parte Literária”. Quando da transformação do *La Saison* em *A Estação*, percebe-se desde a mudança do nome dos jornais até o novo objetivo do jornal: passaria de uma publicação apenas dedicada às mulheres a um periódico que buscaria atingir

um público mais amplo, qual seja, toda a família. E para isso contribuiria a criação da “Parte Literária”, com suas seções de entretenimento, literatura, cultura. A *Estação* era publicada nos dias 15 e 30/31 de cada mês e era marcadamente influenciada pelas publicações francesas da época, contendo inclusive propaganda de produtos que só poderiam ser adquiridos nas respectivas lojas parisienses. Todos os figurinos, os riscos, os trabalhos manuais eram uma reprodução da moda em Paris, mas o periódico se preocupava em fornecer uma adequação dessa moda ao nosso clima. A publicação era impressa na Alemanha, país que, segundo Lombaerts, então avançara muito em termos de qualidade gráfica. Essa preocupação com a qualidade não se restringia à impressão. Analisando o jornal, é possível observar o apuro na reprodução das litografias e xilogravuras, em sua maioria em preto e branco, mas também podendo ser encontradas algumas coloridas. Na parte dedicada à moda, “Chronica da Moda”, os textos não tratam apenas de roupas e acessórios, mas nota-se a preocupação quanto a informar as leitoras no que se refere ao modo de usá-los, evitando os exageros e não descurando de sua formação interior. Segundo Ivan Teixeira, “[...] o discurso da publicação sugeria sempre que a graça exterior dependia da projeção de um espírito forte e fundado em noções de ética e de boa formação cultural” (TEIXEIRA, 2010, p.55). Nesse sentido, as gravuras não mostram simplesmente modelos de vestidos e acessórios, mas nelas é criada toda uma atmosfera que remeta às coisas do espírito, tais como livros, instrumentos musicais, esculturas, quadros, fazendo com que as leitoras da revista não se identificassem apenas com os figurinos ali exibidos, mas com um mundo ideal de elegância e perfeição. Na edição de 15 de outubro de 1881, um artigo da seção “Chronica da Moda” analisou a diferença entre luxo e elegância, no qual deixava claro que não era necessário se cobrir de joias para alcançar a elegância. Pelo contrário, esta se referia muito mais a uma postura pautada pela moderação e pelo equilíbrio na arte do bem trajar e que isso só seria possível cultuando-se as coisas do espírito.

A princípio destinado exclusivamente às mulheres, *A Estação* era um jornal que tinha em vista o mundo elegante da época e fazia parte de seu projeto editorial incorporar a mulher à vida cultural de então de maneira crítica, fazendo com que ela se tornasse uma leitora ativa e culta. Portanto, pode-se dizer que *A Estação* não estava apenas buscando uma leitora ideal, mas a estava formando, dando-lhe os instrumentos para que ela passasse a fazer parte do debate cultural e artístico de seu tempo.

Somente depois de sete anos da fundação de *A Estação*, em 15 de janeiro de 1879, é que foi criada uma seção intitulada “Parte Literária”. Na nota editorial que falava do lançamento dessa nova parte do jornal, podemos ler:

Por esse lado continuará o nosso jornal a ser parisiense. Por outro lado, porém, na parte agradável e recreativa, devíamos torná-lo nosso, e assim o fazemos.

Confiamos a parte literária da *Estação* a pessoas de reconhecida habilidade, e neste número encetamos a publicação de uma produção de um dos nossos mais talentosos e festejados romancistas, que especialmente para o nosso jornal a escreveu e cuja coroa brilhante vai por esse motivo adquirir mais um luzido florão (*A Estação*, 15 de janeiro de 1879).

Ou seja, os editores afirmam que a parte referente à moda, e de influência francesa, ainda poderia ser encontrada na revista, mas acrescentar-se-ia uma parte mais “brasileira”, a “parte agradável e recreativa”, que trataria de nossa cultura de um modo geral e que estaria nas mãos de “pessoas de reconhecida habilidade”. A “Parte Literária”, que começava pela prosa, a princípio tomava quatro partes da revista e se dividia em três colunas. Essa parte não deveria contar apenas com literatura, mas com artigos que abrangessem vários segmentos da cultura, tais como artes plásticas, ficção, teatro. Esses assuntos eram tratados nas respectivas subseções: “Nossas Gravuras”, “Bibliographia”, “A Cidade e os Theatros”, dentre outras. Na seção “Poesia”, podemos destacar o nome de autores como Alberto de Oliveira, Raimundo

Correia e J. de Moraes Silva. A seção “Teatros” também podia ser encontrada com o nome de “Teatros e Concertos” e “A Cidade e os Teatros”. Essa seção, além de tratar das peças em cartaz, dos concertos e dos mais variados eventos artísticos do Rio de Janeiro, também comentava a vida social e cultural em torno dessa arte. Na seção “Nossas Gravuras” podiam ser vistos quadros e gravuras de pintores universais que, segundo Ana Cláudia Suriani da Silva, eram reproduções que haviam saído antes no periódico alemão *Die Modenwelt* (SILVA *apud* CRESTANI, 2008, p.349). Essas ilustrações muitas vezes se intercalavam ao texto literário, quando este se estendia para além da primeira página. A seção “Chroniqueta, assinada por Olavo Bilac, passou a figurar na revista *A Estação*, e tratava da vida cultural no Rio de Janeiro, mas com uma boa dose humorística. Desse modo, sempre muito preocupado com a qualidade, Lombaerts chamou para seus colaboradores somente escritores de renome da época, tais como Artur Azevedo, Olavo Bilac, dentre outros já mencionados. E, sendo o maior nome da literatura nacional naquele momento, Machado de Assis foi um dos principais colaboradores, publicando contos, romances e poemas por quase duas décadas.

À época, Machado de Assis já havia conquistado relevo na literatura nacional, tendo publicado suas peças de teatro, traduções, dois livros de contos (*Contos Fluminenses*, 1870, *Histórias da Meia-Noite*, 1873), três de poesia (*Crisálidas*, 1864, *Falenas*, 1870, e *Americanas*, 1875) e quatro romances (*Ressurreição*, 1872, *A Mão e a Luva*, 1874, *Helena*, 1876, *Iaiá Garcia*, 1878). Assim como já ocorrera com o *Jornal das Famílias*, é possível afirmar que, sendo o escritor de prestígio que era, Machado de Assis, aderindo ao grupo de *A Estação*, também uma publicação de prestígio, só agregaria mais qualidade a esse jornal, valorizando-o e sendo valorizado por ele. Essa relação dinâmica pode ser observada em vários artigos publicados no jornal, todos elogios extremados e irrestritos ao autor de “O Alienista”. Em artigo de 30 de julho de 1880, podemos ler: “Machado do [sic] Assis é hoje, incontestavelmente, o primeiro literato nacional”, logo depois de ter afirmado “[...] pagamos

nós, publicando o retrato do autor do *Tu só, tu, puro amor...*, devido tributo da nossa grande admiração desinteressada a um zeloso cultor dela e egrégio acrescentador das letras brasileiras”; em artigo de 31 de maio de 1881: “Ao operoso autor das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* confessamos publicamente o nosso desvanecimento pela alta distinção com que nos penhorou grandemente oferecendo-nos um exemplar desta, por mais de um título, preciosa edição”.

Na subseção “Bibliographia”, era frequente a participação do escritor, ou resenhando algum livro ou tendo um livro resenhado por ela. Em 15 de novembro de 1882, foi publicada uma resenha de *Papéis Avulsos*, que acabara de sair em livro pela Lombaerts & Co., mesmos editores de *A Estação*. A resenha inicia falando de certa mudança operada em Machado como escritor: “Para todos os que escrevem e para todos os que leem, é patente que uma grande e fecunda renovação se operou no espírito do autor das *Crisálidas*, e que o Machadinho de 1860 se transformou num escritor poderoso e sóbrio, perscrutador, original, moderno”. O artigo afirma ainda que essa renovação já podia ser observada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que começou a ser publicado em 1880 na *Revista Brasileira* e que saiu em livro em 1881. A resenha continua tecendo elogios ao “brilhantismo” de Machado, ao seu “pessimismo bem humorado, fino, risonho e delicioso”, para terminar com

O Sr. Machado de Assis é dos que entendem, e ainda bem, que as ideias não bastam a formar o escritor; é preciso também fixá-las, por intermédio da arte, com um estilo próprio, copioso, imperecedouro; porque esta estreita união do engenho e da arte é a característica de todas as obras-primas (*A Estação*, 15 de novembro de 1882).

Também Artur Azevedo, sob o pseudônimo de Eloy o Heróe, em sua “Chroniqueta” de 15 de outubro de 1886, reafirma a ideia de que Machado era a figura de proa da literatura brasileira: “Prefiro falar-vos de Machado de Assis, o vosso velho e ilustre amigo, colaborador

assíduo da *Estação*, a figura mais saliente da literatura brasileira contemporânea”. Observe-se que nesse texto, apesar de estar se referindo ao escritor mais elevado de nossa literatura, Artur Azevedo não permite que se construa um distanciamento entre Machado e seus leitores, pelo contrário, ele rompe com essa ideia ao propor uma familiaridade entre as duas partes através da frase “o vosso velho e ilustre amigo”.

Desse modo, parece correto afirmar que *A Estação*, sempre dando destaque às publicações de Machado em termos tão elogiosos, ajudou o autor de “O Alienista” a consolidar sua fama de maior escritor da literatura nacional. E, agindo assim, ela também se beneficiou da imagem positiva do escritor. Conforme Ivan Teixeira:

A partir do exame do discurso sobre Machado de Assis em *A Estação*, parece admissível supor que sua inclusão sistemática nas páginas do periódico obedecesse à estratégia editorial de atribuir respeitabilidade artística ao jornal por meio da divulgação da ideia de que seu principal colaborador se impunha como modelo de bom gosto, de boas maneiras, de humor civilizado e de domínio técnico sobre os mistérios da ficção e da língua portuguesa (TEIXEIRA, 2010, p.116).

Desse modo, a elegância visual de *A Estação* e seu projeto editorial caíram como uma luva quanto ao refinamento artístico alcançado por Machado de Assis, tanto que, durante todos os anos em que esteve no periódico, ele contribuiu com obras do mais variado gênero, além da novela *Casa Velha*, trinta e sete contos e o romance *Quincas Borba*.

Na comparação entre o *Jornal das Famílias* e a revista *A Estação*, é possível perceber que o perfil do primeiro era mais conservador, com ensinamentos religiosos e crônicas culinárias, ao passo que o do segundo tendia mais a um liberalismo moderado, que pode ser observado em sua defesa da educação da mulher mas também em seu desestímulo à profissão médica para mulheres e uma recusa em tratar de assuntos ligados à política, à administração e ao comércio, que, segundo a revista, faziam parte da esfera de atuação masculina. Mas,

mesmo tendo trabalhado num jornal conservador por vários anos, Machado não se deixou engessar pelos preceitos do periódico. Contudo, pode-se observar que o autor de “O Alienista” se afinava mais com o discurso da revista *A Estação*.

Também é possível perceber que a revista *A Estação* busca com muito mais ênfase construir um discurso em torno de Machado de Assis que exalte esse escritor e o eleve acima dos demais, porque, assim, fortalecendo sua imagem como o maior escritor do país, o periódico acaba também por fortalecer-se como um veículo preocupado com a excelência de sua publicação. Nessa publicação, Machado de Assis teve mais espaço para exercer a sua crença na formação de um leitor ideal, crítico, que, com sua acurácia, contribuísse para o desenvolvimento das letras nacionais. Ali, Machado pode destilar em sua narrativa toda sua ironia, visto que ele esperava ser lido por seu público de maneira mais cautelosa e desconfiada. Trata-se de situação bem diferente da que o autor viveu no *Jornal das Famílias*, já que não é possível perceber, por exemplo, a mesma relação dinâmica existente entre Machado e *A Estação*, que não buscava – com os elogios feitos ao autor – simplesmente associar sua imagem à de um escritor já conhecido e consagrado, mas, sim, servia para a construção da imagem de um escritor que pairava acima de seus pares.

Desse modo, Machado é produto do uso que fez desses meios de comunicação em benefício de sua arte.

Portanto, podemos aventar a hipótese de que a influência desses dois periódicos no desenvolvimento do escritor no aprimoramento de seus instrumentos foi fundamental, seja na tentativa de se colocar discretamente contra os ideais conservadores do *Jornal das Famílias* na busca de uma leitora mais refinada e crítica seja na sua identificação aos ideais da revista *A Estação* quanto não à busca de um público leitor mais crítico.

Ao estudar “O Alienista”, faz-se necessário analisar a sua inserção no livro *Papéis Avulsos*, conto este que muitas vezes é publicado separadamente dos demais ali presentes. Para tanto, achei melhor começar a analisar a cronologia desses contos e a forma como foram dispostos no livro.

A data de publicação de *Papéis Avulsos* pela Lombaerts é de 1882, sem especificação de mês. Mas o conto “Verba Testamentária”, o último conto do livro, foi publicado na *Gazeta de Notícias* em 8 de outubro de 1882. E a “Advertência” do livro também data de outubro de 1882. Em 15 de novembro de 1882, na seção “Bibliographia” da revista *A Estação*, foi publicada uma resenha sobre o livro. Portanto, o tempo decorrido entre a publicação do último conto na *Gazeta de Notícias* e a publicação de *Papéis Avulsos* foi de menos de um mês, o que pode indicar que Machado já estaria pensando na coletânea e a preparando enquanto publicava esses últimos contos, o que vem a corroborar suas palavras na advertência: “São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa”.

Os textos reunidos por Machado em *Papéis Avulsos* foram publicados em sua maioria no periódico *Gazeta de Notícias*, mas também em *A Época*, no *Jornal das Famílias*, em *O Cruzeiro* e *A Estação*. Neste último, foram publicados os dois maiores contos do livro, “O Alienista” e “D. Benedita”. Se observarmos a tabela abaixo, notaremos que a maior parte da produção de *Papéis Avulsos* foi publicada em 1882 (com exceção de “A Chinela Turca”, “Uma Visita de Alcibíades”, primeira versão, “Na Arca”, “Teoria do Medalhão” e o início de “O Alienista”). Também é possível notar que “Teoria do Medalhão” e “O Alienista” saíram no mesmo mês; que “D. Benedita” se estendeu por três meses, mas que “O Segredo do Bonzo” foi publicado concomitantemente a este no mês de abril; que “O Anel de Polícrates” e “O Empréstimo” foram publicados no mesmo mês de julho; e que houve apenas um mês de

intervalo entre a publicação de “O Espelho” (8 de setembro) e “Verba Testamentária” (8 de outubro). Foi só a partir de 1880 que Machado se dedicou a apenas dois periódicos.

1875 – 14 de novembro – “A Chinela Turca”, em *A Época* (sob o pseudônimo de Manassés).

1876 – outubro – “Uma Visita de Alcibíades”, em *Jornal das Famílias* (sob o pseudônimo de Victor de Paula). Esse conto tornaria a ser publicado em uma segunda versão em 1º de janeiro de 1882 em *Gazeta de Notícias*.

1878 – 14 de maio – “Na Arca”, em *O Cruzeiro* (sob o pseudônimo de Eleazar).

1881 – 15 e 31 de outubro, 15 e 30 de novembro e 15 e 31 de dezembro – “O Alienista” (que se estenderia até março de 1882), em *A Estação*; 18 de dezembro – “Teoria do Medalhão”, em *Gazeta de Notícias*.

1882 – 1º de janeiro – “Uma Visite de Alcibíades” (segunda versão que saiu na *Gazeta de Notícias*); 15 e 31 de janeiro, 15 e 28 de fevereiro e 15 de março – “O Alienista”, em *A Estação*; 15 e 30 de abril, 15 e 31 de maio e 15 de junho – “D. Benedita”, em *A Estação*; 30 de abril – “O Segredo do Bonzo”, em *Gazeta de Notícias*; 2 de julho – “O Anel de Polícrates”, em *Gazeta de Notícias*; 30 de julho – “O Empréstimo”, em *Gazeta de Notícias*; 20 de agosto – “A Sereníssima República”, em *Gazeta de Notícias*; 8 de setembro – “O Espelho”, em *Gazeta de Notícias*; 8 de outubro – “Verba Testamentária”, em *Gazeta de Notícias*.

Essa observação cronológica se faz necessária devido ao fato de os contos terem sido dispostos em *Papéis Avulsos* seguindo praticamente essa ordem. Os contos “A Chinela Turca” e “Na Arca” fogem a essa classificação, visto terem sido publicados em 1875 e 1878, respectivamente, e não terem sido mais publicados em outros periódicos depois disso. Esses contos foram situados por Machado entre “Teoria do Medalhão” e “D. Benedita”. “Uma Visita de Alcibíades”, outro conto publicado na década de 1870, mais especificamente em 1876, e que teve uma nova versão em 1882, também encontra-se deslocado em *Papéis*

Avulsos, levando-se em consideração a cronologia dos contos. Este conto localiza-se entre “O Espelho” e “Verba Testamentária”. Esses dados são importantes pois podem nos ajudar a levantar a hipótese de que Machado de Assis ou estava usando os contos “A Chinela Turca” e “Na Arca”, contos menores, para fazer ressaltar um conto maior e mais bem elaborado como “D. Benedita” ou que provavelmente ele não tivesse em mente a organização dos contos em sua ordem de publicação, caso contrário ele teria seguido esse critério.

Quanto à reunião dos contos presentes em *Papéis Avulsos*, algumas teorias foram levantadas por Alfredo Bosi em “A Máscara e a Fenda” e por John Gledson em “*Papéis avulsos: um livro brasileiro?*”, prefácio à edição de *Papéis Avulsos* organizada por Hélio Guimarães.

John Gledson afirma que, dentre as possíveis chaves de leitura dos contos reunidos em *Papéis Avulsos*, podem-se destacar três. A primeira seria encontrada no ensaio escrito por Machado em 1873, “Instinto de Nacionalidade”: “O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Gledson afirma que:

“Na arca” nos leva à arca de Noé, boiando nos abismos do dilúvio; “O segredo do Bonzo” ao Japão do século XVI; em “Uma visita de Alcibiades”, um grego antigo visita o Rio de Janeiro contemporâneo. Onde o Brasil aparece, também há uma espécie de abstração – a Itaguaí de “O Alienista” ou a roça de “O espelho”. Até o cenário de “D. Benedita”, que ao menos é carioca, compartilha essa abstração, que aponta para a alegoria (por que será que essa senhora vive no Campo da Aclamação, a atual Praça da República?). É o primeiro sinal de que o assunto meio escondido da coletânea é o Brasil – porém, um Brasil visto indiretamente, às avessas, com ironia, através de excursões no tempo e no espaço (GLEDSON, 2011, p.10).

Desse modo, mesmo quando trata do Brasil, os textos de Machado buscariam propositadamente um distanciamento da então Rio de Janeiro de sua época. É importante destacar as próprias palavras de Machado sobre o conto “O Segredo do Bonzo” na nota apenas ao livro *Papéis Avulsos*: “Era-me preciso, para dar a possível realidade à invenção, colocá-la a distância grande, no espaço e no tempo; e para tornar a narração sincera, nada me pareceu melhor do que atribuí-la ao viajante escritor que tantas maravilhas disse” (ASSIS, 2011, p.249).

Uma outra chave de leitura dos contos, segundo Gledson, poderia ser encontrada na resenha que Machado fez a *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, e em seu ensaio “A nova geração”: “Aqui, Machado rejeita o realismo ficcional que chamamos de Naturalismo, tal qual foi praticado sobretudo por Émile Zola” (GLEDSON, 2011, p.10-11). Um exemplo marcante dessa rejeição seria o conto “D. Benedita”, com sua sátira à descrição realista.

Uma terceira chave apontada por Gledson seria a linha da especulação ou experimentação na ficção, que ele identifica como tendo começado já na década de 1870 e tendo se concentrado no final dessa década. Segundo Gledson, um bom exemplo dessa experimentação pode ser encontrado no conto “Na arca”.

Portanto, para Gledson, a leitura de *Papéis Avulsos* poderia partir destas três linhas de pensamento e prática de Machado de Assis: “sua consciência de que podia ser um escritor brasileiro ao tratar de ‘assuntos remotos no tempo e no espaço’, sua rejeição do realismo doutrinário e a experimentação ficcional” (GLEDSON, 2011, p.14).

Já Alfredo Bosi, em “A Máscara e a fenda”, vai tratar da contradição entre o parecer e o ser, afirmando que há uma predominância do mundo exterior, das aparências, institucionalizado, em prejuízo do mundo interior, subjetivo.

Nesse ensaio, Bosi faz uma distinção entre o conto-teoria e o conto-retrato. No primeiro, o autor afirma que o que predomina é o humor:

O tom que penetra o conto-teoria [...] é o humor de quem observa a força de uma necessidade objetiva que prende a alma frouxa e veleitária de cada homem ao corpo uno, sólido e manifesto das formas instituídas. Machado acaba roendo a substância do *eu* e do fato moral considerados em si mesmos; mas deixa viva e em pé, como verdade fundante, a relação de dependência do mundo interior em face da convivência mais forte. É dessa relação que se ocupa enquanto narrador (BOSI, 2003, p.5).

E cita como exemplo dessa afirmação as palavras do mais sábio dos bonzos de “O Segredo do Bonzo”:

Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador (ASSIS, 2011, p.162).

A essa categoria – em que a subjetividade se cala e apaga para afinar-se com a convenção social soberana, passando a vestir a máscara universal – a ela pertencem o próprio “O Segredo do Bonzo”, “O Alienista”, “Teoria do Medalhão”, “A Sereníssima República”, “O Espelho”. Como afirma Bosi: “A móvel combinação de desejo, interesse e valor social dá matéria a essas estranhas teorias do comportamento” (BOSI, 2003, p.5).

Para Bosi, os contos-retratos são ricos e flexíveis, pois que

são tão matizados os graus e os momentos do mascaramento e tão várias, se não infinitas, as combinações tecidas pelo acaso, que o modo próprio de ser de cada pessoa parecerá, ainda e sempre, um enigma (BOSI, 2003, p.13).

Os contos nos quais percebemos essa “convergência do ser singular [...] com o universal do instinto e do interesse” (BOSI, 2003, p.13), que fazem parte de *Papéis Avulsos* e que foram analisados por Bosi no ensaio, seriam “D. Benedita” e “Verba Testamentária”.

Dessa forma, devido a todos esses traços em comum, “O Alienista” se liga aos demais contos de *Papéis Avulsos*, mesmo que ele possa ser publicado de maneira independente dos demais.

Análise do Material

Os comentários quanto às diferenças encontradas se referem ao material fornecido pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o qual foi utilizado por mim como base para o meu trabalho de pesquisa. À medida que fui me deparando com as dificuldades, recorri a outras fontes para sanar as dúvidas que iam sendo por mim levantadas. Porém, antes de analisar o material, acho importante arrolar os poucos contos que haviam sido publicados em *A Estação* antes da publicação de “O Alienista”: “Um para o outro” (30 de julho, 15 e 30 de agosto, 15 e 30 de setembro e 15 de outubro de 1879); “A Chave” (1 e 30 de dezembro de 1879, 15 e 30 de janeiro e 15 de fevereiro de 1880); “O Caso da viúva” (15 e 31 de janeiro, 15 e 28 de fevereiro e 15 de março de 1881); “A Mulher pálida” (15 e 31 de agosto e 15 e 30 de setembro de 1881).

O conto “O Alienista” foi publicado na revista *A Estação* por seis meses ininterruptos. Os textos da revista estão sempre distribuídos em três colunas. A página em que ele aparece pela primeira vez (p.231), em 15 de outubro de 1881, é dominada por um grande retrato de Juliette Lamber. Nessa página, o conto se encontra na coluna do meio, logo depois de um artigo do Dr. Ch. Corbisier, na seção “Viagens”, cujo título é “O Brasil”, iniciado no número

anterior e que trata das condições de higiene no Rio de Janeiro da época, falando da epidemia de febre amarela, e que terá continuidade no número seguinte, visto que existe a indicação “continua” entre parênteses. O título do conto está centralizado e em letras maiúsculas logo abaixo do título da seção, que é “Litteratura”, em negrito e letra maiúscula. Sob o título “O Alienista” e também centralizados estão o número do capítulo em algarismo romano (I) e o título do capítulo em letra maiúscula (“De como Itaguaí Ganhou uma Casa de Orates.”). O conto segue na terceira coluna e continua na página seguinte. Na página 232, o conto toma toda a primeira coluna e cerca de metade da segunda. Machado publicou todo o primeiro capítulo nessa data e, ao final, vemos à direita a assinatura Machado de Assis, seguida de um ponto e, logo abaixo, entre parênteses, no parágrafo à esquerda, a palavra “Continua.” em itálico. A alteração mais significativa encontrada nessa data é a mudança da palavra “Inquisição” para “bispo”. A primeira, segundo Ivan Teixeira, talvez tivesse uma “conexão imediata com as matérias e charges ainda correntes ou que tinham corrido nos jornais e revistas ilustradas da época” (TEIXEIRA, 2010, p.245). De modo que, ao fazer as alterações com vistas a uma publicação que tinha outro público em vista, Machado quisesse suprimir essa ligação estreita e deixar apenas a referência à hierarquia na Igreja.

O capítulo II, “Torrente de Loucos”, foi publicado no dia 31 de outubro de 1881 e também veio depois da seção “Viagens”, com o mesmo título. Ele se encontra na metade inferior da segunda coluna, na p.241, com a mesma disposição da seção “Litteratura”, título “O Alienista”, número do capítulo e título do capítulo. O texto do capítulo II ocupa essa metade da segunda coluna, a terceira coluna da p.241 e termina no início da primeira coluna da página 242, quando tem início o capítulo III, com o título logo abaixo dos números em algarismos romanos. Esse capítulo se estende por toda a primeira coluna e termina na metade superior da segunda coluna, tendo sido concluído com a mesma assinatura e indicação de “Continua.” entre parênteses. Machado não fez nenhuma mudança estrutural nesses capítulos

com vistas à publicação em livro, e, por se tratar de dois capítulos curtos, é possível aventar a hipótese de que esse tenha sido o motivo que levou o autor a publicar os dois capítulos nessa mesma data, já que essa era a média de colunas utilizadas para a publicação do conto. Nesse caso, ou Machado escreveu os dois capítulos por saber do espaço destinado a sua publicação ou ele já possuía esses capítulos prontos.

O Capítulo IV, “Uma Teoria Nova”, publicado em 15 de novembro de 1881, inicia-se no alto da primeira coluna da página 255, mantendo o mesmo padrão na disposição de títulos e numeração de capítulos. O texto toma as colunas um e dois, terminando no alto da coluna três, ocupando aí apenas as quatro primeiras linhas. Porém, aqui encontramos uma diferença: a assinatura do texto está na mesma linha da indicação “Continua.”. Na primeira coluna, existe uma falha no texto na quarta e quinta linhas à esquerda, no parágrafo “— Trata-se de coisa mais alta.”. Ao final dessa coluna, também à esquerda, pode-se observar uma mancha nas quatro últimas linhas, o que compromete a leitura. Por isso, fui buscar outras fontes que me permitissem fazer uma verificação exata do que ali estava escrito, o que possibilitou sanar todas as dúvidas. Na segunda coluna, a marca de um clipe enferrujado prejudicou a leitura de uma palavra, de modo que também foi necessário recorrer a outras fontes para que se pudesse descobrir o que se podia ler ali.

O capítulo V, “O Terror”, o mais longo de “O Alienista”, também começou a ser publicado em 15 de novembro de 1881, na página 265, dez páginas depois de terminado o capítulo IV. Machado publicou metade do capítulo V nessa data; porém, ele não será concluído nesse dia, sendo que essa foi a primeira vez, desde o início da publicação de “O Alienista” na revista *A Estação*, que o conto foi interrompido antes do término de um capítulo. A continuação do conto também não foi publicada em 30 de novembro de 1881, isso só ocorreu em 15 de dezembro de 1881. Dessa forma, essa também foi a primeira vez em que se interrompeu a publicação quinzenal do texto. O momento suspensivo deu-se no parágrafo

em que Bacamarte recolhe o albardeiro à Casa Verde: “Triste! triste! não fez mais do que condenar-se; no dia seguinte, foi recolhido à Casa Verde”. Desse modo, não temos a conclusão de um capítulo, mas Machado fecha a história do Mateus; porém, ele não deixa nenhuma ideia para ser concluída na sequência de modo a prender o leitor. Talvez por isso, a continuação, publicada em 15 de dezembro de 1881, começa com uma frase de “impacto”: “– A Casa Verde é um cárcere privado, disse um médico sem clínica”. Com esse artifício, Machado prende a atenção do leitor de imediato. O fato de Machado de Assis ter publicado todo o capítulo IV e metade do longo capítulo V no mesmo número da revista e depois ter feito uma pausa de um mês antes de dar prosseguimento à publicação do conto não nos permite afirmar que ele tenha utilizado esse tempo para escrever o final do capítulo V, mas também não nos permite dizer o contrário, ou seja, que Machado já tinha pronto esse capítulo.

No dia 15 de dezembro de 1881, o texto ocupa toda a página 277. No alto da coluna, depois do título da seção, do conto, do número do capítulo e do título do capítulo, aparece a palavra “continuação” entre parênteses. Na primeira coluna da esquerda, no quarto parágrafo, pode-se observar uma pequena falha que prejudica a leitura, visto o texto estar meio apagado. Sempre recorrendo a outras fontes, foi possível vencer essa dificuldade tranquilamente. Na terceira coluna, na parte inferior à direita, o texto está bastante comprometido devido a um escurecimento na página, mas a continuação da pesquisa permitiu sanar todos os problemas decorrentes dessa cópia fornecida pela Biblioteca Nacional. O final do capítulo se encontra na página seguinte, 278, desse mesmo número da revista. Situa-se no alto das duas primeiras colunas à esquerda, visto ser a página dominada por uma ilustração, cuja legenda é “O público de um espetáculo de bonecos”, que se estende por toda a página 279. Ao final do capítulo, em vez do ponto que sempre acompanha a assinatura “Machado de Assis” pode ser vista uma vírgula, e logo abaixo a palavra “Continua”, entre parênteses e sem ponto. Foram muito

poucas as alterações efetuadas por Machado nesses dois capítulos ao publicá-lo em *Papéis Avulsos*, e as que foram efetuadas não alteraram a estrutura do conto.

O capítulo VI, “A Rebelião”, tem início na página 289 do dia 31 de dezembro de 1881. Ele toma todas as três colunas, de alto a baixo, dessa data. Somente no final da terceira coluna é que a leitura está um pouco prejudicada por uma sombra no microfilme, nada que a consulta a outras fontes do mesmo capítulo não esclarecesse. A conclusão desse capítulo ocupa apenas o alto da primeira coluna da página 290, a única alteração observada sendo a assinatura de Machado de Assis, que agora foi colocada abaixo da palavra “Continua.” entre parênteses. E aqui a narrativa se interrompe num momento crucial, quando, no auge da rebelião liderada pelo barbeiro Porfírio, um corpo de dragões entra na cidade. A mesma estrutura se mantém em *Papéis Avulsos*, o texto tendo sofrido pequenas supressões para efeito de concisão.

O capítulo VII, “O Inesperado”, publicado em 15 de janeiro de 1882, ocupa as colunas um e dois da página 4 e termina no alto da terceira coluna. Aqui, a assinatura de Machado de Assis foi colocada depois da indicação de “Continua” entre parênteses. A única alteração sofrida por esse material foi causada por uma gota que caiu sobre a letra “m” da palavra “estamos” na primeira coluna à esquerda e que a fez ficar um pouco borrada, nada que prejudicasse a leitura e conferência do texto. Esse material só foi encontrado na biblioteca de José Luiz Garaldi, que gentilmente me cedeu uma cópia xerocada desse capítulo e que depois foi digitalizada por mim. As únicas alterações desse capítulo dizem respeito à pontuação, não tendo sido efetuada nenhuma supressão por parte de Machado de Assis.

Os capítulos VIII, “As Angústias do Boticário”, e IX, “Dois Lindos Casos”, foram publicados na mesma data, 31 de janeiro de 1882, e na mesma página, 13, em sequência. Eles ocupam a primeira e a segunda colunas e quase metade da terceira coluna. É possível observar o número “9” escrito a mão ao lado do número do capítulo em algarismos romanos. O respingo de algum líquido fez com que algumas letras da palavra “importante” na coluna 1 e

da palavra “alvitre” na coluna 2 perdessem um pouco da nitidez. Também estão desfocadas as últimas três linhas da primeira e segunda colunas. Aqui também a assinatura de Machado fica abaixo da palavra “Continua.” entre parênteses. Nos dois capítulos, foram poucas as mudanças realizadas pelo autor: a troca da palavra “Protetor” para “barbeiro”, a mudança de alguns verbos e substantivos, alguns sinais de pontuação etc. No traslado de um veículo a outro, porém, o texto se manteve praticamente intocado, se levarmos em consideração a quantidade e o teor das alterações.

O capítulo X está sem o título em *A Estação*. Ali encontramos o título da seção, o título do conto, o número do capítulo, a indicação de que se trata de uma continuação, mas faltou o título do capítulo. O nome aparecerá somente em *Papéis Avulsos*: “A Restauração”. Ele foi publicado em 15 de fevereiro de 1882, na página 25, juntamente com o capítulo XI, “O Assombro de Itaguaí”. Os dois ocupam toda essa página, e, na primeira coluna, terceiro parágrafo, a palavra “achamo-la” está borrada e a frase “A mesma coisa aconteceu ao boticário. O alienista, desde que lhe falaram” está meio apagada. No final da terceira coluna, nas últimas três linhas, também percebemos o texto um pouco desfocado. Todas essas falhas não impediram que se estabelecesse em meu trabalho um texto fidedigno, visto que me socorri de outras fontes para resolver essas questões. O texto será concluído apenas no alto da página 28, tendo sido intercaladas as páginas 26 (da qual constam máximas e sentenças chinesas assinadas por um Ly-Chao-Pe e que é dominada por uma ilustração com a legenda “O brinquedo, pintura decorativa de Koegler”) e 27 (toda ela reproduzindo o retrato da princesa Eboli, com a seguinte legenda: “A princesa Eboli, quadro H. Kaulbach”). Ao final, a assinatura de Machado volta a ser colocada antes da indicação de “Continua” entre parênteses. O capítulo se encerra com a frase: “E vão assim as coisas humanas! No meio do regozijo produzido pelo ofício de Simão Bacamarte, ninguém advertia na frase final do § 4º, uma frase cheia de experiências futuras”. Esse recurso utilizado por Machado leva o leitor ficar na

expectativa quanto à continuação do conto, com todos os seus desdobramentos, acenando para o início de uma nova onda de capturas entre os que até agora haviam permanecido imunes aos diagnósticos feitos pelo alienista. As alterações nesses dois capítulos visaram à concisão.

O capítulo XII, “O Final do § 4º”, publicado em 28 de fevereiro de 1882, apresenta-se em um estado delicado de conservação, e o material foi manuseado com o maior cuidado possível para evitar novos danos. Tendo sido um dos mais difíceis de ser localizado, encontrei-o somente na Biblioteca Mário de Andrade, e ele não estava microfilmado. Mas consegui, junto a Joana Moreno de Andrade, uma cópia fotografada do capítulo. Este foi publicado no meio da segunda coluna, na página 38, e se estendeu por toda a terceira coluna. A parte que aparece dobrada na fotografia pôde ser analisada detidamente, o que mostrou não haver nenhuma rasura ou problema de impressão nesse trecho. Ao final da coluna, as únicas coisas que não puderam ser verificadas nessa cópia foram a vírgula depois da palavra “mulher” e a conclusão da palavra “esteve”, da qual falta a última sílaba. Porém, esse problema foi resolvido em conversa com o professor Ivan Teixeira, que afirmou que, verificando a sua cópia do material, era exatamente isso o que estava na revista *A Estação* dessa data. O capítulo prossegue na página 39. Ele ocupa a primeira, a segunda e metade da terceira colunas dessa página, tendo sido entremeadado por um pequeno retrato, com a legenda “Mrs. Lucrecia Garfield – Viúva do Presidente dos Estados Unidos”, e pela ilustração de um leque aberto no qual se lê a palavra “Victoria” e cuja legenda é a seguinte: “Leque com que foi presenteada a princesa real da Suécia por ocasião do seu casamento.”. A cópia da Biblioteca Mário de Andrade é muito nítida, mas faltava-lhe um pedaço na parte de baixo da primeira coluna, à esquerda. Novamente recorri ao professor Ivan Teixeira e ele me enviou uma cópia do seu material, o que me permitiu fazer todas as verificações e estabelecer um texto padrão sem que restasse nenhuma dúvida. Na última coluna, ao lado da assinatura de Machado de Assis, em vez do habitual “Continua.”, observa-se um “Conclui” entre parênteses e em itálico.

Também aqui, no traslado do jornal para o livro, o texto não sofreu nenhuma alteração estrutural. As alterações efetuadas objetivavam à concisão, à troca de nomes de vereador, à mudança na pontuação. Ao final do capítulo, porém, Machado faz uma grande supressão no texto, também visando à concisão, mas, ao mesmo tempo, evitando a interferência excessiva do narrador na matéria narrada. A conclusão do capítulo se mantém nas duas versões, o interesse do leitor sendo despertado pela afirmação do narrador de que “o desfecho deste episódio da crônica itaguaiense é de tal ordem, e tão inesperado, que merecia nada menos de dez capítulos de exposição; mas contento-me com um, que será o remate da narrativa, e um dos mais belos exemplos de convicção científica e abnegação humana”.

O capítulo XIII foi publicado no dia 15 de março de 1882, nas páginas 49 e 50 da revista. No alto da primeira coluna, logo abaixo do título da seção (“Litteratura”) e do título do conto, aparece a palavra “conclusão” entre parênteses, seguida pelo número do capítulo em algarismos romanos e pelo título desse capítulo (“Plus Ultra!”) em letras maiúsculas. O texto ocupa as três colunas da página 39 de alto a baixo, tendo sido intercaladas apenas algumas ilustrações referentes a Túnis: a grande mesquita, o porto e uma mulher nobre. Na página 50, o conto ocupa toda a primeira coluna e quase toda a segunda coluna, onde se conclui. A cópia dessas duas páginas é muito clara, não tendo apresentado nenhuma dificuldade no cotejo com a publicação do conto em *Papéis Avulsos*, o que foi muito importante, visto estarem registradas aqui as maiores alterações feitas por Machado no traslado da revista ao livro. Algumas alterações parecem ter querido evitar a repetição vocabular, outras dizem respeito à pontuação; porém, foram efetuadas muitas supressões que provavelmente tinham em vista um estilo mais conciso e direto. Uma alteração que chama a atenção, e que foi analisada nas notas à edição crítica, é a supressão da repetição da informação quanto ao prazo suplementar dado pela câmara. Ao fazer essa alteração em *Papéis Avulsos*, pareceu-me que o autor não viu necessidade de repetir a informação dada no final do capítulo anterior, pois que já não

existiria o problema do espaçamento temporal existente quando da publicação em *A Estação*. Desse modo, é possível que o meio de publicação tenha influenciado na alteração efetuada por Machado de Assis. Outra grande alteração que também pode ter sido influenciada pelo fato de o conto estar sendo publicado em livro é quando o autor resume em apenas duas frases o conteúdo de sete parágrafos, o que fez com que a narrativa se concentrasse muito mais na ação e menos na análise pormenorizada das angústias interiores de Bacamarte. Quanto à última alteração realizada por Machado em “O Alienista”, o autor preferiu abreviar o desfecho ao suprimir as referências literária e religiosa, além de evitar as exclamações finais do narrador, o que desviaria o foco da atenção do leitor do alienista.

Depois de publicar “O Alienista” na revista *A Estação*, Machado faz uma pausa e publica um novo conto, “D. Benedita”, somente a partir de 15 de abril de 1882. No dia 31 de março de 1882 quem escreve para a seção “Litteratura” é Clímaco d’Oliveira, publicando um texto intitulado “Laura”.

A análise do material da pesquisa possibilitou a observação de que Machado publicou em média de duas a três colunas de “O Alienista” na revista *A Estação* nos seis meses em que o conto foi publicado. Exceção aberta somente na publicação dos capítulos 4 e 5, este último tendo sido concluído apenas um mês após o início da sua publicação. Também foi possível observar que foram poucas as alterações realizadas pelo autor, e, destas, nenhuma mudou radicalmente a estrutura do texto publicado em *A Estação*. Isso talvez se deva ao fato de o próprio Machado – em carta enviada a Joaquim Nabuco em 14 de abril de 1883 juntamente com um exemplar de *Papéis Avulsos* – ter afirmado: “Não é propriamente uma reunião de escritos esparsos, porque tudo que ali está (exceto justamente a “Chinela turca”) foi escrito com o fim especial de formar parte de um livro” (ASSIS *apud* GLEDSON, 2011, p.15). Portanto, mesmo “O Alienista” tendo sido publicado primeiramente em folhetim, Machado já elaborara o conto tendo em vista a sua publicação em livro.

Crterios para a edio crtica

Esta edio crtica tem por objetivo:

a) analisar a primeira publicao do conto “O Alienista” na revista *A Estao* em forma de folhetim;

b) cotejar a verso de *A Estao* com a segunda publicao do conto no livro *Papis Avulsos*, de 1882, assinalando as diferenas das duas verses. Usei a verso de “O Alienista” constante da edio de *Papis Avulsos* como texto-base por ter sido a ltima revista por Machado, o texto no tendo mais sido publicado durante a vida do autor.

Para uma indicao mais especfica do meio de publicao, esclarecemos que o texto-base o da publicao do conto “O Alienista” no livro *Papis Avulsos*, de 1882, publicado pela Lombaerts & Co., e que se encontra no arquivo da biblioteca Brasileira da USP. Na barra lateral direita, acham-se registradas as diferenas encontradas na verso da revista *A Estao*, de 1881-1882, com a seguinte indicao: A:.

Depois de comparar as duas verses, possvel observar que algumas das variantes encontradas na verso de *A Estao* so alteraes involuntrias devidas a erros tipogrficos, portanto, para um estudo mais rigoroso, segui a lio de Antonio Candido: “registra-se, porm, todas as discrepncias, por mnimas que sejam, inclusive de pontuao” (CANDIDO, 2005, p.59). De modo que tambm vo assinalados os erros tipogrficos.

Quanto atualizao ortogrfica, para o estabelecimento do texto-base vali-me do sistema ortogrfico atualmente em vigncia.

Todas as alteraes sofridas por “O Alienista” quando do traslado do jornal para o livro so assinaladas da seguinte forma:

A	Revista <i>A Estação</i>
# #	Substituição
= =	Alteração na pontuação
+ [...] +	Texto faltando na edição de <i>A Estação</i>
^ ^	Erro tipográfico
[ileg.]	ilegível
//	parágrafo
/	divisão entre uma alteração e outra sofrida pelo texto

A edição crítica do conto é apresentada a seguir, contando com um grande aparato de notas, que visam a comentar as diferenças encontradas nos textos, o momento histórico no qual o texto foi escrito e o momento histórico de que ele trata, além de analisar o sentido de algumas palavras à época.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, D. José Maria de, e Lacerda, Araújo Corrêa de. *Diccionario Enciclopédico ou novo diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Escritório de Francisco Arthur da Silva, vol. I 1878, vol. II 1879.

ALONSO, Ângela. *Ideias em Movimento – a Geração 1870 na Crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ASSIS, Machado. *Teatro*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1942.

_____. *Papéis Avulsos*. Org. Hélio Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

AZEVEDO, Sílvia Maria. A Trajetória de Machado de Assis: do *Jornal das Famílias* aos contos e histórias em livros. Tese (Doutorado em Letras) – pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1990.

_____. “Machado de Assis entre o jornal e o livro”. *O Eixo e a roda*, v. 16, 2008. Encontrado em < http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs >.

AZEVEDO, Sílvia Maria e MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello. “*Revista Popular* (1859-1862) e *Jornal das Famílias* (1863-1878): um perfil dos periódicos de Garnier”. *TriceVersa*, Revista do Centro Ítalo-Luso-Brasileiro. Assis, vol. 3, nº 2, Nov.2009-jun.2010.

BELL, Michael. *Literature, modernism and myth*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

BERTINI, Mariolina. “O Ciúme: no Caminho de Swann”. In: *O Romance*, de Franco Moretti. São Paulo: Cosacnaify, 2009.

BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em Três Versões: Estudos Machadianos*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2006.

- _____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *O Enigma do Olhar*. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. *Machado de Assis, antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1962.
- BRANDÃO, Roberto de Oliveira. “Poética do Processo”. In: *Manuscrita*, revista de crítica genética 14, p.71-74.
- BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholy*. New York: New York Review Books, 2001.
- CÂNDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis”. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970, p.13-32.
- CAVALCANTE, Djalma (org.). *Contos Completos de Machado de Assis*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003, v. 1/2.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil – Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. “O Perfil editorial da revista *A Estação: jornal ilustrado para a família*. Localizado em: < www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/67/61 >, 2008.
- CUNHA, Cilaine Alves. “Tristezas de uma Geração que Termina”. In *Teresa: revista de Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora 34: Imprensa Oficial, n. 6/7, 2006.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 2001.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. 2010. “O Legado de Machado de Assis”. In: *Machado e Rosa: leituras críticas*. Cotia-SP, Ateliê Editorial, p.91-122.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

GLEDSOON, John. Introdução a *Machado de Assis. Contos/Uma antologia*. Volume I. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

_____. “A História do Brasil em *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis”. In: *Por um Novo Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, p.70-102.

_____. “Machado de Assis e a História do Brasil: algumas Implicações”. In: *Machado de Assis: Ficção e História*. Paz e Terra, p. 293-317. 2ª edição.

GOMES, Eugênio. *Espelho contra Espelho, estudos e ensaios*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S. A., 1949.

GOMES, Roberto. “O Alienista: loucura, poder e ciência”. *Tempo Social*. São Paulo, n. 5, p.145-160, 1994.

GONÇALVES, Monique de Siqueira, e EDLER, Flávio Coelho. “Os Caminhos da loucura na Corte Imperial: um embate historiográfico acerca do funcionamento do Hospício Pedro II de 1850 a 1889”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. 12, nº 2, São Paulo, Junho de 2009, p.393-410.

GOODMAN, Nelson. *Ways of Worldmaking*. Indianápolis, Hackett Pub. Co., 1978.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. “Pobres Diabos num Beco”. In *Teresa: revista de Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora 34: Imprensa Oficial, n. 6/7, 2006.

_____. “O Impacto da Obra de Machado de Assis sobre as Concepções de Romance”. Localizado em: [www. Machadodeassis.net](http://www.Machadodeassis.net) .

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

HANSEN, João Adolfo. “‘O Imortal’ e a Verossimilhança”. In *Teresa: revista de Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora 34: Imprensa Oficial, n.6/7, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *The Question Concerning Technology and other Essays*. Org. e trad. de William Lovitt. Nova York: Harper & Row, 1977.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

- ISER, Wolfgang. *The Fictive and the Imaginary: Charting Literary Anthropology*. Baltimore e Londres: Johns Hopkins University Press, 1993.
- JOBIM, José Luís. (Org.) *A Biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- JORGE, marco Aurélio Soares. “A Loucura no Brasil: como se fez a psiquiatria entre nós”. *Engenho dentro de casa: sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental*. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1997, cap. 2.
- JOYCE, James. *Exilados*. Iluminuras: São Paulo, 2003.
- JUNIOR, Araripe. *Teoria, crítica e história literária*. Org. Alfredo Bosi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- LIMA, Luiz Costa. 1991. “O Palimpsesto de Itaguaí”. In: *Pensando nos Trópicos*. Rio de Janeiro, Rocco, p.253-265.
- LUCAS, Fábio. 2010. “A Loucura Padecente de Minas Gerais nas Obras de Machado de Assis e Guimarães Rosa”. Cotia-SP, Ateliê Editorial, p.361-371.
- MALARD, Letícia. “Analistas de ‘O Alienista’”. Localizado em: www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/.../Letícia%20Malard.pdf
- MASSA, Jean Michel. Entrevista. In Teresa: revista de Literatura Brasileira. São Paulo: Editora 34: Imprensa Oficial, n. 6/7, 2006.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: Breve história da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977, p.162-165, vol. I.
- MEYER, Augusto. “Na Casa Verde”. In: *Machado de Assis: 1935-1958*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1958, p.42-48. 4ª edição.
- MISKOLCI, Richard. “Machado de Assis, o *outsider* estabelecido”. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, n. 15, jan./jun. 2006, p. 352-377.
- MOISÉS, Massaud. 2001. “A Ironia e a Sutileza Machadianas no Conto”. In: *Machado de Assis: Ficção e Utopia*. São Paulo, Cultrix, p.127-140.

- _____. 1998. “Machado de Assis, cada vez melhor com o passar do tempo”. São Paulo, *Jornal da Tarde*, caderno de sábado, 26 set.
- MORAES SILVA, Antonio. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa, 7ª ed., vol. I 1877, vol. II 1878.
- MURICY, Kátia. “Liberais, Racionais e Virtuosos”. In: *A Razão Cética: Machado de Assis e as Questões de seu Tempo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988, p.21-49.
- NERY, Vanda Cunha Albieri. “Estética da Criação: a Gênese de Vidas Secas, de Graciliano Ramos”. In: *Manuscrita*, revista de crítica genética 14, p. 75-79.
- PEARSON, Karl. *A Gramática da Ciência*. Dover Publications, 2004.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade – o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. Tese (Doutorado – Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP). 1º de maio de 2007.
- PUJOL, Alfredo. 2007. “Os Contos da sua Segunda Fase”. In: *Machado de Assis, Curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*. Imprensa Oficial/Academia Brasileira de Letras, p. 137-183.
- _____. “Machado de Assis, sua nova estética: Memórias Póstumas de Brás Cubas”. www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=89&sid=242.
- ROMERO, Sílvio. “Machado de Assis”. In: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1943, pp.99-130.
- _____. *Machado de Assis – estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas: Unicamp, 1992.
- RONCARI, Luiz. *O Cão do Sertão*. São Paulo: UNESP, 2007.
- ROSENFELD, Anatol. *Texto e contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da Loucura*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ROUANET, Sérgio Paulo. “Machado de Assis e o Mundo às Avessas”. In: *Machado de Assis: Cinco Contos Comentados*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p.73-91.

SÁ REGO, Enylton de. *O calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SCHNAIDERMAN, Boris. “‘O Alienista’, um Conto Dostoievskiano?”. In *Teresa: revista de Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora 34: Imprensa Oficial, no.6/7, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador – Um Monarca nos Trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor, as Batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *Machado de Assis, um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

_____. “A Poesia envenenada de Dom Casmurro”. Localizado em <http://www.novosestudos.com.br/v1/files/uploads/contents/63/20080624_a_poesia_envenenada.pdf>.

SECCHIN, Antônio Carlos. “Linguagem e Loucura em O Alienista”. In: *Poesia e Desordem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1966, p.186-192.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Linha Reta e Linha Curva*. Edição Crítica e Genética de um Conto de Machado de Assis. Campinas: Unicamp, 2003.

SILVA, Antônio Carlos Pacheco e. “Proteção aos Insanos no Segundo Reinado”. “Memória Histórica sobre a Psiquiatria Brasileira, particularmente em São Paulo”, 1976, cap. I. Revista de Psiquiatria Clínica, 2009, vol. 36, no.5, p.208-215. ISSN 0101-6083. Órgão oficial do departamento e Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São

Paulo. Localizado em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832009000500007>.

SOUSA, Ronaldo de Melo e. *O Romance Tragicômico de Machado de Assis*. Localizado em <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/docentes/61076-2.pdf>>.

STERN, Laurence. *A Vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

TEIXEIRA, Ivan. *O Altar & o Trono, dinâmica do Poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. “A Psiquiatria e a Universidade no Brasil: a contribuição de João Carlos Teixeira Brandão no seu nascimento”. *Psichiatry on line Brasil*, vol. 17, junho de 2012./ novembro de 2008 – vol. 13, nº 11.

VAIHINGER, Hans. *The Philosophy of “As If”*. Trad. para o inglês de C. K. Ogden. Barnes and Noble: Nova York, 1968.

VENÂNCIO, Ana Teresa A. “Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil”. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, vol. 10, nº 3, Rio de Janeiro, sept./Dec., 2003.

VERÍSSIMO, José. “O Sr. Machado de Assis, Poeta”. In: *Estudos de Literatura Brasileira*: 4ª Série. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977, pp. 51-59.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. 2004. “O Alienista de Machado de Assis: o Dom Quixote de Itaguaf”. In: *Revista Letras & Letras*, volume 20, número 1, jan./jun. 2004, p.69-80.

VILLAÇA, Alcides. “Querer, Poder, Precisar: ‘O Caso da Vara’”. In: *Teresa: revista de Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora 34: Imprensa Oficial, n. 6/7, 2006.

WILLEMART, Philippe. “Discurso e Marginalidade”. In: *Manuscrita, revista de crítica genética*, 9, p.11-18.

WOOD, JAMES, *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosacnaify, 2011.

O Alienista

O ALIENISTA⁴¹

I

DE COMO ITAGUAÍ GANHOU UMA CASA DE ORATES.⁴²

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.⁴³ Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

– A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

⁴¹ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, de 1878, alienista era o médico especialista das moléstias do cérebro.

⁴² Palavra de origem espanhola, *orates* quer dizer doido, louco. Casa de Orates: hospício, manicômio.

⁴³ Em Coimbra e Pádua, duas das universidades mais importantes de Portugal e Itália à época, freqüentadas pela elite brasileira.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras⁴⁴, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora,⁴⁵ e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno⁴⁶, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, – únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a

⁴⁴ A alteração traz uma profunda modificação no sentido da frase, visto que passa do campo da teoria, “alternando os livros com as moléstias”, para uma ideia de prática da medicina, “alternando as curas com as leituras”, ideia essa de prática que vai-se concluir com a demonstração de seus “teoremas com cataplasmas”. A aliteração conseguida com as palavras “curas” e “leituras” também traz um ritmo mais acelerado à frase.

⁴⁵ O juiz de fora era um magistrado nomeado pelo rei de Portugal para atuar em conselhos onde se fazia necessária a intervenção de um juiz imparcial e isento, sendo normalmente de outra localidade. Esses juízes muitas vezes assumiam um papel político e eram indicados para presidir as câmaras municipais, como uma forma de manter o controle do poder central na vida municipal. Esse cargo corresponderia, hoje, ao juiz de direito.

⁴⁶ Com a expressão “caçador de pacas perante o Eterno” Machado faz ressoar ironicamente o trecho “poderoso caçador perante o Eterno”, do livro do Gênesis (10:9). Machado está comparando o tio de Simão Bacamarte à personagem Nimrod, cujo nome significa “rebelde”, rei muito poderoso e megalômano.

longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, – explicável, mas inqualificável, – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, – o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”,⁴⁷ – expressão A: = imarcescíveis,” = usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

– A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.

⁴⁷ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, “imarcescível” diz respeito aos louros que não murcharão, o sentido aqui sendo o de uma glória que perdurará.

– Do verdadeiro médico, emendou Crispim Soares, –
boticário⁴⁸ da vila, e um dos seus amigos e comensais.

A vereança de Itaguaí, entre outros pecados⁴⁹ de que é arguida
pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que
cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não
curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício
da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte
entendeu desde logo reformar tão ruim costume; pediu licença à
câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os
loucos de Itaguaí e das demais vilas e cidades, mediante um
estipêndio, que a câmara lhe daria quando a família do enfermo o não
pudesse fazer. A proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e
encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se
desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus. A ideia de meter os
loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um
sintoma de demência, e não faltou quem o insinuasse à própria mulher
do médico.

A: # entre outras
lacunas de que é#
A: # tinha a de não #

– Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar,
veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar

⁴⁸ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, boticário era a pessoa que preparava e vendia medicamentos. E, segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, era a pessoa que sabia farmácia e que vendia preparações medicinais. Note-se que, numa escala social, Crispim Soares está abaixo de Simão Bacamarte, o “verdadeiro médico”.

⁴⁹ Sendo à época o Brasil um país católico com uma igreja que interferia profundamente nas questões político-administrativas, Machado problematiza ainda mais a questão com essa alteração, visto que ele faz o sentido passar de uma simples falha administrativa, para uma transgressão de um preceito religioso, atribuindo, assim, também, uma culpa religiosa à ineficiência da câmara.

sempre, sempre, não é bom, vira o juízo.

D. Evarista ficou aterrada, foi ter com o marido, disse-lhe “que estava com desejos”, um principalmente, o de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que a ele lhe parecesse adequado a certo fim. Mas aquele grande homem, com a rara sagacidade que o distinguia, penetrou a intenção da esposa e redarguiu-lhe sorrindo que não tivesse medo. Dali foi à câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres. A matéria do imposto não foi fácil achá-la; tudo estava tributado em Itaguaí. Depois de longos estudos, assentou-se em permitir o uso de dois penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse emplumar os cavalos de um coche mortuário pagaria dois tostões à câmara, repetindo-se tantas vezes esta quantia quantas fossem as horas decorridas entre a do falecimento e a da última bênção na sepultura. O escrivão perdeu-se nos cálculos aritméticos do rendimento possível da nova taxa; e um dos vereadores, que não acreditava na empresa do médico, pediu que se relevasse o escrivão de um trabalho inútil.

– Os cálculos não são precisos, disse ele, porque o Dr. Bacamarte não arranja nada. Quem é que viu agora meter todos os doidos dentro da mesma casa?

Enganava-se o digno magistrado; o médico arranhou tudo. Uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa. Era na rua

Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo, tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes. Como fosse grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá⁵⁰ lhes tira o juízo para que não pequem. A ideia pareceu-lhe bonita e profunda, e ele a fez gravar no frontispício da casa; mas, como tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo⁵¹, atribuiu o pensamento a Benedito VIII⁵², merecendo com essa fraude, aliás pia, que o padre Lopes lhe contasse, ao almoço, a vida daquele pontífice eminente.

A: # e por tabela à Inquisição, atribuiu o #

A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias. Muitos dementes já

⁵⁰ Para os muçulmanos, o Corão é a palavra de Deus, sagrada e imutável.

⁵¹ Na versão da revista *A Estação*, a hipótese referente à “Inquisição” talvez pudesse visar, segundo Ivan Teixeira, “à conexão imediata com as matérias e charges ainda correntes ou que tinham corrido nos jornais e revistas ilustradas da época” (TEIXEIRA, 2010, p.245). O uso do termo “bispo” em *Papéis Avulsos*, ao contrário, estaria mais ligado à polêmica entre o Estado e a Igreja ocasionada pelo projeto ultramontano desta, com os termos “vigário” e “bispo” representando os graus hierárquicos na igreja. Essa referência remete também à disputa existente entre a Igreja e a Ciência por um maior controle da sociedade. Já do ponto de vista do narrador, é possível que Machado tenha realizado essa alteração por saber que a palavra “Inquisição” trazer em si certa carga de negatividade, o que trairia uma condenação explícita por parte desse narrador.

⁵² Papa Benedito VIII, cujo papado se estendeu de 1012 a 1024, era de origem nobre, filho do Conde Gregório de Tusculum, tirano de Roma. Benedito VIII é mais conhecido por seu espírito guerreiro e por ser um político calculista, aliando-se ao rei alemão Henrique II para que este o reconhecesse como papa em oposição ao antipapa Gregório, que pertencia à família inimiga à de Benedito. Derrotou os sarracenos que tentavam invadir o litoral italiano e apoiou os normandos em 1016 quando estes invadiram a Apúlia. Também foi o responsável pela determinação do celibato obrigatório entre os padres.

estavam recolhidos; e os parentes tiveram ocasião de ver o carinho paternal e a caridade cristã com que eles iam ser tratados. D. Evarista, contentíssima com a glória do marido, vestira-se luxuosamente, cobriu-se de joias, flores e sedas. Ela foi uma verdadeira rainha naqueles dias memoráveis; ninguém deixou de ir visitá-la duas e três vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do século, e não só a cortejavam como a louvavam; porquanto, – e este fato é um documento altamente honroso para a sociedade do tempo, – porquanto viam nela a feliz esposa de um alto espírito, de um varão ilustre, e, se lhe tinham inveja, era a santa e nobre inveja dos admiradores.

Ao cabo de sete dias expiraram as festas públicas; Itaguaí tinha finalmente uma casa de Orates.

II

TORRENTE DE LOUCOS.

Três dias depois, numa expansão íntima com o boticário Crispim Soares, desvendou o alienista o mistério do seu coração.

– A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de S. Paulo aos coríntios⁵³: “Se eu conhecer quanto se

⁵³ Apesar de tanto em *A Estação* quanto em *Papéis avulsos* a forma adota tenha sido “Coríntios”, optou-se pela letra minúscula para acompanhar a moderna ortografia.

pode saber, e não tiver caridade, não sou nada”.⁵⁴ O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.

– Um excelente serviço, corrigiu o boticário.

– Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos.

– Muito maior, acrescentou o outro.

E tinham razão. De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaníacos, era toda a família dos deserdados do espírito. Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete. O padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos.

Um, por exemplo, um rapaz bronco⁵⁵ e vilão⁵⁶, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado

A: # um homem rude e vilão, #

⁵⁴ Citação simplificada da primeira epístola de São Paulo aos coríntios (13:2). Aqui também optou-se pela colocação do ponto depois das aspas para seguir os critérios de revisão de texto adotados atualmente.

⁵⁵ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, “bronco” significa “tosco, bruto, rude, grosseiro, boçal, inurbano”. E, segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, “inurbano, incivil, sem educação”.

⁵⁶ “Vilão”, em 1877, tinha o sentido de “camponês, rústico, descortês, não nobre” segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de 1877. Mas o mesmo verbete desse dicionário chama a atenção para o fato de que se a palavra, à época, fosse escrita com um “l”, o sentido mudaria para “vil”. Mas Machado não se utilizou dessa forma, de modo que o mais correto é interpretar a palavra no primeiro sentido.

de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos⁵⁷ de grego e latim, e suas borlas⁵⁸ de Cícero, Apuleio e Tertuliano.⁵⁹ O vigário não queria acabar de crer. Quê! um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua!⁶⁰

A: # Quê! um homem
que ele # / # tocando
uma tropa de mulas! #

– Não digo que não, respondia-lhe o alienista; mas a verdade é o que Vossa Reverendíssima está vendo. Isto é todos os dias.

– Quanto a mim, tornou o vigário, só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura⁶¹; provavelmente, confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe...

– Essa pode ser, com efeito, a explicação divina do fenômeno, concordou o alienista, depois de refletir um instante, mas não é

⁵⁷ Recamo é o bordado alto, de realce. Se pensarmos que a revista *A Estação* era uma publicação destinada sobretudo às mulheres, Machado faz uso de uma palavra muito ligada ao universo feminino para realizar essa metáfora.

⁵⁸ Aqui também uma referência ao mundo feminino, de vez que “borla” aqui se refere a uma obra de passamanaria, formada por um suporte e de onde pendem muitos fios, dando a ideia de um pensamento que se desdobra em várias direções.

⁵⁹ Marco Túlio Cícero (106-43 a. C.), Apuleio (125-180 d. C.) e Tertuliano (155-220 d. C.) são escritores latinos e três dos maiores oradores da Antiguidade.

⁶⁰ A primeira coisa que chama a atenção é a passagem de “homem” a “rapaz”, dando uma ideia de juventude incompatível com tamanha erudição. Depois, além de jovem, o rapaz é “bronco e vilão” o que, como estudado acima, também transmite a ideia de uma incivilidade campesina incompatível com um tal conhecimento das figuras retóricas e dos autores citados. Por fim, para completar a mudança e se manter coerente à figura do “rapaz”, Machado colocou-o “jogando peteca na rua”, ação que seria muito mais adequada ao rapaz do que colocá-lo “tocando uma tropa de mulas”. Toda essa mudança torna ainda mais absurda, inexplicável, a existência de um caso como esse.

⁶¹ Segundo o Antigo Testamento (Gênesis 11: 1-9), a torre de Babel teria sido uma construção realizada na Babilônia pelos descendentes de Noé com o objetivo de alcançar o céu e se aproximar de Deus. Este, entendendo que essa construção fosse fruto do orgulho dos homens e não do amor por Ele, decidiu puni-los, destruindo a torre, confundindo-lhes as línguas e dispersando-os por toda a terra, de modo a nunca mais se entenderem.

impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato...

– Vá que seja, e fico ansioso. Realmente!

Os loucos por amor eram três ou quatro, mas só dois espantavam pelo curioso do delírio. O primeiro, um Falcão, rapaz de vinte e cinco anos, supunha-se estrela-d'alva, abria os braços e alargava as pernas, para dar-lhes certa feição de raios, e ficava assim horas esquecidas a perguntar se o sol já tinha saído para ele recolher-se. O outro andava sempre, sempre, sempre, à roda das salas ou do pátio, ao longo dos corredores, à procura do fim do mundo. Era um desgraçado, a quem a mulher deixou por seguir um peralvilho. Mal descobrira a fuga, armou-se de uma garrucha, e saiu-lhes no encalço; achou-os duas horas depois, ao pé de uma lagoa, matou-os a ambos com os maiores requintes de crueldade. O ciúme satisfez-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquela ânsia de ir ao fim do mundo à cata dos fugitivos.

A mania das grandezas tinha exemplares notáveis. O mais notável era um pobre-diabo, filho de um algibebe⁶², que narrava às paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta:

– Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o

⁶² “Algibebe” diz respeito à pessoa que “faz e vende em lojas vestidos feitos de fazendas ordinárias, e feitos próprios para a plebe” segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877.

duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu.⁶³

Dava uma pancada na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas:

– Deus engendrou um ovo, o ovo, etc.

Outro da mesma espécie era um escrivão, que se vendia por mordomo do rei; outro era um boiadeiro de Minas, cuja mania era distribuir boiadas a toda a gente, dava trezentas cabeças a um, seiscentas a outro, mil e duzentas a outro, e não acabava mais. Não falo dos casos de monomania religiosa; apenas citarei um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia agora ser o deus João, e prometia o reino dos céus a quem o adorasse, e as penas do inferno aos outros; e depois desse, o licenciado⁶⁴ Garcia, que não dizia nada, porque imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrelas se despegariam do céu e abrasariam a terra; tal era o poder que recebera de Deus. Assim o escrevia ele no papel que o alienista lhe mandava dar, menos por caridade do que por interesse científico.

⁶³ Depois da menção à torre de Babel, Machado dá prosseguimento ao uso que fez do Gênesis. Aqui, ele parodia o trecho em que este livro fala da descendência de Sem, filho de Noé (Gênesis: 11:10-32): “Sem, com a idade de cem anos, gerou Arfaxad, dois anos depois do dilúvio./Depois do Nascimento de Arfaxad, Sem viveu ainda quinhentos anos, e gerou filhos e filhas./Arfaxad, com a idade de trinta e cinco anos, gerou Salé./Após o nascimento de Salé, Arfaxad viveu ainda quatrocentos anos, e gerou filhos e filhas”. Interessante notar que Machado usa os dois textos bíblicos na mesma sequência em que estes aparecem no Gênesis.

⁶⁴ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, “licenciado” seria o “estudante aprovado em exame, na universidade, a que se confere o grau de licenciado”. Já o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, diz que “nos navios mercantes chamam licenciado ao cirurgião, ou aprendiz de cirurgião, que traz licença para curar”.

Que, na verdade, a paciência do alienista era ainda mais extraordinária do que todas as manias hospedadas na Casa Verde; nada menos que assombrosa. Simão Bacamarte começou por organizar um pessoal de administração; e, aceitando essa ideia ao boticário Crispim Soares, aceitou-lhe também dois sobrinhos, a quem incumbiu da execução de um regimento que lhes deu, aprovado pela câmara, da distribuição da comida e da roupa, e assim também da escrita, etc. Era o melhor que podia fazer, para somente cuidar do seu ofício. – A Casa Verde, disse ele ao vigário, é agora uma espécie de mundo, em que há o governo temporal e o governo *espiritual*. E o padre Lopes ria deste pio trocado, – e acrescentava, – com o único fim de dizer também uma chalaça⁶⁵: – Deixe estar, deixe estar, que hei de mandá-lo denunciar ao papa.

Uma vez desonerado da administração, o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. Isto feito, começou um estudo aturado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma

⁶⁵ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, “chalaça” significava “zombaria, dito picante, jocoso”. “Dizer uma chalaça” seria tratar as coisas com superficialidade, não levá-las a sério, envolvendo-as com a galhofa.

devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor⁶⁶. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. Ao mesmo tempo estudava o melhor regime, as substâncias medicamentosas, os meios curativos e os meios paliativos, não só os que vinham nos seus amados árabes, como os que ele mesmo descobria, à força de sagacidade e paciência. Ora, todo esse trabalho levava-lhe o melhor e o mais do tempo. Mal dormia e mal comia; e, ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora interrogava um texto antigo, ora ruminava uma questão, e ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista.

III

DEUS SABE O QUE FAZ!

A ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao

⁶⁶ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, “corregedor” seria o “juiz posto pelo rei nas terras com atribuições de correição sobre os juizes ordinários”, ou seja, ele visitava as comarcas exercendo o ofício de correção, de emenda de vícios, de pena, de castigo. Os corregedores tinham jurisdição sobre a agricultura, a povoação, o levantamento de tropas e da polícia.

jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu

tristemente⁶⁷ que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de

A: ^ tritamente ^

dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou:

– Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos...⁶⁸

A: ^ meia dúzia de luna- ^

Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto, – os olhos, que eram a sua feição mais insinuante, – negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento. Não dizem as crônicas se D. Evarista brandiu aquela arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a ciência, ou, pelo menos, decepar-lhe as mãos; mas a conjectura é verossímil. Em todo caso, o alienista não lhe atribuiu outra intenção. E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superfície da fronte quieta como a água de Botafogo⁶⁹. Talvez um sorriso lhe descerrou os lábios, por entre os quais filtrou esta palavra macia como o óleo do *Cântico*^{70,71}

A: # Cântico: #

⁶⁷ Note-se que o mesmo erro tipográfico pode ser encontrado tanto na revista *A Estação* quanto em *Papéis Avulsos*.

⁶⁸ Na revista *A Estação*, a palavra “lunáticos”, por estar no final da linha, seria separada, e a frase continuaria na linha seguinte, mas o linotipista não completou a frase, dando início a um novo parágrafo.

⁶⁹ Aqui Machado faz referência à Enseada de Botafogo, mesmo bairro onde, em 1852, foi inaugurado o Hospício Pedro II, local em que hoje funciona o Palácio Universitário, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁷⁰ O *Cântico dos Cânticos*, longo poema estruturado em oito cantos, é um dos livros do Antigo Testamento, e sua autoria, assim como ocorre com outros textos sapienciais, foi atribuída a Salomão (século XI a. C.) para que pudesse ser lido na sinagoga. A comparação do nome dos amantes aos óleos perfumados é feita logo no início dos *Cânticos*.

⁷¹ Tanto na revista *A Estação* quanto na primeira edição em livro, o itálico se estende até os dois pontos.

– Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro.⁷²

A: ^ Rio de ^

D. Evarista sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés. Nunca dos nuncas vira o Rio de Janeiro, que posto não fosse sequer uma pálida sombra do que hoje é, todavia era alguma coisa mais do que Itaguaí. Ver o Rio de Janeiro, para ela, equivalia ao sonho do hebreu cativo.⁷³ Agora, principalmente, que o marido assentara de vez naquela povoação interior, agora é que ela perdera as últimas esperanças de respirar os ares da nossa boa cidade; e justamente agora é que ele a convidava a realizar os seus desejos de menina e moça. D. Evarista não pôde dissimular o gosto de semelhante proposta. Simão Bacamarte pegou-lhe na mão e sorriu, – um sorriso tanto ou quanto filosófico, além de conjugal, em que parecia traduzir-se este pensamento: – “Não há remédio certo para as dores da alma; esta senhora definha, porque lhe parece que a não amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se”.⁷⁴ E porque era homem estudioso tomou nota da observação.⁷⁵

A: = consola-se.” =

A: ^ nota da obser- ^

Mas um dardo atravessou o coração de D. Evarista. Conteve-se, entretanto; limitou-se a dizer ao marido, que, se ele não ia, ela não iria também, porque não havia de meter-se sozinha pelas estradas.

– Irá com sua tia, redarguiu o alienista.

⁷² Aqui também o linotipista da revista *A Estação* não concluiu a frase, que deveria seguir na linha seguinte, e deu início a um novo parágrafo.

⁷³ Os hebreus exilados e cativos na Babilônia sonhavam com a volta à terra prometida, como se lê no livro do Êxodo.

⁷⁴ Aqui também optou-se pela colocação do ponto depois das aspas para seguir os critérios de revisão de texto adotados atualmente.

⁷⁵ Mais uma vez, o linotipista da revista *A Estação* deu início a um novo parágrafo sem concluir a frase do parágrafo anterior.

Note-se que D. Evarista tinha pensado nisso mesmo; mas não quisera pedi-lo nem insinuá-lo, em primeiro lugar porque seria impor grandes despesas ao marido, em segundo lugar porque era melhor, mais metódico e racional que a proposta viesse dele.⁷⁶

^: ^ a proposta viesse ^

– Oh! mas o dinheiro que será preciso gastar! suspirou D. Evarista sem convicção.

– Que importa? Temos ganho muito, disse o marido. Ainda ontem o escriturário prestou-me contas. Queres ver?

E levou-a aos livros. D. Evarista ficou deslumbrada. Era uma via láctea de algarismos. E depois levou-a às arcas, onde estava o dinheiro. Deus! eram montes de ouro, eram mil cruzados sobre mil cruzados, dobrões sobre dobrões; era a opulência. Enquanto ela comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais pífida das alusões:

– Quem diria que meia dúzia de lunáticos...

D. Evarista compreendeu, sorriu e respondeu com muita resignação:

– Deus sabe o que faz!

Três meses depois efetuava-se a jornada. D. Evarista, a tia, a mulher do boticário, um sobrinho deste, um padre que o alienista conhecera em Lisboa, e que de aventura achava-se em Itaguaí, cinco ou seis pajens, quatro mucamas, tal foi a comitiva que a população viu

⁷⁶ Como das vezes anteriores, inicia-se outro parágrafo sem que a frase do parágrafo anterior tivesse sido concluída na revista *A Estação*.

dali sair em certa manhã do mês de maio. As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. Conquanto as lágrimas de D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalá-lo. Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência; e se alguma coisa o preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a ideia de que algum demente podia achar-se ali misturado com a gente de juízo.

– Adeus! soluçaram enfim as damas e o boticário.

E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar a casa,⁷⁷ trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auras.⁷⁸

IV

UMA TEORIA NOVA.⁷⁹

⁷⁷ Machado apenas retirou a crase em *Papéis Avulsos*.

⁷⁸ Nessa cena, é possível cogitarmos sobre uma provável alusão a *Dom Quixote*, de Cervantes, com Crispim Soares representando a figura de Sancho e Simão Bacamarte a de Dom Quixote.

⁷⁹ Aqui falta o ponto na edição de *Papéis Avulsos*, mas, porque ele aparece na maior parte dos capítulos e por uma questão de coerência, resolvi mantê-lo.

Ao passo que D. Evarista, em lágrimas, vinha buscando o Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa ideia arrojada e nova, própria a alargar as bases da psicologia. Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde, era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando⁸⁰ as falas de um olhar que metia medo aos mais heroicos.

A: # e pontuando as falas #

Um dia de manhã, – eram passadas três semanas, – estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

– Trata-se de negócio importante, segundo ele me disse, acrescentou o portador.

Crispim empalideceu. Que negócio importante podia ser, se não alguma triste notícia da comitiva, e especialmente da mulher? Porque este tópico deve ficar claramente definido, visto insistirem nele os cronistas: Crispim amava a mulher, e, desde trinta anos, nunca estiveram separados um só dia. Assim se explicam os monólogos que ele fazia agora, e que os fâmulos⁸¹ lhe ouviam muita vez: – “Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de Cesária? Bajulador, torpe bajulador! Só para adular ao Dr. Bacamarte. Pois agora aguenta-te; anda, aguenta-te, alma de lacaio, fracalhão, vil,

⁸⁰ Com essa alteração, talvez Machado quisesse dar uma ideia de continuidade, já que ele conversava “sobre trinta mil assuntos”, em vez de dar a ideia de ênfase ou conclusão.

⁸¹ Segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, “o que serve a família como criado”.

miserável. Dizes *amen* a tudo, não é? aí tens o lucro, biltre⁸²!” —⁸³ E A: = biltre!” E = muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo. Daqui a imaginar o efeito do recado é um nada. Tão depressa ele o recebeu como abriu mão das drogas e voou à Casa Verde.

Simão Bacamarte recebeu-o com a alegria própria de um sábio, uma alegria abotoada de circunspecção até o pescoço.

– Estou muito contente, disse ele.

– Notícias do nosso povo? perguntou o boticário com a voz trêmula.

O alienista fez um gesto magnífico, e respondeu:

– Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente⁸⁴.

Disse isto, e calou-se, para ruminar o pasmo do boticário. Depois explicou compridamente a sua ideia. No conceito dele a insânia

⁸² Indivíduo vil, desprezível; canalha.

⁸³ Em *Papéis Avulsos*, faltam as aspas e, em *A Estação*, o travessão. Seguindo as regras de revisão de texto adotados atualmente, as aspas foram fechadas e o travessão também.

⁸⁴ Esse trecho faz lembrar uma passagem de *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam: “Não convém limitar ou dividir o império de uma divindade que reina em todos os lugares, e com tanta força, que tudo o que há sobre a Terra lhe presta homenagem” (ROTTERDAM, 1990, p.7).

abrangia uma vasta superfície de cérebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos. Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí; mas, como um raro espírito que era, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí, e refugiou-se na história. Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula,⁸⁵ etc., uma enfiada de casos e pessoas, em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridículas. E porque o boticário se admirasse de uma tal promiscuidade, o alienista disse-lhe que era tudo a mesma coisa, e até acrescentou sentenciosamente:

– A ferocidade, Sr. Soares, é o grotesco a serio.

– Gracioso, muito gracioso! exclamou Crispim Soares levantando as mãos ao céu.

Quanto à ideia de ampliar o território da loucura, achou-a o boticário extravagante; mas a modéstia, principal adorno de seu

⁸⁵ O filósofo grego Sócrates (470-399 a. C.) falava que era acompanhado por um espírito, que ele denominava “demônio”, que o inspirava a praticar o bem e buscar e expressar a verdade. Blaise Pascal (1623-1662), pensador francês, por ter sofrido um acidente que quase o atirou ao rio Sena ao atravessar uma ponte, dizia “tenho a impressão de cair. Um abismo que se abre à minha esquerda, onde algumas vezes sou obrigado a colocar uma cadeira, a fim de resistir ao seu apelo”, o que o não deixava esquecer que era humano e falível. O profeta Maomé (c. 570-632), segundo a tradição muçulmana, teria recebido a visita do arcanjo Gabriel, que o teria declarado profeta de Deus. Caracala (211 a 217) passou para a história como um dos mais sanguinários governadores da antiga Roma; era conhecido por sua instabilidade emocional e pelo tratamento brutal aos seus adversários. Segundo as fontes clássicas, o imperador Domiciano (81 a 96) era um tirano cruel e paranóico, que concentrou em suas mãos todos os poderes governamentais, estabelecendo um reinado baseado no terror. Muitas fontes, tratando do imperador romano Calígula (37 a 41), referem-se à sua crueldade, extravagância e perversidade sexual. Fílon de Alexandria e Sêneca, o Moço, descrevem-no como um demente irascível, caprichoso e enfermo sexual.

espírito, não lhe sofreu confessar outra coisa além de um nobre entusiasmo; declarou-a sublime e verdadeira, e acrescentou que era “caso de matraca”. Esta expressão não tem equivalente no estilo moderno. Naquele tempo, Itaguaí, que como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia⁸⁶, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia: ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da câmara e da matriz; – ou por meio de matraca. Eis em que consistia este segundo uso. Contratava-se um homem, por um ou mais dias, para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão. De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, e ele anunciava o que lhe incumbiam, – um remédio para sezões⁸⁷, umas terras lavradas, um soneto, um donativo eclesiástico, a melhor tesoura da vila, o mais belo discurso do ano, etc. O sistema tinha inconvenientes para a paz pública; mas era conservado pela grande energia de divulgação que possuía. Por exemplo, um dos vereadores, – aquele justamente que mais se opusera à criação da Casa Verde, – desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticara um só desses bichos; mas, tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os meses. E dizem as crônicas que

⁸⁶ Aqui, Machado localiza temporalmente a história no período em que o Brasil ainda era colônia de Portugal, período anterior à transferência da família real e da nobreza portuguesas para o Brasil, em 1808, quando, a partir de 16 de dezembro de 1815, o Brasil passou a receber a designação de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. A imprensa no Brasil nasceu oficialmente com a chegada no Brasil da família real portuguesa, que fundou a Imprensa Régia em 13 de maio de 1808. Até então, qualquer atividade de imprensa, quer a publicação em jornais, livros ou panfletos, era proibida.

⁸⁷ Febre intermitente.

algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente falsa, mas só devida à absoluta confiança no sistema. Verdade, verdade; nem todas as instituições do antigo regime, mereciam o desprezo do nosso século.

– Há melhor do que anunciar a minha ideia, é praticá-la, respondeu o alienista à insinuação do boticário.

E o boticário, não divergindo sensivelmente deste modo de ver, disse-lhe que sim, que era melhor começar pela execução.

– Sempre haverá tempo de a dar à matraca, concluiu ele.

Simão Bacamarte refletiu ainda um instante, e disse:

– Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia, e só insânia.

O vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução.

– Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?

Sobre o lábio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à

comiseração; mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias⁸⁸ entranhas.

A ciência contentou-se em estender a mão à teologia, – com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução.

V

O TERROR.⁸⁹

Quatro dias depois, a população de Itaguaí ouviu consternada a notícia de que um certo Costa fora recolhido à Casa Verde.

– Impossível!

– Qual impossível! foi recolhido hoje de manhã.

– Mas, na verdade, ele não merecia... Ainda em cima! depois de tanto que ele fez...

Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí. Herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda de el-rei D. João V⁹⁰,

⁸⁸ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, “nobre, insigne, eminente, admirável; *pessoa egrégia*: que é grande no reino”.

⁸⁹ Aqui Machado aproxima o que acontecerá em Itaguaí à Revolução Francesa. Durante essa revolução, O Reino do Terror, ou simplesmente O Terror, foi um período compreendido entre 5 de setembro de 1793 (queda dos girondinos) e 27 de julho de 1794 (prisão de Maximilien Robespierre) marcado inicialmente pela perseguição aos girondinos mas que depois se espalhou e abrangeu todos os inimigos da revolução, incluindo nobres, padres etc. A política desse período, muito conhecida pelas execuções na guilhotina, era conduzida pelo Comitê de Salvação Pública, com destaque para Robespierre, que morreu na guilhotina assim que foi deposto do cargo de presidente do comitê. O capítulo V e o X têm seus nomes tirados dessa Revolução.

⁹⁰ D. João V (1689-1750), rei de Portugal de 1707 a 1750. Durante o reinado de D. João V, a produção de ouro no Brasil, principal colônia portuguesa, alcançou seu ápice, o que permitiu aos cidadãos portugueses viver num

dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no
 testamento,⁹¹ para viver “até o fim do mundo”. Tão depressa recolheu
 a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem usura, mil
 cruzados a um, dois mil a outro, trezentos a este, oitocentos àquele, a
 tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada.⁹² Se a miséria
 viesse de chofre, o pasmo de Itaguaí seria enorme; mas veio devagar⁹³;
 ele foi passando da opulência à abastança, da abastança à mediania, da
 mediania à pobreza, da pobreza à miséria, gradualmente. Ao cabo
 daqueles cinco anos, pessoas que levavam o chapéu ao chão, logo que
 ele assomava no fim da rua, agora batiam-lhe no ombro, com
 intimidade, davam-lhe piparotes no nariz, diziam-lhe pulhas⁹⁴. E o
 Costa sempre lhano⁹⁵, risonho. Nem se lhe dava de ver que os menos
 cortes es eram justamente os que tinham ainda a dívida em aberto; ao
 contrário, parece que os agasalhava com maior prazer, e mais sublime

estado de prosperidade marcado pela opulência e pela tranqüilidade. Porém, com o declínio da produção de ouro e com uma economia deficitária, Portugal entrou num período de tributação excessiva dessa riqueza, o que culminou numa série de revoltas.

⁹¹ Nessa passagem, vemos um ponto na publicação do conto em *Papéis Avulsos* e, em *A Estação*, uma vírgula. Nesse caso, optou-se pela pontuação de *A Estação* porque, além de a frase seguinte iniciar-se por minúscula, a ideia só se completa com “para viver ‘até o fim do mundo’”.

⁹² Aqui também a pontuação de *A Estação* foi adotada por me parecer a mais acertada, já que a frase seguinte inicia-se por maiúscula e a ideia se encerra aí. Na edição do conto em *Papéis Avulsos* encontramos uma vírgula.

⁹³ Na edição de *Papéis Avulsos* de 1882, Machado optou pela forma “de vagar”, apesar de, à época, existirem as formas “de vagar” e “devagar” segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878. Talvez o escritor tenha optado por essa forma para contrapô-la diretamente a “de chofre”. Aqui, optamos pela forma usada atualmente.

⁹⁴ Segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, “dito caviloso”; comentário capcioso ou zombeteiro.

⁹⁵ “Lhano”, de acordo com o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, significa “sem soberba, singelo, sincero; sem artifício no trato, conversação, vestuário, tratamento”.

resignação. Um dia, como um desses incuráveis devedores lhe atirasse uma chalaça grossa, e ele se risse dela, observou um desafeitado, com certa perfídia: – “Você suporta esse sujeito para ver se ele lhe paga”.⁹⁶ Costa não se deteve um minuto, foi ao devedor e perdoou-lhe a dívida. – “Não admira, retorquiu o outro; o Costa abriu mão de uma estrela, que está no céu.” Costa era perspicaz, entendeu que ele negava todo o merecimento ao ato, atribuindo-lhe a intenção de rejeitar o que não vinham meter-lhe na algibeira. Era também pundonoroso⁹⁷ e inventivo; duas horas depois achou um meio de provar que lhe não cabia um tal labéu⁹⁸: pegou de algumas dobras, e mandou-as de empréstimo ao devedor.

– Agora espero que... – pensou ele sem concluir a frase.

Esse último rasgo do Costa persuadiu a crédulos e incrédulos; ninguém mais pôs em dúvida os sentimentos cavalheirescos daquele digno cidadão. As necessidades mais acanhadas saíram à rua, vieram bater-lhe à porta, com os seus chinelos velhos, com as suas capas remendadas. Um verme, entretanto, roía a alma do Costa: era o conceito do desafeto. Mas isso mesmo acabou; três meses depois veio este pedir-lhe uns cento e vinte cruzados com promessa de restituir-lhos daí a dois dias; era o resíduo da grande herança, mas era também uma nobre desforra: Costa emprestou o dinheiro logo, logo, e sem

⁹⁶ Apesar de nas duas publicações o ponto ter sido posto antes das aspas, aqui ele foi colocado depois a fim de seguir os critérios de revisão de texto adotados atualmente.

⁹⁷ “Cheio de brio, de honra”, segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877.

⁹⁸ De acordo como *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, “mancha, defeito”, mácula na reputação.

juros. Infelizmente não teve tempo de ser pago; cinco meses depois era recolhido à Casa Verde.

Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube do caso. Não se falou em outra coisa, dizia-se que o Costa ensandecera, ao almoço, outros que de madrugada; e contavam-se os acessos, que eram furiosos, sombrios, terríveis, – ou mansos, e até engraçados, conforme as versões. Muita gente correu à Casa Verde, e achou o pobre Costa, tranquilo, um pouco espantado, falando com muita clareza, e perguntando por que motivo o tinham levado para ali. Alguns foram ter com o alienista. Bacamarte aprovava esses sentimentos de estima e compaixão, mas acrescentava que a ciência era a ciência, e que ele não podia deixar na rua um mentecapto. A última pessoa que intercedeu por ele (porque depois do que vou contar ninguém mais se atreveu a procurar o terrível médico) foi uma pobre senhora, prima do Costa. O alienista disse-lhe confidencialmente que esse digno homem não estava no perfeito equilíbrio das faculdades mentais, à vista do modo como dissipara os cabedais⁹⁹ que...

– Isso, não! isso não! interrompeu a boa senhora com energia.

Se ele gastou tão depressa o que recebeu, a culpa não é dele.

– Não?

– Não, senhor. Eu lhe digo como o negócio se passou. O defunto meu tio não era mau homem; mas quando estava furioso era

⁹⁹ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, “capital, fundo de dinheiro que alguém possui, oposto à renda; bens, riqueza”.

capaz de nem tirar o chapéu ao Santíssimo. Ora, um dia, pouco tempo antes de morrer, descobriu que um escravo lhe roubara um boi; imagine como ficou. A cara era um pimentão; todo ele tremia, a boca escumava; lembra-me como se fosse hoje. Então um homem feio, cabeludo, em mangas de camisa, chegou-se a ele e pediu água. Meu tio (Deus lhe fale n'alma!) respondeu que fosse beber ao rio ou ao inferno. O homem olhou para ele, abriu a mão em ar de ameaça, e rogou esta praga: – “Todo o seu dinheiro não há de durar mais de sete anos e um dia, tão certo como isto ser o *sino salamão!*”¹⁰⁰. E mostrou o *sino salamão* impresso no braço. Foi isto, meu senhor; foi esta praga daquele maldito.

Bacamarte espetara na pobre senhora um par de olhos agudos como punhais. Quando ela acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse à própria esposa do vice-rei¹⁰¹, e convidou-a a ir falar ao primo. A mísera acreditou; ele levou-a à Casa Verde e encerrou-a na galeria dos alucinados.¹⁰²

A: # encerrou-a na ala
dos alucinados. #

¹⁰⁰ Semelhante à Estrela de Davi, o sino Salomão é uma figura formado por dois triângulos entrelaçados, um voltado para cima, o outro, para baixo, compondo a figura de uma estrela. Também encontramos, em português, as seguintes variantes: “signo de Salomão”, “signo-saimão”, “signo-salmão” e “signo-salomão”. Atribui-se a origem do sino Salomão aos persas, e seu nome evoca o rei Salomão. Na Antiguidade, foi usado por muçulmanos como talismã contra influências funestas.

¹⁰¹ No Brasil, o cargo de vice-rei era concedido pelo rei de Portugal por meio de carta régia aos que se destacavam politicamente no Império Ultramarino Português, e levava-se em conta a nobreza de sangue, a fidalguia, e os serviços prestados à Coroa, principalmente em caráter militar.

¹⁰² A alteração feita por Machado parece indicar que o autor buscava uma palavra que indicasse não apenas um setor em que as pessoas pudessem ter algum tipo de afinidade, “os alucinados”, mas que também fizesse uma referência ao tipo de lugar em que a prima do Costa estava sendo internada, um edifício comprido e com janelas, como era a Casa Verde, e que poderia também trazer o significado de um espaço para exposição. Com essa alteração, o autor consegue ampliar o sentido da frase.

A notícia desta aleivosia do ilustre Bacamarte lançou o terror à alma da população. Ninguém queria acabar de crer, que, sem motivo, sem inimizade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz. Comentava-se o caso nas esquinas, nos barbeiros; edificou-se um romance, umas finezas namoradas que o alienista outrora dirigira à prima do Costa, a indignação do Costa e o desprezo da prima. E daí a vingança. Era claro. Mas a austeridade do alienista, a vida de estudos que ele levava, pareciam desmentir uma tal hipótese. Histórias! Tudo isso era naturalmente a capa do velhaco. E um dos mais crédulos chegou a murmurar que sabia de outras coisas, não as dizia, por não ter certeza plena, mas sabia, quase que podia jurar.

– Você, que é íntimo dele, não nos podia dizer o que há, o que houve, que motivo...

Crispim Soares derretia-se todo. Esse interrogar da gente inquieta e curiosa, dos amigos atônitos, era para ele uma consagração pública. Não havia duvidar; toda a povoação sabia enfim que o privado do alienista era ele, Crispim, o boticário, o colaborador do grande homem e das grandes coisas; daí a corrida à botica. Tudo isso dizia o carão jucundo¹⁰³ e o riso discreto do boticário, o riso e o silêncio, porque ele não respondia nada; um, dois, três monossílabos, quando muito, soltos, secos, encapados no fiel sorriso, constante e miúdo,

¹⁰³ O mesmo que alegre.

cheio de mistérios científicos, que ele não podia, sem desdouro¹⁰⁴ nem perigo, desvendar a nenhuma pessoa humana.

– Há coisa, pensavam os mais desconfiados.

Um desses limitou-se a pensá-lo, deu de ombros e foi embora. Tinha negócios pessoais. Acabava de construir uma casa suntuosa. Só a casa bastava para deter e chamar toda a gente; mas havia mais, – a mobília, que ele mandara vir da Hungria e da Holanda, segundo contava, e que se podia ver do lado de fora, porque as janelas viviam abertas, – e o jardim, que era uma obra-prima de arte e de gosto. Esse homem, que enriquecera no fabrico de albardas, tinha tido sempre o sonho de uma casa magnífica, jardim pomposo, mobília rara. Não deixou o negócio das albardas, mas repousava dele na contemplação da casa nova, a primeira de Itaguaí, mais grandiosa do que a Casa Verde, mais nobre do que a da câmara. Entre a gente ilustre da povoação havia choro e ranger de dentes, quando se pensava, ou se falava, ou se louvava a casa do albardeiro¹⁰⁵, – um simples albardeiro, Deus do céu!

– Lá está ele embasbacado, diziam os transeuntes, de manhã.

De manhã, com efeito, era costume do Mateus estatelar-se, no meio do jardim, com os olhos na casa, namorado, durante uma longa

¹⁰⁴ Desonra.

¹⁰⁵ O “albardeiro”, de acordo com *Diccionario Enciclopédico*, 1878, era o oficial que fazia albardas, uma sela feita de pano grosseiro e normalmente estofada de palha. Num sentido figurado, referia-se ao “oficial imperfeito de qualquer ofício, que faz grosseira e toscamente as suas obras”. O *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, consigna a expressão “meter palha na albarda de alguém”, significando tratar a pessoa de demente e querer enganá-la grosseiramente.

hora, até que vinham chamá-lo para almoçar. Os vizinhos, embora o cumprimentassem com certo respeito, riam-se por trás dele, que era um gosto. Um desses chegou a dizer que o Mateus seria muito mais econômico, e estaria riquíssimo, se fabricasse as albardas para si mesmo; epigrama ininteligível, mas que fazia rir às bandeiras despregadas.

– Agora lá está o Mateus a ser contemplado, diziam à tarde.

A razão deste outro dito era que, de tarde, quando as famílias saíam a passeio (jantavam cedo) usava o Mateus postar-se à janela, bem no centro, vistoso, sobre um fundo escuro, trajado de branco, atitude senhoril, e assim ficava duas e três horas até que anoitecia de todo. Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, posto que ele não a confessasse a nenhuma pessoa, nem ao boticário, nem ao padre Lopes, seus grandes amigos. E entretanto não foi outra a alegação do boticário, quando o alienista lhe disse que o albardeiro talvez padecesse do amor das pedras, mania que ele Bacamarte descobrira e estudava desde algum tempo. Aquilo de contemplar a casa...

– Não, senhor, acudiu vivamente Crispim Soares.

– Não?

– Há de perdoar-me, mas talvez não saiba que ele de manhã examina a obra, não a admira; de tarde, são os outros que o admiram a ele e à obra. – E contou o uso do albardeiro, todas as tardes, desde cedo até o cair da noite.

Uma volúpia científica alumiu os olhos de Simão Bacamarte. Ou ele não conhecia todos os costumes do albardeiro, ou nada mais quis, interrogando o Crispim, do que confirmar alguma notícia incerta ou suspeita vaga. A explicação satisfê-lo; mas como tinha as alegrias próprias de um sábio, concentradas, nada viu o boticário que fizesse suspeitar uma intenção sinistra. Ao contrário, era de tarde, e o alienista pediu-lhe o braço para irem a passeio. Deus! era a primeira vez que Simão Bacamarte dava ao seu privado tamanha honra; Crispim ficou trêmulo, atarantado, disse que sim, que estava pronto. Chegaram duas ou três pessoas de fora, Crispim mandou-as mentalmente a todos os diabos; não só atrasavam o passeio, como podia acontecer que Bacamarte elegeisse alguma delas, para acompanhá-lo, e o dispensasse a ele. Que impaciência! que aflição! Enfim, saíram. O alienista guiou para os lados da casa do albardeiro, viu-o à janela, passou cinco, seis vezes por diante, devagar, parando, examinando as atitudes, a expressão do rosto. O pobre Mateus, apenas notou que era objeto da curiosidade ou admiração do primeiro vulto de Itaguaí, redobrou de expressão, deu outro relevo às atitudes... Triste! triste! não fez mais do que condenar-se; no dia seguinte, foi recolhido à Casa Verde.

– A Casa Verde é um cárcere privado, disse um médico sem clínica.

Nunca uma opinião pegou e grassou tão rapidamente. Cárcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguaí, – a medo, é verdade, porque durante a semana que se seguiu à captura

do pobre Mateus, vinte e tantas pessoas, – duas ou três de consideração, – foram recolhidas à Casa Verde. O alienista dizia que só eram admitidos os casos patológicos, mas pouca gente lhe dava crédito. Sucediavam-se as versões populares. Vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus, monomania do próprio médico, plano secreto do Rio de Janeiro com o fim de destruir em Itaguaí qualquer germen de prosperidade que viesse a brotar, arvorecer, florir, com desdouro e míngua daquela cidade, mil outras explicações, que não explicavam nada, tal era o produto diário da imaginação pública.

Nisto chegou do Rio de Janeiro a esposa do alienista, a tia, a mulher do Crispim Soares, e toda a mais comitiva, – ou quase toda, – que algumas semanas antes partira de Itaguaí. O alienista foi recebê-la, com o boticário, o padre Lopes, os vereadores, e vários outros magistrados. O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. D. Evarista soltou um grito, balbuciou uma palavra, e atirou-se ao consorte, de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o ilustre Bacamarte; frio como um diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona, que caiu neles, e desmaiou. Curto incidente; ao cabo de dois minutos, D. Evarista recebia os cumprimentos dos amigos, e o préstito punha-se em marcha.

D. Evarista era a esperança de Itaguaí; contava-se com ela para minorar o flagelo da Casa Verde. Daí as aclamações públicas, a imensa gente que atulhava as ruas, as flâmulas, as flores e damascos às janelas. Com o braço apoiado no do padre Lopes, – porque o eminente Bacamarte confiara a mulher ao vigário, e acompanhava-os a passo meditativo, – D. Evarista voltava a cabeça a um lado e outro, curiosa, inquieta, petulante. O vigário indagava do Rio de Janeiro, que ele não vira desde o vice-reinado anterior; e D. Evarista respondia, entusiasmada, que era a coisa mais bela que podia haver no mundo. O Passeio Público¹⁰⁶ estava acabado, um paraíso, onde ela fora muitas vezes, e a rua das Belas Noites, o chafariz das Marrecas...¹⁰⁷ Ah! o chafariz das Marrecas! Eram mesmo marrecas, – feitas de metal e despejando água pela boca fora. Uma coisa galantíssima. O vigário dizia que sim, que o Rio de Janeiro devia estar agora muito mais

¹⁰⁶ Localizado no centro histórico do Rio de Janeiro, o Passeio Público, construído em 1783, foi o grande ponto de encontro da população carioca nos séculos XVIII E XIX. O parque, que originariamente foi projetado por Mestre Valentim, com pavilhões quadrangulares, contendo estátuas de Mercúrio e Apolo e busto de Febo, além de outras obras, passou por três grandes reformas. A primeira, ordenada por D. João VI e iniciada em 1816, mudaram drasticamente o projeto original e foram retiradas as estátuas e o busto, além de outras obras de Valentim. A segunda, comandada pelo Cel. Antonio João Rangel de Vasconcelos, trouxe de volta algumas das obras que haviam sido retiradas na primeira reforma. A terceira, iniciada em 1861 e realizada pelo paisagista francês Auguste François Marie Glaziou, sob o governo de d. Pedro II, desprezou o estilo francês de Mestre Valentim e introduziu no Passeio o estilo inglês, mais romântico.

¹⁰⁷ A rua das Belas Noites foi aberta quando da construção do Passeio Público, mas passou a ser chamada de rua das Marrecas a partir de 1785, quando da construção do chafariz feito por Mestre Valentim, pois, nesse chafariz, a água jorrava do bico de cinco marrequinhas de bronze. Faziam também parte do chafariz as estátuas da ninfa Eco e do caçador Narciso. Em 1896, o chafariz foi demolido, e as estátuas foram levadas para o Jardim Botânico, e as marrequinhas foram para o Arquivo Municipal do Rio de Janeiro, e duas fazem parte do acervo do Museu Histórico da Cidade.

bonito. Se já o era noutro tempo! Não admira, maior do que Itaguaí, e de mais a mais sede do governo...¹⁰⁸ Mas não se pode dizer que Itaguaí fosse feio; tinha belas casas, a casa do Mateus, a Casa Verde...

– A propósito de Casa Verde, disse o padre Lopes escorregando habilmente para o assunto da ocasião, a senhora vem achá-la muito cheia de gente.

– Sim?

– É verdade. Lá está o Mateus...

– O albardeiro?

– O albardeiro; está o Costa, a prima do Costa, e Fulano, e Sicrano, e...

– Tudo isso doido?

– Ou quase doido, obtemperou o padre.

– Mas então?

O vigário derreou os cantos da boca, à maneira de quem não sabe nada, ou não quer dizer tudo; resposta vaga, que se não pode repetir a outra pessoa, por falta de texto. D. Evarista achou realmente extraordinário que toda aquela gente ensandecesse;¹⁰⁹ um ou outro, vá; mas todos? Entretanto, custava-lhe duvidar; o marido era um sábio, não recolheria ninguém à Casa Verde sem prova evidente de loucura.

A: = ensandecesse - um =

A: ^ custava; lhe duvidar ^

¹⁰⁸ Em 1808, com a vinda da monarquia de Lisboa para o Brasil, o Rio de Janeiro passou a ser a sede de todo o império português.

¹⁰⁹ Em *A Estação*, “ensandecesse” está no final da linha, seguido de um hífen, o que me parece ter sido um erro do linotipista, pois, como vemos na linha de baixo, “custava” está na mesma posição, seguido por um ponto e vírgula. Parece-me que o linotipista trocou uma pontuação pela outra.

– Sem dúvida... sem dúvida... ia pontuando o vigário.

Três horas depois, cerca de cinquenta convivas sentavam-se em volta da mesa de Simão Bacamarte; era o jantar das boas-vindas. D. Evarista foi o assunto obrigado dos brindes, discursos, versos de toda a casta, metáforas, amplificações, apólogos. Ela era a esposa do novo Hipócrates¹¹⁰, a musa da ciência, anjo, divina, aurora, caridade, vida, consolação; trazia nos olhos duas estrelas, segundo a versão modesta de Crispim Soares, e dois sóis, no conceito de um vereador. O alienista ouvia essas coisas um tanto enfastiado, mas sem visível impaciência. Quando muito dizia ao ouvido da mulher, que a retórica permitia tais arrojados sem significação. D. Evarista fazia esforços para aderir a esta opinião do marido; mas, ainda descontando três quartas partes das louvaminhas¹¹¹, ficava muito com que enfunar-lhe¹¹² a alma. Um dos oradores, por exemplo, Martim Brito, rapaz de vinte e cinco anos, pintalegrete¹¹³ acabado, curtido de namoros e aventuras, declamou um discurso em que o nascimento de D. Evarista era explicado pelo mais singular dos reptos¹¹⁴. “Deus, disse ele, depois de dar ao universo o homem e a mulher, esse diamante e essa pérola da coroa divina (e o orador arrastava triunfalmente esta frase de uma ponta a outra da

¹¹⁰ Aqui, Simão Bacamarte é comparado ao grego Hipócrates (460-370 a. C.), o mais famoso médico da Antiguidade e denominado o “pai da medicina”.

¹¹¹ “Lisonja, adulação; *amigo de louvaminhas*: pessoa que lisonjeia e ilude ao amigo”, de acordo com o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877.

¹¹² Encher de vaidade ou orgulho.

¹¹³ “Homem muito apurado no vestir”, segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878.

¹¹⁴ Desafio.

mesa),¹¹⁵ Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista.”

D. Evarista baixou os olhos com exemplar modéstia. Duas senhoras, achando a cortesanice excessiva e audaciosa, interrogaram os olhos do dono da casa; e, na verdade, o gesto do alienista pareceu-lhes nublado de suspeitas, de ameaças, e, provavelmente, de sangue. O atrevimento foi grande, pensaram as duas damas. E uma e outra pediam a Deus que removesse qualquer episódio trágico, – ou que o adiasse, ao menos, para o dia seguinte. Sim, que o adiasse. Uma delas, a mais piedosa, chegou a admitir, consigo mesma, que D. Evarista não merecia nenhuma desconfiança, tão longe estava de ser atraente ou bonita. Uma simples água-morna. Verdade é que, se todos os gostos fossem iguais, o que seria do amarelo? E esta ideia fê-la tremer outra vez, embora menos; menos, porque o alienista sorria agora para o Martim Brito, e, levantados todos, foi ter com ele e falou-lhe do discurso. Não lhe negou que era um improviso brilhante, cheio de rasgos magníficos. Seria dele mesmo a ideia relativa ao nascimento de D. Evarista, ou tê-la-ia encontrado em algum autor que...? Não, senhor; era dele mesmo; achou-a naquela ocasião e parecera-lhe adequada a um arroubo oratório. De resto, suas ideias eram antes arrojadas do que ternas ou jocosas. Dava para o épico. Uma vez, por

¹¹⁵ Essa vírgula não consta nem na publicação de *A Estação* nem na de *Papéis Avulsos*, mas foi usada para adequar o texto às regras de pontuação.

exemplo, compôs uma ode à queda do marquês de Pombal¹¹⁶, em que dizia que esse ministro¹¹⁷ era o “dragão aspérrimo do Nada”, esmagado pelas “garras vingadoras do Todo”; e assim outras, mais ou menos fora do comum; gostava das ideias sublimes e raras, das imagens grandes e nobres...

– Pobre moço! pensou o alienista. E continuou consigo: – Trata-se de um caso de lesão cerebral; fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo...

D. Evarista ficou estupefata quando soube, três dias depois, que o Martim Brito fora alojado na Casa Verde. Um moço que tinha ideias tão bonitas! As duas senhoras atribuíram o ato a ciúmes do alienista. Não podia ser outra coisa; realmente a declaração do moço fora audaciosa demais.

Ciúmes? Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, pessoa estimável, o Chico das Cambraias, folgazão emérito, o escrivão Fabrício, e ainda outros? O

¹¹⁶ Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), o Marquês de Pombal, foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777) e realizou profundas reformas em Portugal, quer econômicas, religiosas, na educação e no aparelho de Estado. Um atentado ao rei José, em 1758, forneceu a Pombal o pretexto de que precisava para tirar os poderes da nobreza e expulsar os jesuítas, que conheciam os conspiradores. Todos os envolvidos, incluindo família e servos, foram torturados e mortos. A época ficou conhecida como Terror Pombalino. Em 1763, Pombal ordenou que a sede do governo-geral da colônia fosse transferida de Salvador para o Rio de Janeiro e determinou, depois da expulsão violenta dos jesuítas, que a educação na colônia passasse a ser transmitida por leigos nas chamadas aulas régias. Pombal se manteve à frente do governo português por três décadas, durante as quais ele exerceu reformas modernizadoras. Com a morte de D. José em 1777, o marquês perdeu poder político e foi afastado do governo.

¹¹⁷ “Que serve ao soberano imediatamente e é conselheiro nato no Estado”, de acordo com o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877.

terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos,¹¹⁸ alguns não andavam fora sem um ou dois capangas. Positivamente o terror. Quem podia, emigrava. Um desses fugitivos¹¹⁹ chegou a ser preso a duzentos passos da vila. Era um rapaz de trinta anos, amável, conversado, polido, tão polido que não cumprimentava alguém sem levar o chapéu ao chão; na rua, acontecia-lhe correr uma distância de dez a vinte braças¹²⁰ para ir apertar a mão a um homem grave, a uma senhora, às vezes a um menino, como acontecera ao filho do juiz de fora. Tinha a vocação das cortesias. De resto, devia as boas relações da sociedade, não só aos dotes pessoais, que eram raros, como à nobre tenacidade com que nunca desanimava diante de uma, duas, quatro, seis recusas, caras feias, etc. O que acontecia era que, uma vez entrado numa casa, não a deixava mais, nem os da casa o deixavam a ele, tão gracioso era o Gil Bernardes. Pois o Gil Bernardes, apesar de se saber estimado, teve medo quando lhe disseram um dia, que o alienista o trazia de olho¹²¹; na madrugada seguinte fugiu da vila, mas foi logo apanhado e conduzido à Casa Verde.

¹¹⁸ Tanto o texto publicado em *A Estação* quanto o publicado em *Papéis Avulsos* trazem, em lugar da vírgula, um ponto, mas seguido de letra minúscula; por isso, e por achar que o pensamento se conclui com a ideia dos capangas, optou-se aqui pela vírgula.

¹¹⁹ Por respeito às regras de pontuação, optou-se por não colocar uma vírgula aqui, apesar de ela existir tanto em *A Estação* quanto em *Papéis Avulsos*.

¹²⁰ Antiga unidade de comprimento equivalente a 2,2m.

¹²¹ A Essa passagem lembra um trecho de *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam: “Quem não fugiria com horror, como de um monstro, como de um espectro, de um homem desses?” (XXX, p.28).

- Devemos acabar com isto!
- Não pode continuar!
- Abaixo a tirania!
- Déspota! violento! Golias!¹²²

Não eram gritos na rua, eram suspiros em casa,¹²³ mas não tardava a hora dos gritos. O terror crescia; avizinhava-se a rebelião. A ideia de uma petição ao governo para que Simão Bacamarte fosse capturado e deportado, andou por algumas cabeças, antes que o barbeiro¹²⁴ Porfírio a expendesse na loja, com grandes gestos de indignação. Note-se, – e essa é uma das laudas mais puras desta sombria história, – note-se que o Porfírio, desde que a Casa Verde começara a povoar-se tão extraordinariamente, viu crescerem-lhe os lucros pela aplicação assídua de sanguessugas que dali lhe pediam: mas o interesse particular, dizia ele, deve ceder ao interesse público. E acrescentava: – é preciso derrubar o tirano! Note-se mais que ele soltou esse grito justamente no dia em que¹²⁵ Simão Bacamarte fizera recolher à Casa Verde um homem que trazia com ele uma demanda, o

A: + no dia em [...]
Simão Bacamarte +

¹²² Golias era o gigante campeão dos filisteus que foi derrotado por Davi durante o reinado de Saul, segundo narra a Bíblia em 1 Samuel 17.

¹²³ Não existe vírgula nem no texto de *A Estação* nem no de *Papéis Avulsos*, mas, por adequação às atuais regras gramaticais, optamos por colocá-la.

¹²⁴ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, o barbeiro fazia as barbas mas também era sangrador, cirurgião pouco instruído que sangrava, deitava ventosas, punha cáusticos e fazia operações cirúrgicas pouco importantes. De acordo com o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, o barbeiro também concertava as espadas, limpando-as e afiando-as. Em termos de estratificação social, o barbeiro estaria abaixo do médico e do boticário.

¹²⁵ O “que” falta tanto no texto de *A Estação* quanto no de *Papéis Avulsos*.

Coelho.

– Não me dirão em que é que o Coelho é doido? bradou o Porfírio.

E ninguém lhe respondia; todos repetiam que era um homem perfeitamente ajuizado. A mesma demanda que ele trazia com o barbeiro, acerca de uns chãos da vila, era filha da obscuridade de um alvará, e não da cobiça ou ódio. Um excelente caráter o Coelho. Os únicos desafeiçoados que tinha eram alguns sujeitos que, dizendo-se taciturnos, ou alegando andar com pressa, mal o viam de longe dobravam as esquinas, entravam nas lojas, etc. Na verdade, ele amava a boa palestra, a palestra comprida, gostada a sorvos largos, e assim é que nunca estava só, preferindo os que sabiam dizer duas palavras, mas não desdenhando os outros. O padre Lopes, que cultivava o Dante, e era inimigo do Coelho, nunca o via desligar-se de uma pessoa que não declamasse e emendasse este trecho:

La bocca sollevò dal fiero pasto¹²⁶

Quel *seccatore*...¹²⁷

mas uns sabiam do ódio do padre, e outros pensavam que isto era uma oração em latim.

¹²⁶ Em ambas as edições, a citação machadiana está como se segue: “La bocca sollevò dal fero pasto / Quel seccatore...”.

¹²⁷ Paráfrase dos versos iniciais do capítulo XXX, Inferno, da *Divina Comédia* de Dante Alighieri (1265-1321). Machado substitui “peccator” por “seccatore”. Desse modo, o verso original que seria traduzido por “A boca suspendeu do fero alimento / Aquele pecador”, com a mudança operada por Machado passa a ser traduzido como “A boca suspendeu do fero alimento / Aquele maçador”.

VI

A REBELIÃO.¹²⁸

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação à câmara¹²⁹. A câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.

– Voltai ao trabalho, concluiu o presidente, é o conselho que vos damos.

A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião, e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um déspota; que muitas pessoas estimáveis, algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que o despotismo científico do alienista complicava-se do espírito de ganância, visto que os loucos, ou supostos tais, não eram tratados de graça: as famílias, e em falta delas a câmara, pagavam ao

¹²⁸ Em *Papéis Avulsos*, não foi colocado o ponto depois do título, mas foi usado por uma questão de coerência, já que encontramos o ponto na maior parte dos títulos dos capítulos.

¹²⁹ No Brasil colônia, as câmaras só existiam nos lugares que tinham o estatuto de vila, e era o Reino de Portugal quem estabelecia essa condição através de um ato régio. À época, a administração municipal se concentrava nas câmaras municipais, que concentravam os poderes executivo, legislativo e judiciário. As câmaras deveriam possuir os seguintes funcionários: um presidente, um procurador, três vereadores, um escrivão, dois almotacéis, um juiz de fora vitalício e dois juizes comuns. Ficava sob sua alçada a coleta de impostos, a regulamentação do comércio, a preservação do patrimônio público, a criação e o gerenciamento das prisões.

alienista...

– É falso, interrompeu o presidente.

– Falso?

– Há cerca de duas semanas recebemos um ofício do ilustre médico, em que nos declara que, tratando de fazer experiências de alto valor psicológico, desiste do estipêndio votado pela câmara, bem como nada receberá das famílias dos enfermos.

A notícia deste ato tão nobre, tão puro, suspendeu um pouco a alma dos rebeldes. Seguramente o alienista podia estar em erro, mas nenhum interesse alheio à ciência o instigava; e para demonstrar o erro era preciso alguma coisa mais do que arruaças e clamores. Isto disse o presidente, com aplauso de toda a câmara. O barbeiro, depois de alguns instantes de concentração, declarou que estava investido de um mandato público, e não restituiria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde, – “essa Bastilha da razão humana”,¹³⁰ – expressão que ouvira a um poeta local, e que ele repetiu com muita ênfase. Disse, e a um sinal todos saíram com ele.

Imagine-se a situação dos vereadores; urgia obstar ao ajuntamento, à rebelião, à luta, ao sangue. Para acrescentar ao mal, um dos vereadores, que apoiara o presidente, ouvindo agora a

¹³⁰ Aqui, a Casa Verde é comparada à Bastilha, fortaleza construída em Paris que passou a simbolizar o despotismo da monarquia francesa. Era dividida em três pavimentos: o superior, o térreo e o calabouço, esta a parte mais temida da bastilha. Os condenados que eram encarcerados no térreo em geral morriam de pneumonia, e os que iam parar no calabouço morriam por frio, fome ou em decorrência das mais diversas doenças, já que era um lugar muito úmido e o prisioneiro não tinha espaço para se movimentar. A Queda da Bastilha ocorreu em 14 de julho de 1789, quando o povo tomou-a de assalto, dando início à Revolução Francesa.

denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde – “Bastilha da razão humana”, – achou-a tão elegante, que mudou de parecer. Disse que entendia de bom aviso decretar alguma medida que reduzisse a Casa Verde; e porque o presidente, indignado, manifestasse em termos enérgicos o seu pasmo, o vereador fez esta reflexão:

– Nada tenho que ver com a ciência; mas se tantos homens em quem supomos juízo são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?¹³¹

Sebastião Freitas, o vereador dissidente, tinha o dom da palavra, e falou ainda por algum tempo com prudência, mas com firmeza. Os colegas estavam atônitos; o presidente pediu-lhe que, ao menos, desse o exemplo da ordem e do respeito à lei, não aventasse as suas ideias na rua, para não dar corpo e alma à rebelião, que era por ora um turbilhão de átomos dispersos. Esta figura corrigiu um pouco o¹³² efeito da outra: Sebastião Freitas prometeu suspender qualquer ação, reservando-se o direito de pedir pelos meios legais a redução da Casa Verde. E repetia consigo, namorado: – Bastilha da razão humana!

Entretanto, a arruaça crescia. Já não eram trinta, mas trezentas

¹³¹ Esse trecho faz lembrar muito a seguinte passagem de *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam: “Imaginemos que um sábio nos caia do céu e nos fale assim: ‘Esse indivíduo que todos reverenciam como um soberano e como um deus, nem sequer é um homem, pois é, como o animal, governado pelas sensações; é o mais vil dos escravos, já que obedece espontaneamente a tantos senhores vergonhosos. Este filho de luto, que chora o pai, deveria alegrar-se, já que o defunto começou a viver verdadeiramente, pois a vida terrestre não passa de uma espécie de morte. Este outro, que se orgulha de seus brasões, na verdade é apenas um vilão e um bastardo, porque é alheio à virtude, de onde vai toda verdadeira nobreza.’ Se esse sábio falasse assim de cada um, que lhe aconteceria? Todos o tomariam por um louco furioso” (1990, p.27).

¹³² Na edição de *Papéis Avulsos*, em lugar do “o” aparece um “a”, o que não vemos em *A Estação*.

peessoas que acompanhavam o barbeiro, cuja alcunha familiar deve ser mencionada, porque ela deu o nome à revolta; chamavam-lhe o Canjica, – e o movimento ficou célebre com o nome de revolta dos Canjicas¹³³. A ação podia ser restrita, – visto que muita gente, ou por medo, ou por hábitos de educação, não descia à rua; mas o sentimento era unânime, ou quase unânime, e os trezentos que caminhavam para a Casa Verde, – dada a diferença de Paris a Itaguaí, – podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha.

D. Evarista teve notícia da rebelião antes que ela chegasse; veio dar-lha uma de suas crias. Ela provava nessa ocasião um vestido de seda, – um dos trinta e sete que trouxera do Rio de Janeiro, – e não quis crer.¹³⁴

A: # e não quis crer na rebelião. #

– Há de ser alguma patuscada, dizia ela mudando a posição de um alfinete. Benedita, vê se a barra está boa.

– Está, sinhá, respondia a mucama de cócoras no chão, está boa. Sinhá vira um bocadinho. Assim. Está muito boa.

– Não é patuscada, não, senhora; eles estão gritando: – Morra o Dr. Bacamarte! o tirano! dizia o moleque assustado.

– Cala a boca, tolo! Benedita, olha aí do lado esquerdo; não parece que a costura está um pouco enviesada? A risca azul não segue até abaixo; está muito feio assim; é preciso descoser para ficar

¹³³ Machado de Assis faz uma referência às revoltas populares no Brasil que deveram seus nomes ou ao nome de seus líderes ou aos seus apelidos, como é o caso da Balaiada (1838-1841), que foi liderada por Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, um fazedor e vendedor de balaaios.

¹³⁴ Machado evita, aqui, uma repetição vocabular, já que a ideia da rebelião fica subentendida.

igualzinho e...

– Morra o Dr. Bacamarte! morra o tirano! uivaram fora trezentas vozes. Era a rebelião que desembocava na rua Nova.

D. Evarista ficou sem pinga de sangue¹³⁵. No primeiro instante não deu um passo, não fez um gesto; o terror petrificou-a. A mucama correu instintivamente pra a porta do fundo. Quanto ao moleque, a quem D. Evarista não dera crédito, teve um instante de triunfo, um certo movimento súbito, imperceptível, entranhado, de satisfação moral, ao ver que a realidade vinha jurar por ele.

– Morra o alienista! bradavam as vozes mais perto.

D. Evarista, se não resistia facilmente às comoções de prazer, sabia entestar com os momentos de perigo. Não desmaiou; correu à sala interior onde o marido estudava. Quando ela ali entrou, precipitada, o ilustre médico escrutava um texto de Averróis¹³⁶; os olhos dele, empanados pela cogitação, subiam do livro ao teto e baixavam do teto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais. D. Evarista chamou pelo marido duas vezes, sem que ele lhe desse atenção; à terceira, ouviu e perguntou-lhe o que tinha, se estava doente.

– Você não ouve estes gritos? perguntou a digna esposa em

¹³⁵ Segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, “gota, que pinga, ou cai”. Em sentido figurado, “porção mínima”. Essa era uma expressão comum à época.

¹³⁶ Averróis (1126-1198), grande pensador do islamismo, conjugou os conhecimentos da tradição islâmica com os da Antiguidade grega. Nos séculos XVIII e XIX, os averroístas defendiam uma total autonomia da razão com relação à fé.

lágrimas.

O alienista atendeu então; os gritos aproximavam-se, terríveis, ameaçadores; ele compreendeu tudo. Levantou-se da cadeira de espaldar em que estava sentado, fechou o livro, e, a passo firme e tranquilo, foi depositá-lo na estante. Como a introdução do volume desconcertasse um pouco a linha dos dois tomos contíguos, Simão Bacamarte cuidou de corrigir esse defeito mínimo, e, aliás, interessante. Depois disse à mulher que se recolhesse, que não fizesse nada.

– Não, não, implorava a digna senhora, quero morrer ao lado de você...

Simão Bacamarte teimou que não, que não era caso de morte; e ainda que o fosse, intimava-lhe em nome da vida que ficasse. A infeliz dama curvou a cabeça, obediente e chorosa.

– Abaixo a Casa Verde! bradavam os Canjicas.

O alienista caminhou para a varanda da frente, e chegou ali no momento em que a rebelião também chegava e parava, defronte, com as suas trezentas cabeças rutilantes de civismo e sombrias de desespero. – Morra! morra! bradaram de todos os lados, apenas o vulto do alienista assomou na varanda. Simão Bacamarte fez um sinal pedindo para falar; os revoltosos cobriram-lhe a voz com brados de indignação. Então, o barbeiro agitando o chapéu, a fim de impor silêncio à turba, conseguiu aquietar os amigos, e declarou ao alienista que podia falar, mas acrescentou que não abusasse da paciência do

povo como fizera até então.

– Direi pouco, ou até não direi nada, se for preciso. Desejo saber primeiro o que pedis.

– Não pedimos nada, replicou fremente o barbeiro; ordenamos que a Casa Verde seja demolida, ou pelo menos despojada dos infelizes que lá estão.

– Não entendo.

– Entendeis bem, tirano; queremos dar liberdade às vítimas do vosso ódio, capricho, ganância...

O alienista sorriu, mas o sorriso desse grande homem não era coisa visível aos olhos da multidão; era uma contração leve de dois ou três músculos, nada mais. Sorriu e respondeu:

– Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes.¹³⁷

A: # não farei diante de leigos, e menos ainda de rebeldes. #

Disse isto o alienista, e a multidão ficou atônita; era claro que não esperava tanta energia e menos ainda tamanha seriedade. Mas o

¹³⁷ Com a alteração, Machado faz com que Bacamarte afronte muito mais diretamente a multidão, o que condiz mais com a atitude que ele vai tomar a seguir.

assombro cresceu de ponto quando o alienista, cortejando a multidão com muita gravidade, deu-lhe as costas e retirou-se lentamente para dentro. O barbeiro tornou logo a si, e, agitando o chapéu, convidou os amigos¹³⁸ à demolição da Casa Verde; poucas vozes e frouxas lhe responderam. Foi nesse momento decisivo que o barbeiro sentiu despontar em si a ambição do governo; pareceu-lhe então que,¹³⁹ demolindo a Casa Verde, e derrocando a influência do alienista, chegaria a apoderar-se da câmara, dominar as demais autoridades e constituir-se senhor de Itaguaí. Desde alguns anos que ele forcejava por ver o seu nome incluído nos pelouros¹⁴⁰ para o sorteio dos vereadores, mas era recusado por não ter uma posição compatível com tão grande cargo. A ocasião era agora ou nunca. Demais,¹⁴¹ fora tão longe na arruaça, que a derrota seria a prisão, ou talvez a força, ou o degredo.¹⁴² Infelizmente, a resposta do alienista diminuía o furor dos sequazes¹⁴³. O barbeiro, logo que o percebeu, sentiu um impulso de indignação, e quis bradar-lhes: – Canalias!¹⁴⁴ covardes! – mas conteve-se, e rompeu deste modo:

A: # convidou os rebeldes à demolição #

A: # governo; e então pareceu-lhe que, #

A: # ou nunca. Tudo isso passou-lhe rápido pela mente; acrescento que tão longe fora na arruaça, que a derrota seria para ele a prisão, ou talvez a força, ou degredo. # / # Canalia! #

¹³⁸ Machado de Assis, ao trocar “amigos” por “rebeldes”, acentua a posição de liderança do barbeiro.

¹³⁹ Ao eliminar a conjunção aditiva “e” e antepor o advérbio ao verbo “parecer”, o autor consegue uma frase mais enxuta e rápida.

¹⁴⁰ Os “pelouros” eram bolas ocas de cera em que se introduziam os votos para a eleição do juiz ordinário e vereadores do governo local.

¹⁴¹ Essa vírgula não consta no texto de *Papéis Avulsos*, mas foi usada para adequação às normas de pontuação.

¹⁴² Ao deixar a frase mais concisa, Machado reforça a ideia de velocidade do “agora ou nunca” sem ter que dizer isso explicitamente por meio da frase “tudo isso passou-lhe rápido pela mente”.

¹⁴³ Pode ser entendido ou como “seguidor” ou como “membro de um bando ou partido”.

¹⁴⁴ A supressão da marca de plural existe tanto em *A Estação* quanto em *Papéis Avulsos*; porém, o barbeiro está pensando nos “covardes” que estão diante dele, de modo que optou-se pelo uso do plural.

– Meus amigos, lutemos até o fim! A salvação de Itaguaí está nas vossas mãos dignas e heroicas. Destruamos o cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno.

A multidão agitou-se, murmurou, bradou, ameaçou, congregou-se toda em derredor do barbeiro. Era a revolta que tornava a si da ligeira síncope, e ameaçava arrasar a Casa Verde.¹⁴⁵

A: # e ameaçava mais
do que nunca destruir a
Casa Verde. #

– Vamos! bradou Porfírio agitando o chapéu.

– Vamos! repetiram todos.

Deteve-os um incidente:¹⁴⁶ era um corpo de dragões¹⁴⁷ que, a marche-marche¹⁴⁸, entrava na rua Nova.

A: # Um incidente
deteve-os: #

VII

O INESPERADO.

Chegados os dragões em frente aos Canjicas, houve um instante de estupefação; os Canjicas não queriam crer que a força

¹⁴⁵ As alterações desse capítulo parecem querer acelerar a narrativa, despindo-a de tudo que possa impedir isso. Neste caso, a eliminação da locução adverbial “mais do que nunca” também parece ter essa intenção. A mudança do verbo “destruir” pelo verbo “arrasar” parece trazer em si uma carga maior de aniquilamento.

¹⁴⁶ Ao começar o parágrafo antepondo o verbo “deter” ao substantivo “incidente”, Machado reforça estilisticamente essa ideia.

¹⁴⁷ Os dragões eram soldados de cavalaria da guarda real. Durante o período colonial, eles desempenhavam missões militares tanto de defesa externa como de segurança interna.

¹⁴⁸ Passo militar mais rápido.

pública fosse mandada contra eles; mas o barbeiro compreendeu tudo e esperou. Os dragões pararam, o capitão intimou à multidão que se dispersasse; mas, conquanto uma parte dela estivesse inclinada a isso, a outra parte apoiou fortemente o barbeiro, cuja resposta consistiu nestes termos alevantados:

– Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomá-los; mas só os cadáveres; não levareis a nossa honra, o nosso crédito, os nossos direitos, e com eles a salvação de Itaguaí.

Nada mais imprudente do que essa resposta do barbeiro; e nada mais natural. Era a vertigem das grandes crises. Talvez fosse também um excesso de confiança na abstenção das armas por parte dos dragões; confiança que o capitão dissipou logo, mandando carregar sobre os Canjicas. O momento foi indescritível. A multidão urrou furiosa; alguns, trepando às janelas das casas, ou correndo pela rua fora, conseguiram escapar; mas a maioria ficou, bufando de cólera, indignada, animada pela exortação do barbeiro. A derrota dos Canjicas estava iminente, quando um terço dos dragões, – qualquer que fosse o motivo, as crônicas não o declaram, – passou subitamente para o lado da rebelião¹⁴⁹. Este inesperado reforço deu alma aos Canjicas, ao mesmo tempo que lançou o desânimo às fileiras da legalidade. Os soldados fiéis não tiveram coragem de atacar os seus próprios camaradas, e, um a um, foram passando para eles, de modo que ao

¹⁴⁹ Segundo Boris Fausto, no Brasil a base do Exército era “formada por gente mal paga, insatisfeita e propensa a aliar-se ao povo nas rebeliões urbanas” (FAUSTO, 2009, p.163).

cabo de alguns minutos, o aspecto das coisas era totalmente outro. O capitão estava de um lado, com alguma gente, contra uma massa compacta que o ameaçava de morte. Não teve remédio, declarou-se vencido e entregou a espada ao barbeiro.

A revolução triunfante não perdeu um só minuto; recolheu os feridos às casas próximas, e guiou para a câmara. Povo e tropa fraternizavam, davam vivas a el-rei, ao vice-rei¹⁵⁰, a Itaguaí, ao “ilustre Porfírio”. Este ia na frente, empunhando tão destramente a espada, como se ela fosse apenas uma navalha um pouco mais comprida. A vitória cingia-lhe a fronte de um nimbo misterioso. A dignidade de governo começava a enrijar-lhe os quadris.

Os vereadores, às janelas, vendo a multidão e a tropa, cuidaram que a tropa capturara a multidão, e sem mais exame, entraram e votaram uma petição ao vice-rei para que mandasse dar um mês de soldo aos dragões, “cujo denodo¹⁵¹ salvou Itaguaí do abismo a que o tinha lançado uma cáfila de rebeldes”.¹⁵² Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, o vereador dissidente, cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizara os colegas. Mas bem depressa a ilusão se desfez. Os vivas ao barbeiro, os morras aos vereadores e ao alienista vieram dar-lhes notícia da triste realidade. O presidente não desanimou: –

A: = de rebeldes.” =

¹⁵⁰ O último vice-rei do Brasil foi Dom Marcos de Noronha e Brito (1771-1828), que governou de agosto de 1806 a janeiro de 1808.

¹⁵¹ “Intrepidez, destemor, audácia”, de acordo com o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877.

¹⁵² Aqui também optou-se pela colocação do ponto depois das aspas para seguir os critérios de revisão de texto adotados atualmente.

Qualquer que seja a nossa sorte, disse ele, lembremo-nos que estamos ao serviço de Sua Majestade e do povo. – Sebastião Freitas insinuou que melhor se poderia servir à coroa e à vila saindo pelos fundos e indo conferenciar com o juiz de fora, mas toda a câmara rejeitou esse alvitre.

Dai a nada o barbeiro, acompanhado de alguns de seus tenentes, entrava na sala da vereança, e intimava à câmara a sua queda. A câmara não resistiu, entregou-se, e foi dali para a cadeia. Então os amigos do barbeiro propuseram-lhe que assumisse o governo da vila, em nome de Sua Majestade. Porfírio aceitou o encargo, embora não desconhecasse (acrescentou) os espinhos que trazia; disse mais que não podia dispensar o concurso dos amigos presentes; ao que eles prontamente anuíram. O barbeiro veio à janela, e comunicou ao povo essas resoluções, que o povo ratificou, aclamando o barbeiro. Este tomou a denominação de – “Protetor da vila em nome de Sua Majestade e do povo”.¹⁵³ – Expediram-se logo várias ordens importantes, comunicações oficiais do novo governo, uma exposição minuciosa ao vice-rei, com muitos protestos de obediência às ordens de Sua Majestade; finalmente, uma proclamação ao povo, curta, mas enérgica:

A: = e do povo.” =

“Itaguaienses!

Uma câmara corrupta e violenta conspirava contra os interesses

¹⁵³ Também por critérios de revisão, o ponto foi posposto às aspas.

de Sua Majestade e do povo. A opinião pública tinha-a condenado; um punhado de cidadãos, fortemente apoiados pelos bravos dragões de Sua Majestade, acaba de a dissolver ignominiosamente, e por unânime consenso da vila, foi-me confiado o mando supremo, até que Sua Majestade se sirva ordenar o que parecer melhor ao seu real serviço. Itaguaienses! não vos peço senão que me rodeeis de confiança, que me auxiliéis em restaurar a paz e a fazenda pública, tão desbaratada pela câmara que ora findou às vossas mãos. Contai com o meu sacrifício, e ficai certos de que a coroa será por nós.

O Protetor da vila em nome de Sua Majestade e do povo¹⁵⁴ A: = do povo. =

PORFÍRIO CAETANO DAS NEVES.”

Toda a gente advertiu no absoluto silêncio desta proclamação acerca da Casa Verde; e, segundo uns, não podia haver mais vivo indício dos projetos tenebrosos do barbeiro. O perigo era tanto maior quanto que, no meio mesmo desses graves sucessos, o alienista metera na Casa Verde umas sete ou oito pessoas, entre elas duas senhoras, sendo um dos homens aparentado com o Protetor. Não era um repto, um ato intencional; mas todos o interpretaram dessa maneira, e a vila respirou com a esperança de que o alienista dentro de vinte e quatro

¹⁵⁴ Como há uma diferença entre a revista *A Estação e Papéis Avulsos*, optou-se aqui pela forma adotada neste último, que serviu de texto-base para essa edição.

horas estaria a ferros, e destruído o terrível cárcere.

O dia acabou alegremente. Enquanto o arauto da matraca ia recitando de esquina em esquina a proclamação, o povo espalhava-se nas ruas e jurava morrer em defesa do ilustre Porfírio. Poucos gritos contra a Casa Verde, prova de confiança na ação do governo. O barbeiro fez expedir um ato declarando feriado aquele dia, e entabulou negociações com o vigário para a celebração de um *Te Deum*,¹⁵⁵ tão A: # Te-Deum, # conveniente era aos olhos dele a conjunção do poder temporal com o espiritual; mas o padre Lopes recusou abertamente o seu concurso.

– Em todo caso, Vossa Reverendíssima não se alistará entre os inimigos do governo? disse-lhe o barbeiro dando à fisionomia um aspecto tenebroso.

Ao que o padre Lopes respondeu, sem responder:

– Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigos?

O barbeiro sorriu; era a pura verdade. Salvo o capitão, os vereadores e os principais da vila, toda a gente o aclamava. Os mesmos principais, se o não aclamavam, não tinham saído contra ele. Nenhum dos almotacés¹⁵⁶ deixou de vir receber as suas ordens. No geral, as famílias abençoavam o nome daquele que ia enfim libertar Itaguaí da Casa Verde e do terrível Simão Bacamarte.

¹⁵⁵ Antigo hino litúrgico católico, atribuído a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho, que se inicia por “Te Deum Laudamus” (“A ti, ó Deus, louvamos”).

¹⁵⁶ De origem árabe, almotacé significa o funcionário que tinha por ofício fiscalizar a exata aplicação dos pesos e medidas e pela taxaço dos preços dos produtos alimentícios bem como de sua regulação e distribuição nos tempos de maior escassez. O almotacé ocupava o cargo mensalmente e estava subordinado aos governadores, juizes e procuradores.

VIII

AS ANGÚSTIAS DO BOTICÁRIO.

Vinte e quatro horas depois dos sucessos narrados no capítulo

anterior, o barbeiro saiu do palácio do governo – foi a denominação dada à casa da câmara –,¹⁵⁷ com dois ajudantes de ordens, e dirigiu-se à residência de Simão Bacamarte. Não ignorava ele que era mais decoroso ao governo mandá-lo chamar; o receio, porém, de que o alienista não obedecesse,¹⁵⁸ obrigou-o a parecer tolerante e moderado.

A: # o Protetor saiu do “palácio do governo” – (foi a denominação dada à casa da câmara), com dois #

A: # não obedeceria, #

Não descrevo o terror do boticário ao ouvir dizer que o barbeiro ia à casa do alienista.¹⁵⁹ – Vai prendê-lo, pensou ele. E redobraram-lhe as angústias. Com efeito, a tortura moral do boticário naqueles dias de revolução excede a toda a descrição possível. Nunca um homem se achou em mais apertado lance:¹⁶⁰ – a privança do alienista chamava-o ao lado deste, a vitória do barbeiro atraía-o ao barbeiro. Já a simples

A: # dizer que o Protetor ia à casa #

A: # apertado dilema: #

¹⁵⁷ Com a mudança de “Protetor” para “barbeiro”, Machado faz com que Porfírio seja identificado por sua profissão, mantendo-o com o mesmo status social de antes da revolução, ainda que agora esteja investido do poder por ele tanto almejado.

¹⁵⁸ Ao trocar o futuro do pretérito pelo pretérito perfeito do subjuntivo, Machado parece deslocar a atenção de um fato hipotético para uma dúvida, uma incerteza mais condizente com o estado de ânimo do barbeiro.

¹⁵⁹ A mudança de “Protetor” para “barbeiro” aqui parece reforçar a ideia de um estrato social bem definido à época. O barbeiro estando numa posição inferior à do médico alienista na estratificação socioprofissional.

¹⁶⁰ Ao trocar o substantivo “dilema” pelo substantivo “lance”, Machado talvez pudesse querer agregar à ideia de dilema a noção de “jogada”, como se Crispim Soares estivesse diante de um jogo de dados. O boticário estava vivendo um dilema, mas ele teria de fazer um movimento e tomar uma posição diante dos fatos, arriscando a sorte.

notícia da sublevação tinha-lhe sacudido fortemente a alma, porque ele sabia a unanimidade do ódio ao alienista; mas a vitória final foi também o golpe final. A esposa, senhora máscula, amiga particular de D. Evarista, dizia que o lugar dele era ao lado de Simão Bacamarte; ao passo que o coração lhe bradava que não, que a causa do alienista estava perdida, e que ninguém, por ato próprio, se amarra a um cadáver. Fê-lo Catão, é verdade, *sed victa Catoni*¹⁶¹, pensava ele, relembrando¹⁶² algumas palestras habituais do padre Lopes; mas Catão não se atou a uma causa vencida, ele era a própria causa vencida, a causa da república;¹⁶³ o seu ato, portanto, foi de egoísta, de um miserável egoísta; minha situação é outra. Insistindo, porém, a mulher, não achou Crispim Soares outra saída em tal crise senão adoecer; declarou-se doente, e meteu-se na cama.

A: # pensava ele, retribuindo algumas #

A: # a própria causa vencida, a causa dos instrumentos; o seu ato, #

– Lá vai o Porfírio à casa do Dr. Bacamarte, disse-lhe a mulher no dia seguinte à cabeceira da cama; vai acompanhado de gente.

– Vai prendê-lo, pensou o boticário.

Uma ideia traz outra; o boticário imaginou que, uma vez preso o alienista, viriam também buscá-lo a ele, na qualidade de cúmplice.

¹⁶¹ Trecho da frase “*Victrix causa diis placuit, sed victa Catoni*” (“A causa vencedora agradou aos deuses, mas a vencida, a Catão”) que pode ser encontrada na *Farsália* do poeta latino Lucano (39-65). A expressão alude à fidelidade de Catão (95-46 a. C.) a Pompeu, mesmo depois de este ter sido vencido por César. Catão era defensor da causa republicana e se matou quando da vitória de César, pois acreditava que este seria o fim da república em Roma.

¹⁶² “Retribuindo” parece trazer o sentido de que o boticário pagava as palestras do padre Lopes com recordá-las, ao passo que “relembrando” faz apenas uma menção ao fato de os dois terem tratado desse assunto.

¹⁶³ Machado quis, aqui, ser mais preciso na referência.

Esta ideia foi o melhor dos vesicatórios¹⁶⁴. Crispim Soares ergueu-se, disse que estava bom, que ia sair; e apesar de todos os esforços e protestos da consorte, vestiu-se e saiu. Os velhos cronistas¹⁶⁵ são unânimes em dizer que a certeza de que o marido ia colocar-se nobremente ao lado¹⁶⁶ do alienista consolou grandemente a esposa do boticário; e notam,¹⁶⁷ com muita perspicácia, o imenso poder moral de uma ilusão; porquanto, o boticário caminhou resolutamente ao palácio do governo, não à casa do alienista. Ali chegando, mostrou-se admirado de não ver o barbeiro,¹⁶⁸ a quem ia apresentar os seus protestos de adesão, não o tendo feito desde a véspera por enfermo. E tossia com algum custo. Os altos funcionários que lhe ouviam esta declaração, sabedores da intimidade do boticário com o alienista, compreenderam toda a importância¹⁶⁹ da adesão nova, e trataram a

A: # vestiu-se e saiu.
Todos os cronistas são unânimes #

A: # nobremente na lado do # / # boticário; e notou, com muita #

A: # de não ver o protetor a quem ia apresentar #

A: # toda importância #

¹⁶⁴ Segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877 “remédio que se aplica à pele para fazer bolha e a romper e se coar por ali o mau humor do corpo, e para outros fins”. Esses unguentos ou emplastos vesicatórios – nos quais entravam substâncias tais como pós de cantaridas, de mostarda, massa de pimenta malagueta – eram aplicados sobre a pele, em afecções gangrenosas ou mordida de animais peçonhentos, com o objetivo de causar irritação local, inflamação e vesículas através das quais, acreditava-se, o mau humor do corpo sairia.

¹⁶⁵ Com essa substituição, o narrador caracteriza os cronistas nos quais ele baseou a sua narrativa, evidenciando um distanciamento temporal. Aqui também, Machado evita a repetição da ideia de totalidade existente em “todos” e “unânimes”.

¹⁶⁶ Erro tipográfico ao final da linha da revista *A Estação*.

¹⁶⁷ Alteração realizada por Machado de Assis na passagem de *A Estação* para *Papéis Avulsos* para indicar que o sujeito do verbo “notar” ainda são os “velhos cronistas”.

¹⁶⁸ Em termos de estratificação social, o boticário estaria num nível superior ao do barbeiro, o que se inverteria caso Machado de Assis mantivesse a designação de “protetor”. Porém, com essa alteração, Machado deixa bem claro o caráter servil e adulator de Crispim Soares, que, no capítulo IV define a si mesmo nos seguintes termos: “Bajulador, torpe bajulador! [...] alma de lacaio, fracalhão, vil, miserável”.

¹⁶⁹ Apenas uma supressão do “a” na revista *A Estação*.

Crispim Soares com apurado carinho; afirmaram-lhe¹⁷⁰ que o A: ^ afirmaram-lhe ^ #
 barbeiro¹⁷¹ não tardava; Sua Senhoria tinha ido à Casa Verde, a que o protetor não
 tardava; #
 negócio importante, mas não tardava. Deram-lhe cadeira, refrescos,
 elogios; disseram-lhe que a causa do ilustre Porfírio era a de todos os
 patriotas; ao que o boticário ia repetindo¹⁷² que sim, que nunca pensara A: # ia dizendo que sim
 # / # que isso mesmo
 outra coisa, que isso mesmo mandaria declarar Sua Majestade.¹⁷³ pensaria o vice-rei e
 Sua Majestade. #

IX

DOIS LINDOS CASOS.

Não se demorou o alienista em receber o barbeiro; declarou-lhe
 que não tinha meios de resistir,¹⁷⁴ e portanto estava prestes a obedecer. A: # não tinha modos
 de resistir, #
 Só uma coisa pedia, é que o não constrangesse a assistir pessoalmente

¹⁷⁰ Observe-se que o mesmo erro tipográfico ocorreu tanto em *A Estação* quanto em *Papéis Avulsos*.

¹⁷¹ Mais uma vez, Machado substitui “protetor” por “barbeiro”. Aqui, os “altos funcionários” é que referem-se ao “protetor” através de sua profissão. Mas, na sequência, ironicamente, o chamam de “Sua Senhoria” e “ilustre Porfírio”.

¹⁷² Ao substituir um verbo por outro, Machado parece enfatizar ainda mais a “alma de lacaio” de Crispim Soares ao colocá-lo “repetindo” a sua anuência.

¹⁷³ A alteração feita por Machado causa profunda alteração no texto. Em primeiro lugar, quando o boticário afirma “que isso mesmo pensaria o vice-rei e Sua Majestade”, a hipótese se desdobra com relação à colônia e ao Império, fazendo a informação passar pelo Rio de Janeiro, atravessar o oceano e chegar a Portugal. A ironia estando no fato de que os governantes da colônia e do Império pensariam como os habitantes de Itaguaí, como o boticário. Com a mudança, “que isso mesmo mandaria declarar Sua Majestade”, a frase fica mais direta, com “Sua Majestade” não apenas pensando como os locais, mas também declarando isso publicamente. O caráter “bajulador” de Crispim Soares levando-o a afirmar comicamente que “Sua Majestade” se ocuparia de uma revolta ocorrida numa vila do interior do Brasil.

¹⁷⁴ Utilizando-se do substantivo “meios” talvez Machado também quisesse introduzir a ideia de recursos.

à destruição da Casa Verde.

– Engana-se Vossa Senhoria, disse o barbeiro depois de alguma pausa, engana-se em atribuir ao governo intenções vandálicas. Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos ali metidos estão em seu perfeito juízo, mas o governo reconhece que a questão é puramente científica, e não cogita em resolver com posturas¹⁷⁵ as questões científicas. Demais, a Casa Verde é uma instituição pública; tal a aceitamos das mãos da câmara dissolvida. Há, entretanto, – por força¹⁷⁶ que há de haver um alvitre intermédio que restitua o sossego ao espírito público.

A: = Há, entretanto;
por força =

O alienista mal podia dissimular o assombro; confessou que esperava outra coisa, o arrasamento do hospício, a prisão dele, o desterro, tudo, menos...

– O pasmo de Vossa Senhoria, atalhou gravemente o barbeiro, vem de não atender à grave responsabilidade do governo. O povo, tomado de uma cega piedade, que lhe dá em tal caso legítima indignação, pode exigir do governo certa ordem de atos; mas este, com a responsabilidade que lhe incumbe, não os deve praticar, ao menos integralmente, e tal é a nossa situação. A generosa revolução que ontem derrubou uma câmara vilipendiada e corrupta, pediu em altos brados o arrasamento da Casa Verde; mas pode entrar no ânimo do governo eliminar a loucura? Não. E se o governo não a pode eliminar,

¹⁷⁵ Segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, “decreto, lei da câmara municipal, naquilo que é de sua jurisdição; lei do soberano, condição de contrato por ele posta”.

¹⁷⁶ Machado substituiu os dois pontos por uma vírgula e acrescentou um travessão.

está ao menos apto para discriminá-la, reconhecê-la? Também não; é matéria de ciência. Logo, em assunto tão melindroso, o governo não pode, não deve, não quer dispensar o concurso de Vossa Senhoria. O que lhe pede é que de certa maneira demos alguma satisfação ao povo. Unamo-nos, e o povo saberá obedecer. Um dos alvitres aceitáveis, se Vossa Senhoria não indicar outro, seria fazer retirar da Casa Verde aqueles enfermos que estiverem quase curados, e bem assim os maníacos de pouca monta, etc. Desse modo, sem grande perigo, mostraremos alguma tolerância e benignidade.

– Quantos mortos e feridos houve ontem no conflito?
perguntou Simão Bacamarte, depois de uns três minutos.¹⁷⁷

A: # Bacamarte, depois
de alguma pausa. #

O barbeiro ficou espantado da pergunta, mas respondeu logo que onze mortos e vinte e cinco feridos.

– Onze mortos e vinte e cinco feridos! repetiu duas ou três vezes o alienista.

E em seguida declarou que o alvitre lhe não parecia bom, mas que ele ia catar algum outro, e dentro de poucos dias lhe daria resposta. E fez-lhe várias perguntas acerca dos sucessos da véspera, ataque, defesa, adesão dos dragões, resistência da câmara, etc., ao que o barbeiro ia respondendo com grande abundância, insistindo principalmente no descrédito em que a câmara caíra. O barbeiro confessou que o novo governo não tinha ainda por si a confiança dos

¹⁷⁷ Apesar de o autor especificar mais o tempo, o pronome indefinido plural “uns” ainda conserva uma ideia de certa indeterminação temporal.

principais da vila, mas o alienista podia fazer muito nesse ponto. O governo, concluiu o barbeiro, folgaria se pudesse contar, não já com a simpatia, senão com a benevolência do mais alto espírito de Itaguaí, e seguramente do reino. Mas nada disso alterava a nobre e austera fisionomia daquele grande homem, que ouvia calado, sem desvanecimento, nem modéstia, mas impassível como um deus de pedra.

– Onze mortos e vinte e cinco feridos, repetiu o alienista, depois de acompanhar o barbeiro até à porta. Eis aí dois lindos casos de doença cerebral. Os sintomas de duplicidade e descaramento deste barbeiro são positivos. Quanto à toleima¹⁷⁸ dos que o aclamaram não é preciso outra prova além dos onze mortos e vinte e cinco feridos. – Dois lindos casos!

– Viva o ilustre Porfírio! bradaram umas trinta pessoas que aguardavam o barbeiro à porta.

O alienista espiou pela janela, e ainda ouviu este resto de uma pequena fala do barbeiro às trinta pessoas que o aclamavam:

– ... porque eu velo, podeis estar certos disso, eu velo pela execução das vontades do povo. Confiai em mim; e tudo se fará pela melhor maneira. Só vos recomendo ordem. A ordem, meus amigos, é a base do governo...

– Viva o ilustre Porfírio! bradaram as trinta vozes, agitando os chapéus.

¹⁷⁸ O mesmo que tolice.

– Dois lindos casos! murmurou o alienista.

X

A RESTAURAÇÃO.¹⁷⁹

Dentro de cinco dias, o alienista meteu na Casa Verde cerca de cinquenta aclamadores do novo governo. O povo indignou-se. O governo, atarantado, não sabia reagir. João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente nas ruas, que o Porfírio estava “vendido ao ouro de Simão Bacamarte”, frase que congregou em torno de João Pina a gente mais resoluta da vila. Porfírio, vendo o antigo rival da navalha à testa da insurreição, compreendeu que a sua perda era irremediável, se não desse um grande golpe; expediu dois decretos, um abolindo a Casa Verde, outro desterrando o alienista. João Pina mostrou claramente, com grandes frases, que o ato de Porfírio era um simples aparato, um engodo, em que o povo não devia crer. Duas horas depois caía Porfírio ignominiosamente, e João Pina¹⁸⁰ assumia a difícil tarefa do governo. A: # João de Pina #

Como achasse nas gavetas as minutas da proclamação, da exposição ao vice-rei e de outros atos inaugurais do governo anterior, deu-se pressa em os fazer copiar e expedir; acrescentam os cronistas, e aliás

¹⁷⁹ Na publicação do conto em *A Estação*, aparece o número do capítulo, mas está faltando o título, que é encontrado em *Papéis Avulsos*. Isso talvez se deva a uma falha tipográfica, visto que todos os capítulos vinham acompanhados de título.

¹⁸⁰ Como a maior recorrência do nome é João Pina, nesse caso o “de” provavelmente seja uma falha tipográfica.

subentende-se, que ele lhes mudou os nomes, e onde o outro barbeiro falara de uma câmara corrupta, falou este de “um intruso eivado”¹⁸¹ das más doutrinas francesas, e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade, etc.”.

Nisto entrou na vila uma força mandada pelo vice-rei, e restabeleceu a ordem. O alienista exigiu desde logo a entrega do barbeiro Porfírio, e bem assim a de uns cinquenta e tantos indivíduos, que declarou mentecaptos; e não só lhe deram esses, como afiançaram entregar-lhe mais dezenove sequazes do barbeiro, que convalesciam das feridas apanhadas na primeira rebelião.¹⁸²

A: # O alienista reclamou o primeiro dos dois barbeiros por doente do cérebro, o que se lhe concedeu; e, assistindo ao inquérito, exigiu a entrega de cinquenta e tantos indivíduos, que ele declarou mentecaptos; não contando uns dezenove que convalesciam das feridas apanhadas na primeira rebelião. #

Este ponto da crise de Itaguaí marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Tudo quanto quis, deu-se-lhe; e uma das mais vivas provas do poder do ilustre médico achamo-la na prontidão com que os vereadores, restituídos a seus lugares, consentiram em que Sebastião Freitas também fosse recolhido ao hospício. O alienista, sabendo da extraordinária inconsistência das

¹⁸¹ Segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, trata-se da pessoa que tem “falha moral, defeito, defeito físico”.

¹⁸² As alterações realizadas por Machado têm por objetivo a clareza textual, visto que ele quis evitar confusão substituindo “o alienista reclamou o primeiro dos dois barbeiros” da primeira versão por uma frase mais direta: “O alienista exigiu desde logo a entrega do barbeiro Porfírio”. A supressão da ideia da concessão feita pela câmara e da ideia de que o alienista assistira ao inquérito também têm a mesma função. Ao reduzir as frases, o autor pôde concentrar as ações de Bacamarte no verbo “exigir”, evitando verbos correlatos. A eliminação do pronome “ele” também visa a tirar do texto tudo que impeça essa clareza. Apesar de “e não só lhe deram esses, como afiançaram entregar-lhe dezenove sequazes do barbeiro” ser uma frase mais longa do que “não contando uns dezenove que convalesciam”, é possível observar que a primeira frase traz informações que aumentam o nível de clareza do texto. Dessa forma, Machado parece buscar, sempre nesses momentos de conflito, uma prosa mais concisa, que adiantasse a ação de maneira mais rápida, quase como que reproduzindo o movimento da própria rebelião.

opiniões desse vereador, entendeu que era um caso patológico, e pediu-o. A mesma coisa aconteceu ao boticário. O alienista, desde que lhe falaram da momentânea adesão de Crispim Soares à rebelião dos Canjicas, comparou-a à aprovação que sempre recebera dele, ainda na véspera, e mandou capturá-lo. Crispim Soares não negou o fato, mas explicou-o dizendo que ceder a um movimento de terror, ao ver a rebelião triunfante, e deu como prova a ausência de nenhum outro ato seu, acrescentando que voltara logo à cama, doente. Simão Bacamarte não o contrariou; disse, porém, aos circunstantes que o terror também é pai da loucura, e que o caso de Crispim Soares lhe parecia dos mais caracterizados.

A: = pai da loucura e
que o Caso de Crispim
Soares lhe parecia dos
mais caracterizados.
Mas a prova mais
evidente =

Mas a prova mais evidente¹⁸³ da influência de Simão Bacamarte foi a docilidade com que a câmara lhe entregou o próprio presidente. Este digno magistrado tinha declarado em plena sessão, que não se contentava, para lavá-lo da afronta dos Canjicas, com menos de trinta almudes¹⁸⁴ de sangue; palavra que chegou aos ouvidos do alienista por boca do secretário da câmara, entusiasmado de tamanha energia. Simão Bacamarte começou por meter o secretário na Casa Verde, e foi dali à câmara, à qual declarou que o presidente estava padecendo da “demência dos touros”, um gênero que ele pretendia estudar, com grande vantagem para os povos. A câmara a

¹⁸³ Além de ter acrescentado uma vírgula no trecho assinalado, Machado abriu um novo parágrafo, talvez pelo fato de, caso não fizesse isso, o parágrafo ficaria muito grande, ou talvez porque a adversativa “mas” introduzisse uma nova linha de raciocínio.

¹⁸⁴ De origem árabe, a palavra significa uma unidade de medida de capacidade equivalente a cerca de trinta litros.

princípio hesitou, mas acabou cedendo.

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascer ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia¹⁸⁵, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários¹⁸⁶ do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural,¹⁸⁷ e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. Alguns cronistas creem que Simão Bacamarte¹⁸⁸ nem sempre procedia com lisura, e citam em abono da afirmação (que não sei se pode ser aceita) o fato de ter alcançado da câmara uma postura autorizando o uso de um anel de prata no dedo

A: # Ele respeitava os namorados e não poupava as namoradeiras, dizendo que os primeiros cediam a um impulso natural, #

¹⁸⁵ De acordo com o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, trata-se da pessoa que leva a vida de taul, “que é jogador por ofício ou hábito; que vive alegremente, e se dá a todo o gênero de divertimento”.

¹⁸⁶ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, “homem incumbido de ir espreitar, sondar as ações e intenções de alguém; mensageiro insidioso, encarregado de publicar novas falsas”.

¹⁸⁷ A mudança realizada por Machado faz ressaltar o contraste entre “namoradas” e “namoradeiras”, que poderia trazer uma oposição de cunho moral, ao contrário da oposição que podemos estabelecer entre “namorados” e “namoradeiras”, que poderia se referir a apenas uma oposição de gêneros. “Namorados” também poderia se referir aos “enamorados”, e aí se criaria uma nova oposição de cunho moral, sendo um pendor mais “natural” o estar apaixonado.

¹⁸⁸ Apesar de haver uma vírgula aqui tanto em *A Estação* como em *Papéis Avulsos*, optou-se pela exclusão dela a fim de seguir as regras atuais de pontuação.

polegar da mão esquerda, a toda a pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou três onças de sangue godo. Dizem esses cronistas que o fim secreto da insinuação à câmara foi enriquecer um ourives, amigo e compadre dele; mas, conquanto seja certo que o ourives viu prosperar o negócio depois da nova ordenação municipal, não o é menos que essa postura deu à Casa Verde uma multidão de inquilinos; pelo que, não se pode definir, sem temeridade, o verdadeiro fim do ilustre médico. Quanto à razão determinativa da captura e aposentação na Casa Verde de todos quantos usaram do anel, é um dos pontos mais obscuros da história de Itaguaí; a opinião mais verossímil é que eles foram recolhidos por andarem a gesticular, à toa, nas ruas, em casa, na igreja. Ninguém ignora que os doidos gesticulam muito. Em todo caso é uma simples conjectura; de positivo nada há.

– Onde é que este homem vai parar? diziam os principais da terra. Ah! se nós tivéssemos apoiado os Canjicas...

Um dia de manhã, – dia em que a câmara devia dar um grande baile, – a vila inteira ficou abalada com a notícia de que a própria esposa do alienista fora metida na Casa Verde. Ninguém acreditou; devia ser invenção de algum gaiato. E não era: era a verdade pura. D. Evarista fora recolhida às duas horas da noite. O padre Lopes correu ao alienista e interrogou-o discretamente acerca do fato.

– Já há algum tempo que eu desconfiava, disse gravemente o marido. A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não

podia conciliar-se com o furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou, logo que voltou do Rio de Janeiro. Desde então comecei a observá-la. Suas conversas eram todas sobre esses objetos; se eu lhe falava das antigas cortes, inquiria logo da forma dos vestidos das damas;¹⁸⁹ se uma senhora a visitava, na minha ausência, antes de me dizer o objeto da visita, descrevia-me o traje, aprovando umas coisas e censurando outras. Um dia, creio que Vossa Reverendíssima há de lembrar-se, propôs-se a fazer anualmente um vestido para a imagem de Nossa Senhora da matriz. Tudo isto eram sintomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demência. Tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da câmara municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira. Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Ontem repetiu a pergunta, ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa. – Que tem? perguntei-lhe. – Queria levar o colar de granada, mas acho o de safira tão bonito! – Pois leve o de safira. – Ah! mas onde fica o de granada? – Enfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao

A: = vestidos, das damas =

A: # acordo e não a

¹⁸⁹ Machado retirou a vírgula na versão de *Papéis Avulsos*, evitando uma enumeração. Note-se que mais abaixo no texto o narrador se refere ao “traje” das senhoras que a visitavam e ao “vestido para a imagem de Nossa Senhora da matriz”, o que me leva a pensar que a vírgula era uma falha tipográfica.

quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares,¹⁹⁰ ensaiando-os ao espelho, ora um, ora outro. Era evidente a demência; recolhi-a logo.

acho; levanto-me, vou
ao quarto de vestir,
onde vi luz; acho-a
diante #

O padre Lopes não se satisfez com a resposta, mas não objetou nada. O alienista, porém, percebeu e explicou-lhe que o caso de D. Evarista era de “mania sumptuária”¹⁹¹, não incurável, e em todo caso digno de estudo.

– Conto pô-la boa dentro de seis semanas, concluiu ele.

A abnegação do ilustre médico deu-lhe grande realce. Conjeturas, invenções, desconfianças, tudo caiu por terra, desde que ele não duvidou recolher à Casa Verde a própria mulher, a quem amava com todas as forças da alma. Ninguém mais tinha o direito de resistir-lhe, – menos ainda o de atribuir-lhe intuítos alheios à ciência. Era um grande homem austero,¹⁹² Hipócrates forrado de Catão.

A: = grande homem,
austero, =

XI

O ASSOMBRO DE ITAGUAÍ.

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos

¹⁹⁰ A alteração de “acordo e não a acho” para “acordo e não a vejo”, além de evitar uma repetição vocabular logo na sequência, contribui para melhorar a descrição da cena, visto que Bacamarte ainda vai-se levantar e procurar por D. Evarista. Machado também elimina “onde vi luz”, já que essa informação nada acrescenta à cena.

¹⁹¹ “Concernente a gasto, despesa”, de acordo com o *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877.

¹⁹² A eliminação da vírgula parece ampliar a figura desse “homem”.

ser postos na rua.

– Todos?

– Todos.

– É impossível; alguns, sim, mas todos...

– Todos. Assim o disse ele no ofício que mandou hoje de manhã à câmara.

De fato, o alienista oficiara à câmara expondo: – 1º, que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde, que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º, que esta deslocação de população levava-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía do domínio da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades¹⁹³ não fosse perfeito e absoluto; 3º, que desse exame e do fato estatístico resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; 4º, que à vista disso, declarava à câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5º, que,¹⁹⁴ tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando da câmara igual

¹⁹³ Apesar de em *A Estação* e em *Papéis Avulsos* constar aqui uma vírgula, optou-se por retirá-la para adequar-se o texto às atuais regras de pontuação.

¹⁹⁴ Apesar de essa vírgula não constar em nenhuma das versões estudadas, ela foi inserida aqui para adequação à pontuação.

dedicação; 6º, que restituía à câmara e aos particulares a soma do estipêndio recebido para alojamento dos supostos loucos, descontada a parte efetivamente gasta com a alimentação, roupa, etc.; o que a câmara mandaria verificar nos livros e arcas da Casa Verde.

O assombro de Itaguaí foi grande; não foi menor a alegria dos parentes e amigos dos reclusos. Jantares, danças, luminárias¹⁹⁵, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento. Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito; mas foram esplêndidas, tocantes e prolongadas.

E vão assim as coisas humanas! No meio do regozijo produzido pelo ofício de Simão Bacamarte, ninguém advertia na frase final do § 4º, uma frase cheia de experiências futuras.

XII

O FINAL DO § 4º.

Apagaram-se as luminárias, reconstituíram-se as famílias, tudo parecia reposto nos antigos eixos. Reinava a ordem, a câmara exercia outra vez o governo, sem nenhuma pressão externa; o próprio presidente e o vereador Freitas tornaram aos seus lugares. O barbeiro Porfírio, ensinado pelos acontecimentos, tendo “provado tudo”, como o poeta disse de Napoleão, e mais alguma coisa, porque Napoleão não

¹⁹⁵ Segundo *Diccionario da Língua Portuguesa*, 1877, “luzes que se põem à noite às janelas por festividade”.

provou a Casa Verde, o barbeiro achou preferível a glória obscura da navalha e da tesoura às calamidades brilhantes do poder; foi, é certo, processado; mas a população da vila¹⁹⁶ implorou a clemência de Sua Majestade; daí o perdão. João Pina foi absolvido, atendendo-se a que ele derrocara um rebelde. Os cronistas pensam que deste fato é que nasceu o nosso adágio: – ladrão que furta a ladrão, tem cem anos de perdão; – adágio imoral, é verdade, mas grandemente útil.

A: # processado; mas
Simão Bacamarte
alegou a ação das
desordens cerebrais do
réu, e a população da
vila #

Não só findaram as queixas contra o alienista, mas até nenhum ressentimento ficou dos atos que ele praticara; crescendo que os reclusos da Casa Verde, desde que ele os declarara plenamente ajuizados, sentiram-se tomados de profundo reconhecimento e fervido entusiasmo.¹⁹⁷ Muitos entenderam que o alienista merecia uma especial manifestação, e deram-lhe um baile, ao qual se seguiram outros bailes e jantares. Dizem as crônicas que D. Evarista¹⁹⁸ a princípio tivera ideia de separar-se do consorte, mas a dor de perder a companhia de tão grande homem venceu qualquer ressentimento de amor-próprio, e o casal veio a ser ainda mais feliz do que antes.

A: # e grande
entusiasmo. #

A: # e jantares. D.
Evarista foi objeto de
uma fineza por parte
das damas de Itaguaí,
que mandaram vir do
Rio de Janeiro um
colar, – não dois, – um,
feito de ambas as

¹⁹⁶ Com essa supressão, Machado retira a participação de Bacamarte na defesa do barbeiro Porfírio, deixando que a população implorasse por clemência. Em nenhum momento do conto vemos o alienista colocar-se ao lado da população, ele está sempre em posição contrastiva a esta, talvez por isso Machado tenha feito essa alteração, por uma questão de coerência no desenvolvimento da personagem. Essa mesma coerência nos faz recordar da sua afirmação no capítulo VI, quando Bacamarte afirma aos canjicas parados em frente à sua casa: “[...] porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes”. Ao participar de um tribunal, o alienista se veria obrigado a explicar o seu sistema a fim de explicar as “desordens cerebrais do réu”.

¹⁹⁷ Com essa alteração, o autor aumenta a intensidade do sentimento dos libertos.

¹⁹⁸ Machado suprimiu uma informação que não iria adiantar a ação. Com essa alteração, o autor também evita que a atenção das comemorações passe do alienista para D. Evarista.

Não menos íntima ficou a amizade do alienista e do boticário. Este concluiu do ofício de Simão Bacamarte que a prudência é a primeira das virtudes em tempos de revolução, e apreciou muito a magnanimidade do alienista que, ao dar-lhe a liberdade, estendeu-lhe a mão de amigo velho.

pedras, granada e safira, como recordação do fato que levava a ilustre senhora à Casa Verde. Dizem as crônicas que D. Evarista a princípio #

– É um grande homem, disse ele à mulher, referindo¹⁹⁹ aquela circunstância.

A: ^ mulher, fererindo ^

Não é preciso falar do albardeiro, do Costa, do Coelho, do Martim Brito e outros, especialmente nomeados neste escrito; basta dizer que puderam exercer livremente os seus hábitos anteriores. O próprio Martim Brito, recluso por um discurso em que louvara enfaticamente D. Evarista, fez agora outro em honra do insigne médico – “cujo altíssimo gênio, elevando as asas muito acima do sol, deixou abaixo de si todos os demais espíritos da terra”.

– Agradeço as suas palavras, retorqui-lhe o alienista, e ainda me não arrependo de o haver restituído à liberdade.

Entretanto, a câmara, que respondera ao ofício de Simão Bacamarte, com a ressalva de que oportunamente estatuiria em relação ao final do § 4º, tratou enfim de legislar sobre ele. Foi adotada, sem debate, uma postura autorizando o alienista a agasalhar na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. E porque a experiência da câmara tivesse sido dolorosa, estabeleceu ela a cláusula, de que a autorização era

¹⁹⁹ Erro tipográfico na versão de *A Estação*.

provisória, limitada a um ano, para o fim de ser experimentada a nova teoria psicológica, podendo a câmara, antes mesmo daquele prazo, mandar fechar a Casa Verde, se a isso fosse aconselhada por motivos de ordem pública. O vereador Freitas propôs também a declaração de que em nenhum caso fossem os vereadores recolhidos ao asilo dos alienados: cláusula que foi aceita, votada e incluída na postura, apesar das reclamações do vereador Galvão.²⁰⁰ O argumento principal deste magistrado é que a câmara, legislando sobre uma experiência científica, não podia excluir as pessoas dos seus membros das consequências da lei; a exceção era odiosa e ridícula. Mal proferira estas duras palavras, romperam os vereadores em altos brados contra a audácia e insensatez do colega; este, porém, ouviu-os²⁰¹ e limitou-se a dizer que votava contra a exceção.

A: # das reclamações
do vereador Martins. #

A: = este porém ouviu-
os =

– A vereança, concluiu ele, não nos dá nenhum poder especial nem nos elimina do espírito humano.

Simão Bacamarte aceitou a postura com todas as restrições. Quanto à exclusão dos vereadores, declarou que teria profundo sentimento se fosse compelido a recolhê-los à Casa Verde; a cláusula, porém, era a melhor prova de que eles não padeciam do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. Não acontecia o mesmo ao vereador Galvão, cujo acerto na objeção feita, e cuja moderação na resposta

A: # ao vereador
Martins, cujo #

²⁰⁰ É possível que Machado, com essa troca de nomes, tenha querido evitar uma confusão com a personagem de Martim Brito, que fora recolhido à Casa Verde pelo discurso inflamado que fizera para D. Evarista. As próximas alterações do mesmo teor não serão comentadas.

²⁰¹ Ao acrescentar as vírgulas, Machado também pontua a reação da personagem, desacelerando-a.

dada às invectivas dos colegas mostravam da parte dele um cérebro bem organizado; pelo que, rogava à câmara que lho entregasse. A câmara, sentindo-se ainda agravada pelo proceder do vereador Galvão, estimou o pedido do alienista, e votou unanimemente a entrega.

A: # do vereador
Martins, #

Compreende-se que, pela teoria nova, não bastava um fato ou um dito, para recolher alguém à Casa Verde; era preciso um longo exame, um vasto inquérito do passado e do presente. O padre Lopes, por exemplo, só foi capturado trinta dias depois da postura, a mulher do boticário quarenta dias. A reclusão desta senhora encheu o consorte de indignação. Crispim Soares saiu de casa espumando de cólera, e declarando às pessoas a quem encontrava que ia arrancar as orelhas ao tirano. Um sujeito, adversário do alienista, ouvindo na rua essa notícia, esqueceu os motivos de dissidência, e correu à casa de Simão Bacamarte a participar-lhe o perigo que corria. Simão Bacamarte mostrou-se grato ao procedimento do adversário, e poucos minutos lhe bastaram para conhecer a retidão dos seus sentimentos, a boa-fé, o respeito humano, a generosidade; apertou-lhe muito as mãos, e recolheu-o à Casa Verde.

– Um caso destes é raro, disse ele à mulher pasmada.²⁰² Agora esperemos o nosso Crispim.

A: # pasmada, –
daquele desfecho.
Agora esperemos #

Crispim Soares entrou. A dor vencera a raiva, o boticário não arrancou as orelhas ao alienista. Este consolou o seu privado, assegurando-lhe que não era caso perdido; talvez a mulher tivesse

²⁰² Alteração que provavelmente visava à concisão com a supressão de informação que apenas redundava a ideia.

alguma lesão cerebral; ia examiná-la com muita atenção; mas antes disso não podia deixá-la na rua. E parecendo-lhe vantajoso reuni-los, porque a astúcia e velhacaria do marido poderiam de certo modo curar a beleza moral que ele descobrira na esposa, disse Simão Bacamarte:

– O senhor trabalhará durante o dia na botica, mas almoçará e jantará²⁰³ com sua mulher, e cá passará as noites, e os domingos e dias santos.

A proposta colocou o pobre boticário na situação do asno de Buridan²⁰⁴. Queria viver com a mulher, mas temia voltar à Casa Verde; e nessa luta esteve algum tempo,²⁰⁵ até que D. Evarista o tirou da dificuldade, prometendo que se incumbiria de ver a amiga e transmitir os recados de um para outro. Crispim Soares beijou-lhe as mãos agradecido. Este último rasgo de egoísmo pusilânime pareceu sublime ao alienista.

A: + com a mulhe [...] mas temia voltar à Casa Verde; e nessa luta este [...] algum tempo, +

Ao cabo de cinco meses estavam alojadas umas dezoito pessoas; mas Simão Bacamarte não afrouxava; ia de rua em rua, de casa em casa, espreitando, interrogando, estudando; e quando colhia

A: # não afrouxava. O ardor com que ele buscava inquilinos por toda a parte, é objeto de

²⁰³ Optou-se aqui pela omissão da vírgula, apesar de ela constar em *A Estação* e em *Papéis Avulsos*.

²⁰⁴ Referência a um paradoxo que em filosofia diz respeito ao conceito de livre arbítrio. Trata-se de uma situação hipotética na qual um asno é colocado à mesma distância de um fardo de feno e de um recipiente com água. Já que o paradoxo assume que o asno se dirigiria ao que estivesse mais perto, ele morreria de fome por não poder tomar nenhuma decisão quanto à escolha de uma ou outra hipótese. Dilema levado ao absurdo, esse paradoxo é atribuído ao filósofo aristotélico francês Jean Buridan.

²⁰⁵ Como a cópia de que eu dispunha estava deteriorada pelo tempo, recorri ao professor Ivan Teixeira, que também trabalhou com o conto “O Alienista”, a fim de resolver essas falhas. Ivan Teixeira afirmou que em sua cópia do material a palavra “mulher” estava completa e era seguida pela vírgula. Também disse que o verbo era mesmo “esteve”. Desse modo, apesar de não ter tido acesso à cópia do professor Ivan, registrei aqui as suas informações.

um enfermo, levava-o com a mesma alegria com que outrora os arrebanhava às dúzias. Essa mesma desproporção confirmava a teoria nova; achara-se enfim a verdadeira patologia cerebral.²⁰⁶ Um dia, conseguiu meter na Casa Verde o juiz de fora; mas procedia com tanto escrúpulo, que o não fez senão depois de estudar minuciosamente todos os seus atos, e interrogar os principais da vila. Mais de uma vez esteve prestes a recolher pessoas perfeitamente desequilibradas; foi o que se deu com um advogado,²⁰⁷ em quem reconheceu um tal conjunto de qualidades morais e mentais, que era perigoso deixá-lo na rua. Mandou prendê-lo; mas o agente, desconfiado, pediu-lhe²⁰⁸ para fazer uma experiência; foi ter com um compadre, demandado por um testamento falso, e deu-lhe de conselho que tomasse por advogado o Salustiano;²⁰⁹ era o nome da pessoa em questão.

admiração dos cronistas, ainda os que lhe são antipáticos. Um destes confessa que dificilmente se poderiam reunir em um só homem tantas qualidades, como as do ilustre alienista. Ele ia de rua em rua, # / # confirmava a nova teoria; acha-se enfim #

A: # pessoas ^ perfeita- ^ desequilibradas; tal foi o caso de um advogado, em quem #

A: = mas o agente desconfiado, pediu-lhe para =

A: = por advogado, o Salustiano; =

– Então, parece-lhe...?

– Sem dúvida: vá, confesse tudo, a verdade inteira, seja qual

for, e confie-lhe a causa.

²⁰⁶ Ao suprimir esse trecho, Machado evita, em primeiro lugar, a redundância de pensamento, pois “o ardor com que buscava inquilinos por toda a parte” é uma ideia que está muito próxima da de “ia de rua em rua, de casa em casa, espreitando, interrogando, estudando; e quando colhia um enfermo, levava-o com a mesma alegria...”. Em segundo lugar, ele mantém um distanciamento entre o leitor e os cronistas, não permitindo que as opiniões destes sejam expressas pelo narrador. Por fim, a mudança do verbo “acha-se” para “achara-se” recua a narrativa no tempo, para o momento da descoberta de Bacamarte.

²⁰⁷ Na versão da revista *A Estação*, encontra-se um erro tipográfico na divisão da palavra “perfeitamente” que se encontrava no final da linha. A mudança realizada por Machado parece ser apenas de cunho estilístico.

²⁰⁸ Aqui, a falta da vírgula na revista *A Estação* pode ter-se devido a uma falha tipográfica. Sem a vírgula, “desconfiado” indica a qualidade do agente, independente da situação narrada. Com a vírgula, a desconfiança se deve à situação.

²⁰⁹ Exclusão da vírgula na versão de *Papéis Avulsos*.

O homem foi ter²¹⁰ com o advogado, confessou ter falsificado o
testamento, e acabou pedindo que lhe tomasse a causa. Não se negou o
advogado, estudou os papéis, arrazoou longamente, e provou a todas as
luzes²¹¹ que o testamento era mais que verdadeiro. A inocência do réu
foi solenemente proclamada pelo juiz, e a herança passou-lhe às mãos.
O distinto jurisconsulto deveu a esta experiência a liberdade. Mas nada
escapa a um espírito original e penetrante. Simão Bacamarte, que
desde algum tempo notava o zelo, a sagacidade, a paciência, a
moderação daquele agente, reconheceu a habilidade e o tino com que
ele levava a cabo uma experiência tão melindrosa e complicada, e
determinou recolhê-lo imediatamente à Casa Verde; deu-lhe, todavia,
um dos melhores cubículos.²¹²

Os alienados foram alojados por classes.²¹³ Fez-se uma galeria
de modestos, isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição

A: ^ O homem foiter
com ^

A: ^ a todos as luzes ^

A: # imediatamente à
Casa Verde, dando-lhe
todavia um de
melhores cubículos. #
// # Neste ponto
ocorreu uma

²¹⁰ Provável erro tipográfico na revista.

²¹¹ Mais uma vez, é provável que esse seja mais um erro tipográfico, visto que “todos” deixaria a frase sem sentido.

²¹² Com o ponto e vírgula, Machado faz uma pausa maior na frase, valorizando o que será dito a seguir. Ao colocar a conjunção entre vírgulas, ele diminui o ritmo da frase, o que também valoriza o que está sendo dito. “Um de melhores” parece ser uma falha tipográfica.

²¹³ Este parágrafo e o seguinte foram muito modificados por Machado de Assis, em primeiro lugar, em nome da concisão e objetividade, cortando informações que não adiantariam a ação, como é o caso do trecho que trata do alojamento dos dragões na Casa Verde. Em segundo lugar, ao cortar a frase “a que os cronistas dão grande vulto, e que aliás não tem valor”, Machado evita que o narrador desqualifique os cronistas nos quais baseia sua narrativa e impede que ele interfira na matéria narrada. Em terceiro lugar, mais uma vez o autor mantém o distanciamento entre o leitor e os cronistas ao suprimir o trecho em que os cronistas expressariam uma opinião sobre os fatos: “os cronistas pensam que isto foi um ato vingativo da parte de Simão Bacamarte contra os soldados”. Em quarto lugar, novamente o escritor evita uma interferência excessiva do narrador ao suprimir o trecho “mas a verdade é que ele fez apenas um ato de zelo vulgar, dando destino a uma porção do edifício, que em vão forcejava por encher”. Em quinto lugar, ao cortar a frase “Note-se que não começara ainda o tratamento;

moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de símplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc. Naturalmente, as famílias e os amigos dos reclusos bradavam contra a teoria; e alguns tentaram compelir a câmara a cassar a licença. A câmara, porém, não esquecer a linguagem do vereador Galvão, e se cassasse a licença, vê-lo-ia na rua, e restituído ao lugar; pelo que, recusou. Simão Bacamarte oficiou aos vereadores, não agradecendo, mas felicitando-os por esse ato de vingança pessoal.

Desenganados da legalidade, alguns principais da vila recorreram secretamente ao barbeiro Porfírio e afiançaram-lhe todo o apoio de gente, dinheiro e influência na corte, se ele se pusesse à testa de outro movimento contra a câmara e o alienista. O barbeiro respondeu-lhes que não; que a ambição o levara da primeira vez a transgredir as leis, mas que ele se emendara, reconhecendo o erro próprio e a pouca consistência da opinião dos seus mesmos sequazes; que a câmara entendera autorizar a nova experiência do alienista, por um ano: cumpria, ou esperar o fim do prazo, ou requerer ao vice-rei, caso a mesma câmara rejeitasse o pedido. Jamais aconselharia o emprego de um recurso que ele viu falhar em suas mãos, e isso a troco

circunstância, a que os cronistas dão grande vulto, e que aliás não tem valor. O alienista, sabendo que os dragões estavam mal aquartelados, ofereceu à câmara parte da Casa Verde para recebê-los. Os cronistas pensam que isto foi um ato vingativo da parte de Simão Bacamarte contra os soldados; mas a verdade é que ele fez apenas um ato de zelo vulgar, dando destino a uma porção do edifício, que em vão forcejava por encher. // A parte ocupada pelos alienados bastava e de sobra. Ele dividiu-os em categorias. Fez uma galeria de modestos, isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; fez outra de tolerantes, outras de verídicos, outra de símplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de

reunia-os para a observação contínua; só depois de algum tempo tencionava meter mãos ao curativo” parece que Machado não sentiu a necessidade de antecipar a questão da terapêutica, que ele vai tratar na sequência, logo no início do capítulo XIII. É provável que sejam dois erros tipográficos a falta de uma vírgula e uma marca de plural no trecho “fez outra [galeria] de tolerantes outras de verídicos”. Machado deixa explícita, através da voz do narrador, a interpretação que o alienista faz da decisão da câmara quanto ao vereador Galvão ao acrescentar “de vingança pessoal” depois da palavra ato. Ao alterar “propuseram-lhe” para “afiançaram-lhe”, Machado enfatiza o papel de “alguns principais da vila” no sentido de insuflar uma nova rebelião. A substituição de “uso” por “emprego” parece troca sinonímica ou estilística.

de mortes e ferimentos que seriam o seu eterno remorso.

– O que é que me está dizendo? perguntou o alienista quando um agente secreto lhe contou a conversação do barbeiro com os principais da vila.

Dois dias depois o barbeiro era recolhido à Casa Verde. – Preso por ter cão, preso por não ter cão! exclamou o infeliz.

Chegou o fim do prazo, a câmara autorizou um prazo suplementar de seis meses para ensaio dos meios terapêuticos. O desfecho deste episódio da crônica itaguaiense²¹⁴ é de tal ordem, e tão inesperado, que merecia nada menos de dez capítulos de exposição; mas contento-me com um, que será o remate da narrativa, e um dos mais belos exemplos de convicção científica e abnegação humana.

XIII

PLUS ULTRA!²¹⁵

Era a vez da terapêutica. Simão Bacamarte, ativo e sagaz em descobrir enfermos, excedeu-se ainda na diligência e penetração com

sinceros, etc. Note-se que não começara ainda o tratamento; reunia-os para a observação contínua; só depois de algum tempo tencionava meter mãos ao curativo. Naturalmente, as famílias e os amigos dos reclusos bradavam contra a teoria; e alguns tentaram compelir a câmara a cassar a licença. A câmara, porém, não esquecera a linguagem do vereador Martins, e se cassasse a licença, vê-lo-ia na rua, e restituído ao lugar; pelo que, recusou. Simão Bacamarte oficiou aos vereadores, não agradecendo, mas felicitando-os por esse ato. # // # Desenganados da legalidade, alguns principais da vila recorreram secretamente ao barbeiro Porfírio e

²¹⁴ Optou-se aqui, para adequação às atuais regras de pontuação, pela não inclusão da vírgula, apesar de ela existir em *Papéis Avulsos* e em *A Estação*.

²¹⁵ A forma mais usada é a locução latina “*Nec plus ultra*” (“não mais além”), expressando a ideia de um limite que não pode ser ultrapassado. Machado, ao mesmo tempo que fez uso da locução latina, retirou dela a partícula negativa, talvez querendo indicar que Simão Bacamarte, representante da ciência em Itaguaí, buscava ultrapassar todos os limites.

que principiou a tratá-los.²¹⁶ Neste ponto todos os cronistas estão de pleno acordo: o ilustre alienista fez curas pasmosas²¹⁷, que excitaram a mais viva admiração em Itaguaí.²¹⁸

Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico.²¹⁹ Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um deles excedia às outras, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto;²²⁰ e não ia logo às doses máximas, – graduava-as, conforme o estado,²²¹ a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala, para restituir a razão ao alienado; em outros

propuseram-lhe todo o apoio de gente, dinheiro e influência na Corte, # / # Jamais aconselharia o uso de um recurso #
A: = Simão Bacamarte ativo e sagaz; em descobrir enfermos, = / # com que começou a curá-los. Neste ponto # // # = fez curas pasmosas que excitaram = # a mais viva admiração em Itaguaí e em todas as vilas e povoações mais próximas. # // # Com efeito, era difícil imaginar mais profundo sistema

²¹⁶ A alteração operada por Machado de Assis visa apenas à correção da pontuação no primeiro caso. Quanto à mudança de “começou a curá-los” para “principiou a tratá-los”, é preciso lembrar-se que, mais à frente no conto, o próprio alienista vai se questionar quanto às “curas” realizadas por ele. Desse modo, é possível cogitar que Machado estivesse adequando esse trecho ao que viria a seguir na narrativa. Com essa mudança, o autor também evita a repetição vocabular no mesmo parágrafo.

²¹⁷ Segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878, “que causa pasmo, assombro; prodigioso, estupendo”.

²¹⁸ Machado acrescenta uma vírgula talvez para dar mais ênfase ao “pasmosas”. Com relação à supressão de “e em todas as vilas e povoações mais próximas”, é possível imaginar que ela se deva à concisão estilística.

²¹⁹ Trata-se de uma alteração importante realizada por Machado de Assis. Como o conto é uma sátira ao racionalismo científico da época, é possível que a substituição de “mais profundo sistema terapêutico” por “mais racional sistema terapêutico”, além de estar em maior conformidade com o caráter de Bacamarte descrito até aqui, seja uma referência a esse racionalismo.

²²⁰ Na sequência, Machado afirma que Bacamarte “não ia logo às doses máximas”, portanto, ao fazer a alteração, o autor evita uma contradição, já que a “vaidade” poderia ser a dose máxima ao sentimento da modéstia. Mas, em *Papéis Avulsos*, o escritor deixa ao leitor a suposição de qual seria esse “sentimento oposto”.

²²¹ Alteração na pontuação, talvez visando também à gradação estilística quanto ao que está sendo dito.

casos a moléstia era mais rebelde;²²² recorria então aos anéis de brilhantes, às distinções honoríficas, etc. Houve um doente, poeta,²²³ que resistiu a tudo. Simão Bacamarte começava a desesperar da cura, quando teve ideia de mandar correr matraca, para o fim de o apregoar como um rival²²⁴ de Garção e de Píndaro.²²⁵

– Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre; foi um santo remédio.²²⁶

Outro doente, também modesto, opôs a mesma rebeldia à medicação; mas não sendo escritor (mal sabia assinar o nome), não se lhe podia aplicar o remédio da matraca.²²⁷ Simão Bacamarte lembrou-

terapêutico. # // #
incutir-lhe a vaidade: e
não ia # / = graduava-
as conforme o estado,
= / # enfermo. Em
certos casos bastava
uma simples casaca, # /
em outros porém, a
moléstia # / # um
doente, poeta e
prosador, que # / # o
fim de apregoar o poeta
itaguaiense rival de # //
remédio: – o meu Raul
ficou imediatamente bom.
// # o nome) não
podia aplicar-se-lhe
igual remédio ao da

²²² Talvez Machado estivesse, com essa alteração, tentando evitar a aliteração entre “casos” e “casaca”, existente na versão de *A Estação* devido à proximidade das duas palavras. Na sequência, porém, ao utilizar “em outros casos a moléstia”, é possível perceber que Machado ainda tinha em mente a primeira versão do texto: “Em certos casos”. Também nessa primeira versão, o texto era “em outros porém, a moléstia”, uma referência aos “certos casos” mencionados anteriormente. É possível que haja uma falha tipográfica em “em outro porém, a moléstia” devido ou à falta da vírgula antes da conjunção adversativa ou à presença da vírgula depois da conjunção adversativa.

²²³ Como Machado faz referência na sequência a dois grandes poetas, talvez ele tenha caracterizado o doente apenas como poeta para concentrar sua ironia.

²²⁴ Ao substituir “o poeta” pelo pronome “o”, Machado evita a repetição vocabular no mesmo parágrafo. A supressão do gentílico parece visar a uma concisão no estilo.

²²⁵ Machado compara essa personagem a dois grandes poetas da literatura. O primeiro, Pedro António Correia Garção (1724-1773), excelente metrificador, cultivou a sátira horaciana e foi um dos principais teóricos e cultores da estética neoclássica portuguesa, sendo autor da “Cantata de Dido”; e Píndaro (518-438 a. C.), considerado o maior poeta lírico da antiga Grécia, e ainda hoje visto como um escritor criativo quanto à linguagem e incomparável no que se refere aos aspectos formais da poesia. É o autor das *Odes triunfais*.

²²⁶ A supressão de “o meu Raul ficou imediatamente bom” parece indicar que Machado queria evitar nomear uma nova personagem no final do conto, além de a informação não contribuir para o andamento da história.

²²⁷ Apesar de a vírgula ser colocada depois de “escritor” e não existir depois do parêntese, optou-se pela forma aqui adota para melhor compreensão do texto. Quanto à mudança de “aplicar-se-lhe igual remédio” para “não se lhe podia aplicar o remédio”, esta provavelmente visa a uma maior precisão da linguagem, evitando também a redundância que a palavra “igual” conferia à “matraca”.

se de pedir para ele o lugar de secretário da Academia dos Encobertos estabelecida em Itaguaí. Os lugares de presidente e secretários eram de nomeação régia, por especial graça do finado rei D. João V²²⁸, e implicavam o tratamento de Excelência e o uso de uma placa de ouro no chapéu. O governo de Lisboa recusou o diploma; mas representando o alienista que o não pedia como prêmio honorífico ou distinção legítima, e somente como um meio terapêutico²²⁹ para um caso difícil, o governo cedeu excepcionalmente à súplica; e ainda assim não o fez sem extraordinário esforço²³⁰ do ministro de marinha e ultramar, que vinha a ser primo do alienado.²³¹ Foi outro santo remédio.

– Realmente, é admirável! dizia-se nas ruas, ao ver a expressão sadia e enfunada dos dois ex-dementes.²³²

Tal era o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo. Nem sempre era certo. Casos houve em que a

²²⁸ D. João V de Portugal (1689-1750) foi rei de Portugal desde 1 de janeiro de 1707 até a sua morte. O monarca se manteve neutro com relação aos conflitos que tomavam a Europa à época e defendeu fortemente os interesses portugueses no comércio ultramarino. Com o Tratado de Utreque, França e Espanha passaram a reconhecer a soberania de Portugal sobre o Brasil. Defensor do absolutismo, D. João V só conseguiu manter-se neutro na Europa devido à exploração das minas de ouro brasileiras.

²²⁹ Trata-se, provavelmente, de um erro tipográfico.

²³⁰ A marca do plural provavelmente seja uma falha tipográfica, visto que em *Papéis Avulsos* Machado deixou a frase no singular.

²³¹ A alteração feita por Machado muda muito o sentido da frase. Em *A Estação*, o ministro poderia ser primo de algum alienado, há uma indeterminação; porém, em *Papéis Avulsos*, ele é primo do alienado ao qual o autor está se referindo nesse momento.

²³² Machado elimina o substantivo “atitude” e liga dois adjetivos a um mesmo substantivo, “expressão”, provavelmente com o objetivo de uma frase mais concisa e precisa.

qualidade predominante resistia a tudo; então, o alienista atacava outra parte, aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir.²³³

No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados! O vereador Galvão, tão cruelmente afligido de moderação e equidade, teve a felicidade de perder um tio; digo felicidade, porque o tio deixou um testamento ambíguo, e ele obteve uma boa interpretação, corrompendo os juízes, e embaçando os outros herdeiros. A sinceridade do alienista manifestou-se nesse lance;²³⁴ confessou ingenuamente que não teve parte na cura: foi a simples *vis medicatrix*²³⁵ da natureza. Não aconteceu o mesmo com o padre Lopes.

A: # conseguir. E dessa vez não falhava o cálculo.

A: # Era de seis meses o prazo suplementar. No fim de cinco e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados! O vereador Martins, tão cruelmente afligido de equidade e moderação, teve a felicidade de perder um tio; digo, felicidade, porque o tio deixara um testamento

²³³ A supressão da frase “dessa vez não falhava o cálculo” evita a repetição da ideia já expressa acima: “o efeito era certo”.

²³⁴ Esse trecho sofreu várias alterações por parte do autor, a começar pelo nome do vereador Galvão, como já se explicou em nota anterior. Em primeiro lugar, Machado suprime uma informação que já havia sido fornecida ao final do capítulo XII: “era de seis meses o prazo suplementar”. Essa mudança talvez tenha-se devido ao fato de o conto agora ser publicado em livro, não havendo a necessidade de situar o leitor quanto ao que acontecera anteriormente no último folhetim. Portanto, é possível que o meio de publicação tenha influenciado na alteração efetuada por Machado. Em segundo lugar, ao modificar a ordem dos substantivos para “moderação e equidade”, ele talvez visasse a reproduzir estilisticamente aqui a mesma ordem de sentimentos expressa no capítulo XII pelo aludido vereador. Essa nova ordem também ressalta a falta de moderação do narrador ao afirmar que o vereador fora “tão cruelmente afligido de moderação”, acentuando ainda mais a ironia pretendida por Machado. A supressão da vírgula provavelmente se deva à adequação do texto às regras de pontuação vigentes. É provável que a mudança do tempo verbal de “deixar” se deva a uma maior precisão na linguagem. Em terceiro lugar, ao optar por “corrompendo os juízes, e embaçando os outros herdeiros” em lugar de “corrompendo os juízes, não sem brigar com os demais herdeiros”, o autor consegue uma maior aproximação entre os verbos “corromper” e “embaçar”, este no sentido de lograr, enganar. Por fim, a substituição de “superioridade” por “sinceridade” talvez visasse a evitar uma contradição na narrativa, visto que o narrador está querendo enfatizar a modéstia de Bacamarte. Além do mais, o segundo substantivo está mais de acordo com a ideia da “confissão ingênua” do alienista.

²³⁵ A expressão latina “*vis medicatrix naturae*”, atribuída a Hipócrates, refere-se ao poder curativo do corpo, que, quando atacado por uma doença, reequilibra-se para dar combate a ela.

Sabendo o alienista que ele ignorava perfeitamente o hebraico e o grego,²³⁶ incumbiu-o de fazer uma análise crítica da versão dos Setenta²³⁷; o padre aceitou a incumbência, e em boa hora o fez; ao cabo de dois meses possuía um livro e a liberdade. Quanto à senhora do boticário, não ficou muito tempo na célula que lhe coube, e onde aliás lhe não faltaram carinhos.

ambíguo, e ele obteve uma boa interpretação dele, corrompendo os juízes, não sem brigar com os demais herdeiros. A superioridade do alienista # / = o hebraico, e o grego, =

– Por que é que o Crispim não vem visitar-me? dizia ela todos os dias.

Respondiam-lhe ora uma coisa, ora outra; afinal disseram-lhe a verdade inteira. A digna matrona²³⁸ não pôde conter a indignação e a vergonha. Nas explosões da cólera escaparam-lhe expressões soltas e vagas,²³⁹ como estas:

A: = soltas, e vagas =

– Tratante!... velhaco!... ingrato!... Um patife que tem feito casas à custa de unguentos falsificados e podres... Ah! tratante!...

Simão Bacamarte advertiu que, ainda quando não fosse verdadeira a acusação contida nestas palavras,²⁴⁰ bastavam elas para mostrar que a excelente senhora estava enfim restituída ao perfeito desequilíbrio das faculdades; e prontamente lhe deu alta.

A: # contida nestas últimas palavras, #

²³⁶ Era comum à época o uso da vírgula antes do conectivo “e”, mas talvez Machado tenha querido uma frase mais direta, daí a sua supressão.

²³⁷ Trata-se da mais antiga tradução da bíblia hebraica para o grego, realizada entre os séculos III e I a. C., também conhecida como Septuaginta, pois teriam trabalhado nela setenta e dois eruditos judeus.

²³⁸ Excluiu-se a vírgula em respeito às regras de pontuação, apesar de ela existir em *A Estação* e em *Papéis Avulsos*.

²³⁹ Aqui também o autor pode ter dado preferência a uma frase mais direta e por isso tenha eliminado a vírgula.

²⁴⁰ Talvez por ter percebido a relação de proximidade que “nestas” já estabelece com o que fora dito, Machado tenha suprimido o “últimas”.

Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem. *Plus ultra!* era a sua divisa.²⁴¹ Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava²⁴² ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. *Plus ultra!* Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia²⁴³ que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria.

A: # não contentava #

A: # lhe diria que #

– Vejamos, pensava ele; vejamos se chego enfim à última verdade.

Dizia isto, passeando ao longo da vasta sala, onde fulgurava²⁴⁴ a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos²⁴⁵ de Sua Majestade. Um amplo chambre de damasco, preso à cintura por um cordão de seda, com borlas de ouro (presente de uma Universidade) envolvia o corpo majestoso e austero do ilustre alienista. A cabeleira cobria-lhe uma extensa e nobre calva adquirida nas cogitações quotidianas da

A: # onde ostentava a mais #

A: # dos domínios ultramarinhos de #

²⁴¹ Falta o ponto tanto na publicação de *A Estação* como na de *Papéis Avulsos*, mas pode-se perceber um espaço maior entre as letras e a frase seguinte se iniciando por maiúscula, além da conclusão do pensamento, o que permite a hipótese de que aí é possível acrescentar esse ponto.

²⁴² Provável falha tipográfica.

²⁴³ Se mantivesse o verbo “diria”, Machado estaria lançando uma hipótese no futuro, o que poderia não se sustentar, já que o narrador havia afirmado no capítulo XII que o capítulo seguinte seria a conclusão do episódio da crônica itaguaiense. Com a mudança para “dizia”, a descoberta é trazida para o momento das cogitações de Bacamarte.

²⁴⁴ O verbo fulgurar remete muito mais ao brilho da riqueza e ao “cordão de seda, com borlas de ouro”, brilho exterior que está em contraste com a descrição da personagem que o narrador dará a seguir, quando faz salientar ironicamente a simplicidade de Bacamarte. O verbo ostentar diria respeito ao alienista e iria de encontro a esse efeito irônico buscado por Machado.

²⁴⁵ Trata-se, provavelmente, de um erro tipográfico.

ciência. Os pés, não delgados e femininos, não graúdos e mariolas²⁴⁶, mas proporcionados ao vulto, eram resguardados por um par de sapatos cujas fivelas não passavam de simples e modesto latão. Vede a diferença:²⁴⁷ – só se lhe notava luxo naquilo que era de origem científica; o que propriamente vinha dele trazia a cor da moderação e da singeleza, virtudes tão ajustadas à pessoa de um sábio.

A: # mariolas, mas proporcionando ao vulto, eram resguardados por um par de sapatos austeros, em que as fivelas eram de simples e modesto latão Notai a diferença: – só #

Era assim que ele ia, o grande alienista, de um cabo a outro da vasta biblioteca, metido em si mesmo, estranho a todas as coisas que não fosse o tenebroso problema da patologia cerebral. Súbito, parou. Em pé, diante de uma janela, com o cotovelo esquerdo apoiado na mão direita, aberta, e o queixo na mão esquerda, fechada, perguntou ele a si:

– Mas deveras estariam eles doidos, e foram curados por mim, – ou o que pareceu cura, não foi mais do que a descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro?²⁴⁸

A: # desequilíbrio daqueles cérebros? #

²⁴⁶ Aqui, mariolas estaria sendo usado no sentido de “grosseiro”, segundo o *Diccionario Enciclopédico ou Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, 1878.

²⁴⁷ Talvez Machado tenha preferido o particípio passado, “proporcionado”, ao gerúndio, “proporcionando”, por uma questão estilística. Quanto à alteração referente aos sapatos, talvez quisesse evitar a redundância, visto que a descrição de que aqueles eram “de simples e modesto latão” já traz subentendida a ideia de austeridade. O autor também deixa a frase mais concisa ao suprimir o adjetivo “austeros” e a vírgula e fazer uso do pronome “cujas”. Por fim, Machado substitui o verbo “notar” por “ver” a fim de evitar repetição vocabular no mesmo parágrafo, pois que ele se utilizará do mesmo verbo na sequência. Na revista *A Estação* está faltando um ponto depois da palavra “latão”, que se encontra no final da linha no fim da página 49. Mas em *Papéis Avulsos* esse sinal de pontuação foi acrescentado pelo escritor.

²⁴⁸ A frase “desequilíbrio do cérebro” está mais ligada ao objetivo de Bacamarte que, já no primeiro capítulo, vê sua atenção atraída para o “exame da patologia cerebral” e que, no segundo capítulo, afirma: “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal”. Talvez Machado tenha percebido que

E cavando por aí abaixo, eis o resultado a que chegou: os cérebros bem organizados que ele acabava de curar, eram tão desequilibrados como os outros. Sim, dizia ele consigo,²⁴⁹ eu não posso ter a pretensão de haver-lhes inculcado um sentimento ou uma faculdade nova; uma e outra coisa existiam no estado latente, mas existiam.

Chegado a esta conclusão, o ilustre alienista teve duas sensações contrárias, uma de gozo, outra de abatimento. A de gozo foi por ver que, ao cabo de longas e pacientes investigações, constantes trabalhos, luta ingente com o povo, podia afirmar esta verdade: – não havia loucos em Itaguaí; Itaguaí não possuía um só mentecapto. Mas tão depressa esta ideia lhe refrescara a alma, outra apareceu que neutralizou o primeiro efeito; foi a ideia da dúvida. Pois quê! Itaguaí não possuiria um único cérebro concertado? Esta conclusão tão absoluta, não seria por isso mesmo errônea, e não vinha, portanto, destruir o largo e majestoso edifício da nova doutrina psicológica?

A aflição do egrégio²⁵⁰ Simão Bacamarte é definida pelos

A: # abaixo, no terreno da investigação, eis o resultado a que chegou o ilustre Simão Bacamarte. Os cérebros bem organizados que ele recolhera à Casa Verde, e que acabava de curar, eram tão desequilibrados como os outros; se o não pareciam à primeira vista, era por falta do momento psicológico. Sim, dizia consigo o alienista, eu não #

A: # aflição do ilustre Simão Bacamarte #

“desequilíbrio daqueles cérebros” circunscrevesse e limitasse o resultado dos estudos do alienista, quando este buscava a universalidade.

²⁴⁹ Ao suprimir “no terreno da investigação, eis o resultado a que chegou o ilustre Simão Bacamarte”, Machado eliminou informações desnecessárias, o que tornou a narrativa mais concisa e direta. Pode-se dizer o mesmo quanto às seguintes supressões: “que ele recolhera à Casa Verde” e “se o não pareciam à primeira vista, era por falta do momento psicológico”. No que se refere à substituição de “dizia consigo o alienista” por “dizia ele consigo”, talvez Machado tenha querido evitar a repetição do substantivo, que será utilizado logo no início do parágrafo seguinte.

²⁵⁰ Machado fez essa substituição para evitar a repetição vocabular, visto que o parágrafo anterior já começara com esse adjetivo dirigido ao alienista.

cronistas itaguaienses como uma das mais medonhas tempestades morais que têm desabado sobre o homem. Mas as tempestades só aterram os fracos; os fortes enrijam-se contra elas e fitam o trovão. Vinte minutos depois alumiou-se a fisionomia do alienista de uma suave claridade.

– Sim, há de ser isso, pensou ele.

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto.²⁵¹ Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa.

– Nenhum defeito?

– Nenhum, disse em coro a assembleia.

A: # a lealdade, enfim, as qualidades que, juntas, podem formar um acabado mentecapto. Tão depressa, porém, descobriu isto como descobriu o contrário. // – Mas, não, impossível, murmurou; é ilusão minha; não tenho nenhum desses dotes, – ou só alguns e em grau ínfimo. // E outra vez lhe caía o

²⁵¹ Machado resumiu em apenas duas frases o conteúdo de sete parágrafos, deixando a narrativa mais concisa e direta. Em lugar da longa descrição da angústia do alienista diante da nova teoria, descreve-se sucintamente a sua hesitação, a convocação do conselho de amigos e a conclusão a que eles chegam quanto ao seu perfeito equilíbrio mental e moral. Na versão de *A Estação*, não estavam presentes apenas os amigos do médico, mas toda a sociedade itaguaiense se achava representada, pois, além do médico e sua mulher, estavam presentes o padre, os vereadores, o boticário, o juiz de fora e alguns súditos de Sua Majestade. Nessa versão, o alienista pede a esse conselho que responda com “franqueza”, ao que este assente, o substantivo sendo repetido mais duas vezes na sequência. Na versão de *Papéis Avulsos*, essa qualidade é transferida ao próprio Bacamarte, alteração essa que parece querer destacar mais uma vez a perfeição moral do alienista. Duas outras supressões chamam a atenção, pois se referem à descrição do estado de espírito de Bacamarte diante da nova teoria: “E outra vez lhe caía o rosto desesperado e abatido” e “mas voltava a dúvida, e ficava vexado e triste”. Até aqui, o médico sempre fôra descrito afrontando os problemas de maneira altiva. Portanto, essa supressão parece visar a uma coerência no caráter da personagem.

– Nenhum vício?

– Nada.

– Tudo perfeito?

– Tudo.

– Não, impossível,²⁵² bradou o alienista. Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência. A simpatia é que vos faz falar. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade.²⁵³

A assembleia insistiu; o alienista resistiu; finalmente o padre Lopes explicou tudo²⁵⁴ com este conceito digno de um observador:

– Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: – a modéstia.

Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça, juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se²⁵⁵ à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram²⁵⁶ que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado: nem rogos nem sugestões nem lágrimas o detiveram um só instante. A

rosto desesperado e abatido. Depois tornava a indagação subjetiva e retrospectiva, ao estudo de si mesmo e do seu passado; e parecia-lhe que si, a teoria nova tinha nele uma demonstração evidente: mas voltava a dúvida, e ficava vexado e triste. // Enfim teve esta ideia: convocar algumas pessoas, interrogá-las sem dizer o motivo e ouvir-lhes o parecer desinteressado. Nessa mesma noite, reuniram-se em casa dele a mulher, o padre Lopes, o boticário, os vereadores, o juiz de fora, e mais seis ou sete súditos de Sua Majestade. Simão Bacamarte expôs o que desejava e pediu-lhes franqueza. // – A maior franqueza, disseram os ouvintes. // E cada um falou estiradamente, demonstrando as qualidades raras, e mais que tudo harmônicas, do ilustre alienista. Ninguém podia competir com ele em penetração. A perseverança era outro dote que o tornava

²⁵² Machado faz apenas uma substituição na pontuação.

²⁵³ Em primeiro lugar, Machado faz apenas uma substituição na pontuação. Em segundo, ao suprimir “dessa maneira”, ele provavelmente está buscando concisão. Em terceiro lugar, a substituição da preposição “de” pela preposição “da” não altera o significado da frase.

²⁵⁴ Como Machado não nomeara nenhum dos que havia falado até aí, a informação de que o padre Lopes “ainda não falara” pode ter parecido desnecessária a Machado.

²⁵⁵ A vírgula foi colocada somente na versão de *Papéis Avulsos*.

²⁵⁶ Ao trocar o verbo “pedir” pelo “dizer”, Machado parece querer evitar a redundância de uma ideia que já vem subentendida em “rogos”.

questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.²⁵⁷

– Simão! Simão! meu amor! dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lágrimas.

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar²⁵⁸ que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade.²⁵⁹

admirável, e bastava a prová-lo a Casa Verde. Nunca houve paciência e firmeza comparáveis às que ele mostrou por ocasião da revolta dos Canjicas. Quanto à veracidade, Epaminondas podia considerar-se seu discípulo. Leal aos amigos, à família, à coroa, era por assim dizer um modelo de homem e cidadão. Que constância no estudo! que brandura no trato particular! A frivolidade era sua maior inimiga; o charlatanismo execrava-o. // Ao passo que a assembleia ia inventariando as feições morais do alienista, com tão exemplar franqueza, este lhe ouvia calado os votos, ora com os olhos no opinante, ora com eles no chão. Ouvindo o último, esteve ainda meditativo uns dois minutos; enfim,

²⁵⁷ Pouco antes nesse mesmo parágrafo, Bacamarte afirma “A questão é científica”. Portanto, talvez Machado de Assis tenha retirado essa referência religiosa por uma questão de coerência da personagem.

²⁵⁸ Machado deixa a narrativa mais direta ao suprimir a relação das leituras realizadas por Bacamarte. Como o alienista se internara na Casa Verde para se entregar “ao estudo e à cura de si mesmo”, a proximidade maior da frase “sem ter podido alcançar nada” depois da breve referência à sua morte só faz aumentar a ironia machadiana. Com a supressão, o autor também evita a repetição da ideia de morte, a causa da morte talvez parecendo desnecessária ao escritor, já que ele a eliminou. Além do mais, o autor já usara “cronistas” logo acima, por isso talvez Machado tenha sentido a necessidade de suprimir esse substantivo depois do pronome indefinido plural.

²⁵⁹ Ao suprimir a ideia de que Bacamarte havia sido enterrado na capela da Casa Verde, uma vez mais Machado elimina uma referência religiosa, como já fizera anteriormente neste capítulo e como fará na referência latina a seguir. O fato de o alienista ter sido enterrado sem epitáfio aumentava a ironia machadiana, visto que o médico buscava a glória da ciência psiquiátrica e, metonicamente, a sua própria, pois ele era seu único representante, já

perguntou: // – Nenhum
 defeito? # // # – Não;
 impossível, # / # vos faz
 falar dessa maneira.
 Estudo-me # / # de vossa
 bondade. # // # o padre
 Lopes que ainda não
 falara, explicou tudo # // #
 triste. Ato contínuo
 recolheu-se à # / # lhe
 pediram que ficasse, # / #
 a teoria e a prática, à
 maneira de Jesus, que
 usou tudo o que pregou. #
 // # alcançar nada. Não
 foi por falta de livros;
 folheava-os dia e noite,
 uns in-4º, outros in-
 folio, em muitas
 línguas. Morreu, enfim,
 de uma erisipela no
 ventre. Alguns
 cronistas chegam ao
 ponto de conjecturar # //
 # rara solenidade. O

que “não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria”. A ironia se desdobraria no fato de até os ossos terem desaparecido, não restando nenhuma prova da existência do ilustre Bacamarte, que morreu sem “ter podido alcançar nada”. A supressão desse trecho também pode ter-se devido ao fato de Machado querer evitar a excessiva intromissão do narrador na conclusão do relato. Esse narrador já havia afirmado que o boato era duvidoso e, na versão de *A Estação*, é possível perceber a sua intromissão ainda nas seguintes passagens: “infelizmente sem epitáfio”, “*Alas! Poor Yorick! Sic transit gloria mundi*”. A primeira seria um posicionamento emocional do narrador. No caso da citação de Yorick, trata-se de uma personagem mencionada pela primeira vez na cena I do Ato 5 da peça *Hamlet*, de Shakespeare. Nessa passagem, Hamlet, segurando o crânio de Yorick, falecido bobo da corte ligado à sua infância, reflete sobre a vaidade terrena, a transitoriedade da vida, a morte inevitável e a suposta igualdade das pessoas depois dela. A segunda, frase latina que poderia ser traduzida por “assim passa a glória do mundo”, faz referência a um ritual de coroação papal utilizado até 1963. Nele, o papa recém-eleito saía em procissão e, nas três paradas previstas, um mestre de cerimônias descalço se ajoelhava diante do escolhido e, enquanto queimava trapos de linho, repetia três vezes em voz alta: “*Pater sancte, sic transit gloria mundi!*”, para que ele se lembrasse da natureza transitória da vida e das honras terrenas. Desse modo, as duas referências suprimidas por Machado transmitiam a mesma ideia de vaidade e transitoriedade humanas, portanto, parece que o autor buscou, na versão de *Papéis Avulsos*, a concisão a fim de evitar a redundância de pensamento e privilegiar a ação da narrativa.

cadáver foi sepultado na capela da Casa Verde, infelizmente sem epitáfio. Em 1817, desapareceram os ossos, e segundo as mais prováveis induções, foram roubados e transportados para Santiago do Chile, cuja academia supõe que são os restos de um cozinheiro do ilustre Pizarro. *Alas! poor Iorick! – Sic transit gloria mundi.*

ANEXO I

Nº 19

15 de Outubro de 1881

Xº Anu

CORTE, um anno 12\$000

EDITORES PROPRIETARIOS
LOMBAERTS & COMP.
LIVREIROS, ESTAMPADORES E TIPOGRAPHOS
RUA DOS OURIVES 7 — RIO DE JANEIRO

PROVINCIAS, um anno 14\$000

CHRONICA DA MODA

Durante os últimos annos do imperio, tinha surgido em França uma pleiade de escriptores moralistas ou sagrados, cujo principal objecto era mal-dizer do luxo das senhoras, avaliando tremendos castigos, unicamente por causa da modli.

Mas que diremos hoje vendo que o luxo invade todas as classes da sociedade, e que do lado das senhoras tudo é sacrificado a este gosto de esquisiteza e elegancia.

Se bem que estis recriminações tenham alguma razão de ser, devemos todavia tomar a devida das senhoras honestas e racionais. Sim, senhores moralistas, pessimistas, positivistas, exclusivistas e outros, ha ainda, n'este mundo tão corrupto, modelos de virtudes heroicas, tanto mais do que podeis pensar, e com Boileau diremos:

Il n'est point à l'honneur de se faire sage.

Em todos os tempos fallou-se e escreveram-se contra o luxo, mas sempre sem resultado.

O que, de algum modo, pode consolar-nos é que o luxo das senhoras da nossa época muito longe está de poder compararse ao das matronas dos tempos idos.

Sobre este assumpto, encontramos n'um estudo sobre Nera alguns detalhes relativos ao luxo de Poppéa:

Nunca mulher levou a tão alto grau a admiração e o culto de sua propria belleza. Era ella de uma alvura marmorea, conservada por banhos de leite em toda a sua frescura e brilho. Nas suas viagens, um rebanho de quatrocentas jumentas fazia parte do seu cortejo, para fornecer-lhe o leite necessario aos banhos. Servia-se de uma especie de rebuque unctuosu que se lhe estendia sobre a face, o pescoço e os hombros. Quando de dia se lhe tirava este rebuque, a cara d'ella apparecia de uma brancura sem igual, e corava pela mais leve emoção.

Ao sair do banho, Poppéa entregava-se ao cuidado da suas «cabeleiras». Eram numerosas e classificadas pelos servicos que leviam prestar. umas encarregadas dos cabellos e dos perfunes, outras das vestimentas, algumas guardavam as joias em caixinhas de ouro cheios, outras tratavam do calçado. As mais experimentadas, reservadas para conselho, ficavam immoveis enquanto a dona, envolvida na sua túnica, sentada diante do espelho, estudava suas attitudes e seus movimentos de cabeça.

Os cabellos de Poppéa, os mais bellos do mundo, eram de um touro negro e brilhante, cortos e ambar, cor simuladissima entre os Romanos.

«Pelas medalhas que se conservaram até hoje, eis o penteado de Poppéa: em volta da testa, ate abaixo das orelhas, seus cabellos eram frisados com agulhas aquecidas nas cinzas quentes, formando tres ordens de anneisinhos iguaes e symetricos; o resto dos cabellos, enroscado atraz da cabeça,

do mar Vermelho, por causa da extrema alvura. Seus brincoes, em forma de crochets, tinham tres brillantias.

O estado habitual de Poppéa era de couro branco, com sola feita de laminas de ouro, de modo a fazer sobresahir a elegancia de seu pé sobre o marmore dos mosaicos ou debaixo das franjas do seu vestido. Depois e lencos de fio de ouro e de seda envolviam os seus zophurnos, e no peito do pé uma fita de ouro e pedras preciosas, em forma de agulha ou de semi-lua, completava o ornamento. Antes de calçar a sua ancha, as cristas de Poppéa envolviam em tiras de fino panno, de linho seus pés e suas pernas, ate a altura do joelho. Fixavam-se estas tiras com ligas ricas como um diadema.

Por cima da primeira túnica de linho ou de lã leve, vestia um corpinho bordado, de fazenda de lã, ouro e seda, fabricada no Oriente. Era a parte mais rica e brilhante do costume, e a estola, que se usava por cima, ficava entreaberta para deixar ver este corpinho. O braço direito e o pescoço ficavam descobertos para receber os collares, pulseiras e braceletes.

Podem, as nossas leitoras, ver que o luxo de hoje está ainda longe de poder entrar em competição com o das senhoras da antiguidade.

Todavia ha certas verdades incontestaveis e que é bom não esquecer.

O interior reage sobre o exterior.

A belleza do corpo molda-se nas roupas, como a belleza da alma reflectese nos olhos.

Ha futilidades ricas, que inspiram o vicio, e ha outras mais simples das quaes se desprende o perfume da virtude.

O que deve ser lido hoje é o abuso do cold-cream, dos rebuques, o excesso de pó de arroz ou outro, que transformam a mulher em pastel repulativo.

Para não sahir do nosso papel de chronicista, devemos assignalar as nossas leitoras as novidades para a proxima estação.

As fazendas de lã e de seda são de xadrezes cu ricas, de todas as cores, porem com tendencia ao predomínio do verde de todos os matizes. Os sombreiros são numerosos e variados, mas prime palmeiro, nos tons do verde, desde o amarello exteriorizado ate o verde negro, passando pelo verde gao, verde mar, verde garrafa e verde cre.

Ha, hoje em dia, para saídas de baite das senhoras elegantes, uma novidade encantadora, a pelucia em desenhos em relevo, geralmente em tons de madieira com bouquet de flores de todos os matizes da cor da rosa.

1. e 2. Toilettes de passeio e vassora.
Modelos das officinas do "Boulevard", Largo de S. Francisco de Paula n. 6, Rio de Janeiro.

Exava-se com correntes e anneis de ouro. Fitas brancas guarnecidas de pedras finas vertilly as vezes para statos. Havia tambem grandes alfinetes de ouro em forma de umbelo. Tinha Poppéa um gosto particular para as perolas

Penso que ha, e eis a minha opinião a esse respeito. Como já disse, a severidade do clima exige uma grande temperança; ora, o brasileiro é eminentemente sobrio, e além disso respeita em geral as leis da hygiene publica e da hygiene privada. Demais, nesse periodo do anno, evita o mais que lhe é possível a moradia na cidade velha e é ainda Botafogo que lhe serve de refugio. A epidemia, effectivamente, é menos rigorosa ali e pode-se dizer que esse arrabalde fica isento da enfermidade.

E, ao contrario, o que vemos na cidade velha, e principalmente na vizinhança do porto? E' ali que ficam o mercado, e os caes de desembarque das mercadorias, os armazens de viveres. E' ali que se accumulam em casas insalubres os numerosos trabalhadores estrangeiros, especialmente portuguezes, que veem para o Rio de Janeiro com a mira no ganho, desprezam as mais elementares prescripções da hygiene. O seu regimen e o mais vicioso e é exclusivamente entre elles que se encontram os bebedores de alcool.

Accrescentae a isso que a cidade foi construida de um modo deploravel; que em certos logares ha absoluta falta de esgotos; que um dos meios de se verem livres de uma latrina consiste simplesmente em encher-a e abandonal-a! Que admira pois que seja ali que a epidemia exerya principalmente a sua devastação e appareça todas as vezes que as condições climaterias se prestam? Similhante estado de cousas, em nossas cidades européas, geraria immediatamente, não o *ramito-negro*, mas certamente uma molestia do mesmo genero, o typho ou qualquer outra.

(Continua)

DR. CH. CORBISSIER,

LITTERATURA

O ALIENISTA

I

DE COMO ITAGUAHY GANHOU UMA CASA DE GRATES.

As chronicas da villa de Itaguahy dizem que em tempos remotos vivera alli um certo medico, o

Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos medicos do Brazil, de Portugal e das Hespanhas. Estudára em Coimbra e Padua. Aos trinta e quatro annos regressou ao Brazil, não podendo el-rei alcançar delle que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negocios da monarchia.

— A sciencia, disse elle a Sua Magestade, é o meu emprego unico; Itaguahy é o meu universo.

Dito isto, metten-se em Itaguahy, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da sciencia, alterando os livros com as molestias, e demonstrando os theoremas com cataplasmas. Aos quarenta annos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco annos, viuva de um juiz de fora, e não bonita nem sympathica. Um dos tios delle, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-l'ho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista rennia condições physiologicas e anatomicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excel-

lente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e intelligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sabio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimavel-o, agradece-o a Deus, porquanto não corria o risco de preferir os interesses da sciencia na contemplação exclusiva, miuda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu ás esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem moços. A indole natural da sciencia é a longaninidade; o nosso medico esperou tres annos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da materia, releu todos os escriptores arabes e outros, que trouxera para Itaguahy, enviou consultas ás universidades italianas e allemãs, e acabou por aconselhar á mulher um regimen alimenticio especial. A illustre dama, nutrida exclusivamente com a bella carne de porco de Itaguahy, não attendeu ás admoestações do esposo; e á sua resistencia, — explicavel, mas inqualificavel, — devemos a total extincção da dynastia dos Bacamartes.

Mas a sciencia tem o ineffavel dom de curar todas as magoas; o nosso medico mergulhou inteiramente no estudo e na pratica da medicina. Foi então que um dos recatos desta lhe chamou especialmente a attenção, — o recato psychico, o exame da pathologia cerebral. Não havia na colonia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante materia, mal explorada, ou quasi inexplorada. Sinão Bacamarte comprehendem que a sciencia lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de «louros immarcescíveis,» — expressão usada por elle mesmo, mas em um arroubo de intimidade domestica; exteriormente era m' dosto, segundo convém aos subedores.

— A saude da alma, bradou elle, é a occupação mais digna do medico.

— Do verdadeiro medico, emendou Crispim Soares, — boticario da villa, e um dos seus amigos e comensales.

A vereança de Itaguahy, entre outras lacunas de que é arguida pelos chronistas, tinha a de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na propria casa, e não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do beneficio da vida: os mansos andavam á solta pela rua. Sinão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume: pediu licença á camara para agasalhar e tratar no edificio que lá construiu todos os loucos de Itaguahy e das demais villas e cidades, mediante um estipendio, que a camara lhe daria quando a familia do enfermo o não podesse fazer. A proposta excitou a curiosidade de toda a villa, e encontrou grande resistencia, tão certo é que difficilmente se desarrraigam habitos absurdos, ou ainda más. A idea de metter os loucos na mesma casa, vivendo em commun, pareceu em si mesma um symptoma de demencia, e não faltou quem o insinuasse á propria mulher do medico.

— Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do logar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, virá o juizo.

D. Evarista ficou aterrada, foi ter com o marido, disse-lhe e que estava com desejos, um principalmente, — de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que o velho Dr. tivesse adequadamente a certo fim. Mas aquelle velho homem, com a rara sagacidade que o distinguia, penetrou a intenção da esposa e redarguiu-lhe sorrindo que não tivesse medo. Dalli foi á camara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquencia, que a maioria resolveu autorisalo-o que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e sustento dos doentes pobres. A materia do imposto não foi facil acul-a: tudo estava tributado em Itaguahy. Depois de longos estudos, assentou-se em permitir o uso de dois pennachos nos cavallos de um coche mortuario pagaria duas tostões á camara, repellido-se tantas vezes esta quantia quantos fossem as horas decorridas entre a do fallecimento e a da ultima benção na sepultura. O escripto perdeu-se nos calculos arithmeticos do rendimento possivel da nova taxa; e um dos vereadores, que não acreditava na empreza do medico, pediu que se relevasse o escripto de um trabalho inutil.

— Os calculos não são precisos, disse elle, porque o Dr. Bacamarte não arranja nada. Quem é que vir ágora metter todos os doudos dentro da mesma casa?

Enganava-se o digno magistrado; o medico arran-

jou tudo. Uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa. Era na rua Nova, a mais bella rua de Itaguahy naquella tempo, tinha cincoenta janellas por lado, um pateo no centro, e numerosos cubiculos para os hospedes. Como fosse grande arabista, achou no Koran que Mahomet declarava veneraveis os doudos, pela consideração de que Allah lhes tira o juizo para que não pequen. A idea pareceu-lhe bonita e profunda, e elle a fez gravar no frontespicio da casa; mas, como tinha medo ao vigário, a por tabella á Inquisição, attribuiu o pensamento a Benedicto VIII, merecendo com essa fraude, aliás pia, que o padre Lopes lhe contasse, no almoco, a vida daquello pontifice eminente.

A Casa Verde foi o nome dado ao asylo, por allusão á cor das janellas, que pela primeira vez appareciam verdes em Itaguahy. Inaugurou-se com immensa pompa; de todas as villas e povoações proximas, e até remotas, e da propria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir ás ceremonias, que duraram sete dias. Muitos dementes já estavam recolhidos; e os parentes tiveram occasião de ver o carinho paternal e a caridade christã com que elles iam ser tratados. D. Evarista, contentissima com a gloria do marido, vestira-se luxuosamente, cobriu-se de joias, flores e sedas. Ella foi uma verdadeira rainha naquelles dias memoraveis; ninguém deixou de ir visital-a duas e tres vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do seculo, e não só a cortejavam como a louvavam; porquanto, — e este facto é um documento altamente honroso para a sociedade do tempo, — porquanto viam nella a feliz esposa de um alto espirito, de um varão illustre, e, se lhe tinham inveja, era a sauta e nobre inveja dos admiradores.

Ao cabo de sete dias expiraram as festas publicas: Itaguahy tinha finalmente uma casa de Orates.

MACHADO DE ASSIS.

(Continua.)

A CIDADE E OS THEATROS

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1881.

É a sorte grande foi-se...
A grande loteria que tanto promettera já não restam senão as illusões perdidas.
Quanto calculo falho! quanta esperança desfeita!
Tudo passou, tudo acabou, mesmo a esperança.
Consolemo-nos, é o mais racional.
Felizmente a inauguração das aulas do Lyceu de Artes e Officios para o sexo feminino veio divertir o publico fluminense dos seus planos frustrados, dos seus castellos cahidos.

Uma bella festa apozar da chuva.
O tempo descecia com a chuva contra a «nova legião» e a hora marcada chorava a não pôr um frade fora de casa.
Mas tempo.

Desta vez parecem, como grato verificar, a curiosidade foi além do recato de uma multidão. A sete horas da tarde de terça-feira, já os vastos salões do Lyceu regorgitavam de convidados.

Recorriam á a expressão.
Era difficil alisar caminho por entre o vai-vem animado d'uma multidão compacta, que redolinhava a'uma confusão adoravel.

Uma corrente que entrava, outra que sahia complicando-se das que giravam sem rumo certo constituíam um bello caos.

Mas as festas são isso mesmo.

Nas festas alegres, nas festas do povo ha sempre o encanto da desordem.

O programma da festa do Lyceu constava de duas partes: discursos e concerto.
Muito discurso talvez, trop de flores... de rhetoricque!
Mas não era prohibido deixar de escutar todos os oradores inscriptos.

Assim depois dos discursos obrigados do presidente e do vice-director e enquanto os outros oradores abusavam da sua loquacidade para repetir todos os lugares communs que traziam na memoria, ou precepi distrahindo-se vendo o edificio e observando as salas.

Havia o que ver.

Os salões bellamente adornados apresentavam um aspecto interessantissimo pittoresco. Um pateo de tudo.

Um pateo, ou antes muito de tudo.
Todas as classes confundidas, ou pelo menos reunidas á gemma completa da gerarchia social: a sala recando a casa, a casaca recando a jaqueta. Um area-iris.

A educação da mulher interessava a todos e por aquellas portas abertas á preparação das futuras mães de familias uma multidão se tinha precipitado.

En tambem son dos que creia nos beneficios da boa educação da mulher. O sexo que não dá as costureiras, tambem não tem dado as Savigny, Stael e Sand.

São excepções?

Mas as excepções são tantas apozar do systema ferreo de ditos.

Não é sem fundamento que se chamam a mulher a metade do homem. Em todas as maravilhas que tem immortalizado os poetas e os artistas, a mulher tem a sua quota, a sua parte, o seu quinhão de gloria. Bentez inspirou a Dante, Formosissimo gnuo o puer de Raphael até a belleza ideal.

Voltaire, um dos cruentos do seu sexo, acha que a mulher é capaz de fazer tudo quanto fazem os homens.

Abram-lhes o campo da sciencia, das artes e das letras, e ellas, as curvas por excellencia, as galas de uma nacça como Eva, deixarão de ser as gals perpetuas da machina de costura.

Eu creio e congratulo-me com a Sociedade Propagadora das Bellas-Artes pelo relevantissimo serviço que vai pres-

tar á sociedade fluminense com os seus cursos de musica e de desenho para o sexo feminino.

Mas, objectará o sexo forte: quando a mulher escrever operas e pintar quadros, quem a substituirá no seu officio de mulher, de mãe, de esposa?

Que ninguém se intimide: pode-se saber musica e dirigir bem uma casa, e pregar um botão, sabendo-se embora desenhos.

A um individuo que clamava contra o numero sempre crescente dos nossos doutores, alguém respondeu:
E que me importa a mim, que meu allieado saiba mathematics, e o meu conrinheiro contenga o directo romano?

As corridas do Prælo fluminense são como a lua: tem o seu periodo crescente, o seu periodo de plenitude e o periodo minguante. Com esta differença apenas: os periodos da lua voltam cada mez, e os das corridas não voltam nunca cada anno.

Já estamos no periodo minguante.

As ultimas corridas passaram quasi despercebidas. Pouca animação nas apostas, pouca gente nas archibancadas. Uma festa triste por consequente.

A epocha é ainda do theatro Lyrico.

Ainda do Lyrico?

Parece que a estação lyrica deve ter acabado com a vigesima quarta representação da primeira serie.

Mas, com o theatro, a segunda serie começou mal, muito mal.

Começou com uma serie B.

Os annuncios promettiam entre tanto um bello espectáculo: *Il Guarany*, cantado pela Sra. Borghi-Mamo, pelo Sr. Tanagno.

Mas os empresarios propõem e as gargantas dos artistas dispõem. E os dilettantes que entravam no theatro imperial foram sorpresos por esta noticia.

«Por in lisposição do cavalheiro Tanagno, o Sr. Claudio fará o papel de Perry.»

pegada á entrada, como o terrivel *Lescaite capit speranza* o rei che entrete, nos humbrades da *ciúde-dolente*.

Mas quem é o Sr. Claudio?

Ninguém sabia. Era uma ameaça aos ouvidos do publico, que não queria malícia, e a sua expectativa era antipathica.

Quando se ouviu, ou antes quando se não ouviu o Sr. Claudio foi ainda peor... o espectáculo terminou no primeiro acto por este outro aviso:

Por ordem superior fica transferida a representação.

Um triste espectáculo!

Durante o pouco tempo que eu tive para ver a sala pude notar rapidamente antes de tudo algumas lacunas sensíveis.

Não era completamente a sala habitual das primeiras do Lyrico.

Muita gente nova.

Dentre as mais conhecidas, distinguia-se as senhores.

B... vestido vir de pinhão, corpinho quadrado, como sempre d'uma elegancia recentemente chegada de Paris.

C... de E... deslumbrante na sua toilette de veludo preto d'um decote elegantissimo.

A jovem e graciosa R... de branco, corpinho de setim sem mangas. Das orlas de renda substituíam esta inutilidade. Rosas nos cabelos e um bello bouquet de flores naturais no regaço completavam a sua toilette d'um gosto maravilhoso.

No camarote do Sr. conde de M... uma toilette de seda preta de grande simplicidade.

Predominava em quasi todos os camarotes a cor preta, protestando apenas contra a cor preta, casimira branca d'um afogado cinmento como um Othello, mas moldando traiçoeiramente uma opulencia triumphante da linha curva...

Paran, aliás as minhas observações, o espectáculo tendo sido logo suspenso.

E pena, porque á sabida, sob os mantos que as envolviam, aditavam-sese primeiros de gosto e de elegancia.

A moda está voltando as disformidades que illudem.

Não se chegam ainda as crinolinas; mas já estamos nos *pinchos*, que foram outrora o *canilho* para o balão.

Recebi seis vestidos de Paris, dizia uma elegante á sua companheira de lyrico, todos do *pincho*. Não sei o que faz; meu marido não gosta.

— Fais en sauter l'aise, et il ne verra que du feu.

DANTAS JUNIOR.

AS KOSSAS GRAVURAS

FRANZ LISZT

Este celebre pianista e compositor húngaro, nasceu em Raiding a 24 de Outubro de 1820. Com nove annos de idade deu o seu primeiro concerto. Começando a percorrer a Alemanha, recebeu em Vienna um esquisito aprofundamento lyrico de Czerni. Seu pai que era músico apaixonado, taziou trabalhar de um modo um tanto despojado, parem, com proveito, por isso que com doze annos de idade desdenhava como por demais facil a musica de Clementi, Hummel e Beethoven e para exercitar-se tocava todos os dias doze fugas de Bach, transportando-as para todos os tons.

Listz foi chamado o Paganini do piano. E considerado como o mais habil e original dos pianistas. As difficuldades nada são para essa organização excepcional e sua acção geralmente é toda de effeitos maravilhosos de força e agilidade. Sabe tambem deixar-se levar por improvisações encantadoras e cobrir um thema de brilhantes bordados. Porém com maior ardor do que graca com maior força do que gesto, nem sempre preserva o seu talento da desigualdade e da extravagancia.

JULIETTE LAMBER.

Mal, Edmund Adam que tem assignado os seus numerosos escriptos sobre litteratura, historia, economia politica e Social com o nome de Juliette Lamber, desde alguns annos uma das personalidades mais notaveis do Paris politico e litterario. Os seus salões tornaram-se a reunião das notabilidades republicanas e centro de influencia ou acção politica e litteraria. Foi sob sua inspiração que se criou a avelud publicação *Le monde* que tem feito acção concurrencia á antiga *Revue des deux mondes* e seu razão da merecida nomeada que lhe valeram o seu verdadeiro talento era uma das mulheres da actualidade dignas de figurarem na gal'ria da Estação.

VIAGENS

O BRASIL

(continuado)

Os pormenores que precedem levam-nos naturalmente a falar da população da cidade, que é muito mista.

Os elementos, francez e inglez são representados em proporção notável, e compõem em grande parte a zona dos negócios. Seguem-se os propriamente brasileiros, descendentes directos dos antigos senhores do solo. Estes entregam-se de preferência ás profissões liberais, occupam cargos no functionalismo, no exercito ou na magistratura. O nivel intellectual é excessivamente elevado, e os funcionarios, officiaes, especialmente da marinha, são individuos de merito incontestavel e serias capacidades.

A par desses elementos perfeitamente distinctos, cumpre citar uma massa de diferentes nações, cujos representantes formam o grupo dos trabalhadores mercenarios, dos pequenos negociantes: neste grupo predominam os portuguezes.

O chefe do governo, o imperador D. Pedro, dá o primeiro exemplo. Sobre ser um soberano esclarecido, justo, caminhando com todas as suas forças a par do progresso, quer ainda pôr-se pelos seus conhecimentos e pelos seus trabalhos ao nivel das mais bellas e elevadas intelligencias, e muitas sociedades sabias honram-se de contar no numero dos seus mais eruditos membros.

Finalmente, para concluir, resta falar dos escravos e da questão da escravidão.

Para quem não estudou esta questão no seu verdadeiro ponto de vista, a existencia da escravidão no Brasil, no momento actual, parece constituir um formidable contrasenso.

Como! n'um paiz cujo soberano é universalmente conhecido pelas suas idéas grandes, largas, generosas; n'um paiz em que as instituições governamentais têm um exercicio capaz de rivalisar com o que se vê nas nações mais adelantadas da Europa, ainda ha escravos em pleno século dezanove?

Apezar de todas as apparencias, a situação actual é uma necessidade que se impõe ao paiz. A immensa extensão do imperio, a importância enorme das plantações que ali se encontram, plantações que constituem toda a sua riqueza, necessitam o emprego de uma multidão de braços. Daí-se uma só vez a liberdade a todos os escravos e enaffirma que o Brasil é um paiz arruinado, porque supprimis ao mesmo tempo os trabalhadores. Sendo a negro preguiçoso e indolente, é evidente que, libertando-o, será necessário, para o substituir, recorrer a estrangeiros mercenarios, que nunca se poderão achar em numero sufficiente: daí, falta de braços e falta de cultura.

Não esqueçamos além disso que, em certas fazendas, o numero de escravos se eleva a centenas e até a milhares. Cada um delles representa para o proprietario certa somma que recebe de branca ou que pagou a um negociante de escravos. Seria soberanamente injusto descarregar este golpe na sua posição e nos seus direitos, tirando-lhe esses negros que constituem algumas vezes a melhor parte da sua fortuna.

É certo que comprehendem D. Pedro e os seus conselheiros por isso estabeleceram leis sobre a escravatura de modo que insensivelmente se vá extinguindo sem prejudicar os interesses dos grandes proprietarios, e tornando ao mesmo tempo mais supportavel a existencia dos infelizes negros.

Deste modo resolveram, para honra sua, a difficil questão que consistia em salvaguardar a um tempo os interesses do paiz e as leis da humanidade.

A lei da emancipação do elemento servil foi promulgada ha cerca de dez annos, durante a viagem de D. Pedro á Europa. Julgo que o vi na estação de Verviers em 1871 ou 72. Segundo a lei, não se podem mais importar escravos. Os que já existiam continuam escravos, mas recebem certa retribuição (*). Além disso, os seus filhos nascem livres e ficam até a maioridade, mediante modica retribuição, ao serviço do senhor de seus paes. Quando attingem a maioridade, podem retirar-se ou ficar como trabalhadores livres; e no primeiro caso o senhor recebe certa somma como indemnisação.

Durante a minha estada no Brasil, foi-me dado assistir a uma cerimonia bem commoveadora: a chegada ao porto (†) do corpo do fallecido D. Manuel

Luiz Osorio, marquez do Iterval, marechal e grande do imperio. Osorio representára no Brasil quasi o mesmo papel que o nosso general Renard na Belgica. Tendo sentado praça como simples soldado em 1824, na epocha em que o Brasil proclamava a independencia, não deixou desde então de se distinguir por uma bravura a toda a prova, assim como por notaveis talentos militares. A Osorio cabe o maior quinhão nas victorias que alcançou o exercito brasileiro na lucta que travou o Brasil contra a Republica Argentina. Mais tarde, na famosa campanha do Paraguay, a fama de Osorio attingiu proporções lendarias. Foi colmado de honras e elamado para exercer as mais elevadas posições. Era o idolo do povo que o chamava victorioso: *lucido Osorio*.

Depois que a morte o victimou em avançada idade (‡), seu corpo, embalsamado por ordem expressa de S. M. o Imperador (§), foi transportado á capital do imperio para ali receber as derradeiras homenagens. Esse triste acontecimento tomou as proporções de uma calamidade publica. Todos os navios de guerra surtos no porto puseram as bandeiras a meio pau, e a sua artilharia, que era correspondida pela das fortalezas, não deixou todo o dia de salvar. O corpo do general, revestido com as suas medalhas e condecorações, esteve exposto em capella ardente no arsenal de guerra; todo o exercito tomou lucto. Nesse dia, por uma especie de convenção tacita, todos os vestuarios vistosos ceieram logar ás roupas de côr escura.

Durante oito dias consecutivos, as sociedades civis e militares fizeram celebrar, em todas as egrejas da capital, ceremonias fúnebres pelo descanso da sua alma.

Era verdadeiramente um bello espectáculo, e o Brasil pode orgulhar-se, não só de ter dado o berço a um homem do valor de Osorio, como da espontaneidade com que enviaram de todos os recantos do paiz testemunhos de sympathia e reconhecimento a esse grande cidadão.

Infortunadamente não pude assistir aos funeraes, porque, tendo terminado o nosso navio nesse dia o seu carregamento levantámos ferro com destino a Baltimore.

É bem a pesar meu que o acompanhei, e digo ao Brasil não adeus, mas até breve.

DE CH. CORRIER.

LITTERATURA

O ALIENISTA

II

TORRENTE DE LUCOS.

Tres dias depois, n'uma expansão íntima com o boticario Crispim Soares, descobri o alienista o mysterio do seu coração.

— A caridade, Sr. Soares, entra de certo no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das cousas, que e assim que interpreto o ditto de S. Paulo aos Corinthios: « Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada. » O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a natureza, os seus diversos grãos, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do phenomeno e o remedio universal. Este é o mysterio do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço á humanidade.

— Um excellento serviço, corrigiu o boticario.

— Sem este azylo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; elle dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos.

— Muito maior, acrescentou o outro.

E tinham razão. De todas as villas e arraiaes vizinhos affluíam loucos á Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaniacs, era toda a familia dos desherdados do espirito. Ao cabo de quatro mezes, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se annexar uma galeria de mais trinte e sete. O padre Lopes confessou que não imaginara a existencia de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicavel de alguns casos. Um, por exemplo, um homem rude e villão, que todos os dias, depois do almoço,

fazia regularmente uma dissertação academica, ornado de tropos, de antitheses, de apostrophes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cicero, Apuleo e Teruliano. O vigário não queria acabar de crer. Que! um homem que elle vira, tres mezes antes, tocando uma trapa de mulas!

— Não digo que não, respondia-lhe o alienista; mas a verdade é o que Vossa Reverendissima está vendo. Isto é todos os dias.

— Quanto a mim, tornou o vigário, só se pode explicar pela confusão das linguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escripura; provavelmente, confundidas antigamente as linguas, é facil trocal-as agora, desde que a razão não trabalhe...

— Essa pôde ser, com effeito, a explicação divina do phenomeno, concordou o alienista, depois de reflectir um instante, mas não é impossivel que haja tambem alguma razão humana, e puramente scientifica, e disso trato...

— Vi que seja, e fico ansioso. Realmente!

Os loucos por amor eram tres ou quatro, mas só dous espantavam pelo curioso do delirio. O primeiro, um Falcão, rapaz de vinte e cinco annos, suppunha-se estrella d'alva, abria os braços e alargava as pernas, para dar-lhes certa feição de raios, e ficava assim horas esquecidas a perguntar se o sol já tinha salido para elle recdhor-se. Se o sol não andava sempre, sempre, sempre, á roda das salas ou do pátio, ao longo dos corredores, á procura do fim do mundo. Era um desgraçado, a quem a mulher deixou por seguir um poralvilho. Mal descobria a faza, armou-se de uma carrucha, e sabulhes no encaulo; achou-se duas horas depois, ao pé de uma lageta, matou-se a ambos com os maiores requintes de crueldade. O crime satisfez-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquella ancia de ir ao fim do mundo á cata dos fugitivos.

A mania das grandezas tinha exemplares notaveis. O mais notavel era um pobre diabo, filho de um alghelo, que narrava ás paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta:

— Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou David, David engendrou a purpura, a purpura engendrou o dique, o dique engendrou o marquez, o marquez engendrou o conde, que sou eu.

Dava uma pancada na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas:

— Deus engendrou um ovo, o ovo, etc.

Outro da mesma especie era um escravidão, que se vendia por mandonho do rei; outro era um boiadeiro de Minas, cuja mania era distribuir boiadas a toda a gente, dava trezentas calvegas a um, seiscentas a outro, mil e duzentas a outro, e não acabava mais. Não falto dos casos de monomania religiosa; apenas citarei um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia agora ser o deus João, e promettia o reino dos céos a quem o adorasse, e as penas do inferno aos outros; e depois desse, o licenciado Garcia, que não dizia nada, porque imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrellas se despegariam do céu e abafariam a terra: tal era o poder que revelava de Deus. Assim o escrevia elle no papel que o alienista lhe mandava dar, menos por caridade do que por interesse scientifico.

Que, na verdade, a paciência do alienista era ainda mais extra-ordinária do que todas as manias hospedadas na Casa Verde; nada menos que assombrosa. Simão Bacamarte começou por organizar um pessoal de administração; e, aceitando essa idéa do boticario Crispim Soares, accitou-lhe tambem dous sobrinhos, a quem incumbiu da execução de um regimento que lhes deu, aprovado pela camara, da distribuição da comida e da roupa, e assim tambem da escripta, etc. Era o melhor que podia fazer, para somente cuidar do seu officio.—A Casa Verde, disse elle ao vigário, é agora uma especie de mundo, em que ha o governo temporal e o governo espiritual. E o padre Lopes ria deste pio trocado,— e acrescentava,— com o unico fim de dizer tambem uma chalaga: — Deixe estar, deixe estar, que hei de mandal-o denunciar ao papa.

Uma vez desonerado da administração, o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os primeiramente em duas classes principaes: os furiosos e os mansos; daí, passou ás sub-classes, monomaniacs, delirios, allucinações diversas. Isto feito, começou um estudo aturado e continuo; analysava os habitos de cada louco, as horas do access, as aversões, as sympathias, as palavras, os gestos, as tendencias; inquiria da vida

(*) O A. não tinha bem presente a lei de 28 de setembro.

(†) Erro: Osorio falleceu no Rio de Janeiro.

(‡) Osorio falleceu com 71 annos.

(§) Ao que nos parece, Osorio foi embalsamado por desinfectação de sua familia.

dos enfermos, profissão, costumes, circumstancias da revelação morbida, accidentes da infancia e da mocidade, doenças de outra especie, antecedentes na familia, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um phenomeno extraordinario. Ao mesmo tempo estudava o melhor regimen, as substancias medicamentosas, os meios curativos e os meios palliativos, não só os que vinham nos seus amados arabes, como os que elle mesmo descobria, á força de sagacidade e paciencia. Ora, todo esse trabalho levava-lhe o melhor e o mais do tempo. Mal dormia e mal comia; e, ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora interrogava um texto antigo, ora ruinhava uma questão, e ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista.

III

DEUS SABE O QUE FAZ!

A illustre dama, no fim de deus mezes, achou-se a mais desgraçada das mulheres; cabiu em profunda melancolia, ficou amarella, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nelle o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como d'antes. E accrescentou:

— Quem diria nunca que meia duzia de lunático não acabou a phrase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao tecto,— os olhos, que eram a sua feição mais insinuante,— negros, grandes, lavados de uma luz humida, como os da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento. Não dizem as chronicas se D. Evarista brandiu aquella arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a sciencia, ou, pelo menos, de cepear-lhe as nádeas; mas a conjectura é verosimil. Em todo caso, o alienista não lhe attribuiu outra intenção. E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superficie da fronte quieta como a agulha de Bofalogo. Talvez um sorriso lhe descerrou os labios, por entre os quaes filtrou esta palavra macia como o oleo do *Cambé*:

— Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Deus. Evarista sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés. Nunca dos nunca vira o Rio de Deus, que posto não fosse sequer uma pallida sombra do que hoje é, todavia era alguma coisa mais do que Itaguahy. Ver o Rio de Janeiro, para ella, equivalia ao sonho do hebreu captivo. Agora, principalmente, que o marido assentára de vez naquella povoação interior, agora é que ella perdera as ultimas esperanças de respirar os ares da nossa boa cidade; e justamente agora é que elle a convitava a realizar os seus desejos de menina e moça. D. Evarista não pôde dissimular o gesto de semelhante proposta.

— Não me perguntaes na mão e sorriu,— um sorriso que parecia traduzir-se este pensamento: « Não ha remedio certo para as dores da alma; esta senhora definha, porque lhe parece que a não amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se. » E porque era homem estudioso tomou nota da observação, e não dando atravessou o coração de D. Evarista. Conter-se, entretanto; limitou-se a dizer ao marido, que se elle não ia, ella não iria tambem, porque não havia de metter-se sozinha pelas estradas.

— Já com sua tia, relaxaqui o alienista. Note-se que D. Evarista tinha pensado nisso mesmo; mas não, quizera pôl-lo nem insinual-o, em primeiro lugar porque seria impôr grandes despesas ao marido, em segundo lugar porque era melhor, mais methodico e racional que a proposta viesse — Oh! mas o dinheiro que será preciso gastar! suspirou D. Evarista sem convicção.

— Que importa? Temos ganho muito, disse o marido. Ainda hontem o escriptorario prestou-me contas. Quereres ver?

E levou-a aos livros. D. Evarista ficou deslumbrada. Era uma via-lactea de algarismos. E depois levou-a ás arcas, onde estava o dinheiro. Deus! eram montes de ouro, eram mil cruzados sobre mil cruzados, dobrões sobre dobrões; era a opulencia. Ex-

quanto ella comia o ouro com os seus olhos negros. o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais perfida das allusões.

— Quem diria que meia duzia de lunaticos...

D. Evarista comprehendendo, sorriu e respondeu com muita resignação:

— Deus sabe o que faz!

Tres mezes depois effectuava-se a jornada. D. Evarista, a tia, a mulher do boticario, um sobrinho desta, um padre que o alienista conhecera em Lisboa, e que de aventura achava-se em Itaguahy, cinco ou seis pagens, quatro mucamas, tal foi a comitiva que a população viu dalli sair em certa manhã do mez de maio. As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. Conquanto as lagrimas de D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalalo. Homem de sciencia, e só de sciencia, nada o consternava fóra da sciencia; e se alguma coisa o preocupava naquella occasião, se elle deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a idéa de que algum demente podia achar-se alli misturado com a gente de juizo.

— Adeus! soluçaram enfim as damas e o boticario.

E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar á casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavallo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do genio e do vulgo. Um fila e presente, com todas as suas lagrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auras.

MACHADO DE ASSIS.

(Continua).

VARIEDADE

DE PATO A GANÇO

Paris é talvez a unica cidade do mundo em que se poderia ter passado a historietta, que vou contar.

Em 1867 Julia R*** dava, havia dous annos, lições de desenho.

A sua familia, arruinada da noite para dia por esses audaciosos rubros de milhões, que causaram tanta vergonha e tantas lagrimas arrancaram, não tinha mais que esse sustentaculo.

Julia era encantadora: teria no maximo vinte e dous annos: estava em plena mocidade. Os seus traços eram graciosos e finos; o talhe elegante e esbelto; os cabellos louros, curtos, naturalmente ondulados davam-lhe esse cunho artistico, que tão invejado é das moças.

Julia adorava a sua arte; julgava-se um genio latente, prestes a revelar-se á primeira scentella que lhe communicasse a natureza.

Qual é o pintor moço que não sonha possuir uma aureola na fronte?

Infelizmente, em vez de trabalhar para a sua gloria, em vez de desenvolver as faculdades brilhantes com que a dotara a natureza, por meio de sérios estudos, era-lhe preciso ir todos os dias, desde pela manhã até á noite, dar as lições mais fastidiosas, não tendo sequer, como o operario, o repouso do domingo.

Em geral, os filhos dos ricos julgam fazer um favor insigne aos seus professores, quando se dignam applicar ao estudo; pensam que nada têm a aprender; e isto porque vêm muitas vezes a triste applicação desta falsa maxima:

« O dinheiro supprime tudo. »

Um desses rapazinhos de oito annos, dizia-me um dia:

— O senhor fulano é um ignorante. Ouço repetir que é estúpido e fastidioso; que entretanto recebe-n'o como a um principe. E' bom ser millionario, não é? O meu professor falla cinco linguas; é um sábio que escreve livros, e apenas o complimentam. A sciencia não é tão util como diz papae.

Perdoe-me esta digressão, caros leitores; voltemos ao nosso conto.

Julia era corajosa, coisa muito natural quando em casa falta o pão; afrontava a chuva, o frio, o calor, como um voluntario republicano em 1792, pedindo apenas maior numero de discipulos. A sua

maior distracção estava nas longas caminhadas, no trem de ferro, no omnibus principalmente.

Isolada no meio da multidão ou dos desconhecidos sentados a seu lado, podia pensar, sonhar, ler, ou entreter-se com as mil e uma aventuras que abriam o tempo e que lhe faziam esquecer as tristezas do lar, onde, como diversão aos seus dias trabalhosos, achava todas as noites fronte abatidas e corações desesperançados. Sua mãe por mais esforços que fizesse não podia dissimular as suas angustias.

Para aquellos que perdem a fortuna, a vida se torna quasi sempre uma odysseia em que a lembrança do passado, similhante a um tufão tempestuoso, enche a alma de temores, tormentos e negros presentimentos.

No terceiro anno, em Novembro, Julia notou um rapaz pallido, magro, distincto e triste, uma figura de romance, como as que viajam de continuo na imaginação das reparigas, que partia ás mesmas horas que ella da estação dos omnibus.

Desde logo a artista sentiu sympathia pelo melancolico desconhecido, observava-o, e percebeu que é por seu turno objecto de mil attencões delicadas.

As mulheres são justamente tidas como dotadas de uma finura extraordinaria: observam com arte uma grande quantia de cousas microscopicas, zoophytos de ordem moral, que se tornam ilhas, onde algumas vezes levantam o edificio da sua felicidade.

Eis o que a impressionara desde o começo. O desconhecido chegava primeiro, deixava partir muitos omnibus com os olhos fixos na rua em que ella morava.

Logo que Julia subia para o omnibus, o desconhecido tomava o lugar que lhe ficasse mais proximo: nunca lhe dirigia a palavra, mas si lhe parecia que a moça tinha frio, fechava logo as janelas.

Passava-lhe os trinta centimos com uma respeitosa saudação.

— Obrigada, senhor, dizia a doce voz de Julia. E lá se punha o omnibus a andar, e cada um com um livro ou um jornal, e ambos se olhavam ás furdadelhas para... ler com mais attenção.

Quando um personagem ridiculo incommodava ou divertia os passageiros, trocaram um sorriso.

Quando Julia apeava primeiro, o desconhecido seguia-a com o olhar, e quasi todas as noites o via passar debaixo de suas janelas, examinando-lhe com um ar interrogador a casa. Cumpro dizer que elle julgava não ser visto, e nunca affeição mais platonica respirou sob o céu parisiense.

Durou isso um inverno inteiro... Julia, a rir, fallava n'este incidente ás amigas, sem lhes confiar entretanto as commoções deliciosas que sentia.

Todas as manhãs, quando se vestia, dizia sorrindo:

— Vou ver o meu desconhecido. Mais de uma vez esta idéa obrigava-a a principiar de novo o penteado, pôr mais um laço ou mudar uma parte do vestuario, e não affirmo que, quando viajava a mão dos seus discipulos, a imagem da manha não lhe apparecesse no azul do horizonte, e que algum dos seus traços não fosse, sem querer, reproduzido pelo lapis agul.

Entretanto graves inquietações, logo em dezembro, entristeceram-lhe o lar domestico.

O dinheiro, esse poderoso movel das alegrias, ou das obras da nossa vida civilisada, faltára-lhe totalmente.

Alguns discipulos ricos haviam-se esquecido do pagar-lhe.

Reclamar? Julia preferia todas as privações a esse extremo. E as discipulas, na sua descuidosa felicidade, não presentiam a miseria da pintora, que chegava até a soffrir fome durante longos e longos dias.

Para distrahir-se, dizia consigo:

— O meu desconhecido é talvez um artista, como eu, ou um empregado destinado a uma honrosa carreira. A sua distincção faz suspeitar que pertence a uma boa familia. Si me vier a amar, casa comigo, e então, ao abrigo da necessidade, deixarei esta vida nomade, incerta, cheia de fadiga...

Emquanto a esperança adoptava assim a realidade, a mãe cae doente, e novas despesas absorvem-lhe o dinheiro do aluguel da casa... Nesta extremidade, só lhe resta um recurso para ter dinheiro sem humilhar os seus: — o Monte de Piedade,— que se poderia chamar a montanha da miseria.

Tomada esta grande resolução, Julia veste-se de

LITTERATURA

O ALIENISTA

IV

UMA THEORIA NOVA

Ao passo que D. Evarista, em lagrimas, vinha buscando o Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa idéa arrojada e nova, propria a alargar as bases da psychologia. Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde, era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assumptos, e pontuando as fallas de um olhar que mettia medo aos mais heroicis.

Um dia de manhã,—eram passadas tres semanas,—estando Crispim Soares occupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

—Trata-se de negocio importante, segundo elle me disse, accrescentou o portador.

Crispim empallideceu. Que negocio importante podia ser, se não alguma triste noticia da comitiva, e especialmente da mulher? Porque este topico deve ficar claramente definido, visto insistirem nelle os chronicistas: Crispim amava a mulher, e, desde trinta annos, nunca estiveram separados um só dia. Assim se explicam os monologos que elle fazia agora, e que os famulos lhe ouviam muita vez: —« Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de Cesaria? Bujulador, torpe bujulador! Só para adular ao Dr. Bacamarte. Pois agora aguenta-te, anda, aguenta-te, alma de lacão, fracalhão, vil, miseravel. Dizes *amen* a tudo, não é? Ah tens o lucro, biltre! » E muitas outras nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo. Daqui a imaginar o effeito do decado é um nada. Tão depressa elle o recebeu como abriu mão das drogas e voltou á Casa Verde.

Simão Bacamarte recebeu-o com a alegria propria de um sábio, uma alegria aboçada de circumspecção até o pescoço.

—Estou muito contente, disse elle.

—Noticias do nosso povo? perguntou o boticario com a voz tremula.

O alienista fez um gesto magnifico, e respondeu: —Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiencia scientifica. Digo experiencia, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha idéa: nem sei se é outra cousa, Sr. Soares, se não uma idéa que se repete constantemente. Trata-se, pois, de uma experiencia, mas uma experiencia que vai mudar a face da terra. A loucura, objecto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão: começo a suspeitar que é um continente.

Disse isto, e calou-se, para ruminar o pasmo do boticario. Depois explicou compridamente a sua idéa. No conceito d'elle a insanía abrangia uma vasta superficie de cerebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos. Os exemplos achou-os na historia e em Itaguahy; mas, como um raro espirito que era, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguahy, e refugiou-se na historia. Assim, apontou com especialidade alguns personagens celebres, Socrates, que tinha um demónio familiar, Pascal, que via um abysmo á esquerda, Moliere, Cervallia, Domiciano, Caligula, etc., uma multidão de pessoas, em que de mistura vinham grandes e entidades ridiculas. E porque é a natureza de uma tal promiscuidade, o

alienista disse-lhe que era tudo a mais loucura, e até accrescentou sentenciosamente:

—A ferocidade, Sr. Soares, é o grotesco a sério.

—Gracioso, muito gracioso! exclamou Crispim Soares levantando as mãos ao céu.

Quanto á idéa de ampliar o territorio da loucura, achou-a o boticario extravagante; mas a modestia, principal adorno de seu espirito, não lhe soffreu confessar outra cousa além de um nobre enthusiasmo; declarou-a sublime e verdadeira, e accrescentou que era « caso de matraca. » Esta expressão não tem equivalente no estylo moderno. Naquelle tempo, Itaguahy, que como as demais villas, arraiaes e povoações da colonia, não dispunha de imprensa, tinha dous modos de divulgar uma noticia: ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da camara e da matriz;—ou por meio de matraca. Eis em que consistia este segundo uso. Contractava-se um homem, por um ou mais dias, para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão. De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, e elle annunciava o que lhe incumbiam,—um remedio para seções, uma terras lavradas, um soneto, um d'ativo ecclesiastico, a melhor thesoura da villa, o mais bello discurso do anno, etc. O systema tinha inconvenientes para a paz publica; mas era conservado pela grande energia de divulgação que possuia. Por exemplo, um dos vereadores,—aquelle justamente que mais se opuzera á creação da Casa Verde,—desfructiva a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e alias nunca demonstrara um só desses bulos; mas, tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os mezes. E dizem as chronicas que algumas pessoas affirmavam ter visto cascaveis dançando no peito do vereador; affirmação perfeitamente falsa, mas só devida á absoluta confiança no systema. Verdade, verdade: nem todas as instituições do antigo regimen, mereciam o desprezo do nosso século.

—Ha melhor do que annunciar a minha idéa, é pratical-a, respondeu o alienista á insinuação do boticario.

E o boticario, não divergindo sensivelmente d'esta modo de ver, disse-lhe que sim, que era melhor começar pela execução.

—Sempre haverá tempo de a dar á matraca, concluiu elle.

Simão Bacamarte reflectiu ainda um instante, e disse:

—Suppondo o espirito humano uma vasta coucha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrahir a perola, que é a razão; por outros termos, demarque-mos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilibrio de todas as faculdades; fóra dahi insanía, insanía, e só insanía.

O vigario Lopes, a quem elle confiou a nova theoria, declarou lisamente que não chegava a entendel-a, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia principio de execução.

—Com a definição actual, que é a de todos os tempos, accrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transportar a creca?

Sobre o labio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado á commiserção; mas nenhuma palavra sahiu de suas egregias entranhas. A sciencia contentou-se em estender a mão á theologia,—com

tal segurança, que a theologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguahy e o universo ficavam á beira de uma revolução.

(Continua.)

MATHEO DE ASSIS.

HYGIENE

A hygiene, dizem os tractados, é a arte de conservar a saúde. É incompleta a definição. A hygiene não tem por fim unico a conservação desse equilibrio funcional que constitue nos entes organisados o que chamamos a saúde; mas também se propõe desenvolver, fortificar e proteger cada um desses entes em todas as circumstancias da vida e através de todas as vicissitudes de tempo e lugar.

A hygiene é pois a arte de viver.

Investigar as condições accessorias e as regras mais racionais para que todo ente dotado de vida goze pelo maior espaço de tempo, e do modo mais vantajoso possível da plenitude das suas forças e da integridade das suas funções, tal é o fim do hygienista e o objecto da hygiene.

Eis o plano adoptado pelo auctor dessas linhas para as breves notas, que pretende offerecer ás leitoras da Estação.

Encararemos o homem ou o corpo humano desde o momento em que nasce e acompanharemos-nos na vida, seguindo as idades e peripecias da existencia, até depois da morte.

Assim, descrevemos a hygiene: 1.ª da primeira infancia (desde o nascimento até a idade de 2 annos); 2.ª da segunda infancia (2 a 7 annos); 3.ª da adolescencia (7 a 12 annos); 4.ª da mocidade (12 a 18 annos); 5.ª da virilidade (18 a 36 annos); 6.ª da idade madura (36 a 50 annos); 7.ª da idade critica (50 a 65 annos); 8.ª da velhice; 9.ª da morte.

Esta divisão nova dos differentes períodos da vida humana parecerá menos singular desde que se attenda as profundas modificações que a marcha da civilisação e os progressos da hygiene imprimiram ao organismo, nas funções e na longevidade dos povos.

PRIMEIRA INFANCIA

1.ª 2 annos

A revolução que se opera no organismo da criança, no momento que se põe pela primeira vez, em contacto com o mundo exterior, é uma das mais sorprendentes maravilhas da natureza.

A creança é fraca, a sua pelle delicada, produz por si mesmo pouco calorico vital e perde-o facilmente pela irradiação no ar relativamente frio que o envolve. Dahi decorre a hygiene dos primeiros mezes da vida.

Cumprir impellir a perda de calor natural da creança por meio de uma camisa de algodão ou linho, um amplo saio, de lá fina e macia, com mangas largas, que a envolva dos pés ao pescoço, e uma touquinha leve.

Os recém nascidos, não produzindo bastante calor proprio, devem ser incubados, se assim me posso exprimir, durante os primeiros mezes, não com o auxilio do calor natural da mãe ou da ama, o que é impraticavel e poderia ser perigoso, mas por meio de calor artificial.

Lavada e vestida a creança, não-se-lhe algumas colherinhas de agua tepida assucarada e é posta no berço, que deve ser uma caminha fixa, immovel. Ao despertar, dá-se-lhe o seio; e se não mamar, é necessario cortar-lhe logo, muito de leve, o freio da lingua.

(Continua.)

DR. RICARDO C.

ALBUM

N'esta secção compendiaremos pensamentos, em prosa ou verso, de salutar lição ou aprazivel diversão, ordenados alphabeticamente, extrahidos dos melhores autores, portuguezes e brasileiros.

Serão flores da litteratura offerecidas ás flores da sociedade.

↔

A affronta propria é juiz suspeito.

Barrett.—Comedia.

A boa fama é a melhor herança que ha no mundo.

Bernardim Ribeiro.—Mentira e veracidade.

LITTERATURA

O ALIENISTA

V

O TERROR.

Quatro dias depois, a população do Itaguahy ouviu consternada a noticia de que um certo Costa fora recolhido á Casa Verde.

— Impossível!

— Qual impossível! foi recolhido hoje de manhã. Mas, na verdade, elle não merecia... Ainda em cima! depois de tanto que elle fez...

Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguahy. Herdára quatrocentos mil cruzados em boa moeda de el-rei D. João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver « até o fim do mundo. » Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividil-a em empréstimos, sem usura, mil cruzados a um, dous mil a outro, trezentos a este, oitocentos áquelle, a tal ponto que, no fim de cinco annos, estava sem nada. Se a miséria viesse de chofre, o pasmus do Itaguahy seria enorme; mas veio de vagar: elle foi passando da opulência á abastança, da abastança á mediania, da mediania á pobreza, da pobreza á miséria, gradualmente. Ao cabo daquelles cinco annos, pessoas que levavam o chapéu ao chão, logo que elle assomava no fim da rua, agora batiam-lhe no hombro, com intimidade, davam-lhe piparotes no nariz, diziam-lhe pulhas. E o Costa sempre llano, risonho. Nem se lhe dava de ver que os menos cortezes eram justamente os que tinham ainda a divida em aberto; ao contrario, parece que os agasalhava com maior prazer, e mais sublime resignação. Um dia, como um desses inenarráveis devedores lhe atrasse uma chalupa grossa, e elle se risse della, observou um desafieço, com certa perfidia: — « Você supprta esse sujeito para ver se elle lhe paga. » Costa não se deteve um minuto, foi ao devedor e perdoou-lhe a divida. — « Não admira, retorquiu o outro; o Costa abriu mão de uma estrella, que está no céu. » Costa era perspicaz, entendeu que elle negava todo o merecimento ao acto, attribuindo-lhe a intenção de rejeitar o que não vinham metter-lhe na algibeira. Era tambem pundonoroso e inventivo; duas horas depois achou um meio de provar que lhe não cabia um tal labio: pegou de algumas dobras, e mandou-as de emprestimo ao devedor.

— Agora espero que... pensou elle sem concluir a phrase.

Esse ultimo rasgo do Costa persuadiu a credulos e incredulos; ninguém mais pôz em duvida os sentimentos cavalheirescos daquelle digno cidadão. As necessidades mais acanhadas sahiram á rua, vieram bater-lhe á porta, com os seus chinellos velhos, com as suas capas remendadas. Um verme, entretanto, roia a alma do Costa: era o conceito do desafecto. Mas isso mesmo acabou; trez mezes depois veio este pedir-lhe uns cento e vinte cruzados com promessa de restituir-lh'os dali a dous dias; era o residuo da grande herança, mas era tambem uma nobre deffranza: Costa emprestou o dinheiro logo, e os dous dias depois era recolhido á Casa Verde.

Imagina-se a consternação de Itaguahy, quando soube do caso. Não se fallou em outra coisa, dizia-se que o Costa ensandecera, ao almoço, outros que de madrugada; e contavam-se os accessos, que eram furiosos, sombrios, terríveis, — ou mansos, e até engraçados, conforme as verões. Muita gente correu á Casa Verde, e achou o pobre Costa, tranquillo, um pouco espantado, fallando com muita clareza, e perguntando porque motivo o tinham levado para alli. Alguns foram ter com o alienista. Bacamarte approvava esses sentimentos de estima e compaixão, mas acrescentava que a sciencia era a sciencia, e que elle não podia deixar na rua um mentecapto. A ultima pessoa que intercedeu por elle (porque depois do que vou contar ninguém mais se atreveu a procurar o terrível medico) foi uma pobre senhora, prima do Costa. O alienista disse-lhe confidencialmente que esse digno homem não estava no perfeito equilibrio das faculdades mentaes, á vista do modo como dissipára os cabedais que...

— Isso, não! isso não! interrompeu a boa senhora com energia. Se elle gastou tão depressa o que recebeu, a culpa não é delle.

— Não?

— Não, senhor. Eu lhe digo como o negocio se passou. O defuncto meu tio não era máu homem; mas quando estava furioso era capaz de nem tirar o chapéu ao Santissimo. Ora, um dia, pouco tempo antes de morrer, descobriu que um escravo lhe roubára um boi; imagine como ficou. A cara era um pimentão; todo elle tremia, a boca escumava; lembra-me como se fosse hoje. Então um homem feio, cabelludo, em mangas de camisa, chegou-se a elle e pediu agua. Meu tio (Deus lhe falle n'alma!) respondeu que fosse beber ao rio ou ao inferno. O homem olhou para elle, abriu a mão em ar de ameaça, e rogou esta praga: — « Todo o seu dinheiro não ha de durar mais de sete annos e um dia, tão certo como isto ser o *sino salamão*! » E mostrou o *sino salamão* impresso no braço. Foi isto, meu senhor; foi esta praga daquelle maldito.

Bacamarte esperára na pobre senhora um par de olhos agudos como punhas. Quando ella acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse á propria esposa do vice-rei, e convidou-a a ir fallar ao primo. A misera acedeu; elle levou-a á Casa Verde e encorrou-a na ala dos allucinados.

A noticia desta alevisia do illustre Bacamarte lançou o terror á alma da população. Ninguém queria acabar de crer, que, sem motivo, sem intuição, o alienista trançasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz. Commentava-se o caso nas esquinas, nos barbeiros; edificou-se um romance, umas finezas namoradas que o alienista outr'ora dirigira á prima do Costa, a indignação do Costa e o desprazo da prima. E dahi a vingança. Era claro. Mas a musteridade do alienista, a vida de estudos que elle levava, pareciam desmentir uma tal hypothese. Historic! Tudo isso era naturalmente a capa do vellaco. E um dos mais credulos chegou a murmurar que sabia de outras cousas, não as dizia, por não ter certeza plena, mas sabia, quasi que podia jurar.

— Você, que é intimo delle, não nos podia dizer o que ha, o que houve, que motivo...

Crispim Soares derretia-se todo. Esse interrogar da gente inquieta e curiosa, dos amigos attonitos, era para elle uma consagração publica. Não havia duvidar; toda a povoação sabia enfim que o privado do alienista era elle, Crispim, o boticario, o collaborador do grande homem e das grandes cousas: dahi a corrida á botica. Tudo isso dizia o carão jocundo e o riso discreto do boticario, o riso e o silencio, porque elle não respondia nada; um, dous, trez monossyllabos, quando muito, soltos, seccos, encapados no fiel sorriso, constante e miúdo, cheio de mysterios scientificos, que elle não podia, sem desdouro nem perigo, desvendar a nenhuma pessoa humana.

— Ha cousa, pensavam os mais desconfiados.

Um desses limitou-se a pensar-o, deu de hombros e foi embora. Tinha negocios pessoais. Acabava de construir uma casa sumptuosa. Só a casa bastava para deter e chamar toda a gente; mas havia mais, — a mobilia, que elle mandára vir da Hungria e da Hollanda, segundo contava, e que se podia ver do lado de fora, porque as janellas viviam abertas, — e o jardim, que era uma obra-prima de arte e de gosto. Esse homem, que enriquecera no fabrico de albardas, tinha tido sempre o sonho de uma casa magnifica, jardim pomposo, mobilia rara. Não deixou o negocio das albardas, mas repousava delle na contemplação da casa nova, a primeira de Itaguahy, mais grandiosa do que a Casa Verde, mais nobre do que a da camara. Entre a gente illustre da povoação havia choro e ranger de dentes, quando se pensava, ou se fallava, ou se louvava a casa do albardeiro, — um simples albardeiro, Deus do céu!

— Lá está elle embasbacado, diziam os transeuntes, de manhã.

De manhã, com effeito, era costume do Mathews estatelar-se, no meio do jardim, com os olhos na casa, namorado, durante uma longa hora, até que vinham chamal-o para almoçar. Os visinhos, embora o complimentassem com certo respeito, riam-se por tráz delle, que era um gosto. Um desses chegou a dizer que o Mathews seria muito mais economico, e estaria riquissimo, se fabricasse as albardas para si mesmo; epigramma inintelligivel, mas que fazia rir ás bandeiras despregadas.

— Agora lá está o Mathews a ser contemplado, diziam á tarde.

A razão deste outro dito era que, de tarde, quando as famílias sahiram a passeio (jantavam cedo) usava o Mathews postar-se á janella, bem no centro, vistoso,

sobre um fundo escuro, trajado de branco, attitia senhoril, e assim ficava duas e tres horas até que anoitecia de todo. Pôde crer-se que a intenção do Mathews era ser admirado e invejado, posto que elle não a confessasse a nenhuma pessoa, nem ao boticario, nem ao padre Lopes, seus grandes amigos. E entretanto não foi outra a allegação do boticario, quando o alienista lhe disse que o albardeiro talvez padecesse do amor das pedras, mania que elle Bacamarte descobrira e estudava desde algum tempo. Aquillo de contemplar a casa...

— Não, senhor, acudiu vivamente Crispim Soares.

— Não?

— Hade perdoar-me, mas talvez não saiba que elle de manhã examina a obra, não a admira; de tarde, são os entres que o admiram a elle e á obra. — E contou o uso do albardeiro, todas as tardes, desde cedo até o calhar da noite.

Uma volupia scientifica alumiou os olhos de Simão Bacamarte. Ou elle não conhecia todos os costumes do albardeiro, ou nada mais quiz, interrogando o Crispim, do que confirmar alguma noticia incerta ou suspeita vaga. A explicação satisfello; mas como tinha as alegrias proprias de um sabio, concentradas, nada viu o boticario que fizesse suspeitar uma intenção sinistra. Ao contrario, era de tarde, e o alienista pediu-lhe o braço para irem a passeio. Dous! era a primeira vez que Simão Bacamarte dava ao seu privado tamanha honra; Crispim ficou tremulo, atarantado, disse que sim, que estava prompto. Chegaram duas ou tres pessoas de fora, Crispim mandou-as mentalmente a todos os diabos; não só atrazavam o passeio, como podia acutecer que Bacamarte elegesse alguma dellas, para acompanhal-o, e o dispensas a elle. Que impaciencia! que afflicção! Enfim, sahiram. O alienista guiou para os lados da casa do albardeiro, viu-o á janella, passou cinco, seis vezes por diante, devagar, parando, examinando as attitudens, a expressão do rosto. O pobre Mathews, apenas notou que elle objecto da curiosidade ou admiração do primeiro vulto de Itaguahy, relobrou de expressão, deu outro relevo ás attitudens... Triste! triste! não fez mais do que condemnar-se; no dia seguinte, foi recolhido á Casa Verde.

MACHADO DE ASSIS.

(Continua.)

HYGIENE

PRIMEIRA INFANCIA

(Vide o n. de 15 de Novembro)

Alimentação. — Toda a mulher deve amamentar seu filho. É uma lei universal que se não pôde infringir sem arriscar a saúde tanto da mãe como do filho.

Nos casos excepcionaes em que o aleitamento materno é impossível, cumpre recorrer a uma ama ou ao aleitamento artificial por meio de colther.

Recusamos da maneira mais absoluta o aleitamento directo por meio de um animal, a cabra, por exemplo, assim como o aleitamento com mamadeira, instrumento tão inutil como perigoso.

Como se deve compôr o aleitamento por meio de colther?

Um pouco d'agua, tepida assucarada no primeiro dia. No segundo, uma colther de leite de vacca fresco, não aquecido, em quatro colheres d'agua tepida apenas assucarada. No quinto, igual quantidade de leite e agua assucarada. No decimo ao decimo quinto dia, duas colheres de leite e uma de agua assucarada; no fim de quinze dias dá-se leite puro.

Ao cabo do segundo ou terceiro mez já se pôde dar á criança sopinhas de pão com leite, ou mingãos ralos de araruta, leite fresco e assucar.

A creança deve mamar cinco, seis ou sete vezes no maximo, por dia; quatro, cinco ou seis vezes de dia e apenas uma de noite.

A quantidade de leite necessaria a um recém-nascido, diariamente, é uma ou duas colheres de sopa no primeiro dia, um quarto de litro no terceiro e no quarto, meio litro até ao fim do primeiro mez, dous terços de litro, um litro mesmo até á epocha da desmama, que se deve effectuar entre o decimo e o decimo segundo mez, sem fazer o minimo caso das chamadas molestias da dentição.

LITTERATURA

O ALIENISTA

V

O TERROR

(CONTINUAÇÃO)

— A Casa Verde é um carcere privado, disse um medico sem clinica.

Nunca uma opinião pegou e grassou tão rapidamente. Carcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguahy, — a medo, é verdade, porque durante a semana que se seguiu á captura do pobre Matheus, vinte e tantas pessoas. — duas ou tres de consideração, — foram recolhidas á Casa Verde. O alienista dizia que só eram admittidos os casos pathologicos, mas pouca gente lhe dava credito. Succediam-se as versões populares. Vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus, monomania do proprio medico, plano secreto do Rio de Janeiro com o fim de destruir em Itaguahy qualquer germen de prosperidade que viesse a brotar; arvorecer, florir, com desdouro e mingua daquella cidade, mil outras explicações, que não explicavam nada, tal era o producto diario da imaginação publica.

Nisto chegou do Rio de Janeiro a esposa do alienista, a tia, a mulher do Crispim Soares, e toda a mais comitiva, — ou quasi toda, — que algumas semanas antes partira de Itaguahy. O alienista foi recebela, com o boticario, o padre Lopes, os vereadores, e varios outros magistrados. O momento em que D. Evarista poz os olhos na pessoa do marido é considerado pelos chronicistas de tempo como um dos mais sublimes da historia moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egregias. D. Evarista soltou um grito, balbuciou uma palavra, e atirou-se ao consorte, de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o illustre Bacamarte; frio como um diagnostico, sem desengonçar por um instante a rigidez scientifica, estendeu os braços á dona, que caiu nelles, e desmaiou. Curto incidente; ao cabo de dous minutos, D. Evarista recebia os cumprimentos dos amigos, e o prestilo punha-se em marcha.

D. Evarista era a esperança de Itaguahy; contava-se com ella para minorar o flagello da Casa Verde. Dahi as aclamações publicas, a immensa gente que atulhava as ruas, as flammulas, as flores e danças das janellas. Com o braço apoiado no do padre Lopes, — porque o eminente Bacamarte confiara a mulher ao vigario, e acompanhava-os a passo meditativo, — D. Evarista voltava a cabeça a um lado e outro, curiosa, inquieta, petulante. O vigario indagava do Rio de Janeiro, que elle não vira desde o vice-reinado anterior; e D. Evarista respondia, entusiasmada, que era a cousa mais bella que podia haver no mundo. O Passeio Publico estava acabado, um paraíso, onde ella fora muitas vezes, e a rua das Bellas Noites, o chafariz das Marrecas... Ah! o chafariz das Marrecas! Eram mesmo marrecas, — feitas de metal e despejando agua pela bocca fóra. Uma cousa galantissima. O vigario dizia que sim, que o Rio de Janeiro devia estar agora muito mais bonito. Se já o era n'outro tempo! Não admira, maior do que Itaguahy, e de mais a mais sede do governo... Mas não se pode dizer que Itaguahy fosse feio; tinha bellas casas, a casa do Matheus, a Casa Verde...

— A proposito de Casa Verde, disse o padre Lopes escoregando habilmente para o assumpto da occasião, a senhora vem achal-a muito cheia de gente.

— Sim?

— E' verdade. Lá está o Matheus...

— O albardeiro?

— O albardeiro; está o Costa, a prima do Costa, e Fulano, e Sierano, e...

— Tudo isso doudo?

— Ou quasi doudo, obtemperou o padre.

— Mas então?

O vigario derreou os cantos da bocca, á maneira de quem não sabe nada, ou não quer dizer tudo; resposta vaga, que se não pôde repetir a outra pessoa, por falta de texto. D. Evarista achou realmente extraordinario que toda aquella gente easandecesse um ou outro, vá; mas todos? Entretanto, custava; lhe duvidar; o marido era um sabio, não recolleria ninguém á Casa Verde sem prova evidente de loucura.

— Sem duvida... sem duvida... ia pentuando o vigario.

Tres horas depois, corca de cincoenta convivas sentavam-se em volta da mesa de Simão Bacamarte; era o jantar das boas-vindas. D. Evarista foi o assumpto obrigado dos brindes, discursos, versos de toda a casta, metaphoras, amplificações, apólogos. Ella era a esposa do novo Hippocrates, a musa da sciencia, anjo, divina, aurora, caridade, vida, consolação; trazia nos olhos duas estrellas, segundo a versão modesta do Crispim Soares, e dous sóes, no conceito de um vereador. O alienista ouvia essas cousas um tanto enfasiado, mas sem visível impaciencia. Quando muito dizia ao ouvido da mulher, que a rhetorica permitia taes arrojões sem significação. D. Evarista fazia estorpos para adherir a esta opinião do marido; mas, ainda descontando tres quartas partes das louvainhas, ficava muito com que enfunar-lhe a alma. Um dos oradores, por exemplo, Martin Brito, rapaz de vinte e cinco annos, pintalegrete acabado, curtido de namoros e aventuras, declamou um discurso em que o nascimento de D. Evarista era explicado pelo mais singular dos reptos. « Deus, disse elle, depois de dar ao universo o homem e a mulher, esse diamante e essa perola da corte divina (e o orador arrastava triumphalmente esta phrase de uma ponta a outra da mesa) Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista. »

D. Evarista baixou os olhos com exemplar modestia. Dous senhoras, achando a cortezanie excessiva e audaciosa, interrogaram os olhos do dono da casa; e, na verdade, o gesto do alienista pareceu-lhes nublado de suspeitas, de ameaças, e, provavel mente, de sangue. O atrevimento foi grande, pensaram as duas damas. E uma e outra pediam a Deus que removesse qualquer episodio tragico, — ou que o adiasse, ao menos, para o dia seguinte. Sim, que o adiasse. Uma dellas, a mais piedosa, chegou a admitir, consigo mesma, que D. Evarista não merecia nenhuma desconfiança, tão longe estava de ser attrahente ou bonita. Uma simples agua-morna. Verdade é que, se todos os gestos fossem eguaes, o que seria do amarello? E esta l'cia fê-la tremor outra vez, embora menos; menos, porque o alienista sorria agora para o Martin Brito, e levantados todos, foi ter com elle e fallou-lhe do discurso. Não lhe segou que era um improbita brilhante, cheio de rangos magnificos. Seria delle mesmo a ideia relativa ao nascimento de D. Evarista, ou tal-a-liz accen-

trado em algum autar que...? Não, senhor; era delle mesmo; achou-a naquella occasião e parpoeira-lhe adequada a um arroubo oratorio. De resto, suas ideias eram antes arrojadas do que ternas ou jocosas. Dava para o épico. Uma vez, por exemplo, compoz uma ode á queda do marquez de Pombal, em que dizia que esse ministro era o « dragão asperriño do Nada, » esmagado pelas « garras vingadoras do Todo »; e assim outras, mais ou menos fóra do commun; gostava das ideias sublimes e raras, das imagens grandes e nobres...

— Pobre moço! pensou o alienista. E continuou consigo: — Trata-se de um caso de lesão cerebral; phenomeno sem gravidade, mas digno de estudo...

D. Evarista ficou estupefacto quando soube, tres dias depois, que o Martin Brito fora alojado na Casa Verde. Um moço que tinha ideias tão bonitas! As duas senhoras attribuiram o acto a ciúmes do alienista. Não podia ser outra cousa; realmente a declaração do moço fóra audaciosa de mais.

Ciúmes? Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, pessoa estimavel, o Chico das Cambraias, folgado emerito, o escrivão Fabricio, e ainda outros? O terror accentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doudo. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valerosos, alguns não andavam fóra sem um ou dous capangas. Positivamente o terror. Quem podia, emigrava. Um desses fugitivos, chegou a ser preso a duzentos passos da villa. Era um rapaz de trinta annos, amavel, conversado, polido, tão polido que não comprimentava alguém sem levar o chapéu ao chão; na rua, acotovelava-lhe o coturno uma distancia de dez a vinte braças para ir apertar a mão a um homem grave; a uma senhora, ás vezes a um menino, como acontecera ao filho de juiz de fora. Tinha a vocação das cortezias. De resto, devia as boas relações da sociedade, não só aos dotes pessoais, que eram raros, como á nobre tenacidade com que nunca desanimava deante de uma duar, quatro, seis recusas, caras feias, etc. O que acontecia era que, uma vez entrado n'uma casa, não se deixava mais, nem os da casa o deixavam a elle, tão gracioso era o Gil Bernardes. Pois o Gil Bernardes, apesar de se saber estimado, teve medo quando lhe disseram um dia, que o alienista o trazia de olho; na madrugada seguinte fugiu da villa, mas foi logo aprehendido e conduzido á Casa Verde.

— Devemos acabar com isto!

— Não pôde continuar!

— Abaixo a tyrania!

— Despota! violento! Golias!

Não eram gritos na rua, eram suspiros em casa mas não tardava a hora dos gritos. O terror crescia; avisinhava-se a rebellião. A ideia de uma petição ao governo para que Simão Bacamarte fosse capturado e deportado, andou por algumas cabeças, antes que o barbeiro Porfirio a expendesse na loja, com grandes gestos de indignação. Note-se, — e aqui á uma das laudas mais puras desta sombria historia, — note-se que o Porfirio, desde que a Casa Verde tomara a povoar-se tão extraordinariamente, viu crescerem-lhe os lucros pela applicação da sua sangueira, que dahi lhe podiam nas o intervallos particular, dizia elle, deve ceder ao interesse publico. E accrescentava: — e precisa de acabar a tyrania! Note-se mais que elle notou esse grito instantaneamente no dia em que Simão Bacamarte fôra recolhido á Casa Verde. O homem que tratava com elle uma demanda, e

— Não me dirão em que é que o Coelho é doudo? bradou o Porfírio.

E ninguém lhe respondia; todos repetiam que era um homem perfeitamente ajuizado. A mesma demanda que elle trazia com o barbeiro, ácerca de uns chãos da villa, era filha da obscuridade de um alvará, e não da cobiça ou odio. Um excellento caracter o Coelho. Os unicos desafeitados que tinha eram alguns sujeitos que, dizendo-se taciturnos, ou allegando andar com pressa, mal o viam de longo dobravam as esquinas, entravam nas lojas, etc. Na verdade, elle amava a boa palestra, a palestra comprida, gostada a sorvos largos, e assim é que nunca estava só, preferindo os que sabiam dizer duas palavras, mas

não desdenhando os outros. O padre Lopes, que cultivava o Dante, e era inimigo do Coelho, nunca o via desligar-se de uma pessoa que não declamasse e emendasse este trecho:

La bocca solvó dal foro pasto
Quel seccatore...

mas uns sabiam do odio do padre, e outros pensavam que isto era uma oração em latim.

MACHADO DE ASSIS,

(Continúa)

ALBUM *

A morte é extinção para o corpo e promoção para a alma.

Marquez de Mariz.—*Maximas.*

A mulher ciosa tende a ociosa.

D. Francisco Manoel de Mello.—*Carta de guia de casados.*

Aos agradecidos chamavam os romanos lembrados.

Antonio Feliciano de Castilho.—*O Outono.*

Aos que o bom fizeram, hei inveja
Os outros nem os louvo, nem os sigo.

Antonio Ferreira.—*Castro (tragedia.)*

* Vej. Estação n. 21 de 15 de novembro de 1881.

O PUBLICO DE UM

ES

LITTERATURA

O ALIENISTA

(CONTINUAÇÃO)

VI

A REBELLIÃO

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação á camara. A camara recusou acceita-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição publica, e que a sciencia não podia ser emendada por rotação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.

— Voltai ao trabalho, concluiu o presidente, é o conselho que vos damos.

A irritação dos agitador-s foi enorme. O barbeiro declarou que iam d'alli levantar a bandeira da rebellião, e destruir a Casa Verde: que Itaguahy não podia continuar a servir de cadaver aos estudos e experiencias de um despota; que muitas pessoas estimaveis, algumas distinctas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubiculos da Casa Verde; que o despotismo scientifico do alienista complicava-se do espirito de ganancia, visto que os loucos, ou supostos taes, não eram tratados de graça: as familias, e em falta dellas a camara, pagavam ao alienista...

— E' falso, interrompeu o presidente.

— Falso?

— Ha cerca de duas semanas recebemos um officio do illustre medico, em que nos declara que, tratando de fazer experiencias de alto valor psychologico, desiste do estipendio votado pela camara, bem como nada receberá das familias dos enfermos.

A noticia deste acto tão nobre, tão puro, suscitou um pouco a alma dos rebeldes. Seguramente o alienista podia estar em erro, mas nenhum interesse alheio á sciencia o instigava; e para demonstrar o erro era preciso alguma coisa mais do que affirmações e clamores. Isto disse o presidente, com applauso de toda a camara. O barbeiro, depois de alguns instantes de concentração, declarou que estava investido de um mandato publico, e não restituiria a paz a Itaguahy antes de ver por terra a Casa Verde. — « essa Bastilha da razão humana », — expressão que ouvira a um poeta local, e que elle repetiu com muita emphasis. Disse, e a um signal todos saíram com elle.

Imagine-se a situação dos vereadores;urgia obstar ao ajuntamento, á rebellião, á luta, ao sangue. Para isso não havia mais, um dos vereadores, que chamou o presidente, ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro á Casa Verde — « Bastilha da razão humana », — achou-a tão elegante, que mudou de parecer. Disse que entendia de bom aviso decretar algum: medida que reduzisse a Casa Verde; e porque o presidente, indignado, manifestasse em termos energicos o seu pasmo, o vereador fez esta reflexão:

— Nada tenho que ver com a sciencia; mas se tantos homens em quem supponho juizo são reclusos por dementes, quem nos affirma que o alienado não é o alienista?

Sebastião Freitas, o vereador dissidente, tinha o dom da palavra, e fallou ainda por algum tempo com prudencia, mas com firmeza. Os collegas estavam attonitos; o presidente pediu-lhe que, ao menos, desse o exemplo da ordem e do respeito á lei, não aventasse as suas idéas na rua, para não dar corpo e alma á rebellião, que era por ora um turbilhão de atomos dispersos. Esta figura corrigiu um pouco o

effeito da outra: Sebastião Freitas prometteu suspender qualquer acção, reservando-se o direito de pedir pelos meios legaes a redução da Casa Verde. E repetia consigo, namorado: — Bastilha da razão humana!

Entretanto, a arruaça crescia. Já não eram trinta, mas trezentas pessoas que acompanhavam o barbeiro, cuja alcunha familiar deve ser mencionada, porque ella deu o nome á revolta; chamavam-lhe o Cangica, — e o movimento ficou celebre com o nome de revolta dos Cangicas. A acção podia ser restricta, — visto que muita gente, ou por medo, ou por habito de educação, não descia á rua; mas o sentimento era unanime, ou quasi unanime, e os trezentos que caminhavam para a Casa Verde, — dada a differença de Paris a Itaguahy, — podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha.

D. Evarista teve noticia da rebellião antes que ella chegasse; vein dar-lh'a uma de suas crias. Ella provava nessa occasião um vestido de seda, — um dos trinta e sete que trouxera do Rio de Janeiro, — e não quiz crer na rebellião.

— Hade ser alguma patuscada, dizia ella mudando a posição do um alfinete. Benedicta, vê se a barra está boa.

— Está, sinhá, respondia a mucama de cocaras no chão, está boa. Sinhá virá um bocadinho. Assim. Está muito boa.

— Não é patuscada, não, senhora; elles estão gritando: — Morra o Dr. Bacamarte! o tyranno! dizia o moleque assustado.

— Cala a boca, tolo! Benedicta, olha ahi do lado esquerdo; não parece que a costura está um pouco enfiçada? A riscas azul não segue até abaixo: está muito feio assim; é preciso descozer para ficar egualzinho e...

— Morra o Dr. Bacamarte! morra o tyranno! uivaram fóra trezentas vozes. Era a rebellião que desembocava na rua Nova.

D. Evarista ficou sem pinga de sangue. No primeiro instante não deu um passo, não fez um gesto; o terror petrificou-a. A mucama correu instinctivamente para a porta do fundo. Quanto ao moleque, a quem D. Evarista não dera credito, teve um instante de triumpho, um certo movimento subito, imperceptivel, entranhado, de satisfação moral, ao ver que a realidade vinha jurar por elle.

— Morra o alienista! bradavam as vozes mais perto.

D. Evarista, se não resistia facilmente ás commoções de prazer, sabia contestar com os momentos de perigo. Não desmaiou; correu á sala interior onde o marido estudava. Quando ella alli entrou, precipitada, o illustre medico escurtava um texto de Averroes; os olhos delle, empanados pela cogitação, subiam do livro ao tecto e baixavam do tecto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentaes. D. Evarista chamou pelo marido duas vezes, sem que elle lhe desse attenção; á terceira, ouviu e perguntou-lhe o que tinha, se estava doente.

— Você não ouve estes gritos? perguntou a digna esposa em lagrimas.

O alienista attendeu então; os gritos aproximavam-se, terribes, ameaçadores; elle comprehendeu tudo. Levantou-se da cadeira de espaldar em que estava sentado, fechou o livro, e, a passo firme e tranqullo, foi depositá-lo no estante. Como a introdução do volume desconcertasse um pouco a linha dos dous tomos contiguos, Simão Bacamarte cuidou

de corrigir esse defeito minimo, e, aliás, interessante. Depois disse á mulher que se recolhesse, que não fizesse nada.

— Não, não, implorava a digna senhora, quero morrer ao lado de você...

Simão Bacamarte teimou que não, que não era caso de morte; e ainda que o fosse, intimava-lhe em nome da vida que ficasse. A infeliz dama curvou a cabeça, obediente e chorosa.

— Abaixo a Casa Verde! bradavam os cangicas.

O alienista caminhou para a varanda da frente, e chegou alli no momento em que a rebellião tambem chegava e parava, defronte, com as suas trezentas cabeças rutilantes de civismo e sombrias de desespero. — Morra! morra! bradaram de todos os lados, apenas o vulto do alienista assomou na varanda. Simão Bacamarte fez um signal pedindo para fallar; os revoltosos cobriram-lhe a voz com brados de indignação. Então, o barbeiro agitando o chapéo, afi n da impôr silencio á turba, conseguiu aquietar os amigos, e declarou ao alienista que podia fallar, mas accrescentou que não abusasse da paciência do povo como fizera até então.

— Direi pouco, ou até não direi nada, se for preciso. Desejo saber primeiro o que pedis.

— Não pedimos nada, replicou frenemente o barbeiro; ordenamos que a Casa Verde seja demolida, ou pelo menos despojada dos infelizes que lá estão.

— Não entendo.

— Entende's bem, tyranno; queremos dar liberdade ás victimas do vosso odio, capricho, ganancia...

O alienista sorriu, mas o sorriso desse grande homem não era coisa visivel aos olhos da multidão; era uma contracção leve de dous ou tres musculos, nada mais. Sorriu e respondeu:

— Meus senhores, a sciencia é coisa seria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus actos de alienista a ninguem n, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estai prompto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em commissão dos outros, a vir ver conmigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu systema, o que não farei diante de leigos, e menos ainda de rebeldes.

Disse isto o alienista, e a multidão ficou attonita; era claro que não esperava tanta energia e menos ainda tamanha serenidade. Mas o assombro cresceu de ponto quando o alienista, cortejando a multidão com muita gravidade, deu-lhe as costas e retirou-se lentamente para dentro. O barbeiro tornou logo a si, e, agitando o chapéo, convidou os rebeldes á demolição da Casa Verde; poucas vozes e frouxas lhe responderam. Foi nesse momento decisivo que o barbeiro sentiu desponar em si a ambição do governo; e então pareceu-lhe que, demolindo a Casa Verde, e derrocando a influencia do alienista, chegaria a apoderar-se da camara, dominar as denias autoridades e constituir-se senhor de Itaguahy. Desde alguns annos que elle forcejava por ver o seu nome incluído nos pellouros para o sorteio dos vereadores, mas era recusado por não ter uma posição compativel com tão grande cargo. A occasião era agora ou nunca. Tudo isso passou-lhe rapido pela mente; accrescendo que tão longe fóra na arruaça, que a derrota seria para elle a prisão, ou talvez a força, ou o degredo. Infelizmente, a resposta do alienista diminuiu a fúria dos sequezes. O barbeiro, logo que o percebeu, sentiu um impulso de indignação, e quiz bradar-lhe...

Canalha! covardes! — mas conte-se, e, rompen deste modo:

— Meus amigos, litemos até o fim! A salvação de Itaguahy está nas vossas mãos dignas e heroicas. Destruamos o carcere de vossos filhos e paes, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e agua, talvez a chicote, na masmorra daquelle indigno.

A multidão agitou-se, murmurou, bradou, ameaçou, congregou-se toda em derrador do barbeiro. Era a revolta que tornava a si da ligeira syncope, e ameaçava mais do que nunca destruir a Casa Verde.

— Vamos! bradou Porfírio agitando o chapéu.

— Vamos! repetiram todos.

Um incidente deteve-os: era um corpo de dragões que, a marche-marche, entrava na rua Nova.

(Continua.)

MACHADO DE ASSIS.

HYGIENE

PRIMEIRA INFANCIA

(Vide o n. de 30 de Novembro)

Diversas precauções.—A creança deve ter livres todos os seus movimentos. No inverno deveis trazer-lhe bem agasalhada, vestir-lhe uma roupinha leve no verão, a abandonar o mais possível a si mesmo em esteirinhas, tapetes ou areia secca, ao ar livre, e das vezes que o tempo o permittir.

Os carrinhos, que são usados são, constituem um vehiculo pouco recommendavel por causa dos solavancos e principalmente pelas vibrações contínuas que imprimem a todo o corpo. A creança que se quer transportar de um lugar para outro deve ir ao cóllo.

Não se deve nunca baloçar as creanças, nem nos joelhos, nem nos braços da ama ou da mãe.

Os carrinhos feitos para os amparar e ensinar-lhes a andar são detestaveis, e occasionam muitas curvaturas viciosas dos ossos das pernas.

E' guardando-se a não dos paes ou ás cadeiras e aos pés das mesas que a creança deve ensinar os seus primeiros passos.

Por unica bebida agua pura um pouco assucarada ou com algumas gotas de leite. Em caso de doença só o medico deve decidir do regimen.

A creança grita sem razão, é a sua primeira linguagem. Depois sorri, é já um progresso na organização cerebral. Finalmente, sussurra e balbucia. Deve-se começar então a educação da linguagem, a gymnastica da lingua, dos olhos e dos ouvidos, que se desenvolvem conjuntamente.

Os primeiros sons e as primeiras palavras que convém dizer, utilisando-se repetição para attingir esse fim são: PA-PA, MAM, PAPA, BABA, KAKA.

As outras virão em seguida, e facilmente depois destas, que resumem todos os sentimentos e todas as necessidades do primeiro anno.

Nessa idade convém muito regularisar-lhe o ventre. Para isso dois meios excellentes, os unicos recommendaveis: os clysteres d'agua com um pouco de azeite, e o xarope do ruibarbo que se administra n'uma colherinha.

Emprega-se ora um, ora outro desses meios, algumas vezes ambos quando ha constipação, colicas violentas ou apparencias de convulsões.

A creança, no primeiro anno assim como em todo o resto da existencia, deve ter pelo menos uma dejeção por dia. Si a dejeção não se produz naturalmente, cumpro provocá-la.

Certos hygienistas recommendam banhos quentes ás creancinhas, outros banhos frios. O frio mata os animaes mal garantidos ou protegidos pela mãe. O homem não é amphibio, nem peixe. Banhos tepidos curtos seguidos de uma suave fricção secca podem ser dados uma ou duas vezes por semana, no máximo ás creanças, como a toda a familia, durante o inverno. No verão simples lavagens de cabeça e mãos, todos os dias, bastam para conservar e fortalecer a pele das creancinhas. Só depois do segundo anno

poderá a creança submeter-se aos banhos frios, muito curtos, apenas no verão.

Segundo anno.—A dosmama faz-se progressivamente, do oitavo para o decimo mez vai-se retirando a creança do seio, e dando-lhe sopinhas do pio com leite, mingaus, ovos quentes com pirão, etc.

No curso do segundo anno a creança deve seguir um regimen alimentar doce e regular: quatro a cinco refeições por dia, nas quaes terão larga parte as sopas de legumes bem cozidos, marmellada e alguns fructos bem maduros.

Deve-se evitar principalmente que as creanças comam a toda a hora, fóra das refeições.

A carne crua é um veneno para as creanças; occasiona diarrheas chronicas, molestias do fígado e solitaria.

Abandonae a creança a si mesma: não a obrigueis a marchas forçadas, a longas viagens no inverno, nem sobre-tido durante os longos calores. Fazei com que durma uma ou duas horas por dia.

Continue a educação dos sentidos, vista, ouvido, tacto, alfacto e gosto; a do cerebro, pelas sensações e as idéas communicadas, pelo culto do sentimento affectivo para com toda a gente, grandes e pequenos, ricos e pobres, amos e creados, até para com os animaes; e a dos musculos e dos ossos, por meio de saltos e movimentos naturaes em todos os sentidos. Cumpre — e isto depende do pae e da mãe — que o filho seja bom, forte e são. E' o triplice fim que cada familia que cria um filho deve propor-se: Bom, Forte e São.

(Continua.)

Dr. RICARDO C.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 31 de Dezembro de 1881.

As festas do Natal repetem-se cada anno com a mesma monotonia.

Mas com a monotonia doce e amavel das festas de familia.

Porque é pelo Natal que as familias se reúnem n'um recolhimento religioso e jovial ao mesm o tempo. Commemora-se o nascimento do Salvador e saboreia-se o bolo do Natal; ouve-se a missa do gallo e consola-se alegremente. Conquanto d'uma origem orthodoxa, as festas do Natal tem o seu pice mundano, o seu lado laico: celebram-se com o Presépe e com presentes.

Não é um uso absolutamente catholico. Na Inglaterra, na protestante Inglaterra, Christmas é uma festa nacional; na Suecia o Noruega, essas stamæzes da geographia social, juliam-se a alegria a todos; e na Alemanha, na Alemanha sobretudo, o Natal, é a festa de todas as familias, do pobre como do rico, do catholico como do protestante, do protestante como do judeu.

E' da Alemanha que nos vem o gracioso costume de celebrar o Natal por mimos e presentes. E' Natal que revertee a arvore do Natal, a arvore das festas.

Hebel, um poeta infantilmente phantastico leva a sua convicção até a descrevel-o.

E' um anjo do paraíso; o seu olhar é doce e o seu coração é terno. Vela noite e dia pelas criancas. Ampara-as com a sua oza protectora; guia-as através dos perigos. Para ellas, colhe as flores do campo; faz reviver a primavera. O seu sorriso exprime a alegria que elle experimenta, e o seu verdadeiro nome é amor materno.

Diz-se-lhe que elle o viu na missa do gallo!

Mas quanta poesia nesse doce habito dos presentes, o sobretudo quanta philosophia, como um presente de festas exprime profundamente o caracter de quem o dá!

Os presentes de festas, sendo uma questão de sentimento e delicadeza, ha mais prazer em däl-os do que em recebê-los.

E' sempre bom dar e sobretudo poder dar. Quem dá com Deus se parece.

Nada do bem importante pelos theatros.

Algumas empresas lutem ainda; mas em pura perda. Ora, a muita chuva, ora o muito calor, e as companhias ajudando, o publico fluminense tem desertado dos theatros.

Que no seja permittido dar muita razão ao publico fluminense.

Ninguém é entretanto mais indulgente com toda essa gente de profissões e mercê da sympathia publica do que eu; mas sempre confesso: que a arte vive actualmente bem amargurada pela raia do Espirito-Santo!

O novo regulamento de theatros parece deixar ver que temos theatros; mas o governo legislou para o que não existe; nós não temos nem theatro litteratura, nem theatro edificio. O governo, em vez do regulamento do theatro, bem podia dar-nos um theatro. Mas então um theatro de coque, digno d'uma cidade que se diz a primeira d'Amorica do Sul.

Ha para isso uma verba votada, o terreno comprado, plano pago e escolhido. O governo deve-nos portanto um theatro.

Mas infelizmente, para os nossos paternos governos, parece que dever e cumprir fazem dous.

Nada portanto do bem importante pelos theatros.

Alguns trabalhos artisticos na exposição da industria nacional.

Perecorrendo-se a sala que as fluminenses encontraram com as suas graças e os seus talentos, para-se mais de uma vez.

Aqui, neste canto, ao pé da janella, são duas telas assignadas M. P. d'Almeida, d'un colorido perfeito e d'un desenho correctissimo. São duas paisagens a oleo, uma que parece copiada do algum quadro antigo, reproduz até essa suavidade de ton que dá as telas antigas o perfume da consagração. A outra é uma paisagem suissa: um valle, um rio, uma casinha poeticamente debruçada sobre a corrente, um camponez que se encaminha para o lar e a esposa que o espera á janella. Este quadro está tocado com um vigor e uma segurança que indicam o pincel d'uma verdadeira artista.

Depois, são os trabalhos da Exa. Sra. D. Roque que é a viscondessa de Sistiabo.

Tem muitos: a oleo, a gouache...

Ainda n'este mesmo canto, entre as duas telas citadas, tem ella uma paisagem a oleo, cujos primeiros planos revelam muito gosto artistico e aproveitada observação da natureza.

N'outro canto, estão os seus trabalhos a gouache: cinco paisagens n'um quadro, das quaes eu distinguerei a do centro, apenas para dar preferença alguma, porque em todas se revela o sentimento artistico apurado.

E' d'ella ainda o trabalho sobre seda: Um leque, pintado com extrema finura. Se a figura estivesse mais desassombradamente tocada...

Ha ainda, de bellas-arte, um quadrinho da Exa. Sra. D. Tourinho.

E devo fallar aqui das photographias coloridas assignadas pela Exa. Sra. D. Amelia M. Cavalcanti do Albuquerque.

Decididamente, nem tudo é roseo no officio de chronicista.

A Exa. Sra. D. Amelia Cavalcanti de Albuquerque é uma das mundanas fluminenses justamente mais talentosas pela sua bellissima amavel, pela sua apurada elegancia. Os seus dotes, as suas graças tem-lhe obido tantos louros, triumphos, que ella tem podido dispensar as coroas que o pincel pudesse conquistar-lhe.

Muito trabalho do agulha, muito crivo finissimo, muito bordado complicado, muito ponto de marca, muita obra de recorte, muito trabalho sobre espelho, muito artefacto finissimo indicando mais a paciencia soffredora do do beto sevo, do que o seu bom gosto bem dirigido e habilmente educado.

E' prima.

Do lado dos homens, bem pouca cousa.

Os nossos artistas não quizeram nivelar-se pela industria, e apenas um ou outro expor.

Ha uma paisagem, não assignada, do Sr. Monteiro, um artista que trabalha e progride. E' a primeira ao lado da da porta. Representa um caminho, que vai ter ao mar, uma montanha. A natureza balida pelo sol, foi perfeitamente bem interpretada; o tom é d'uma verdade que encanta.

Um dia de inverno é o titulo d'uma tela do Sr. L. Miguez, o distincto violinista e habili compositor.

Os outros quadros ou são ja conhecidos de outras exposições, ou nada tem de notavel senão defeitos.

Mas a exposição não é artistica; mas industrial e, industrialmente ha muito que ver e mesmo admirar. O Sr. Santos por exemplo, expoz um quarto de dormir, em moisco, onde se dormira a eternidade.

Ha dois vestidos: um cor de rosa, outro de noiva, um bem talhado, outro muito enfeitado...

E' preciso sacrificar sempre um pouco a moda.

Sempre caprichos, a moda acaba de por no tom os spanish-dog-loy, ou o fradiqueiro anão.

O spanish-dog-loy é uma bola adosa, escura, vermelha ou loura fulva, com longas orelhas, dois e andos olhos negros como carbunculos, a fronte terrivelmente convexa, patas invisiveis que se alastram, mardando, as vedas, como uma joven senhora que estica o seu priuic ro vestido de cauda.

Não é de hoje a moda d'esses brinquedos animados. Anna d'Austria e a apaltonadissima peiza caes pequenos. Vantoo collocou um fradiqueiro leuro sobre o vestido de brocado azul da Poupador. E' Mme de Siviage, que mais tinha de futil adorava o seu spanish-dog-loy.

Para mostrar a celebridade da nova joia, basta dizer que o novo archiduque, casado com de tres contos a tres contos e quinhentos mil reis em Londres, na grande Babilonia moderna, onde por falta de alguns pences se morre de frio e fome.

Tudo passa depois da moda, mesmo a misericordia humana!

Acaba de apparecer um livro *Noites e dias* d'um poeta do urario, onde os dias são bellissimamente frescos e as noites resplandecentes de poesia.

Tem-se a impressão d'uma realidade e d'uma realidade. Tem-se a impressão d'uma realidade e d'uma realidade. Tem-se a impressão d'uma realidade e d'uma realidade.

D. J.

LITTERATURA

O ALIENISTA

(CONTINUAÇÃO)

VII

O INESPERADO.

Chegados os dragões em frente aos Cangicas, houve um instante de estupefacção; os Cangicas não queriam crer que a força publica fosse mandada contra elles; mas o barbeiro comprehendeu tudo e esperou. Os dragões pararam, o capitão intimou a multidão que se dispersasse; mas, comquanto uma parte della estivesse inclinada a isso, a outra parte apoiou fortemente o barbeiro, cuja resposta consistiu nestes termos alevantados:

— Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomal-os; mas só os cadáveres; não levareis a nossa honra, o nosso credito, os nossos direitos, e com elles a salvação da Itaguahy.

Nada mais imprudente do que essa resposta do barbeiro; e nada mais natural. Era a vertigem das grandes crises. Talvez fosse tambem um excesso de confiança na abstenção das armas por parte dos dragões; confiança que o capitão dissipou logo, mandando carregar sobre os Cangicas. O momento foi indescriptivel. A multidão urrou furiosa; alguns, trepando ás janellas das casas, ou correndo pela rua fóra, conseguiram escapar; mas a maioria ficou, bufando de colera, indignada, animada pela exhortação do barbeiro. A derrota dos Cangicas estava imminente, quando um torço dos dragões, — qualquer que fosse o motivo, as chronicas não o declaram, — passou subitamente para o lado da rebelião. Este inesperado reforço deu alma aos Cangicas, ao mesmo tempo que lançou o desanimo ás fileiras da legalidade. Os soldados fieis não tiveram coragem de atacar os seus proprios camaradas, e, um a um, foram passando para elles, de modo que ao cabo de alguns minutos, o aspecto das cousas era totalmente outro. O capitão estava de um lado, com alguma gente, contra uma massa compacta que o ameaçava de morte. Não teve remedio, declarou-se vencido e entregou a espada ao barbeiro.

A revolução triumphante não perdeu um só minuto; recolheu os feridos ás casas proximas, e guiou para a camara. Povo e tropa fraternisavam, davam vivas a el-rei, ao vice-rei, a Itaguahy, ao « illustre Porfirio. » Este ia na frente, empunhando tão destramente a espada, como se ella fosse apenas uma navalha um pouco mais comprida. A victoria cingia-lhe a fronte de um nimbo mysterioso. A dignidade de governo começava a enrijar-lhe os quadris.

Os vereadores, ás janellas, vendo a multidão e a tropa, cuidaram que a tropa capturar a multidão, e sem mais exame, entraram e votaram uma petição ao vice-rei para que mandasse dar um mez de soldo aos dragões, « cujo denodo salvou Itaguahy do abysmo a que o tinha lançado uma cáfila de rebeldes. » Esta phrase foi proposta por Sebastião Freitas, o vereador dissidente, cuja defeza dos Cangicas tanto scandalisára os collegas. Mas bem depressa a illusão se desfez. Os vivos ao barbeiro, os morras aos vereadores e ao alienista vieram dar-lhes noticia da triste realidade. O presidente não desanimou: — Qualquer que seja a nossa sorte, disse elle, lembremo-nos que estamos ao serviço de Sua Magestade e do povo. — Sebastião Freitas insinuou que melhor se poderia servir á corôa e á villa sabendo pelos fundos e indo conferenciar com o juiz de fóra, mas toda a camara rejeitou esse alvitre.

D'ahi a nada o barbeiro, acompanhado de alguns de seus tenentes, entrava na sala da vereança, e intimava á camara a sua queda. A camara não resistiu, entregou-se, e foi dalli para a cadeia. Então os amigos do barbeiro propozeram-lhe que assumisse o governo da villa, em nome de Sua Magestade. Porfirio aceitou o encargo, embora não desconhecisse (acrescentou) os espinhos que trazia; disse mais que não podia dispensar o concurso dos amigos presentes; ao que elles promptamente annuíram. O barbeiro veiu á janella, e communicou ao povo essas resoluções, que o povo ratificou, acclamando o barbeiro. Este tomou a denominação de — « Protector da villa em nome de Sua Magestade e do povo. » — Expediram-se logo varias ordens importantes, communicações officiaes do novo governo, uma exposição minuciosa ao vice-rei, com muitos protestos de obediencia ás ordens de Sua Magestade; finalmente, uma proclamação ao povo, curta, mas energica:

« Itaguahyenses!

Uma camara corrupta e violenta conspirava contra os interesses de Sua Magestade e do povo. A opinião publica tinha-a condemnado; um punhado de cidadãos, fortemente apoiados pelos bravos dragões de Sua Magestade, acaba de a dissolver ignominiosamente, e por unanime consenso da villa, foi-me confiado o mando supremo, até que Sua Magestade se sirva ordenar o que parecer melhor ao seu real servio. Itaguahyenses! não vos peço se não que me rodeeis de confiança, que me auxilieis em restaurar a paz e a fuzenda publica, tão desbaratada pela camara que ora findou ás vossas mãos. Contai com o meu sacrificio, e fidei certos de que a corôa será por nós.

O Protector da villa em nome de Sua Magestade e do povo.

PORFIRIO CAETANO DAS NEVES. »

Toda a gente advertiu no absoluto silencio desta proclamação ácerca da Casa Verde; e, segundo uns, não podia haver mais vivo indicio dos projectos tenebrosos do barbeiro. O perigo era tanto maior quanto que, no meio mesmo desses graves successos, o alienista mettera na Casa Verde umas sete ou oito pessoas, entre ellas duas senhoras, sendo um dos homens aparentado com o Protector. Não era um repto, um acto intencional; mas todos o interpretaram dessa maneira, e a villa respirou com a esperanza de que o alienista dentro de vinte e quatro horas estaria a ferros, e destruido o terrivel carcere.

O dia acabou alegremente. Emquanto o arauto da matraca ia recitando de esquina em esquina a proclamação, o povo espalhava-se nas ruas e jurava morrer em defeza do illustre Porfirio. Poucos gritos contra a Casa Verde, prova de confiança na acção do governo. O barbeiro fez expedir um acto declarando feriado aquelle dia, e entabou negociações com o vigario para a celebração de um *Te-Deum*, tão conveniente era aos olhos delle a conjunção do poder temporal com o espirital; mas o padre Lopes recusou abertamente o seu concurso.

— Em todo caso, Vossa Reverendissima não se alistará entre os inimigos do governo? disse-lhe o barbeiro dando á physionomia um aspecto tenebroso.

Ao que o padre Lopes respondeu, sem responder:

— Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigos?

O barbeiro sorriu; era a pura verdade. Salvo o capitão, os vereadores e os principaes da villa, toda a gente o acclamava. Os mesmos principaes, se o

não acclamavam, não tinham saído contra elle. Nenhum dos almotacés deixou de vir receber as suas ordens. No geral, as familias abençoavam o nome daquelle que ia emfim libertar Itaguahy da Casa Verde e do terrivel Simão Bacamarte.

(Continúa).

MACHADO DE ASSIS.

ECONOMIA DOMESTICA

Cuidados a dar a quem seja mordido por cão hydrophobo

Quando alguém seja mordido por um cão damnado, ou suspeito de o ser, fazei sangrar a ferida lavai-a e cauterisai-a.

1º Cumprir *sem demora* por meio de pressão sufficiente fazer sangrar a dentada com abundancia, ainda mesmo que não seja profunda, lavai-as com abundancia de agua (se fôr possível com um jacto continuo de agua ou outro liquido) até o momento da cauterisação.

2º A cauterisação pôde ser feita com caustico de Vienna, manteiga de antimonio, chlorureto de zinco, sendo porém o melhor o ferro em brasa.

Qualquer pedaço de ferro, uma varinha, um ferro de *tuyauter*, um prego, uma chave, podem servir; aquece-se-o até ficar vermelho claro, queimando com elle bem em toda a ferida.

3º Dependendo da rapidez com que se fizer a cauterisação a cura da ferida, qualquer pessoa pôde fazel-a se demorar a chegada do medico.

4º A cauterisação com amoniaco ou alcool de qualquer qualidade é de todo difficiente.

MANCHAS NOS TECIDOS

Manchas de assucar gelatina, sangue, albumina. — Lavai simplesmente com agua, eutretanto as nodos de sangue ou albumina (clara de ovo) leite e outras iguaes não devem lavar-se com agua quente por isso que coagulando o calor taes materias, seria peor a emenda.

Empregai pois agua fria.

Manchas de gordura. — Na roupa branca a lavagem basta; nos tecidos de côr, lá ou algodão agua de sabão morna ou ammoniaco, pó de sabonella, magnesia, gis ou clara de ovo.

Manchas de tinta, vernizes, resinas. — Agua raz, benzina e em seguida sabão.

Manchas de espermacele. — Alcool de 95°.

Manchas de tintas vegetaes, vinho, fructas. — Expor a nodos aos vapores do acido sulphuroso (vapores do enchofre em combustão) lavar com agua chlorada. Nos tecidos tintos, quando se receie offender a côr lavai com agua de sabão morna ou ammoniaco.

Manchas de ferrugem ou tinta de escrever. — Na roupa branca empregai uma dissolução de acido oxalico, ou acido chloridrico muito enfraquecido ao qual se junta uma pouca de sal de estanho. Nos tecidos de côr, de algodão, fazem-se lavagens repetidas com acido citrico dissolvido, se fôr fazenda que não desbote. Em lá, acido chloridrico fraco. Na seda não ha remedio.

Manchas de cal ou alcali. — Nos tecidos de algodão, de lá, seda, empregai acido citrico enfraquecido. Gotejai sobre a mancha esfregando tom o dedo molhado.

Manchas de acido, vinagre, fructas. — Na roupa branca: agua morna chlorada. Nos tecidos de côr: ammoniaco mais ou menos enfraquecido.

Manchas de tanino. — Na roupa branca: agua de Javelle, agua chlorada quente, solução concentrada de acido tartarico. Nos tecidos de côr: agua chlorada enfraquecida segundo a maior ou menor delicadeza do tecido e côr e alternadamente lavagem com agua.

Manchas de alcatrão, graxa de carros. — Na roupa branca: sabão, agua-raz, alternando com pouca de agua. Nos tecidos de algodão e lá de côr: fomentar com tocinho e em seguida ensaboar e deixar secar, finalmente lavar alternando de agua raz a agua. Na seda praticai o mesmo, substituindo a agua-raz por benzina deixando cahir a agua aos poucos de certa altura, operando porém no avesso da fazenda.

LITTERATURA

O ALIENISTA

(CONTINUAÇÃO)

VIII

AS ANGUSTIAS DO BOTICARIO.

Vinte e quatro horas depois dos successos narrados no capitulo anterior, o Protector saiu do «palacio do governo» — (foi a denominação dada á casa da camara), com dous ajudantes de ordens, e dirigiu-se á residencia de Simão Bacamarte. Não ignorava elle que era mais decoroso ao governo mandal-o chamar; o receio, porém, de que o alienista não obedeceria, obrigou-o a parecer tolerante e moderado.

Não descrevo o terror do boticario ao ouvir dizer que o Protector ia á casa do alienista. — Vae prendel-o, pensou elle. E redobram-lhe as angustias. Com effeito, a tortura moral do boticario naquelles dias de revolução excede a toda a descripção possível. Nunca um homem se achou em mais apertado dilemma: — a privança do alienista chamava-o ao lado deste, a victoria do barbeiro attrahia-o ao barbeiro. Já a simples noticia da sublevação tinha-lhe sacudido fortemente a alma, porque elle sabia a unanimidade do odio ao alienista; mas a victoria final foi tambem o golpe final. A esposa, senhora mascula, amiga particular de D. Evarista, dizia que o lugar delle era ao lado de Simão Bacamarte; ao passo que o coração lhe bradava que não, que a causa do alienista estava perdida, e que ninguém, por acto proprio, se amarra a um cadaver. Fel-o Catão, é verdade, *sed victa Catoni*, pensava elle, retribuindo algumas palestras habituaes do padre Lopes; mas Catão não se atou a uma causa vencida, elle era a propria causa vencida, a causa dos instrumentos; o seu acto, portanto, foi de egoista, de um miseravel egoista; minha situação é outra. Insistindo, porém, a mulher, não achou Crispim Soares outra sahida em tal crise senão adoeecer; declarou-se doente, e metto-se na cama.

— Lá vai o Porfírio á casa do Dr. Bacamarte, disse-lhe a mulher no dia seguinte á cabeceira da cama; vai acompanhado de gente.

— Vai prendel-o, pensou o boticario.

Uma idéa traz outra; o boticario imaginou que, uma vez preso o alienista, viriam tambem buscá-lo a elle, na qualidade de cumplice. Esta idéa foi o melhor dos visicorios. Crispim Soares ergueu-se, disse que estava bom, que ia sair; e apesar de todos os esforços e protestos da consorte, vestio-se e sahio. Todos os chronistas são unanimes em dizer que a certeza de que o marido ia collocar-se nobremente ao lado do alienista consolou grandemente o esposo do boticario; e notou, com muita perspicacia, o immenso poder moral de uma illusão; porquanto, o boticario caminhou resolutamente ao palacio do governo, não á casa do alienista. Alli chegando, mostrou-se admirado de não ver o protector a quem ia apresentar os seus protestos de adhesão, não, o tendo feito desde a véspera por enfermo. E tossia com algum custo. Os altos funcionarios que lhe ouviam esta declaração, sabedores da intimidade do boticario com o alienista, comprehenderam toda importância da adhesão nova, e trataram a Crispim Soares com apurado carinho; affirmaram-lhe que o protector não tardava a vir, e que a senhora tinha ido á Casa Verde, a negocio importante, mas não tardava. Deram-lhe cadeira, refresco, cigarros; disseram-lhe que a causa do illustre Porfírio era a de todos os patriotas; ao que o boticario respondeu que sim, que nunca poderia

outra cousa, que isso mesmo pensaria o vice-rei e Sua Magestade.

IX

DOUS LINDOS CASOS.

Não se demorou o alienista em receber o barbeiro; declarou-lhe que não tinha modos de resistir e portanto estava prestes a obedecer. Só uma cousa pedia, é que o não constringesse a assistir pessoalmente á destruição da Casa Verde.

— Engana-se Vossa Senhoria, disse o barbeiro depois de alguma pausa, engana-se em attribuir ao governo intenções vandalias. Com razão ou sem ella, a opinião cre que a maior parte dos doudos alli mettidos estão em seu perfeito juizo, mas o governo reconhece que a questão é puramente scientifica, e não cogita em resolver com posturas as questões scientificas. Demais, a Casa Verde é uma instituição publica; tal a aceitamos das mãos da camara dissolvida. Ha, entretanto; por força que ha de haver um alvitre intermedio que restitua o sossego ao espirito publico.

O alienista mal podia dissimular o assombro; confessou que esperava outra cousa, o arrazamento do hospicio, a prisão delle, o desterro, tudo, menos...

— O pasmo de Vossa Senhoria, atalhou gravemente o barbeiro, vem de não attender á grave responsabilidade do governo. O povo, tomado de uma cega piedade, que lhe dá em tal caso legitima indignação, pôde exigir do governo certa ordem de actos; mas esta, com a responsabilidade que lhe incumbe, não os devo praticar, ao menos integralmente, e tal é a nossa situação. A generosa revolução que hontem derrubou uma camara villipendiada e corrupta, pediu em altos brados o arrazamento da Casa Verde; mas pôde entrar no animo do governo eliminar a loucura? Não. E se o governo não a pôde eliminar, está ao menos apto para discriminá-la, reconhecer-a? Tambem não; é materia de sciencia. Logo, em assumpto tão melindroso, o governo não pôde, não deve, não quer dispensar o concurso de Vossa Senhoria. O que lhe pede é que de certa maneira demos alguma satisfação ao povo. Unamo-nos, e o povo saberá obedecer. Um dos alvires aceitaveis, se Vossa Senhoria não indicar outro, seria fazer retirar da Casa Verde aquelles enfermos que estiverem quasi curados, e bem assim os manicos de pouca monta, etc. Desse modo, sem grande perigo, mostraremos alguma tolerancia e benignidade.

— Quantos mortos e feridos houve hontem no conflicto? perguntou Simão Bacamarte, depois de alguma pausa.

O barbeiro ficou espantado da pergunta, mas respondeu logo que onze mortos e vinte e cinco feridos.

— Onze mortos e vinte e cinco feridos! repetiu duas ou tres vezes o alienista.

E em seguida declarou que o alvitre não parecia bom, mas que elle ia catar algum outro, e dentro de poucos dias lhe daria resposta. E fez-lhe varias perguntas acerca dos successos da véspera, ataque, defesa, adhesão dos dragões, resistencia da camara, etc., ao que o barbeiro ia respondendo com grande abundancia, insistindo principalmente no descredito em que a camara cahira. O barbeiro confessou que o novo governo não tinha ainda por si a confiança dos principaes da villa, mas o alienista podia fazer muito nesse ponto. O governo, continuou o barbeiro, toleraria se pudesse contar, não já com a sympathia, senão com a benevolencia do mais alto espirito da lagrany, e seguramente do reino.

Mas nada disso alterava a nobre e austera phisnomia daquelle grande homem, que ouvia calado, sem desvanecimento, nem modestia, mas impassivel como um deus de pedra.

— Onze mortos e vinte e cinco feridos, repetiu o alienista, depois de acompanhar o barbeiro até á porta. Eis ali dous lindos casos de doença cerebral. Os symptomas de duplicidade e descaramento deste barbeiro são positivos. Quanto á toleima dos que o acclamaram não é preciso outra prova além dos onze mortos e vinte e cinco feridos. — Dous lindos casos!

— Viva o illustre Porfírio! bradaram umas trinta pessoas que aguardavam o barbeiro á porta.

O alienista espiou pela janella, e ainda ouviu este resto de uma pequena falla do barbeiro ás trinta pessoas que o acclamavam.

—... porque eu vélo, podeis estar certos disso, eu vélo pela execução das vontades do povo. Confiai em mim: e tudo se fará pela melhor maneira. Só vos recomendo ordem. A ordem, meus amigos, é a base do governo...

— Viva o illustre Porfírio! bradaram as trinta vozes, agitando os chapéus.

— Dous lindos casos! murmurou o alienista.

(Continua.)

MACHADO DE ASSIS.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 31 de Janeiro de 1882.

Eis a epocha em que cada um vai partir para o campo. Ou mesmo a epocha em que todos já deviam ter partido. Porque segundo o thermometro, ha mais de um mez já que o verão nos lembra a sentença cruel que condemnou a humanidade na pessoa do pae Adão;

— Ganháras o pão com o suor do teu rosto. A season porém começou tarde d'esta vez, a politica e as fabricas tendo prendido a coroa na corte um pouco além dos limites dos seus habitos; e por mais que se grile em republica, ainda é a corte que faz as estações.

Suas Magestades partindo esta semana, todo o mundo elegante, esse reino de Panurgio, acompanha a corte na sua partida: tudo parte.

Brevemente, o Rio de Janeiro estará em toda a parte excepto no Rio de Janeiro.

E a moda?

Se Virgílio não tivesse inventado a poesia do campo, a moda a inventa-lá.

E preciso partir, portanto.

Certamente as nossas elegantes não vão divertir-se mais no campo do que se divertiram no Rio de Janeiro. O campo é monotonico como uma salva rainha.

Eu não conheço senão um prazer em partir para o campo, confessa uma das mais espirituosas luminosas, é a esperança de voltar para a cidade.

Mas a moda assim o quer, e assim é.

Embora todos partam, é bom pensar nos que ficam — gales perpetuas dos calores do Rio de Janeiro.

Vejamos portanto o que vai pelos theatros.

O Principe acaba de nos dar duas novidades: — *Os cartões de Onze-Huque* e o *Numero sessenta e seis* — ambas hontem encendidas e caprichosamente encendidas.

A primeira que se empavonou do nobre titulo de opereta comica é um arranjo, com dois actos, cheio de peripetias alegres, mas « ornado » d'uma musica possadona que nos mostra a sua origem.

Mas a segunda, d'um libretto despretencioso, vertido para portuguez pelo Sr. Haddock Lobo — diz elle — tem trechos musicais adoraveis de graça e vivacidade.

O desempenho de ambos é o melhor postizo com os artistas da companhia.

Se a leitora, que provavelmente arcaica a suas mães, quer levar um bom livro que lhe proporcione *sentas agradaveis*, compre os *Costs e terras do Brazil*. Ao cabo da primeira pagina, dorme-se profundamente. Entretanto é bem escripto, em boa grammatica, e está bem impresso. Um livro honestamente massante.

A proposito d'este livro.

Dous senhoras conversavam hontem a um bond de table.

— Que poesia, hein? que perfume nas palavras de marmelada de sapinho.

— Que perfume a verdade... Que perfume a verdade.

LITTERATURA

O ALIENISTA

(CONTINUO)

X.

Dentro de cinco dias, o alienista metteu na Casa Verde cerca de cincoenta acclamadores do novo governo. O povo indignou-se. O governo, atarantado, não sabia reagir. João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente nas ruas, que o Porfírio estava « vendido ao ouro de Simão Bacamarte, » phrase que congregou em torno de João Pina a gente mais resoluta da villa. Porfírio, vendo o antigo rival da navalha á testa da insurreição, comprehendeu que a sua perda era irremediavel, se não desse um grande golpe; expediu dois decretos, um abolindo a Casa Verde, outro desterrando o alienista. João Pina mostrou claramente, com grandes phrases, que o acto de Porfírio era um simples apparato, um engodo, em que o povo não devia erer. Duas horas depois cahia Porfírio ignominiosamente, e João de Pina assumia a difficil tarefa do governo. Como achasse nas gavetas as minutas da proclamação, da exposição ao vice-rei e de outros actos inauguraes do governo anterior, deu-se pressa em os fazer copiar e expedir; acrescentou os chronistas, e aliás subentende-se, que elle lhes mudou os nomes, e onde o outro barbeiro fallára de uma camara corrupta, fallou este de « um intruso eivado das más doutrinas francezas, e contrario aos sacrosantos interesses de Sua Magestade, etc. »

Nisto entrou na villa uma força mandada pelo vice-rei, e restabeleceu a ordem. O alienista reclamou o primeiro dos dous barbeiros por doente do cerebro, o que se lhe concedeu: e, assistindo ao inquerito, exigiu a entrega de cincoenta e tantos individuos, que elle declarou mentecaptos; não contando uns dezenove que convalesciam das feridas apanhadas na primeira rebellião.

Este ponto da crise de Itaguahy marca tambem o grão maximo da influencia de Simão Bacamarte. Tudo quanto quiz, deu-se-lhe; e uma das mais vivas provas do poder do illustre medico acau-nola na promptidão com que os vereadores, restituídos a seus logares, consentiram em que Sebastião Freitas tambem fosse recolhido ao hospicio. O alienista, sabendo da extraordinaria inconsistencia das opiniões desse vereador, entendeu que era um caso pathologico, e pediu-o. A mesma cousa aconteceu ao boticario. O alienista, desde que lhe fallaram da momentanea adhesão de Crispim Soares á rebellião dos Cangicás, comparou-a á approvação que sempre recebera delle, ainda na vespera, e mandou captural-o. Crispim Soares não negou o facto, mas explicou-o dizendo que cedera a um movimento de terror, ao ver a rebellião triumphante, e deu como prova a ausencia de nenhum outro acto seu, acrescentando que voltára logo á cama, doente. Simão Bacamarte não o contrariou; disse, porém, aos circumstantes que o terror tambem é pae da loucura e que o caso de Crispim Soares lhe parecia dos mais caracterisados. Mas a prova mais evidente da influencia de Simão Bacamarte foi a docilidade com que a camara lhe entregou o proprio presidente. Este digno magistrado tinha declarado em plena sessão, que não se contentava, para laval-o da affronta dos Cangicás, com menos de trinta alitudes de sangue; palavra que chegou aos ouvidos do alienista por boca do secretario da camara, entusiasmado de tamanha energia. Simão Bacamarte começou por metter o

secretario na Casa Verde, e foi d'alli á camara, á qual declarou que o presidente estava padecendo da « demencia dos touros », um genero que elle pretendia estudar, com grande vantagem para os povos. A camara a principio hesitou, mas acabou cedendo.

Dahi em diante foi uma collecta desenfreada. Um homem não podia dar nasença ou curso á mais simples mentira do mundo, ainda daquellas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo mettido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagrammas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafalaria, um ou outro almotacé enfundado, ninguém escapava aos emissarios do alienista. Elle respeitava os namorados e não poupava as namoradeiras, dizendo que os primeiros cediam a um impulso natural, e as segundas a um vicio. Se um homem era avaro ou prodigo ia do mesmo modo para a Casa Verde: dahi a allegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. Alguns chronistas creem que Simão Bacamarte, nem sempre procedia com lisura, e citam em abono da affirmação (que não sei se pôde ser aceita) o facto de ter alcançado da camara uma postura autorisando o uso de um anel de prata no dedo pollegar da mão esquerda, a toda a pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou tres onças de sangue godo. Dizem esses chronistas que o fim secreto da insinuação á camara foi enriquecer um ourives, amigo e compadre delle; mas, conquanto seja certo que o ourives viu prosperar o negocio depois da nova ordenação municipal, não o é menos que essa postura deu á Casa Verde uma multidão de inquilinos; pelo que, não se pôde definir, sem temeridade, o verdadeiro fim do illustre medico. Quanto á razão determinativa da captura e aposentação na Casa Verde de todos quantos usaram do anel, é um dos pontos mais obscuros da historia de Itaguahy; a opinião mais verosimil é que elles foram recolhidos por andarem a gesticular, á toa, nas ruas, em casa, na egreja. Ninguém ignora que os doudos gesticulam muito. Em todo caso é uma simples conjectura: de positivo nada ha.

— Orde é que este homem vá parar? diziam os principaes da terra. Ah! se nós tivéssemos apoiado os Cangicás.

Um dia de manhã, — dia em que a camara devia dar um grande baile, — a villa inteira ficou abalada com a noticia de que a propria esposa do alienista fora mettida na Casa Verde. Ninguém acreditou; devia ser invenção de algum gaiato. E não era: era a verdade pura. D. Evarista fora recolhida ás duas horas da noite. O padre Lopes correu ao alienista e interrogou-o discretamente acerca do facto.

— Já ha algum tempo que eu desconfiava, disse gravemente o marido. A modestia com que ella vivera em ambos os matrimonios não podia conciliar-se com o furor das sedas, velludos, rendas e pedras preciosas que manifestou, logo que voltou do Rio de Janeiro. Desde então comecei a observá-la. Suas conversas eram todas sobre esses objectos; se eu lhe fallava das antigas côrtes, inquiria logo da forma dos vestidos, das damas; se uma senhora a visitava, na minha ausencia, antes de me dizer o objecto da visita, descrevia-me o traje, approvando umas cousas e censurando outras. Um dia, creio que Vossa Reverendissima hade lembrar-se, propoz-se a fazer anualmente um vestido para a imagem de Nossa Senhora da matriz. Tudo isto eram symptomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demencia.

Tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuario que levaria ao baile da camara municipal; só hesitava entre um collar de grãmda e outro de saphyra. Ante-hontem perguntou-me qual delles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Hontem repetiu a pergunta, ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa. — Que tem? perguntei-lhe. — Queria levar o collar de grãmda, mas acho o de saphyra tão bonito! — Pois leve o de saphyra. — Ah! mas onde fica o de grãmda? — Emfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordeo e não a acho; levanto-me, vou ao quarto de vestir, onde vi luz; acho-a diante dos dous collares, ensaiando-os ao espelho, ora um, ora outro. Era evidente a demencia: recolhi-a logo.

O padre Lopes não se satisfaz com a resposta, mas não objectou nada. O alienista, porém, percebeu e explicou-lhe que o caso de D. Evarista era de « mania stumpluaría, » não incuravel, e em todo caso digno de estudo.

— Conto pô-la boa dentro de seis semanas, concluiu elle.

A abuegação do illustre medico deu-lhe grande realce. Conjecturas, invenções, desconfianças, tudo cahiu por terra, desde que elle não duvidou recolher á Casa Verde a propria mulher, a quem amava com todas as forças da alma. Ninguém mais tinha o direito de resistir-lhe, — menos ainda o de attribuir-lhe intuitos alheios á sciencia. Era um grande homem, austero, Hippocrates forrado de Catão.

XI

O ASSOMBRO DE ITAGUAHY.

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a villa, ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser pôstos na rua.

— Todos?

— Todos.

— E' impossivel; alguns, sim, mas todos...

— Todos. Assim o disse elle no officio que mandou hoje de manhã á camara.

De facto, o alienista officiára á camara expondo: — 1º, que verificára das estatísticas da villa e da Casa Verde, que quatro quintos da população estavam aposentados naquelle estabelecimento; 2º, que esta deslocação de população levára-o a examinar os fundamentos da sua theoria das molestias cerebraes, theoria que excluía do dominio da razão todos os casos em que o equilibrio das faculdades, não fosse perfeito e absoluto; 3º, que desse exame e do facto estatístico resultára para elle a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquella, mas a opposta, e portanto que se devia admittir como normal e exemplar o disequilibrio das faculdades, e como hypotheses pathologicas todos os casos em que aquelle equilibrio fosse ininterrupto; 4º, que á vista disso, declarava á camara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agazalhar nella as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5º, que tratando de descobrir á verdade scienciaes, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando da camara igual dedicação; 6º, que restituía á camara e aos particulares a somma do estipendio recebido para alojamento dos suppostos loucos, descontada a parte effectivamente gasta com a alimentação, roupa, etc.; o que a camara mandaria verificar nos livros e arcos da Casa Verde.

O assombro de Itaguahy foi grande; não foi menor a alegria dos parentes e amigos dos reclusos. Jantares, danças, luminarias, místicas, tudo...

para celebrar tão fausto acontecimento. Não descrevo as festas por não interessarem no nosso propósito: mas foram esplendidas, tocantes e prolongadas. E vão assim as cousas humanas. No meio do regosijo produzido pelo officio de Simão Bacamarte, ninguém advertia na phrase final do § 4º, uma phrase cheia de experiencias futuras.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa).

HYGIENE

SEGUNDA INFANCIA

(Vide o n. de 31 de Janeiro)

— 2 a 7 annos —

Pode-se chamar a segunda infancia a idade de ouro da vida.

Por enquanto nada temos que ver com a distincção de sexos. No decurso deste período, educação, instrução, exercícos, vida privada e vida publica, tudo deve ser exactamente similhante tanto para os rapazes como para as meninas.

E' certo que uns manifestam pela turbulencia a futura virilidade, e as outras revelam o seu destino intimo pelos affectuosos cuidados que consagram ás bonacas. Acrescentemos que é costume, recommendavel aliás, de vestil-os differentemente a partir do segundo anno.

Assignaladas estas particularidades, o que temos a dizer neste capitulo applicar-se-ha a todos os individuos de cada um e outro sexo, sem distincção.

A criança digera mais depressa que o adulto: deverá consequentemente ter mais duas ou tres refeições que este ultimo.

As mucosas da bocca e do estomago estão pouco exercitadas e são pouco sensiveis, absorvem rapidamente se e rapidamente affeioam ás impressões novas.

Dahi a facilidade com que, si não houvesse cuidado, a criança se habituará aos alimentos mais tóxicos e ás bebidas excitantes.

As carnes fortes, grelhadas, a escorrer sangue, não lhe convem em caso algum, nem quando são, nem quando doente; e muito menos os vinhos velhos ou os liciores alcoholicos.

As roupas, quentes no inverno, leves no verão, devem sempre ser feitas de maneira que deixe a todos os musculos do corpo a maior liberdade.

A gymnastica elemental comprehenderá todos os exercícos musculares, todos os jogos infantis de destreza e o desenvolvimento progressivo de todos os órgãos dos sentidos, desde as mãos o os pés até as orelhas e os olhos.

Toda a hygiene da segunda infancia consiste na educação.

Qual deve ser essa educação? Essencialmente materna. Na familia é a mãe que cabem essa grande missão e essa pesada responsabilidade.

O homem não deve intervir nesta primeira phase da educação familiar e social, sinão para dirigi-la. Não a pode dar por si mesmo.

A instrução terá por objecto as idéas, a memoria, o espirito de imitação, a pronuncia, a leitura, a escripta e a primeiras noções do calculo decimal.

Em que ordem esse programma deverá ser executado? Como disse J. J. Rousseau, depois de Rabalais e Montaigne, o grande segredo da educação

está em fazer com que os exercícos do corpo e os do espirito sirvam sempre de diversão uns aos outros.

Pretenderam alguns escriptores que era melhor desenvolver o corpo antes do espirito. E' um erro. O espirito e o corpo formam um todo. O espirito é uma função cerebral que nasce e morre com o órgão que o produz. A creancinha que sorri, que segue a mãe com os olhos e lhe estende os braços, exerce já uma função intellectual, que a educação não tardará a desenvolver cada vez mais.

Dissemos que a educação da segunda infancia devia ser confiada exclusivamente á mulher. Infelizmente, poucas mães ha bastante instruidas e intelligentes, que estejam no caso de administrar essa primeira educação.

A professora é para as criancinhas, uma segunda mãe, uma mãe adoptiva, que estabelece uma transição salutar entre a educação materna da primeira infancia e o ensino publico, que deve começar por volta dos 7 annos. Exerce sobre o seu espirito, principalmente sobre o espirito dos rapazes, uma influencia fascinadora que os torna mais doces.

A educação das creanças de 2 a 7 annos exige cuidados especiaes, attencões delicadas, realmente maternas, tanto quanto as lições e o ensino escholastico.

DR. RICARDO C.

(Continúa.)

VARIEDADE

EDUCAÇÃO

Quantos pais não deixam outra herança a seus filhos mais que a memoria de uma vida de trabalho obstinado!

Semelhante legado parece bem pouca cousa: é mais consideravel, todavia, que os thesouros accumulados por um avaro e cujo gozo caberá a um filho que será fatalmente prodigo.

As sympathias que gera o espectáculo de uma vida honesta consagrada inteiramente ao trabalho vencem o egoismo habitual.

E' sem recriminações que tal pai morre pobre: empregou todos os dias esforços para prover a subsistencia de sua familia; cumpriu a sua tarefa e fecha os olhos em paz, sabendo que a sua viuva e seus filhos tiravam algum beneficio da sua vida laboriosa.

E' por essa razão que a sociedade deixa raramente de testemunhar a sua generosidade pelos descendentes do homem de talento que, pondo todo o empenho em desenvolver a intelligencia, não pôde bater ao mesmo tempo á porta da fortuna e á da sciencia.

Sobreviva o nome de um escriptor, de um sabio, de um inventor, e nas gerações que se seguirem se encontrará um echo que fallará em favor dos descendentes desse homem.

Mas é especialmente nas classes medias que brilha honrosos testemunhos em favor dos pais que dignamente educaram seus filhos.

Não ha mediocres condições em que o homem se não possa tornar notavel; e a melhor educação para um filho consiste em ver honrar seu pai e ouvir o bom conceito que formam a seu respeito.

O filho que pôde olhar seu pai como o mais digno do paiz, como o que mais trabalhou, como o mais estimado e respeitado possui uma herança que nenhum reves de fortuna pôde aniquilar. E esse thesouro, um filho terá orgulho em augmentalo.

CHAMFFLEURY.

ECONOMIA DOMESTICA

PRESERVATIVO CONTRA OS INSECTOS

Tem sido empregado ultimamente a quassia amarga para proteger os arbustos fructíferos contra os insectos. Com uma libra de quassia prepara-se 35 litros de uma decoção efficacissima.

Essa agua tambem é excellente para preservar-se dos mosquitos e outros insectos que nos incommodam. Laval as mãos e o rosto em agua de quassia deixando os secar sem enxugar.

FIXATIVO PARA O LÁPIS

Quando se quer conservar um escripto ou desenho feito á lapis, impedindo que a acção do tempo o deteriore, basta molhar a folha de papel em uma vasilha grande contendo leite coado, porém frio; depois de secco molha-se segunda vez.

CONSERVAÇÃO DO CALÇADO

O calçado que se tiver de deixar durante algum tempo sem servir, como sejam botas de montar ou outro qualquer, deverá ser untado com glycerina; esse ingrediente conserva a maciez do couro muito melhor do que os oleos ou a gordura.

TINTA PARA ESCREVER SOBRE FOLHA DE FLANDRES

O nosso jornal tem reproduzido numerosos riscos de desenhos para cofres, caixinhas ou vasos, que podem ser feitos de materias diversos entre os quaes folhas de Flandres. E' difficil porém desenhar ou escrever sobre a superficie d'essa materia que é refractaria ás tintas communs. Eis uma receita para compor uma tinta que servirá para ornamentar qualquer objecto feito de folha e cuja composição esta ao alcance de todos.

Acido azotico. 10 partes
Agua 10 "
Cobre 1 "

Dissolve-se o cobre em acido azotico e acrescenta-se a agua quando dissolvido o cobre.

HORAS DE OCIO

O premio foi d'esta vez ganho pelo Sr. L. A. Pinto que deu as seguintes respostas aos problemas do ultimo numero, pôde portanto, mandar procuralo.

29.

30.

56 annos e 42 annos.

31. A industria nacional é digna de ser amada, sendo a chave cryptographica o alphabeto partido a meio e dando á primeira letra o valor da ultima, á segunda o da penultima e assim por diante.

NOVOS PROBLEMAS

Premio: Um lindo tinteiro para senhora.

32. Synonyms

As seguintes palavras têm equivalentes dos quaes destacando uma syllaba de cada um pôde-se compôr o nome indigena de um lugar que os habitantes da Corte constantemente estão vendo, Vigia, Batel, Cetaceo, Roedor.

33. Fantasia geographica

Designae sete lugares do Brasil que escriptos um por baixo do outro produzam o nome de uma provincia nas letras iniciais e o de outra provincia nas letras finais.

34. Lexicologia

Qual é a palavra portugueza que, tendo 7 syllabas, contém 3 i, 5 p, 3 e, 2 a, 2 i, 1 r e 1 d?

Nemo.

A Correspondencia relativa a esta secção deve vir á nossa escriptorio dirigida a Nemo.

CARTAS DE PETROPOLIS

Petropolis, 23 de Fevereiro, de 1882.

Uma senhora de espirito dizia, ha algumas semanas, que o chovisco era o sel de Petropolis. Sa essa senhora tem razão, Petropolis perdeu o seu mesmo sol: não chove, chove, chove e choverá. Houve, é certo, no domingo, segunda e terça feira, um certo astro grande, quente e claro, com pequenos intervallos de agua e sombra; mas ninguém ignora em Petropolis que foi um sol artificial, encomendado pelos amadores do entrudo, por meio de subscrição particular e secreta. Podia citar os nomes dos principais contribuintes; mas a modestia, filha rustica destas montanhas, bateria as azas de envergadura e iria chorar as suas magoas nos armarios da rua do Ouvidor: prefiro calar.

Tivemos um vivissimo entrudo. Quero computar o numero de limões de cheiro fabricados e arremessados em Petropolis, e não chego a resultado seguro. Um commerciante da rua do Imperador calculava-os, no sabbado, em cerca de 60,000 duzias. Será muita duzia? Supponhamos 30,000 duzias ou 360,000 limões. Creio que para uma cidade interior é um numero respeitavel; e, comparativamente falando, a Corte não ficou muito acima de nós, apesar de mais antiga.

Além do entrudo propriamente dito, de que fallarei mais abaixo, houve dous bailes e alguns mascarás. Um dos bailes, o do domingo, foi dos allemães, no Hotel de Bragança. A simplicidade das patricias daquella simplicissima filha de Goethe, amante de Fausto, não permite longa descripção de *toilettes*; vestidos lisos, botas grossas, fita larga ao pescoço e guarda-chuva na mão. Os guarda-chuvas e as dhalias são o mais abundante ornato de Petropolis. Ha annos um jornalista argentino vindo ao Rio de Janeiro, escreveu para Buenos Ayres que oque mais se via nas ruas da capital brasileira eram guarda-chuvas e chapéus altos. Cá não ha chapéus altos, além de dous, o do imperador e o do camarista de semana; mas os guarda-chuvas obedecem ao preceito do Visconde de Itaboraí, em relação ao chefe do Estado: reinam, governam e administram. Não acrescento que com elles se pode tambem administrar alguma correção, porque seria commetter, sem necessidade urgente, um gallicismo e um *calambour*.

A valsa é uma flor germanica. Não admira que os allemães e sub-allemães de cá valsem e valsem a valer. Digo a valer. Estes bailes allemães de Petropolis são uma necessidade physiologica; o allemão de Petropolis dansa como o capitalista fluminense joga o volante, as noites. *C'est plus fort que lui*.

O Club das Senhoras tomou para si a segunda-feira, e deu no mesmo hotel de Bragança o seu baile semanal. Este Club foi organizado por uma distincta senhora, cujo nome não sei porque motivo se ha de esconder; a Sra. condessa da Estrella. Dá um baile semanal, ora ao sabbado, ora ao domingo, sempre concorridos; mas o ultimo excedeu os primeiros. Faltam oito para completar os dize da estação.

A regra do Club é a simplicidade das *toilettes*; mas as damas sagazes sabem muito bem o que é um vestido simples; é um vestido de chita ou setineta com rendas de Alençon, Malines ou Bruxellas, perolas nas orelhas, e, quando muito, um ou dous diamantes nos dedos. Simples como agua. Conta um humorista francez que um inglez doente teve ordem do medico para não fumar mais de um charuto por dia. Que pensam que fez o subdito de S. M. B. ? Fumava por um dia um charuto; mas era o maior charuto da Europa. Devo notar que, no nosso caso de Petropolis, medicos e enfermeiros obedecem do mesmo modo ao prescriptico da simplicidade.

E notem as leitoras da corte que algumas senhoras indagam elegantemente a regra, e nem por isso ficam menos formosas. Poderia citar, no ultimo baile, a esposa de um digno e eminente parlamentar, cujo vestido de seda, ornado, coberto de rendas pretas, distinguia-se dos outros pela magnificencia e graça; mas não cito, para não apontar outras, e se esquecesse algumas, não hei nem bahil. Basta dizer que as mais legitimas representantes do *fashion* fluminense souberam manter a classe não é dizer pouco. A familia imperial não se baile com a singeleza do costume. Dançaram-se desalços para o dia seguinte, e a manhã toda a cidade dormia o sono de uma grande batalha.

A grande batalha do entrudo foi na terça-feira. O entrudo foi renhido, mas não passou de um baile de salão. A de terça-feira é que foi a batalha do entrudo. Ah! que terça-feira! Se lhe fallo em guerra, a guerra é irra do entrudo; o ouro é a guerra, e alguma differença ha, e que na guerra não se entra apenas se apanham algu-

mas constipações; são raras as pneumonias, e rarissima as tuberculosas. Mas, tirada essa differença, é o mesmo ardor, o mesmo movimento, a mesma disciplina, a mesma gloria.

A rua do Imperador foi o principal theatro da campanha das aguas. Não me sobra papel para fazer uma descripção minuciosa dos incidentes desso memoravel embate d'armas; mas ainda que o tivesse faltavam-me as tintas proprias. Uma batalha alegre, viva e geral. Recolhidos ou dispersos os combatentes, muitas e distinctas damas e cavalleiros fantasiaram-se e foram levar alhores um resto de tiros. Uma das damas, trajada de saloia, acompanhada do esposo, distincto medico, vestido de calcinhas de menino, chamava a attenção de todos; e não era a unica, mas a menção de outras, por-me-hia nas difficuldades acima expostas, e o papel acaba-se.

Petropolis é hoje um campo de guerra; os restos da cerea dos limões salpican as calçadas. Por isso alguns avisalos empregaram bombas e seringas que não deixaram vestigios. O sol, feito de encomenda, trouxe luz só para tres dias, e apagou-se na mesma terça-feira á tarde. A chuva tornou á sua casa, com o capote de nevoas e o resmungar nas folhas das arvores. São duas horas da tarde; chove e choverá. Não obstante, passa um carrinho com duas moças elegantes, uma d'ellas guiando os cavallos, que são magnificos. Ouço a alguns passos um piano. Vejo da janella um padre allemão, com a sua dhalia... perdão, com o seu guarda-chuva aberto. Olho para o jardim; dou com os chapéus de chuva... perdão, com as dhalias de todas as cores, menos as cores politicas, não sabidas nestas montanhas. Felizes dhalias! Vivam as dhalias e os guarda-chuvas!

BALTAZAR

LITTERATURA

O ALIENISTA.

(CONTINUAÇÃO)

XII

O FINAL DO § 4º.

Apagaram-se as luminarias, reconstituíram-se as familias, tudo parecia reposto nos antigos eixos. Reinava a ordem, a camara exercia outra vez o governo, sem nenhuma pressão externa; o proprio presidente e o vereador Freitas tornaram aos seus logares. O barbeiro Porfirio, ensinado pelos acontecimentos, tendo «provido tudo», como o poeta disse de Napoleão, e mais alguma cousa, porque Napoleão não provou a Casa Verde, o barbeiro achou preferivel a gloria obscura da navalha e da tesoura ás calamidades brilhantes do poder; foi, é certo, processado; mas Simão Bacamarte allegou a acção das desordens cerebraes do réu, e a população da villa implorou a clemencia de Sua Magestade; dahi o perdão. João Pina foi absolvido, attendendo-se a que elle derrocara um rebelde. Os chronicistas pensam que deste facto é que nasceu o nosso adagio: — ladrão que furtu a ladrão, tem cem annos de perdão; — adagio immoral, é verdade, mas grandemente util.

Não só findaram as queixas contra o alienista, mas até nenhum resentimento ficou dos actos que elle praticara; accrescendo que os reclusos da Casa Verde, desde que elle os declarára plenamente ajuizados, sentiram-se tomados de profundo reconhecimento e grande enthusiasmo. Muitos entenderam que o alienista merecia uma especial manifestação, e deram-lhe um baile, ao qual se seguiram outros bailes e jantares. D. Evarista foi objecto de uma fineza por parte das damas de Itaguahy, que mandaram vir do Rio de Janeiro um collar, — não dous, — um, feito de ambas as pedras, granada e saphyra, como recordação do facto que levára a illustre senhora á Casa Verde. Dizem as chronicas que D. Evarista a principio tivera ideia de separar-se do consorte, mas a dor de perder a companhia de tão grande homem venceu qualquer resentimento de amor-proprio, e o casal veiu a ser ainda mais feliz do que antes.

Não menos intima ficou a amizade do alienista e do boticario. Este concluiu do officio de Simão Bacamarte que a prudencia é a primeira das virtudes em tempos de revolução, e appreciou muito a magnanimidade do alienista que, ao dar-lhe a liberdade, estendeu-lhe a mão de amigo velho.

— E' um grande homem, disse elle á mulher, ferindo aquella circumstancia.

Não é preciso fallar do albardeiro, do Costa, do Coelho, do Martin Brito e outros, especialmente nomeados neste escripto; basta dizer que puderam exercer livremente os seus habitos anteriores. O proprio Martin Brito, recluso por um discurso em que louvara emphaticamente D. Evarista, fez agora outro em honra do insigne medico — cujo altissimo genio, elevando as azas muito acima do sol, deixou abaixo de si todos os demais espiritos da terra. »

— Agradeço as suas palavras, retorquiu-lhe o alienista, e ainda me não arrependo de o haver restituído á liberdade.

Entretanto, a camara, que respondera ao officio de Simão Bacamarte, com a ressalva de que opportunamente estatuiria em relação ao final do § 4º, tratou enfim de legislar sobre elle. Foi adoptada, sem debate, uma postura autorisando o alienista a agazalhar na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilibrio das faculdades mentaes. E porque a experiencia da camara tivesse sido dolorosa, estabeleceu ella a clausula, de que a autorisação era provisoria, limitada a um anno, para o fim de ser experimentada a nova theoria psychologica, podendo a camara, antes mesmo daquelle prazo, mandar fechar a Casa Verde, se a isso fosse aconselhada por motivos de ordem publica. O vereador Freitas propoz tambem a declaração de que em nenhum caso fossem os vereadores recolhidos ao asylo dos alienados; clausula que foi aceita, votada e incluída na postura, apesar das reclamações do vereador Martins. O argumento principal deste magistrado é que a camara, legislando sobre uma experiencia scientifica, não podia excluir as pessoas dos seus membros das consequências da lei; a excepção era odiosa e ridicula. Mal proferia estas duras palavras, romperam os vereadores em altos brados contra a audacia e insensatez do collega; este porém ouviu-os e limitou-se a dizer que votava contra a excepção.

— A veranca, concluiu elle, não nos dá nenhum poder especial nem nos elimina do espirito humano.

Simão Bacamarte accitou a postura com todas as restricções. Quanto á exclusão dos vereadores, declarou que teria profundo sentimento se fosse compellido a recolhê-los á Casa Verde; a clausula, porém, era a melhor prova de que elles não padeciam de perfeito equilibrio das faculdades mentaes. Não acontecia o mesmo ao vereador Martins, cujo aperto na objecção feita, e cuja moderação na resposta dada ás invectivas dos collegas mostravam da parte d'elle um cerebro bem organizado; pelo que, rogava á camara que lh'o entregasse. A camara, sentindo-se ainda agravada pelo proceder do vereador Martins, estimou o pedido do alienista, e votou unanimemente a entrega.

Comprehende-se que, pela theoria nova, não bastava um facto ou um dito, para recolher alguém á Casa Verde; era preciso um longo exame, um vasto inquerito do passado e do presente. O padre Lopes, por exemplo, só foi capturado trinta dias depois da postura, a mulher do boticario, quarenta dias. A exclusão desta senhora encheu o consorte de indignação. Crispim Soares sahio de casa espumando de cohera e declarando ás pessoas a quem encontrava que ia arrancar as orelhas ao tyranno. Um sujeito, adversario do alienista, ouvindo na rua essa noticia, esqueceu os motivos de dissidencia, e correu á casa de Simão Bacamarte a participar-lhe o perigo que corria. Simão Bacamarte mostrou-se grato ao procedimento do adversario, e poucos minutos lhe bastaram para conhecer a rectidão dos seus sentimentos, a boa fé, o respeito humano, a generosidade; apertou-lhe muito as mãos, e recolheu-o á Casa Verde.

— Um caso destes é raro, disse elle á mulher pasmada, — daquelle defecho. Agora esperemos o nosso Crispim.

Crispim Soares entrou. A dor vencera a raiva, o boticario não arrancou as orelhas ao alienista. Este consolou o seu privado, assegurando-lhe que não era caso perdido; talvez a mulher tivesse alguma lesão cerebral; ia examinal-a com muita attenção; mas antes disso não podia deixal-a na rua. E parecendo-lhe vantajoso renhul-lo, porque a astucia e velhacaria do marido poderiam de certo modo curar a belleza moral que elle descobrira na esposa, disse Simão Bacamarte:

— O senhor trabalhará durante o dia na botica, mas alojará e jantará, com sua mulher, e cá passará as noites, e os domingos e dias santos.

A proposta collocou o pobre boticario na situação do asno de Baridán. Queria viver com a mulher, mas temia voltar á Casa Verde; e nessa luta este-

algun tempo, até que D. Evarista o tirou da difficuldade, promettendo que se incumbiria de ver a amiga e transmittir os recados de um para outro. Crispim Soares beijou-lhe as mãos agradecido. Este ultimo rasgo de egoismo pusillanime pareceu sublime ao alienista.

Ao cabo de cinco mezes estavam alojadas umas dezoito pessoas; mas Simão Bacamarte não afrouxava. O ardor com que elle buscava inquilinos por toda a parte, é objecto de admiração dos chronistas, ainda os que lhe são antipathicos. Um destes confessa que difficilmente se poderiam reunir em um só homem tantas qualidades, como as do illustre alienista. Elle ia de rua em rua, de casa em casa, espreitando, interrogando, estudando; e quando colhia um enfermo, levava-o com a mesma alegria com que outr'ora os arrebanhava ás duzias. Essa mesma desproporção confirmava a nova theoria; acha-se emfim a verdadeira pathologia cerebral. Um dia, conseguiu metter na Casa Verde o juiz de fora; mas procedia com tanto escrupulo, que o não fez senão depois de estudar minuciosamente todos os seus actos, e interrogar os principaes da villa. Mais de uma vez esteve prestes a recolher pessoas perfectadesequilibradas; tal foi o caso de um advogado, em quem reconheceu um tal conjuncto de qualidades moraes e mentaes, que era perigoso deixal-o na rua. Mandou prendel-o; mas o agente desconfia-lo, pediu-lhe para fazer uma experiencia; foi ter com um compadre, demandado por um testamento falso, e deu-lhe de conselho que tomasse por advogado, o Salustiano; era o nome da pessoa em questão.

— Então, parece-lhe...?

— Sem duvida: vá, confesse tudo, a verdade inteira, seja qual for, e confie-lhe a causa.

O homem fôlter com o advogado, confessou ter falsificado o testamento, e acabou pedindo que lhe tomasse a causa. Não se negou o advogado, estudou os papeis, arrazouo longamente, e provou a todos as luzes que o testamento era mais que verdadeiro. A innocencia do réu foi solemneamente proclamada pelo

tino a uma porção do edificio, que em vão forcejava por encher.

A parte occupada pelos alienados bastava e de sobra. Elle dividiu-os em categorias. Fez uma galeria de modestos, isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; fez outra de tolerantes outras de verídicos, outra de simplices, outra de leaes, outra de magnanimos, outra de sagazes, outra de sinceros,

Mrs. LUCRECIA GARFIELD
Viuva do Presidente dos Estados Unidos

etc. Note-se que não começára ainda o tratamento; reunia-os para a observação continua; só depois de algum tempo tencionava metter mãos ao curativo. Naturalmente, as familias e os amigos dos reclusos bradavam contra a theoria; e alguns tentaram compellir a camara a cassar a licença. A camara, porem,

villa recorreram secretamente ao barbeiro Porfirio e propuseram-lhe todo o apoio de gente, dinheiro e influencia na Côte, se elle se puzesse á testa de outro movimento contra a camara e o alienista. O barbeiro respondeu-lhes que não; que a ambição o levava da primeira vez a transgredir as leis, mas que elle se emendára, reconhecendo o erro proprio e a pouca consistencia da opinião dos seus mesmos sequazes; que a camara entendera autorisar a nova experiencia do alienista, por um anno: cumpria, ou esperar o fim do praso, ou requerer ao vice-rei, caso a mesma camara rejeitasse o pedido. Jámais aconselharia o uso de um recurso que elle viu fallar em suas mãos, e isso a troco de mortes e ferimentos que seriam o seu eterno remorso.

— O que é que me está dizendo? perguntou o alienista quando um agente secreto lhe contou a conversação do barbeiro com os principaes da villa.

Dous dias depois o barbeiro era recolhido á Casa Verde. — Preso por ter cão, preso por não ter cão! exclamou o infeliz.

Chegou o fim do praso, a camara autorizou um praso supplementar de seis mezes para ensaio dos meios therapeuticos. O desfecho deste episodio da chronica itaquahyense, é de tal ordem, e tão inesperado, que merecia nada menos de dez capitulos de exposição; mas contento-me com um, que será o remate da narrativa, e um dos mais bellos exemplos de convicção scientifica e abnegação humana.

(Conclue)

MACHADO DE ASSIS.

VARIEDADE

A FELICIDADE NO LAR

CARTA DE UMA MÃE A SUA FILHA

A tua carta, minha querida filha produziu em mim grande contentamento. O meu espirito, como sempre, estava voltado para ti.

Perguntarás sem duvida porque, sabendo eu que

niz, e a herança passou-lhe ás mãos. O distincto juriconsulto deven a esta experiencia a liberdade. Mas nada escapa a um espirito original e penetrante. Simão Bacamarte, que desde algum tempo notava o zelo, a sagacidade, a paciencia, a moderação daquelle agente, reconheceu a habilidade e o tino com que elle levára a cabo uma experiencia tão melindrosa e complicada, e determinou recolhê-lo immediatamente á Casa Verde, dando-lhe todavia um de melhores cubiculos.

Neste ponto occorren uma circumstancia, a que os chronistas dão grande vulto, e que aliás não tem valor. O alienista, sabendo que os dragões estavam mal aquartellados, offereceu á camara parte da Casa Verde para recebê-los. Os chronistas pensam que isto foi um acto vingativo da parte de Simão Bacamarte contra os soldados; mas a verdade é que elle fez apenas um acto de zelo vulgar, dando des-

Leque com que foi presentada a princeza real da Suecia por occasião do seu casamento.

não esquecera a linguagem do vereador Martins, e se cassasse a licença, vel-o-hia na rua, e restituído ao logar; pelo que, recusou. Simão Bacamarte officiou aos vereadores, não agradecendo, mas felicitando-os por esse acto.

Desenganados da legalidade, alguns principaes da

possues um bom marido, que tens uma posição invejavel e gosas perfeita saude, ainda me inquieto o teu futuro. — A mocidade discuidosa não pôde perceber estas coisas.

Mais tarde saberás que uma mãe, sejam quaes forem as probabilidades de ventura que entrevê para seus filhos, não pôde deixar um só instante de se occupar com essa ventura. E' para ella uma necessidade, um habito... uma segunda natureza.

Deixando o teu ninho de solteira, achaste um marido que te cerca de mil cuidados affectuosos, occupaões novas, distracções proprias da tua idade. Mas eu, separando-me de ti, perdi a melhor parte de mim mesma, e nada achei para compensar essa perda.

Desde que aqui não estás, a minha casa me parece vazia e nua de todo o encanto.

Consagrei-te toda a minha vida; foste o fim da minha existencia. Para mim nada vivia sinão por minha filha e para minha filha. Em quem pensarei agora, a não ser em ti?

Antes de receber tua carta, dizia muitas vezes commigo: «Será possivel que eu não lhe seja mais necessaria?»

LITTERATURA

O ALIENISTA

(continua)

XII

PLUS ULTRA!

Era a vez da therapeutica. Simão Bacamarte activo e sagaz: em descobrir enfermos, excedeu-se ainda na diligencia e penetração com que começou a curá-los. Neste ponto todos os chronistas estão de pleno accordo: o illustre alienista fez curas pasmosas que excitaram a mais viva admiração em Itaguahy e em todas as villas e povoações mais proximas.

Com effeito, era difficil imaginar mais profundo systema therapeutico. Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um d'elles excedia ás outras, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante. Supponhamos um modesto. Elle applicava a meditação que pudessem inculcar-lhe a vaidade; e não ia logo ás doses maximas, — graduava-as conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Em certos casos bastava uma simples casaca, uma fita, uma cabelleira, uma bengala, para restituir a razão ao alienado; em outros porem, a molestia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhantes, ás distincções honorificas, etc. Houve um doente, poeta e prosador, que resistiu a tudo. Simão Bacamarte começava a desesperar da cura, quando teve ideia de mandar correr matraca, para o fim de

MULHER NOBRE DE TUNIS

aproximar-se da Itaguahense rival de Garção e de Pindaro.

— Foi um santo remedio, contava a mãe do infeliz a uma comadre; foi um santo remedio: — o meu Raul ficou immediatamente bom.

Outro doente, tambem modesto, oppoz a mesma rebeldia á meditação; mas não sendo escriptor, tual sabia assignar o nome não podia applicar-se-lhe tual remedio no da matraca. Simão Bacamarte lembrou-se de pedir para elle o lugar de secretario da Academia dos Encobertos estabelecida em Itaguahy. Os logares de presidente e secretarios eram de nomeação regia, por especial graça do finado rei D. João V, e implicavam o tratamento de Excellencia e o uso de uma placa de ouro no chapéu. O governo de Lisboa reeusou o diploma; mas representando o alienista que o não podia como premio honorifico ou distincção legitima, e somente com um meio therapeutico para um caso difficil, o governo cedeu excepcionalmente á supplica; e ainda assim não o fez sem extraordinarios esforço do ministro de marinha e ultramar, que vinha a ser primo de alienado. Foi outro santo remedio.

— Realmente, é admiravel! dizia-se nas ruas ao

TUNIS — A GRANDE MESQUITA

ver a attitud superior e a expressão sadia dos dois ex-loucos.

Tal era o systema. Imagina-se o resto. Cada belleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais solida; e o effeito era certo. Nem sempre era certo. Casos houve em que a qualidade predominante resistia a tudo; então, o alienista atacava outra parte, applicando á therapeutica o methodo da estrategia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pôde conseguir. E dessa vez não faltava o calculo.

Era de seis mezes o prazo supplementar. No fim de cinco e meio, estava vasta a Casa Verde: todos curados! O venerabil Martins, tão crudemente affligido de equidade e moderação, teve a felicidade de perder um tio; digo, felicidade, porque o tio deixara um testamento ambiguo, e elle obteve uma boa interpretação d'elle, corrompendo os juizes, não sem brigar com os demais herdeiros. A superioridade do alienista manifestou-se nesse lance: confessou ingenuamente que não teve parte na cura: foi a simples *cis medietas* da natureza. Não aconteceu o mesmo com o padre Lopes. Sabendo o alienista que elle ignorava perfeitamente o hebraico, e o grego, incumbiu-se de fazer uma analyse critica da versão dos Setenta; o padre accitou a incumbencia, e em boa hora o fez: ao cabo de dous mezes possuia um livro e a liberdade. Quanto á senhora do boticario, não ficou muito tempo: na cellula que lhe coube, e onde allia não faltaram carinhos.

— Porque é que o Crispim não vem visitar-me? dizia ella todos os dias.

Respondiam-lhe era uma cousa, ora outra: afinal disseram-lhe a verdade inteira. A digna matrona, não pôde conter a indignação e a vergonha. Nas ex-

plosões da colera esparam-lhe expressões soltas, e vagas, como estas:

— Tratante!... velhaço!... ingrato!... Um patife que tem feito casar á custa de unguentos falsificados e padões... Ah! tratante!

Simão Bacamarte advertiu que, ainda quando não fosse verdadeira a accusação contida nestas ultimas palavras, bastavam ellas para mostrar que a excellente senhora estava enfim restituida ao perfeito desequilibrio das faculdades; e promptamente lhe deu alta.

Agora, se imaginaes que o alienista ficou radiante ao ver sair o ultimo hospede da Casa Verde, mostraes com isso que ainda não conheceis o nosso homem. *Plus ultra!* era a sua divisa. Não lhe bastava ter descoberto a theoria verdadeira da loucura; não contentava ter estabelecida em Itaguahy o reinado da razão. *Plus ultra!* Não ficou alegre, ficou preocupado, excitativo; alguma cousa lhe dizia que a theoria nova tinha, em si mesma, outra e novissima theoria.

— Vejamos, pensava elle: vejamos se chego enfim á ultima verdade.

Dizia isto, passando ao longo da vasta sala, onde ostentava a mais rica bibliotheca dos dominios ultramarinhos de Sua Magestade. Um amplo chame de damasco, preso a cintura por um cordão de seda, com borlas de ouro (presente de uma universidade) envolvia o corpo magestro e austero do illustre alienista. A cabelleira cobria-lhe uma extensa e nobre calva adquirida nas cogitações quotidianas da sciencia. Os pés, não delgados e femininos, não graúdos e mariolas, mas proporcionando ao vulto, eram resguardados por um par de sapatos austeros, em que as fitas eram de simples e modesto latão

VISTA DO PORTO DE TUNIS

Notai a differença: — só se lhe notava luxu naquillo que era de origem scientifica; o que propriamente vinha delle trazia a cor da moderação e da singelera, virtudes tão ajustadas á pessoa de um sabio.

Era assim que elle ia, o grande alienista, de um cabo a outro da vasta bibliotheca, mettido em si mesmo, estranho a todas as cousas que não fosse o tenebroso problema da pathologia cerebral. Subito, parou: Em pé, deante de uma janella, com o cotovello esquerdo apoiado na mão direita, aberta, e o queixo na mão esquerda, fechada, perguntou elle a si:

— Mas deveras estariam elles doudos, e foram curados por mim. — ou o que pareceu cura, não foi mais do que a descoberta do perfeito desequilibrio daquelles cerebros?

E cavando por ali abaixo, no terreno da investigação, eis o resultado a que chegou o illustre Simão Bacamarte. Os cerebros bem organizados que elle recolhera á Casa Verde, e que acabava de curar, eram tão desequilibrados como os outros: se o não pareciam á primeira vista, era por falta do momento psychologico. Sim, dizia comico o alienista, eu não posso ter a pretensão de haver-lhes inculcido um sentimento ou uma faculdade nova: uma e outra cousa existiam no estado latente, mas existiam.

Chegado á esta conclusão, o illustre alienista teve duas sensações contrarias, uma de gozo, outra de abateimento. A de gozo foi por ver que, ao cabo de longas e pacientes investigações, constantes trabalhos, lucta ingente com o povo, podia affirmar esta verdade: — não havia loucos em Itaguahy; Itaguahy não possuia um só mentecapto. Mas tão depressa esta idéa lhe refrescava a alma, outra appareceu que neutralizava o primeiro effeito: foi a idéa da duvida. Pois que! Itaguahy não possuiria um unico cerebro concertado? Esta conclusão tão absoluta, não seria por isso mesmo erronea, e não vinha, portanto, destruir o largo e magestoso edificio da nova doutrina psychologica?

A affeição do illustre Simão Bacamarte é definida pelos chronistas Itaguahyenses como uma das mais melancolicas tempestades mornas que tem desahado sobre o homem. Mas as tempestades só aterrorizam os fracos; os fortes ontijam-se contra ellas e fitam o trovão. Vinte minutos depois allumieus-se a physiognomia do alienista de uma suave claridade.

— Sim, ha de ser isso, pensou elle.

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os caracteristicos do perfeito equilibrio mental e moral: a perseverança, a tolerancia, a veracidade, o rigor moral, a lealdade, enfim, as qualidades que, juntas, podem formar um acabado mentecapto. Tão depressa, porém, descobriu isto como descobriu o contrario.

Mas, não, impossível, murmurou: é illusão minha; não tenho nenhum desses dotes, — ou só alguns e em grau infimo.

E outra vez lhe caiu o rosto desesperado e abatido. Depois tornava a indagação subjectiva e retrospectiva, ao estudo de si mesmo e do seu passado; e parecia-lhe que si, a theoria nova tinha nelle uma demonstração evidente: mas voltava a duvida, e ficava vexado e triste.

Enfim fete e triz pela convocação algumas pessoas, interrogadas sobre o motivo e ouvir-lhes o parecer desinteressado. Nessa mesma noite, reuniram-se em casa delle a mulher, o padre Lopes, o boticario, os vereadores, o juiz de fora, e mais seis ou sete subditos de Sua Magestade. Simão Bacamarte expoz o que desejava e pediu-lhes franqueza.

A maior franqueza, disseram os ouvintes.

E cada um fallou estranhamente, demonstrando as qualidades raras, e mais que tudo hancônicas, do illustre alienista. Ninguém podia competir com elle em penetração. A perseverança era, outro dote que o tornava admiravel, e bastava a prova-o a Casa Verde. Nunca houve paciência e firmeza comparaveis ás que elle mostrou por occasião da revolta dos Cangas. Quanto á veracidade. Epaminondas podia considerar-se seu discipulo. Leal aos amigos, á familia, á coroa, era por assim dizer um modelo de homem e cidadão. Que constancia no estudo! que brandura no trato particular! A friabilidade era sua a maior inimiga; o charlatanismo exercera-o.

Ao passo que a assembleia ia inventariando as feições moraes do alienista, com tão exemplar franqueza, este lhe ouvia calado os votos, ora com os olhos no opimante, ora com elles no chão. Ouvindo o ultimo, esteve ainda meditativo uns dous minutos; enfim, perguntou:

— Nenhum defeito?

— Nenhum, disse em côro a assembleia.

— Nenhum vicio?

— Nada.

— Tudo perfeito?

— Tudo.

— Não; impossível, bradou o alienista. Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência. A sympathia é que vos faz fallar dessa maneira. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos de vossa bondade.

A assembleia insistiu; o alienista resistiu: finalmente o padre Lopes que ainda não fallára, explicou tudo com este conceito digno de um observador.

— Sabe a razão porque não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras:

— a modestia.

Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça, juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Acto continuo recolheu-se á Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe pediram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado: nem rogos nem suggestões nem lagrimas o detiveram um só instante. A questão é scientifica, dizia elle; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Remo em mim mesmo a theoria e a pratica, á maneira de Jesus, que usou tudo o que pregou.

— Simão! Simão! meu amor! dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lagrimas.

Mas o illustre medico, com os olhos accessos da convicção scientifica, trançou os ouvidos á saudade da mulher, e brandamente a repelliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e á cura de si mesmo. Dizem os chronistas que elle morreu dalli a dezeseite mezes, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Não foi por falta de livros; folheava-os dia e noite, uns in-4^{os}, outros in-folio, em muitas linguas. Morreu, enfim, de uma erysipela no ventre. Alguns chronistas chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além delle, em Itaguahy: mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato: e boato lúcido, pois é attribuido ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como fór, effectou-se o enterro com muita pompa e rara solemnidade. O cadaver foi sepultado na capella da Casa Verde, infelizmente sem epitaphio. Em 1817, desapareceram os ossos, e segundo as mais prováveis induções, foram roubados e transportados para Santiago do Chile, cuja academia suppe que são os restos de um cozinheiro do illustre Pizarro. *Alas! poor Torick! — Sic transit gloria mundi.*

MACHADO DE ASSIS.

HYGIENE

SEGUNDA INFANCIA

(Continuação)

Não nos deteremos agora em justificar essa divisão das idades da vida pelas considerações decisivas que nos obrigaram a acceptal-a.

Nada de especial temos em notar aqui com respeito aos alimentos, ao genero de vida, aos habitos e á educação familiar que convém aos adolescentes de um e outro sexo.

Quanto á saúde e á mortalidade, os individuos de 7 a 12 annos gozam dos mais felizes privilegios. É a epocha em que as diversas molestias, espontaneas ou epidemicas, são menos frequentes e menos perigosas. É facilmente se concebe isto.

As creanças doentias, rachiticas, que têm pouca resistencia vital, succumbem em geral antes dos sete annos a uma das graves affecções que affligem a primeira e segunda infancia.

Disto resulta que os adolescentes, ou, por outra, as creanças que galgam os sete annos, gozam geralmente de uma saúde e de uma constituição excellentes.

Por outro lado, as molestias agudas, toes como a escarlatina e o crup, tornam-se menos rapidamente funestas, e por consequente, menos perigosas á proporção que os individuos se tornam mais robustos.

Finalmente, o adolescente, não estando ainda exposto a todos os accidentes e a todas as cau-

sas morbidas que encontra a economia humana no exercicio das profissões, nas vicissitudes sociais e no abuso, dos gozos materiaes, parece estar premunido contra uma multidão de enfermidades corporaes, que dizimam incessantemente a humanidade.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 15 de Março de 1882

Por mais que as tribunas da camara e mesmo as do Senado se irritassem de bellas, bellas, durante a discussão da resposta á falla do theatro, eu não posso crer que as duvidas tenham grande ingresso pela divida do estado, pelos balances do thesouro, pelo programma ministerial, pela politica emfim.

Sobretudo quando a politica está entregue a um homem tão feio!

Deixemos pois o Sr. Marinho Campos vogar mansamente na sua canoa.

Va, petit moussé

Où le vent te pousse

e tratemos de cousas mais serias e menos burlescas do que essa grande e estafada comedia de cada anno.

Se o theatro morre, ou morrem, como dizem os criticos serios, a musica alegre ainda tem adoradores.

O Lucinda fechou-se; a Sra. Ismenia anda como Maria Angu.

... por Sorocaba

Por Jacarépaguá,

Por Pindamonhangaba...

mas o Principe ainda vive, e o Sant'Anna acaba de ter um grande e brilhante successo. E, meu Deus! o que foi preciso para tanto! Bem pouco. Uma peça alegre, sem muita vulgaridade, apimentada de bons ditos, ornada d'uma partitura agradável, lesta, facil de comprehender, com alguns trechos ainda para os delicados... *Dis ahi o Dia e a Noite.*

A peça dos Srs. Alberto Vaillo e Eugenio Lerrierer passa-se nas fronteiras de Portugal e da Hespanha, entre portuguezes e hespanhes um pouco de fantasia um pouco reaes, como convém ao espirito da opereta.

Um barão portuguez, d'um nome demasiado longo, viuvo já de quatro mulheres, espera a quinta que um amigo dedicado foi desposar por procuração. Ao mesmo tempo que isto, o governador de Lieba, rapta uma joven indiana que lhe escapa e se refugia no palacio do barão, onde en-

O governador, velho gaiteiro, que está pelo beirão, persegue a sua presa. Como salvar a?

Fazendosa passar pela nova esposa do barão, combinam os dois noivos. E tão felizes que o velho Dom Juan se desfaz em desculpas repassados de pezar.

Mas chega a noite, chega a verdadeira noiva e o barão também, de volta da fronteira. Como continuar a recatada e prevenir as consequencias da farsa? Ha um meio: substituir a indiana, na obscuridade, a verdadeira baroneza. O barão achou-se d'este modo, sem o saber, o marido de duas mulheres, a loura indiana que elle adora de dia, e a morena Taquita que elle estrenece nas trevas da camara nupcial.

Depois das diversas complicações, necessarias a encher tres actos, expõe-se o mysterio ao barão, que se resigna galantemente a ser o venturoso possessor da sua mulher; o Sr. governador, conde do Freixo de Espada á Cinta é demittido no momento mesmo em que vai vingarse da mystificação por que o fizeram passar, e Miguel casa com a indiana.

Isto é a comedia; e agora a partitura:

A musica de Charles Lecocq recommenda-se especialmente pela frescura, pela graça e pela liberdade do colorido. A introdução, como quasi todas as introduções, passou despercebida, e mesmo as bellas coplas de Miguel, no primeiro acto, cantadas pelo Vasquez, não produziram grande impressão.

Vem depois as coplas graciosissimas e lesta do barão:

A gente tem

o duo dos noivos, e a supplica a S. Miguel, do grande belleza; mas o successo não começou a desenhar-se senão no segundo acto, em que, se a canção da indiana não alcançou palmas o

Não buscar meu guarda-sol

foi extremamente applaudido e decidido da sorte da peça. No terceiro acto, ha o quarteto

E' o dia e a noite

no qual se explica ao barão o duplo casamento, d'um bello effeito. Eu devia ter citado tambem a canção do rouxinol...

Tres interpretes contam por muito no successo que acaba de ter o Sant'Anna: o Sr. Guilherme de Aguiar, o governador, a Sra. Fantoni, a baroneza, e o Sr. Arenas, o barão. O Vasquez, Miguel, teve um papel do muito canto, e a sua voz não correspondeo certamente á sua boa vontade, a Sra. Henry, além do sotaque desagradabilissimo que a torna inintelligivel quando falla, donzinhon mais d'uma vez e com esta circumstancia: que deandou fortemente para todos ouviram, para não deixar duvida...

Eu fallo da primeira representação do Dia e a Noite. A peça está montada com muito luxo. A acção passa-se na fronteira de Portugal e da Hespanha, ha uma mistura de costumes, uma profusão de mantilhas, uma união Iberica de canção do mais bello effeito.

Um successo emfim, assaz brilhante... para os tempos que correm, sobretudo.

Pelos outros theatros grande parricela. Alguns artistas, reunidos em associação tentam no Recreio a regeneração da arte, mas sem grande successo. O Circo estrecou as companhias.

Se houverem um codigo para essas cousas, todos os artistas que entrarem sabendo no Circo estavam á sala hora enforcados.

São tão ruins que chegam a divertir.

Arré!

J. D.